

A man in 18th-century attire stands on a grand, ornate staircase. He wears a white cravat, a gold-colored waistcoat with brass buttons, and tan breeches. He holds a black coat over his left shoulder. The staircase has a blue and gold patterned carpet and a brass railing. Large windows with leaded glass are in the background.

Bookmarks

O DUQUE INESPERADO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

DARCY BURKE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Bookmarks

O DUQUE INESPERADO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

DARCY BURKE

Table of contents

1. [Sinopse](#)
2. [índice](#)
3. [Capítulo um](#)
4. [Capítulo dois](#)
5. [Capítulo três](#)
6. [Capítulo quatro](#)
7. [Capítulo cinco](#)
8. [Capítulo seis](#)
9. [Capítulo sete](#)
10. [Capítulo oito](#)
11. [Capítulo nove](#)
12. [Capítulo dez](#)
13. [Capítulo onze](#)
14. [Capítulo doze](#)
15. [Capítulo treze](#)
16. [Capítulo catorze](#)
17. [Capítulo quinze](#)
18. [Capítulo dezesseis](#)
19. [Epílogo](#)
20. [Leia também:](#)
21. [Sinopse:](#)
22. [Um](#)
23. [Dois](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)

O DUQUE INESPERADO

Tradução:
Andréia Barboza

1ª edição
2024

Bookmarks

Sinopse

Conheça mulheres inteligentes e independentes que decidiram que estão acima das regras da sociedade, das expectativas da família e, o mais importante, de um marido. Mas só porque não precisam de um homem, não significa que não possam querer um.

Graham Kinsley fica chocado ao herdar um ducado endividado e agora tem apenas um mês para pagar um empréstimo. Ele precisa de uma herdeira, ou encontrar uma maneira de recuperar as perdas do antigo duque. Quando conhece a sedutora Arabella, fica fascinado. Infelizmente, ela está tão falida quanto ele, mas se trabalharem juntos, poderão recuperar suas fortunas. Mas se continuarem dando beijos roubados, podem acabar perdendo o coração.

Arabella Stoke não pode se permitir ceder à atração que sente pelo duque empobrecido que prometeu ajudar a resgatar sua família da devastação financeira. Precisa encontrar um marido rico antes que o pai sucumba ao estresse de perder tudo. No entanto, à medida que Graham os aproxima de encontrar o vigarista que roubou o dinheiro deles, a guerra entre o que querem e o que precisam pode arruiná-los.

Título Original: *Never have I ever with a duke*

Copyright © 2019 Darcy Burke

Copyright da tradução © 2024 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução, edição e diagramação digital: Andreia Barboza

Copidesque: Wélida Muniz

Capa: Luizyana Bueno

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972

contato@editorabookmarks.com

facebook.com/editorabookmarks

instagram.com/editorabookmarks

twitter.com/editorabookmark

índice

Sinopse

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Epílogo

Para as melhores amigas do universo,
Dee, Elisabeth e Julie.

Obrigada por me fazerem rir (quase) todos os dias e por estarem
sempre, sempre me apoiando. Amo vocês!

Capítulo um

Londres, março de 1819

— Devagar, Biscuit! — Arabella Stoke segurava com firmeza a bolinha de pelo que era a cachorrinha de sua mãe enquanto passeavam pelo parque. Era cedo, e ela estava bem agasalhada, desde a touca grande em sua cabeça até o avental limpo cobrindo a frente do seu corpo e as botas práticas que eram de um tamanho maior. Não temia que alguém a reconhecesse. Até o momento, isso não aconteceu, e ela vinha passeando com Biscuit pelo menos algumas vezes por semana desde janeiro.

Desde que o pai quase não conseguia mais sair da cama.

Respirando fundo, Arabella olhou para o céu azul. Estava frio, mas claro e bonito. No parque, pequenas flores como galanthus e narcisos brotavam da terra apagada enquanto a primavera lutava para vencer o inverno.

Biscuit puxou a coleira de novo, farejando de forma incessante em busca de algo. Arabella não podia culpá-la por sua empolgação. A cadela estava muito feliz por estar ao ar livre. Ela não fazia mais tantas caminhadas como antes, não desde que o pai ficou doente, ou, mais precisamente, desde que o número de criados deles diminuiu ao mínimo.

Com apenas cinco, incluindo o jovem cocheiro que também trabalhava em uma forja na Oxford Street, havia trabalho mais do que suficiente a ser feito. Passear com a cadela não era prioridade e, quanto mais tempo a mãe ficava à cabeceira do pai, menos Biscuit podia esticar as patas. Não que suas patas precisassem de muitos alongamentos, pois eram bastante curtas.

A mãe estava preocupada que Biscuit não estivesse fazendo exercício suficiente e insistia para que alguém a levasse para passear todas as manhãs. Como os criados nem sempre tinham tempo,

Arabella se vestia como um deles e, sem a mãe saber, levava Biscuit para passear.

Caminhar sozinha até o parque lhe parecera escandaloso, mas também emocionante. Agora, Arabella ansiava pela saída, e Millie, a criada da cozinha, normalmente era encarregada da tarefa, ficava agradecida por não ter que acrescentar mais trabalho ao seu dia.

Um pequeno animal, talvez um coelho ou esquilo, passou em disparada. Biscuit começou a latir e arrancou tão depressa que Arabella não conseguiu manter firme a coleira. A cadela saiu atrás do que quer que tivesse passado correndo.

— Biscuit! — Arabella partiu atrás da terrier, mas logo a perdeu de vista quando ela se escondeu em um denso grupo de arbustos. Resmungando uma imprecação muito pouco apropriada para uma dama, chamou a cachorrinha novamente. Os latidos cessaram, e uma gota de apreensão percorreu a espinha de Arabella. Suor frio escorreu por seu pescoço. Se algo acontecesse com aquela cadela, depois de tudo o que haviam passado, temia que o incidente esmagasse o que restava da vivacidade da mãe.

Apressando os passos, seguiu ao longo do caminho, parando para procurar em arbustos e atrás de árvores. Sua preocupação logo se transformou em pavor, estava temendo pelo pior, e logo se viu fora da trilha, em uma área arborizada que nunca visitara antes.

Parou e ficou imóvel, ouvindo, com o coração batendo em um ritmo frenético. Um sibilo vindo do outro lado das árvores a fez dar a volta. Entrou em uma pequena clareira e quase caiu quando algo arrancou a touca de sua cabeça.

Um gritinho escapou de sua garganta quando conseguiu se concentrar em uma figura grande. Ela piscou. Um homem. De camisa. Segurando uma espada.

— Maldição! — Ele avançou rapidamente, com o rosto franzido de horror e preocupação. — Você está bem?

Arabella levantou a mão e tocou a cabeça descoberta, então olhou para onde a touca emprestada jazia ao seu lado.

— Acho que sim. — Sua voz soou baixa e tranquila, nada parecida com a dela.

— De onde diabos a senhorita veio? — Ele se inclinou e pegou a touca.

Fechou os olhos por um momento para recuperar o equilíbrio, e então os abriu mais uma vez e o viu com muito mais clareza. Ele era alto e ágil, com cabelos escuros como azeviche, e olhos da mesma cor. Embora seu rosto estivesse abatido, ele era objetivamente atraente, com maçãs do rosto angulosas e um maxilar firme. Objetivamente atraente? Sim, qualquer um o acharia bonito até olhar para seus lábios. Eles poderiam ser descritos como lindos de um jeito pecaminosos. O inferior era o mais espesso dos dois, mas o superior tinha uma curva curiosa na parte superior, dando-lhe o formato de um coração. Um coração sedutor que convidava para beijar.

Beijar?

Seu olhar desceu para o triângulo de pele exposta pela abertura da camisa. Não via tanto de um homem há seis longos anos, e quando pensava nisso... bem, não era de se admirar que pensasse em beijar.

— Senhorita? — ele a instou ao estender a touca.

Arabella a pegou, e a mão nua roçou na dele. Um arrepio de anseio percorreu seu braço. Amassou a touca e deu um passo para trás.

— Obrigada. — Estava agradecendo a ele? O homem quase a matara com aquela espada. — O senhor quase me decapitou.

O homem estreitou um dos olhos ao inclinar a cabeça para o lado.

— Eu nem cheguei perto de lhe decapitar. — Ele se endireitou. — Além disso, essa lâmina é feita para perfurar, não para cortar, é por isso que sua touca está intacta.

Ela observou a arma que ele segurava na mão direita, apontada para o chão.

— É feita para duelos, não é?

— É feita para esgrima, que é o que eu estava praticando. Vou perguntar novamente, de onde diabos a senhorita veio? Esta é uma área bastante remota do parque.

De fato. Ela colocou a touca sobre os cabelos e olhou ao redor, sem reconhecer nada. Na verdade, se perguntou se conseguiria

encontrar o caminho de volta. Ou encontrar Biscuit.

Biscuit!

— Estou procurando Biscuit. Minha cachorra.

— A senhorita tem uma cachorra?

Estava vestida como uma criada, alguém que geralmente não tinha cachorros, não é mesmo?

— Da minha senhora. Ela viu um animal pequeno e saiu correndo atrás. A cachorra, quero dizer, não a minha senhora.

Um traço de sorriso brincou nos lábios dele, aqueles que pareciam tão convidativos para serem beijado.

— Entendi. Então, precisamos encontrar... como disse que era o nome dela? A cachorra, não sua senhora. Biscuit?

Ela assentiu.

— É um terrier. Mais ou menos desse tamanho. — Arabella afastou as mãos para dar uma ideia do tamanho de Biscuit.

— Parece que *ela* é o animal pequeno — ele observou. — Onde a viu pela última vez?

— Entramos pelo Cumberland Gate. Ela saiu correndo perto de lá.

— Tem certeza de que ela veio para este lado? Estamos quase no Kensington Gardens.

Os ombros de Arabella se afundaram.

— Não, não tenho certeza. Ela estava latindo e depois parou. Estou preocupada que algo terrível tenha acontecido.

Ele se aproximou dela e deu um tapinha em seu ombro.

— Calma. Pense positivo. Tenho certeza de que Biscuit está bem. A senhorita parece bastante apegada à cachorra da sua senhora, mas, bem, imagino que provavelmente passe mais tempo com ela.

Isso foi uma crítica à classe alta? Não, não podia ser, porque ele claramente era da alta classe. Quem mais praticaria esgrima no Hyde Park? Espere, por que ele não estava praticando em casa ou no Angelo's? Ela ignorou o tremor de consciência que irradiava de onde ele a tocou no ombro.

— Por que o senhor está praticando aqui?

Ele hesitou, e ela se perguntou se fizera uma pergunta que ele

não queria responder. Céus, era uma criada. Não deveria fazer perguntas a ele de jeito nenhum!

— Peço desculpas. — Fez uma mesura. — Não quis ofender. Preciso encontrar Biscuit.

— Deixe-me ajudar. Espere um momento. — Ele se dirigiu a uma pedra onde agora ela viu suas roupas abandonadas. Pegou a bainha, guardou a espada e apoiou a arma na pedra. Em seguida, vestiu o colete e logo o casaco. Passou o plastrão pelo pescoço, deixando a seda branca cair sobre as lapelas do casaco. Havia algo atrativamente desarmante em sua aparência despojada. Ela teve que dizer a si mesma para olhar para outro lugar, senão ele perceberia que ela o encarava.

Quando o homem apareceu diante dela, a espada estava presa à cintura e um chapéu elegante repousava sobre a cabeça de cabelos escuros.

— Vamos encontrar a cachorra da sua senhora — ele chamou por cima de sua cabeça: — Biscuit! — Embora ele fosse quase trinta centímetros mais alto que seus um metro e sessenta, ela ainda se assustou com o som.

O homem parecia ter percebido, pois logo se desculpou.

— Não quis assustá-la. Vamos caminhar na direção em que ela correu?

— Sim, por favor. — Ela liderou o caminho para fora da clareira e se orientou de volta, contente por não estar realmente perdida. Apenas desorientada por um cavalheiro pouco vestido que ela gostaria de ter visto praticando esgrima. Imaginou que seus músculos se destacavam de forma espetacular quando ele empunhava a espada.

Outros significados para “empunhar a espada” ricochetearam em sua mente, e ela se repreendeu mentalmente por seus pensamentos impuros. Eles a levaram à tentação uma vez, e não podia permitir que a levassem de novo. Em especial, não com um homem assim. Um cujo nome ela não sabia e não perguntaria.

Chamaram por Biscuit em revezamento enquanto caminhavam, primeiro ela, depois ele.

— A senhorita costuma trazer a cachorra aqui para passear?

— Nem sempre — ela disse. — E provavelmente nunca mais, suponho. Se eu a encontrar. — Não conseguiu evitar que a angústia se insinuasse em sua voz.

Ele parou, virando-se para ela, e segurou gentilmente seus ombros.

— Vamos encontrá-la. Não se preocupe.

— Se eu não a encontrar, minha... — ela quase disse mãe — senhora ficará muito chateada.

— Espero que não com a senhorita — ele disse. — Não foi culpa sua.

— Não, ela não ficará brava comigo. — Ela só ficaria inconsolável, e já estava aflita com os problemas que estavam enfrentando.

— Isso é bom.

O som distante de um latido os fez paralisar. Os olhares se encontraram, se prenderam e se arregalaram ao mesmo tempo.

Ele virou a cabeça na direção do latido agudo.

— Isso foi a...

— Biscuit! — ela terminou.

Eles se apressaram em direção ao Cumberland Gate, chamando o nome da cachorra ao mesmo tempo. A terrier apareceu no caminho, as patas curtas a levando muito mais rápido do qualquer um pensaria ser possível, arrastando a coleira de couro marrom atrás dela.

Arabella pegou a cachorra com um grito aliviado.

— Aqui está você, sua apalermada!

Uma risada masculina lhe causou arrepios no pescoço enquanto o cavaleiro se aproximava.

— Apalermada? Biscuit, acho que você está em apuros. — Ele se inclinou e coçou a cabeça da cachorra. Então o olhar encontrou o dela novamente. — A senhorita não será muito dura com ela, certo? Receio que eu tenha um fraco por cachorrinhas, até mesmo pelas apalermadas.

Arabella beijou a cabeça macia de Biscuit.

— Ela será inundada com petiscos quando chegarmos em casa, então não se preocupe muito com ela.

Por um momento, ele ficou olhando Arabella, ou, mais especificamente, para a sua boca, antes de piscar. Ele limpou a garganta e desviou o foco em direção ao portão.

— Fico contente por saber que ela está segura. Por favor, aceite minhas desculpas por ter derrubado sua touca. Fico bastante concentrado quando estou praticando. Não a ouvi se aproximar. — Ele a olhou novamente, e ela notou um leve corado em sua face. O fato de ele sentir remorso e talvez até um ligeiro constrangimento a deixou curiosa.

Quem era esse homem?

Ah, Deus. Embora não soubesse quem ele era, o cavalheiro era claramente *alguém*. Presumivelmente, ela o conheceria durante a Temporada, e então o que ele diria? *Por que uma criada está em um baile?*

Arabella inclinou a cabeça para baixo, como se de alguma forma pudesse apagar seu rosto da memória dele.

— Preciso ir. — Ela se afastou dele e, em sua pressa, quase tropeçou.

Ele a segurou pelo cotovelo, mantendo-a de pé.

— Cuidado.

Ela lançou a ele um olhar rápido de agradecimento.

— Obrigada. Bem, adeus.

Retirando-se de seu alcance, segurou Biscuit com firmeza enquanto se apressava para sair do parque. A cadelinha se contorcia e latia.

— Quieta — Arabella a repreendeu. — Não causou problemas suficientes por hoje? Se eu te colocar no chão, promete se comportar?

Biscuit latiu em resposta.

— Boa garota. — Arabella a colocou no chão, mantendo um controle firme sobre a coleira. Conduziu-as até a Oxford Street e caminhou depressa em direção à Holles Street, onde viviam a um quarteirão da Cavendish Square.

Era uma casa estreita e modesta pela qual mal conseguiam pagar. Quando Arabella visitava sua vizinha, a srta. Phoebe Lennox, que morava em um imóvel grande e elegante na praça, logo ao virar

da esquina, tinha consciência do quanto a família decaíra. No ano anterior, haviam alugado uma casa maior e contratado dez criados. Além disso, tinham uma carruagem e quatro cavalos. No ano anterior a aquele, uma casa ainda maior com quatorze criados. Parecia óbvio agora para Arabella que eles viveram além de seus meios por um bom tempo. A perda, no ano passado, da pequena propriedade no campo, a casa onde ela havia nascido, foi um grande golpe. O golpe, provavelmente, que levou à rápida deterioração da saúde de seu pai.

Como desejava poder ser como Phoebe, que herdara uma fortuna no ano anterior. Phoebe se declarou solteirona e se instalou na Cavendish Square.

Se Arabella herdasse uma fortuna, poderia salvar a família, restaurar a saúde do pai e talvez até conquistar a independência de que Phoebe desfrutava. Mas era um sonho, e um impossível. Se houvesse algo a ser herdado, ela já o teria feito, e a família não estaria na situação precária em que se encontrava agora.

Arabella desceu os degraus da entrada dos criados e entrou. A cozinheira chamou da cozinha:

— Srta. Arabella, já chegou, espero?

— Sim, sra. Woodcock. — Ela soltou a coleira de Biscuit e deixou a cachorra seguir em direção à cozinha. Em seguida, retirou a touca e o casaco, pendurando-os em um gancho perto da porta.

Ela entrou justamente quando a cozinheira servia um prato de comida para Biscuit. A sra. Woodcock franziu a testa.

— A senhorita demorou muito.

— Biscuit saiu correndo. — Arabella olhou com carinho para a cachorra enquanto ela devorava seu café da manhã.

— De novo? Ela fez isso com a Millie na semana passada. — Millie era filha da sra. Woodcock. A cozinheira observou a vestimenta de Arabella. — É melhor se trocar para o café da manhã. Millie o servirá em breve.

Embora Millie fosse uma criada da cozinha, muitas vezes ajudava a única outra criada da casa, Janney, que desempenhava as tarefas de criada e dama de companhia. Na verdade, todos os empregados na casa realizavam todo tipo de trabalho. Era preciso.

Assim como Arabella ajudava na cozinha e fazia todo o trabalho de costura.

— Obrigada, sra. Woodcock. — A moça subiu as escadas dos fundos até o segundo andar, onde ficava seu quarto. O quarto dos pais era no mesmo andar, e ela tomaria o café da manhã na sala de estar deles com a mãe e o pai, se ele se sentisse bem.

Rapidamente, trocou a roupa de criada por um vestido simples de dia. O modelo tinha três anos, então o relegara a vestido de trabalho, e planejava reformar um vestido de noite depois do café da manhã, para ter algo novo para usar no baile dos Thursby no fim da semana.

Quando chegou à sala de estar dos pais, encontrou a mãe andando de um lado para o outro diante das janelas que davam para a rua lá embaixo. Isso nunca era um bom sinal. Andar de um lado para o outro geralmente significava que o pai teve uma recaída.

— O que há de errado? — Arabella perguntou sem rodeios. A mãe sempre preferia ir direto ao ponto.

Mariah Stoke parou de se mover, seu rosto estava pálido e contraído. Fios brancos haviam começado a se misturar aos loiros, e havia novas rugas ao redor de seus olhos verde-escuros.

— Ele vomitou esta manhã, e havia sangue. Quero chamar o médico, mas ele me fez prometer que não faria isso.

Porque não havia dinheiro. Ou havia muito pouco. Eles mal conseguiam manter a casa com o que ainda tinham.

— O que mais podemos vender? — Arabella perguntou, embora temesse a resposta. Já tinham vendido a carruagem e os quatro cavalos, qualquer objeto de valor, incluindo algumas pinturas, uma escultura e a prataria, e a maior parte da pequena coleção de joias da mãe.

— As pérolas da minha avó. Seu pai não vai gostar, mas é preciso. — O olhar dela ficou triste. — Sinto muito, querida. Eu realmente esperava que pelo menos isso você pudesse ter.

Um ano atrás, Arabella poderia ter ficado triste, mas o tempo de se importar com coisas materiais havia passado. Venderia qualquer coisa para salvar o pai. Eles eram uma família unida, apenas os três, já

que seus três irmãos mais velhos morreram antes dos doze anos. Eles se agarravam uns aos outros de maneira primitiva e vital, como se sua sobrevivência dependesse disso.

Arabella atravessou o quarto e segurou a mão da mãe. Ela lhe abriu um sorriso encorajador.

— Está tudo bem. Eu fico melhor com diamantes de qualquer forma.

Isso teve o efeito desejado, pois a mãe riu, e as linhas em seu rosto suavizaram. O calor, no entanto, foi efêmero, pois cedo demais a tristeza tomou conta dos traços dela.

— Cuidarei do colar mais tarde hoje, depois de chamar o médico.

— O que diremos ao papai? — Arabella perguntou. — Que nosso benfeitor está pagando por isso? — Era uma invenção flagrante. Não havia benfeitor, nenhuma família rica ou amiga bondosa que lhes emprestaria dinheiro.

A mãe suspirou.

— O que mais podemos dizer?

O fato de ele acreditar que tinham um benfeitor mostrava que não estava pensando com clareza. Como poderia quando passava a maior parte do tempo dormindo? Ou olhando desoladamente pela janela? Ele se sentia tão culpado por tê-los levado àquela situação devido a um investimento ruim e seus gostos caros.

— Arabella, a necessidade de você se casar nunca foi tão urgente. Você deve encontrar um marido. E rápido.

Não apenas qualquer marido, mas um rico. Quando os problemas financeiros deles começaram a surgir há um ano e meio, o pai anunciou que era hora de ela se casar com o filho do melhor amigo dele, o conde de St. Ives. O antigo conde, melhor amigo do pai, concordou pouco antes de morrer. No entanto, apesar de o atual conde prometer honrar os desejos do pai, o casamento não se concretizou. O conde se apaixonou e se casou com outra pessoa.

Embora Arabella tivesse se sentido aliviada por ter escapado de uma união arranjada, também estava ciente da decepção do pai. Mas, na época, não percebera o tamanho de sua desesperança. Estavam

quase falidos, e era apenas questão de tempo até que acabassem na prisão dos devedores. Ou assim dizia o pai. Ele se recusava a permitir que ela ou a mãe vissem as contas, dizendo que não era apropriado que elas tivessem que se preocupar com o assunto. Mas como poderiam não se preocupar?

Arabella reprimiu a irritação. Odiava aquela situação, mas não podia mudá-la. No entanto, poderia consertá-la, casando-se com um cavalheiro rico. Pena que nenhum deles houvesse pedido sua mão.

— Decerto haverá alguém no baile dos Thursby — disse a mãe com um sorriso radiante.

Uma imagem do cavalheiro que conhecera no parque invadiu sua mente. Ele estaria no baile? Esperava que sim. Com sorte, ele seria rico e se declararia apaixonado por ela. Ele não se importaria que ela tivesse se disfarçado de criada e insistiria que se casassem imediatamente, por meio de uma licença especial. Todos os seus problemas seriam resolvidos.

Preferiria escolher um marido avaliando fatores além da segurança financeira, mas com base em seu breve encontro naquela manhã, ele era prestativo, atencioso e bastante letal com uma espada. Além disso, era extremamente atraente.

Na verdade, preferia não escolher ninguém. Depois de esperar se casar com um homem e agora esperar se casar com quem pudesse, a ideia de se tornar membro da Sociedade das Destemidas era muito mais atraente.

— *Deve* haver alguém — a mãe disse, juntando as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos. — Se não receber uma proposta em breve, talvez precisemos considerar forçar uma.

Arabella paralisou.

— A senhora não está sugerindo...? — Ela não conseguia nem dizer.

A mãe assentiu com firmeza e deixou as mãos caírem ao lado do corpo.

— Causa uma situação comprometedora. Obviamente, não é o ideal, mas estamos em um cenário desesperador.

Sim, estavam, mas se rebaixariam tanto?

— Não sei se consigo fazer isso — Arabella disse baixinho.

— Eu também não. — A mãe irrompeu prontamente em um dilúvio de lágrimas.

Arabella correu para abraçá-la, acariciando suas costas em círculos reconfortantes.

— Vamos encontrar uma solução. Prometo.

Depois de alguns momentos, a mãe controlou as emoções, afastou-se do abraço de Arabella e lhe deu um tapinha nas costas.

— Você não pode contar a ninguém — a mãe disse pela centésima vez. — Ninguém deve saber. Se descobrirem, você nunca receberá uma proposta.

— Sim, eu sei. — Por que mais ela trabalharia tão duro para redesenhar seu guarda-roupa ultrapassado e estudar as últimas tendências de moda e penteados? Fazia o possível para mostrar que não estavam na miséria e acreditava que estava indo bem. Mas alguém acabaria descobrindo, em especial quando percebessem que ela e a mãe iam para os bailes em uma carruagem com um criado, o jovem cocheiro, na parte de trás.

A mãe fungou.

— Estamos ficando sem tempo. Seu pai pode morrer, e onde estaremos então? Se eu não acabar na prisão, teremos que nos impor à minha prima em Hertfordshire, e eles mal têm condições de prestar ajuda. Que tipo de futuro é esse para você? Obscuridade em uma fazenda no meio do nada, provavelmente passando a vida sozinha. — Ela balançou a cabeça. — As coisas não deveriam ter acontecido assim. Você deveria ter se casado com aquele cavalheiro em sua primeira Temporada. Qual era o nome dele?

— Miles Corbett. — O pai havia recusado o pedido de Miles, insistindo que ela se casaria com o herdeiro do conde de St. Ives quando o rapaz estivesse pronto.

Miles a chamara para fugir para Gretna Green, mas ela não teve coragem de deixar a família. Não, não era bem verdade. Não tivera vontade de desapontá-los. Não se arrependia de sua decisão. Na maioria das vezes.

— O que aconteceu com ele? — a mãe perguntou.

— Deixou a Inglaterra em busca de fortuna. — Porque o pai deixara claro que ele não era digno de Arabella. Às vezes, ela se perguntava o que havia sido dele, pois o homem sempre seria seu primeiro amor.

— Ah, bem, ele não teria os fundos para nos salvar da desgraça.
— Seria mesmo uma desgraça se o pai tivesse conseguido evitá-la?

Arabella endireitou a coluna. Pensamentos assim não ajudavam. Aquela era a realidade deles. Era o que tinham que enfrentar.

— Vou me casar em breve, mãe. Eu prometo.
Simplesmente não havia outra opção.

Capítulo dois

*I*nferno e danação.

Raios que os partam.

Filho da puta.

Uma dúzia de imprecações martelaram o cérebro de Graham Kinsley enquanto ele se dirigia do banco até a carruagem que acabou de chamar. Depois de dar instruções ao cocheiro sobre o destino, entrou no veículo e carranqueou.

Havia três anos que a hipoteca não era paga, e o banco estava cansado de esperar. A menos que Graham conseguisse pagar as parcelas atrasadas, eles tomariam posse de Brixton Park. A quantia era astronômica, e como Halstead Manor, a propriedade vinculada, não era lucrativa e o antigo duque deixou para ele uma montanha de dívidas, simplesmente não havia como evitar a execução da hipoteca.

Maldição, maldição.

Graham passou a mão pelo rosto e jogou o chapéu no banco ao seu lado. Tinha de haver uma solução. Ele se recusava a perder Brixton Park. O terceiro duque de Halstead havia construído a impressionante casa de campo nos arredores de Londres, e o sétimo duque não a perderia por causa da estupidez do sexto.

A realidade de que ele, Graham Kinsley, filho de um secretário e ele mesmo um secretário até seis meses atrás, era agora o duque de Halstead, o envolveu novamente como algo improvável e inacreditável, assim como quando recebeu pela primeira vez a notícia de que era o herdeiro presumido.

O conselho do gerente do banco ecoou na mente de Graham:

— *Venda Brixton Park antes de tomarmos posse da propriedade.*

Vender a única coisa com que o pai mais se importava, além de sua falecida esposa e seu amado filho? Não podia fazer isso. Embora

nem ele nem o pai jamais tivessem vivido lá, a propriedade representava seu legado, a vida que lhes fora roubada. Seu vínculo com a propriedade era muito pessoal e muito real. Devia haver outra maneira.

Na verdade, existiam duas. A primeira era recuperar o dinheiro que o antigo duque investira em um esquema terrível. Ele perdeu literalmente uma fortuna, e uma fortuna que não tinha porque já estava endividado até o pescoço. Graham examinou os registros cem vezes, e ainda não tinha ideia de com quem o dinheiro foi investido, e o secretário do duque afirmava que também não sabia.

Sem recuperar o investimento, restava apenas uma opção: casar-se com uma herdeira.

Graham acabara de herdar um ducado. Sua vida inteira estava de cabeça para baixo. Encontrar uma esposa estava longe de ser uma prioridade. E preferia que assim o fosse. Sabia que um dia teria que se casar, por dever e tudo mais, mas, no momento, precisava se reerguer.

A carruagem parou em frente à residência de seu antigo empregador e melhor amigo, o conde de St. Ives. Graham pagou ao cocheiro e subiu até a casa. O mordomo, Trask, abriu a porta e o cumprimentou.

— Sua senhoria está no escritório, caso queira se juntar a ele. E a senhora está na sala de estar entretendo lady Northam e a lady Ware.

— Obrigado, Trask. — Graham entregou chapéu e luvas ao mordomo e subiu a escada até o primeiro andar.

A porta da sala de estar ficava à esquerda da escada, então ele entrou para cumprimentar as damas antes de seguir até o escritório de David.

— Ora se não é o novo duque de Halstead! — A marquesa de Northam, que era uma querida amiga da condessa de St. Ives, Fanny, exclamou com um sorriso acolhedor. — Fanny acabou de nos contar que o senhor passou a noite. Alugou uma casa para a Temporada, ou Brixton Park fica perto o suficiente para tornar desnecessário?

Ele se sentou em uma cadeira.

— Definitivamente desnecessária. Brixton Park fica a apenas oito quilômetros daqui.

— Espero que planeje fazer uma festa — a marquesa disse. — O último duque não convidava ninguém. — Provavelmente porque estava vendendo o interior da casa, peça por peça, para pagar os credores.

— Ela quer investigar as formações rochosas da propriedade — lady Ware explicou de seu lugar ao lado da marquesa.

Graham se lembrou de que lady Northam era geóloga.

— Tenho certeza de que haverá oportunidade para a senhora explorar o local. — Embora não nesta Temporada. Levaria tempo e *dinheiro* para restaurar a propriedade ao que ela merecia ser, ao que era antes, ao que seu antepassado havia construído.

— Quando planeja fazer sua estreia como duque? — lady Northam perguntou.

— Tenho tentado convencê-lo a comparecer ao baile dos Thursby — Fanny disse, olhando na direção dele antes de voltar-se para as amigas. — Seis meses é um período apropriado de luto, especialmente por um membro da família que ele não conhecia.

— O senhor não conheceu o antigo duque? — lady Ware perguntou.

Graham balançou a cabeça.

— Nunca me encontrei com ele. Éramos parentes distantes. Ninguém ficou mais chocado do que eu quando me tornei herdeiro presumido no verão passado. — Isso aconteceu quando o pai morreu repentinamente, semanas após *ele* se tornar herdeiro presumido. O duque o seguiu dentro de dois meses.

Quase dois meses em que o duque poderia *e deveria* tê-lo convidado a visitar as propriedades que ele herdaria, revisar as contas, prepará-lo para a dívida esmagadora que estava prestes a carregar. Mas o homem não o fez. Ignorou Graham tanto naquela época quanto ele e seus antecessores haviam ignorado sua linhagem por quatro gerações. Tudo por causa de uma mentira.

A expressão de Fanny ficou mais sombria.

— Sobre o baile dos Thursby... — Ela balançou a cabeça. — Não se preocupe. Deixarei o David explicar. — Ela forçou o sorriso de sempre. — Você será o solteiro mais cobiçado da Temporada. — Ela

lançou um olhar para lady Ware. — Junto com Anthony, é claro. — Anthony era o irmão de lady Ware, o visconde Colton.

— Anthony pode até ser cobiçado, mas não está buscando ninguém — lady Ware respondeu, franzindo a testa. — Ele ainda está sofrendo após a morte de nossos pais. — Ela se animou e se concentrou em Graham. Ficou claro que ela não queria se deter na memória terrível de ter tido os pais assassinados por um salteador no ano passado. — E quanto ao senhor? Vai atrás de uma esposa?

Lady Northam riu.

— Ele não precisará se esforçar muito. Tenho certeza de que as jovens o perseguirão. — Ela semicerrou os olhos. — O senhor não é um devasso terrível como o marquês de Ripley, não é?

Graham não estava completamente ciente de todos os títulos e reputações, mas de Ripley ele ouvira falar. Na verdade, viu o homem no Brooks's na noite anterior... com o visconde Colton. Decidiu não mencionar o fato.

— Não sou um devasso. Pelo menos, acho que não sou.

— Mesmo assim, o senhor será estudado e discutido, esteja avisado — lady Northam comentou.

— Obrigado? — Ele riu. — Então, se vou ser dissecado, gostaria de saber de quem devo ficar longe. Se eu estivesse interessado no Mercado Casamenteiro, o que não estou. Eu preferiria não me encontrar acorrentado tão cedo. — Infelizmente, desejar e precisar não eram a mesma coisa, e ele *precisava* de uma herdeira. Talvez elas pudessem ajudar sem perceber o que ele estava procurando.

— Definitivamente, deve manter distância de quem está em sua primeira Temporada — lady Ware avisou. — São as mais famintas. O senhor estará mais seguro com damas mais maduras.

Lady Northam assentiu em concordância.

— Como Phoebe, embora eu duvide de que ela participe de muitos eventos.

Lady Ware pegou um bolo na mesa diante do sofá.

— Não desde que fundou a Sociedade das Destemidas.

— E o que seria isso? — Graham perguntou.

— Começou como uma brincadeira, quando alguém se referiu a

Phoebe, a srta. Lennox, como solteirona, e ela disse que estava mais para um espírito destemido — Fanny explicou. — Ela herdou uma bela quantia no ano passado e comprou uma casa na Cavendish Square. Vive de forma independente.

— É maravilhoso. — O tom de lady Northam refletia profundo respeito e admiração. — Se eu não tivesse conhecido Beck, ficaria feliz em me juntar ao clube dela. E precisam de mais membros, já que é apenas ela, Jane Pemberton e a vizinha de Phoebe.

Graham ouviu o que disseram, mas sua mente estava fixada em uma parte: que Phoebe Lennox herdara uma bela quantia. A mulher parecia perfeita: madura, desinteressada em casamento e rica. Bem, ele precisava que ela estivesse ao menos vagamente interessada em casamento, mas talvez pudessem chegar a um acordo mutuamente benéfico. O dinheiro dela em troca de... o quê? Ela não parecia do tipo que se deixaria impressionar por um título, nem mesmo o de duquesa.

Oh, céus, tinha um desafio pela frente.

Mas Graham nunca recuava diante de um. No entanto, elas também disseram que a srta. Lennox não frequentava eventos sociais. Não importava, ele faria uma visita.

Sorrindo, David, conde de St. Ives, entrou na sala de estar.

— Pensei ter ouvido sua voz, *Vossa Graça*.

Claro que David não precisava usar um tratamento tão formal, mas era um jogo, e Graham o iniciara. Eram amigos desde que podiam se lembrar, e sempre se trataram pelo primeiro nome. Até David herdar o condado, o que era esperado, é claro. Graham insistia em chamá-lo de *milorde* na maioria das vezes, apesar de David dizer a ele para não fazer isso. Agora, David se deliciava em se dirigir a Graham, que nunca esperou se tornar um duque, como *Vossa Graça*.

Graham precisava simplesmente aceitar. Ele sorriu para David.

— Sim, é verdade, tenho um título superior ao seu.

— Exato — David falou, reprimindo um sorriso. — Embora eu presida um comitê na Câmara dos Lordes e você não. — Recentemente, David foi nomeado para a comissão de estradas.

Graham apoiou as palmas das mãos nos braços da cadeira.

— Graças a Deus. Se eu tivesse que cuidar de algo assim no

momento, além de tudo o mais... — Ele parou de falar antes de dizer algo que não pretendia, então se levantou depressa da cadeira. — Estamos entediando as damas

— De jeito nenhum — Fanny respondeu.

— Deixe-os ir para podermos falar das perspectivas do duque depois que eles saírem. — Lady Northam piscou para Graham, que riu em resposta.

— Por favor, diga-me como estou me saindo — ele falou antes de sair da sala de estar com David.

Seguiram para o escritório do outro lado do corredor.

— Como foi a reunião? — David perguntou.

Graham havia considerado contar sobre suas dificuldades financeiras em mais de uma ocasião, mas as palavras nunca seguiam o caminho do cérebro até a língua. Era Graham quem tirava as notas mais altas em matemática em Oxford, quem assumiu o gerenciamento dos assuntos de David, como se tivesse passado anos fazendo isso. É claro que ele havia aprendido com o pai, mas a transição tinha sido perfeita.

Agora, Graham estava em posse de uma propriedade vinculada e falida, de uma casa deslumbrante e um terreno que estava prestes a perder. Era humilhante, apesar de nada disso ser culpa sua.

— Sim, correu bem. — Tão bem quanto se poderia esperar ao descobrir que sua herança estava prestes a escorregar por entre os dedos. — Agradeço por me deixar ficar. Partirei para Brixton Park em breve.

David se sentou em uma poltrona perto da lareira.

— Você é mais do que bem-vindo para ficar... agora e a qualquer momento.

Graham sabia, mas isso não mudava nada. Não fazia nem mesmo um ano que David se casara com Fanny, e eles estavam tão apaixonados quanto duas pessoas poderiam estar. Decerto não precisavam dele rondando por ali.

— Eu nunca me intrometeria por muito tempo. — Graham se acomodou na outra poltrona próxima da lareira.

— Você não está se intrometendo.

— Diga isso a Fanny. — Ele piscou, e David revirou os olhos.

— Fanny seria a primeira a insistir para que você ficasse.

Bem, então, ele não conseguiria encontrar mais coisas para vender em Brixton Park. Era difícil tentar liquidar seus ativos ao mesmo tempo em que tentava manter a situação financeira em sigilo. Não queria que todos soubessem que o ducado estava à beira da falência. Se fosse encontrar uma herdeira, seria melhor não anunciar que precisava de uma.

— Tenho muito com que me ocupar em Brixton Park — Graham disse.

— Imagino que sim. Agradeço o tempo que você passou com meu novo secretário.

Graham havia preparado o jovem durante as festas de final de ano.

— Ele vai se sair bem.

— E quanto aos seus empregados? — David perguntou. — Conseguiu avaliar tanto os de Brixton Park quanto os de Halstead Manor?

— Ainda não por completo. — Era mentira. Sabia o suficiente para deduzir que Halstead Manor era uma pilha de pedras negligenciada e deteriorada, com arrendatários que precisavam desesperadamente de um proprietário que se importasse. Brixton Park, apesar de toda a sua glória, precisava de reparos e no momento operava com uma fração dos criados necessários. Muitos haviam partido ou se aposentado quando o antigo duque morreu. E, claro, Graham não podia pagar por outros. A situação era desesperadora.

Precisava se concentrar nas prioridades: dinheiro. O que significava uma herdeira.

David o examinou por um momento.

— Será que eu ouvi você discutir casamento com as senhoras?

— Apenas em sentido geral. Elas me aterrorizaram com previsões de jovens senhoritas clamando por mim.

Os olhos cinzentos de David cintilaram de humor.

— Você é um duque.

— Improvável, sim. Acho que devo considerar o casamento.

— Não precisa se apressar. A menos que queira.

— Não particularmente. — Mas querer e precisar não eram a mesma coisa. — Fanny e as outras mencionaram mulheres mais maduras que não estão desesperadas para se casar. Elas parecem mais atraentes do que aquelas que ouvem meu título e desmaiam.

David riu.

— Isso realmente aconteceu?

— Ainda não, mas também não fui a um evento da sociedade. Por recomendação de Fanny, aceitei o convite para o baile dos Thursby. — Graham o encarou com um olhar perspicaz. — Espero que você me oriente. *Não* me jogue aos lobos.

David inclinou a cabeça.

— Não é tão ruim quanto parece. No entanto, terei que fazer isso. Levarei Fanny de volta a Huntwell para aguardar o parto. Infelizmente tomamos a decisão hoje, partiremos na manhã do baile Thursby. — Ele fez careta enquanto aguardava a reação de Graham.

Graham gemeu e inclinou a cabeça para o encosto da poltrona.

— Você é um péssimo amigo.

— Eu sei. Fanny não ficou de todo satisfeita, já que ela o convenceu de ir ao baile. — David lhe deu um aceno encorajador. — Você ficará bem, gosta de dançar e sempre foi o cavalheiro mais popular em cada reunião de nosso distrito.

Graham deu de ombros, mas sabia que David estava certo. Ele gostava de dançar e da companhia das mulheres. Talvez tenha sido a ausência da mãe, que morreu no parto quando David tinha dois anos, que o levou a procurar a companhia feminina.

— Como está o seu guarda-roupas? — David perguntou.

Pequeno.

— Se está perguntando se tenho roupa pronta para o baile, a resposta é sim. Não sou um bárbaro. Embora, alguns vão presumir isso, não é?

— Duvido. Você tem muitos amigos influentes, tanto da escola quanto da última Temporada, quando cuidou as apostas nas corridas de Ware.

Era verdade. Graham conheceu mais membros da sociedade do

que conseguia se lembrar.

— Ware pode me ajudar se eu precisar.

David fez careta novamente.

— Receio que não. Ware e Northam também estão deixando a cidade. Pedi a Anthony para apoiá-lo.

— Maravilhoso. — Graham lhe lançou um olhar provocador e, em seguida, sorriu. — Como você disse, vou ficar bem. — Precisava se concentrar nos próprios problemas, e seria difícil escondê-los de David se ele estivesse na cidade.

Graham se mexeu na cadeira, sentindo-se um pouco desconfortável por não estar discutindo a situação com seu melhor amigo. Suspeitava que o conde lhe ofereceria dinheiro, mas não aceitaria nada além de um empréstimo. E, no momento, não podia se dar ao luxo de aceitar um.

— Estou felicíssimo por você e Fanny, e é melhor eu ser a primeira pessoa para quem você escreverá contando que a criança nasceu — Graham falou com falsa seriedade.

— Claro que será. Agora me deixe entediá-lo com os nomes que Fanny escolheu. — Seus olhos brilharam de expectativa. Como Graham poderia ficar entediado quando seu amigo mais querido estava tão entusiasmado?

Pouco tempo depois, cavalgou de Londres para Brixton Park. Quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que uma herdeira resolveria seus problemas. Não apenas qualquer herdeira, mas a que lady Northam mencionou: srta. Phoebe Lennox. Uma solteirona autodeclarada com uma fortuna enorme e nenhum desejo de entrar no Mercado Casamenteiro.

Ela parecia absolutamente perfeita.

Capítulo três

— Vamos tomar chá e comer bolos na sala do jardim — Jane Pemberton sugeriu.

Arabella olhou com anseio para as estantes de livros sendo construídas na sala que Phoebe estava convertendo em biblioteca.

— Está ciente de que posso visitar sua biblioteca um dia e nunca mais ir embora? — perguntou a Phoebe.

— Será mais do que bem-vinda. Na verdade, é mais do que bem-vinda, venha quando quiser. — Phoebe lhe abriu um sorriso caloroso.

— Quando estiver cansada do Mercado Casamenteiro, o que deve acontecer em breve, espero que se junte oficialmente à Sociedade das Destemidas — Jane comentou ao saírem da biblioteca e se dirigirem até os fundos da casa, onde ficava a sala de jardim previamente mencionada.

O primeiro projeto de Phoebe após comprar a casa foi transformar essa sala de café da manhã em uma *sala de jardim*. Ela mandou instalar janelas altas e uma porta com vidro que dava para o jardim. As paredes tinham lambris verdes e papel de parede floral, de modo que parecia que se estava sentado no jardim em vez de apenas olhando para ele. Plantas em vasos completavam o efeito, e era fácil ver por que aquele era o cômodo favorito de Phoebe.

Phoebe tinha dois anos a mais do que os vinte e três de Arabella, mas quando herdou sua fortuna no ano passado, de repente pareceu ainda mais velha. Ou talvez fosse por causa da confiança e da serenidade que agora exalava. Ela escapou de um casamento com um cavalheiro devasso quando o abandonou no altar no ano passado e fugiu de Londres. Foi morar com a tia-avó, que morreu meses depois, deixando tudo o que tinha para ela.

— Ainda não estou cansada do Mercado Casamenteiro — Arabella mentiu. — Ainda abrigo esperanças de que este será o ano

em que terei sucesso. — Tinha que ser.

Jane lhe lançou um olhar cético enquanto se sentavam à mesa redonda que ficava no canto perto das janelas.

— Tem certeza de que é o que deseja? Você poderia abandonar o Mercado Casamenteiro como Phoebe e eu fizemos.

— Pode-se argumentar que não abandonamos o mercado, mas que ele nos relegou à prateleira — Phoebe disse antes de seus lábios se curvarem num sorriso travesso. — Não que eu me importe. — Ela ficou séria ao olhar para Arabella. — Mas entendo a preferência pelo casamento. Tornar-se pária social não é para qualquer um.

— Minha mãe sofreria um ataque se eu deixasse o Mercado Casamenteiro — Arabella disse. E não apenas por causa do impacto negativo que isso causaria na situação financeira delas. Ela achava a solteirice de Phoebe uma decepção e, sem dúvida, ficaria horrorizada se Arabella seguisse pelo mesmo caminho. — Ela argumentaria que eu não seria feliz, que ficaria solitária sem um marido. Meus pais são muito apaixonados, então ela espera que eu tenha a mesma sorte.

Phoebe a estudou com atenção.

— Você não parece concordar.

O mordomo entrou com uma bandeja com chá e bolos, juntamente com biscoitos amanteigados, que eram os favoritos de Arabella. Depois de servir o chá, ele perguntou se precisavam de mais alguma coisa.

— No momento, não. Obrigada, Culpepper. — Phoebe sorriu para o mordomo de meia-idade, que inclinou a cabeça e saiu.

Arabella pegou um biscoito e logo deu uma mordida. A delícia se desmanchou em sua língua, e ela quase fechou os olhos, extasiada. Depois de engolir, comentou:

— Se eu morasse aqui, pediria isso todo santo dia. *Todo. Santo. Dia.*

Jane riu.

— Por que acha que eu a visito com tanta frequência?

— É verdade — Phoebe disse. — Ela não vem por minha causa. Vou conseguir a receita para que a cozinheira de vocês possa prepará-los.

Naquele momento, Arabella sentiu uma inveja completa e desavergonhada. Não eram apenas os biscoitos, mas a completa autonomia de Phoebe.

— Você contornou com habilidade o comentário da Phoebe — Jane apontou. — Está em busca de um marido porque tem medo de ficar sozinha? Você sempre terá a nós. — Ela estendeu a mão e acariciou a de Arabella.

— Sim — Phoebe concordou. — Você é faz parte da Sociedade das Destemidas, quer queira ou não.

Emoção apertou a garganta de Arabella.

— Obrigada. Dou muito valor à nossa amizade. E respondendo à sua pergunta, embora a independência me seja incrivelmente atraente, creio que gostaria de me apaixonar. — Era mentira, não achava que se apaixonaria novamente e não esperava que o amor fizesse parte de qualquer união que tivesse a sorte de fazer. No entanto, não podia dizer a elas que queria se casar por dinheiro sem explicar o porquê. — De novo. — Ela adicionou essa parte com um leve sorriso. Nunca falara de Miles Corbett com ninguém.

— De novo? — Phoebe e Jane falaram em uníssono, no momento em que uma estava prestes a dar uma garfada em um bolo e a outra a tomar um gole de chá. Seus olhos prenderam Arabella com curiosidade ousada.

— Eu me apaixonei por alguém há seis anos. Infelizmente, meus pais não aprovaram o pedido dele.

Phoebe franziu a testa.

— Que terrível. O que aconteceu com ele?

— Deixou a Inglaterra em busca de fortuna. Achava que, se fosse rico, poderia convencê-los a reconsiderar, mesmo que não tivesse um título.

— Nunca mais ouviu falar dele? — Jane perguntou, colocando a xícara na mesa.

Arabella balançou a cabeça.

— Eu tinha esperanças de que ele fosse voltar, e consegui afastar pretendentes enquanto esperava. No entanto, desisti disso há alguns anos.

Phoebe lhe lançou um suave sorriso de encorajamento.

— Deve ter sido extraordinário se apaixonar. Posso perguntar como se sentiu?

Arabella achou difícil evocar o desejo desesperado que sentira na época.

— Lembro-me de pensar que ele era o homem mais gentil, bonito e maravilhoso que já conheci. Ele era atencioso e cuidadoso. E me fazia sentir como se eu fosse o centro do universo, pelo menos do dele. — Embora não estivesse mais atraída por ele, percebeu que sentia falta disso, da sensação de estar apaixonada.

Jane suspirou.

— Parece maravilhoso.

— Ele parece ser um cavalheiro excepcional — Phoebe comentou. — Sinto muito por ele não ter voltado para você.

Arabella também havia sentido muito, mas esse tempo já passara.

— Faz muito tempo, e éramos muito jovens. — E tolos. Ela se comportara de maneira inadequada. Mesmo assim, nunca se arrependeria. Especialmente se nunca se casasse. Mas agora tinha que fazer isso! As pessoas que mais amava dependiam dela. Ansiava por contar a verdade a Phoebe e Jane para que pudessem ajudá-la a encontrar o marido de que precisava. O que era absurdo. Não podiam ajudá-la. Não iriam a um baile ou a um evento da sociedade assim como não iriam ao Almack's.

— Sem ter a intenção de mudar de assunto, gostaria de saber se você poderia fazer um favor para mim — Phoebe falou, ao pegar um biscoito amanteigado.

Arabella assentiu.

— Claro, qualquer coisa.

Phoebe engoliu o biscoito antes de continuar.

— Embora a Sociedade das Destemidas possa não ser para você, provavelmente será útil para outras jovens. Planejo sediar encontros sociais quinzenais aqui à tarde, durante a Temporada.

— Mas apenas para mulheres solteiras — Jane afirmou.

— Que adorável. Eu gostaria de poder vir.

— Você é mais que bem-vinda, mas tenho certeza de que esses eventos se tornarão conhecidos como reuniões não oficiais da Sociedade das Destemidas. — Phoebe pressionou os lábios em uma expressão resignada, depois ergueu a xícara de chá. — Não que eu me importe. Mas quero que você esteja plenamente ciente de sua possível associação com nosso clube escandaloso. — Seus olhos brilhavam de alegria, e mais uma vez, Arabella sentiu uma pontada de inveja. Como devia ser maravilhoso não se importar com o que as pessoas pensam ou dizem.

— Alguém disse isso? — Arabella perguntou.

Jane fez careta.

— A duquesa de Holborn, mas ela é uma esnobe horrível. Lady Satterfield, por outro lado, foi absolutamente adorável em seu baile.

Arabella se lembrava, pois também estava lá. Lady Satterfield era muitíssimo popular e, pelo que Arabella podia dizer, não tinha um osso cruel ou malicioso no corpo.

Phoebe pousou a xícara.

— Se encontrar alguém que ache que gostaria de frequentar meus eventos, por favor, me avise para que eu possa enviar um convite.

— Farei isso. Você é incrivelmente atenciosa e gentil.

Culpepper retornou.

— Srta. Lennox, chegou um visitante. Tentei dizer a ele que a senhorita estava ocupada, mas ele insistiu em entregar suas flores pessoalmente.

Foi Jane quem respondeu.

— *Ele?*

— O duque de Halstead — Culpepper respondeu.

Phoebe olhou para Jane.

— Ele é aquele que acabou de herdar?

Jane assentiu.

— Eu o conheci na última Temporada, nas corridas de Ware. Era o secretário do conde de St. Ives.

Arabella ouviu falar de Halstead, mas não que ele tinha sido secretário.

— Agora ele é duque? Como isso aconteceu?

Os olhos de Phoebe brilharam de curiosidade, e sua boca se curvou em um sorriso travesso.

— Deveríamos perguntar a ele? Normalmente, eu o mandaria embora, mas essa parece ser uma boa história.

— Ah, sim, convide-o — Jane disse, já se levantando da mesa e indo para a área de estar no meio da sala.

Ao se levantar, Phoebe olhou para o mordomo.

— Traga-o, Culpepper.

Com um aceno, ele se virou e saiu. Quando retornou um momento depois, Arabella estava sentada no sofá, enquanto Phoebe e Jane ocupavam as poltronas que o flanqueavam.

— Sua Graça, o duque de Halstead — Culpepper anunciou.

Arabella arregalou os olhos. Era o espadachim.

Parecia diferente agora que estava completamente vestido, e ela não tinha certeza se estava melhor. Os cabelos escuros estavam arrumados, o plastrão era branco e engomado, e as botas cor de ébano reluziam.

Ele a encarou e o reconhecimento mútuo foi instantâneo. Ele diria que já se encontraram antes? Seria escandaloso, já que ela estava sem acompanhante e o enganara quanto à sua identidade. No entanto, nem Phoebe nem Jane se importariam. Na verdade, elas achariam a história maravilhosa.

Para seu crédito, no entanto, o cavalheiro se limitou a fazer uma reverência para as três.

— Boa tarde, senhoritas. Obrigado por me receber, srta. Lennox.

— Seu olhar curioso foi de Jane para Phoebe e finalmente para Arabella. Ela percebeu que ele não sabia quem era quem.

— Permita-me apresentar minhas amigas — Phoebe disse, gesticulando primeiro para Jane. — Essa é a srta. Pemberton. E aquela é a srta. Stoke. — Ela apontou na direção de Arabella.

— É um prazer conhecê-las. — Ele fez outra reverência e depois se dirigiu à poltrona de Phoebe e entregou a ela um lindo buquê de narcisos. — São para a senhorita.

— Obrigada. — Phoebe olhou para onde Culpepper ainda estava

parado. — Por favor, coloque-as em um vaso.

O mordomo se aproximou, pegou as flores e saiu.

— Por favor, sente-se — Phoebe convidou.

Ele poderia sentar-se ao lado de Arabella ou na outra cadeira vaga. Ele escolheu o sofá.

A espinha de Arabella se arrepiou, apesar do espaço que os separavam.

Ele lhe lançou um olhar de soslaio, e Arabella de repente percebeu que o homem era um duque. Um *duque*. Conheceu um duque naquela manhã e nem percebeu. E mais, o levou a acreditar que era uma criada. Ele poderia ser a resposta às preces de sua família, e ela provavelmente estragou qualquer chance que tinha.

— É bastante audaz de sua parte fazer uma visita — Phoebe disse. — Acho que nunca nos encontramos. — Não estava claro para Arabella se Phoebe estava ciente de que ele não sabia quem ela era, mas talvez estivesse tentando descobrir sem constrangê-lo.

— Não? Eu tinha certeza de que nos encontramos no ano passado durante as corridas de Ware. Eu cuidava das apostas.

Phoebe balançou a cabeça.

— Não estive lá. Saí da cidade naquela época. Talvez o senhor não saiba que abandonei meu noivo no altar. — Ela abaixou a voz em um tom conspiratório. — Sou meio que uma pária.

— Bem, acho que isso a torna interessante. — Ele estava flertando com Phoebe?

Os olhos da amiga brilharam quando ela riu.

— O senhor foi de secretário a herdeiro de um ducado. Isso o torna *fascinante*. Por favor, nos conte como aconteceu.

Halstead se remexeu ligeiramente, e Arabella teve a impressão de que ele não estava entusiasmado em responder à pergunta.

— Não é uma história muito fascinante, infelizmente. Eu era um primo distante do antigo duque e, quando o filho dele e meu pai morreram, me tornei o herdeiro presumido. Mal tive tempo para me ajustar ao papel antes de o duque se juntar ao filho no além.

— E não há outros membros da família? — Phoebe perguntou.

— Há muitas tias e primos que não estão na linha de sucessão. —

Ele fez careta. — Mais do que consigo contar, para ser sincero.

— O senhor diz que era um primo distante do duque — Jane disse. — Não conheceu nenhuma dessas pessoas?

— Não. O lado da minha família se afastou do deles ao longo dos anos. — Ele lançou um olhar para Arabella.

— Como o senhor se tornou secretário? — Jane perguntou.

Arabella sentiu uma estranha necessidade de prestar assistência ao duque. Para o quê, não tinha certeza, mas ele parecia desconfortável. Ela abriu um sorriso brilhante e injetou um toque de humor em sua voz.

— É uma história igualmente corriqueira, Vossa Graça?

— Deveras. Meu pai era secretário do conde de St. Ives, assim como seu pai antes dele e o pai dele antes disso.

— Imagino que seja uma adaptação — Phoebe observou. — Sei como é ter sua sorte completamente mudada em um piscar de olhos.

O relógio bateu a hora, e Arabella percebeu que precisava ir para casa. A mãe não estava entusiasmada com suas visitas à casa de Phoebe, e havia prometido que elas seriam breves.

— Infelizmente, preciso ir. — Desejou não deixar a decepção transparecer, mas não queria ir. Ele era um duque! E provavelmente rico. Exceto que parecia que ele poderia estar interessado em Phoebe. Por que ele a procurou?

Halstead se levantou rapidamente e lhe ofereceu a mão. Ela a pegou, desejando que ele não estivesse usando luva, porque ela não estava.

— Foi um prazer conhecê-la, srta. Stoke. — Seu olhar penetrou no dela enquanto pronunciava seu nome, e ela soube que o homem queria perguntar por que ela havia mentido.

Ela ergueu o ombro com muitíssima sutileza.

— Espero vê-lo em breve. O senhor vai à festa dos Thursby?

— Na verdade, sim. Espero vê-la. — Ele soltou a mão dela, e ela sentiu outro lampejo de decepção. Mas foi passageiro, pois o veria novamente em apenas dois dias.

Isso lhe dava dois dias para determinar o status financeiro do homem, que tinha que ser mais do que aceitável, e dois dias para

elaborar um plano. Ela se contorceu por dentro, aquilo soou tão calculista. E, ainda assim, era a esse ponto que as coisas tinham chegado. Precisava se casar.

Arabella se despediu das amigas e saiu pela porta que dava para o jardim. Enquanto caminhava para casa e passava pelo portão que Phoebe havia instalado entre os jardins, pensou no duque e a sorte que foi ele ter cruzado seu caminho. Embora mal o conhecesse, ela o achou atraente, e ele a ajudou a resgatar Biscuit. Talvez encontrar um marido não seria tão terrível quanto temia. Talvez a sorte tivesse finalmente sorrido para ela.

Já era hora.

Quando Graham entrou no cômodo que o mordomo chamou de *sala de jardim*, viu a srta. Stoke e pensou que ela fosse a srta. Lennox, e que havia mentido sobre sua identidade na outra manhã. Bem, ela *mentiu*. E por que fez isso? Ele estava morrendo de vontade de saber, e talvez a convidaria para dançar na festa só para descobrir.

No entanto, ela não era a mulher que ele estava procurando, o que, na verdade, era um pouco decepcionante. Havia algo nela que perdurou em seus pensamentos. Algo que ele não conseguia entender.

Algo que *devia* esquecer, porque ela não era a srta. Lennox, a herdeira que precisava conquistar. Ela estava diante dele, com olhos verdes inteligentes e feições belas para as quais poderia se imaginar olhando pelos próximos cinquenta anos.

Seria possível? Ou estava tentando se convencer dos benefícios do casamento? Sinceramente, era o último, mas importava? Estava sem opções, então faria o que fosse necessário para despertar o entusiasmo. Até o momento, a srta. Lennox foi encantadora, embora excessivamente inquisitiva. Ficou grato pela ajuda da srta. Stoke ao desviar a interrogatório e, por essa razão, sentiu muito ao vê-la partir. *Apenas por isso?* a mente perguntou.

Sim, apenas por isso.

A srta. Lennox franziu a testa ao se reclinar na poltrona.

— Espero que não me ache grosseira, mas preciso perguntar o

motivo de sua visita. Não recebo muitos cavalheiros. Na verdade, não recebo nenhum.

— Esperava que pudesse me dar alguns conselhos — ele não tinha, no entanto, esperado que ela fosse tão franca. — A senhorita deve me perdoar. Sou novo nisso e creio não estar fazendo do jeito certo. Serei igualmente franco. O Mercado Casamenteiro me aterroriza. Como duque, agora devo considerar quem posso tornar minha duquesa, e prefiro muito mais conhecer alguém como a senhorita do que alguma jovem recém-saída da escola. — Ele estreitou brevemente os olhos para ela. — Isso é terrível?

Ela trocou um olhar com a srta. Pemberton, e logo começaram a rir.

Graham sorriu também, mas não sabia por que aquilo era tão engraçado.

A srta. Lennox prendeu a respiração.

— Peço desculpas, Vossa Graça. Não estamos rindo do senhor, mas da situação. Não tenho o menor interesse em casamento, nem mesmo com um duque. No entanto, se eu tivesse, o senhor seria exatamente o tipo de homem que eu consideraria. Há poucas coisas que valorizo mais do que a honestidade, e um homem que está disposto a arriscar a masculinidade e dizer sem rodeios o que quer é refrescante. — Ela olhou para a amiga. — Não é, Jane?

— Absolutamente incomum — a srta. Pemberton o estudou por um momento. — Quantas irmãs o senhor tem?

— Nenhuma.

— Eu teria apostado metade da fortuna de Phoebe que tinha pelo menos cinco.

— Ainda bem que você não pode — a srta. Lennox disse para a srta. Pemberton em horror fingido antes de rir novamente. — Entendo o que você quer dizer. Cavalheiros com muitas irmãs tendem a ser os mais aceitáveis.

— Receio estar um pouco perdido. Ainda estou preso em *arriscar minha masculinidade*. Como foi que fiz isso?

— Ao dizer que o Mercado Casamenteiro o aterroriza — a srta. Lennox respondeu. — Suspeito que aterrorize a maioria dos homens,

mas eles nunca admitiriam. Pelo menos não a uma mulher.

— Não sou como a maioria dos homens — Graham disse. — Fico feliz em confessar quando algo me assusta, especialmente a perspectiva de me expor com o propósito de cortejar. — Ele tentou não tremer e falhou.

Elas começaram a rir novamente.

— Meu Deus! — A srta. Pemberton respirou fundo. — O senhor deve perceber o quanto é engraçado ouvir um *homem* dizer essas coisas. Somos nós que temos que escolher o guarda-roupa certo e aperfeiçoar nossas melhores habilidades. Temos que ser bonitas, espirituosas, charmosas, coquetes sem sermos despudoradas e, acima de tudo, *obedientes*. — Ela fez careta e recostou-se na cadeira.

A srta. Lennox assentiu vigorosamente.

— É por isso que abandonei o Mercado Casamenteiro. Não pode valer tão monstruoso esforço. — Ela lançou a ele um olhar de piedade. — Sinto muito que precise se envolver nesse circo, mas entendo que duques têm um dever. — Ela virou a cabeça para a srta. Pemberton, e sua boca floresceu em um sorriso beatífico. — Como é maravilhoso ser a solteirona com quem ninguém se importa.

A srta. Pemberton sorriu em resposta, e Graham não pôde deixar de se sentir excluído. Também não pôde deixar de se sentir completamente frustrado. A srta. Lennox deixou claro que não estava interessada em casamento. E, no entanto, ela havia dito que se estivesse, Graham seria exatamente o tipo...

Ela o trouxe de volta de seus pensamentos.

— E eu suspeitava que o senhor veio me visitar para discutirmos como foi para mim me habituar após herdar uma fortuna.

Ele se agarrou àquela sugestão.

— Pensei que seria algo que teríamos em comum. — Ele ofereceu seu sorriso mais charmoso. — A senhorita herdou sua fortuna de forma bastante repentina, suponho?

— Sim. Minha tia-avó mudou seu testamento depois que fui morar com ela. E me disse, quando estava morrendo, que em seus últimos meses eu a fiz mais feliz do que tinha sido em anos. — A srta. Lennox afastou brevemente o olhar e piscou depressa.

— Sinto muito por sua perda.

Ela pigarreou delicadamente.

— Obrigada. Agora, pergunto-me se posso ajudá-lo.

Ele arqueou uma sobrancelha, curioso.

— De que maneira?

— Embora eu não esteja interessada em casamento, posso conhecer outras mulheres, mulheres mais maduras, como o senhor prefere, que talvez estejam. Damas intelectuais e... destemidas. — Ela sufocou uma risada para que se transformasse em um risinho.

A srta. Pemberton sorriu, depois apoiou brevemente a ponta do dedo na bochecha.

— Não sou *ainda* uma pária como a Phoebe. Tenho certeza de que consigo encontrar pelo menos algumas damas que podem estar interessadas em conhecer um duque.

Ele precisava de mais do que apenas um encontro. Precisava de cortejo e casamento, e não necessariamente do cortejo. Mas elas precisavam ser destemidas do tipo ricas.

— Eu ficaria muitíssimo grato. — Nesse ínterim, o acordo lhe garantiria mais visitas à srta. Lennox, e talvez encontrasse uma maneira de mudar a opinião dela quanto ao casamento.

A srta. Pemberton começou a listar nomes, e a srta. Lennox contribuiu até que houvesse sete deles. Graham queria perguntar se alguma delas era herdeira, mas fazer isso o deixaria exposto. Teria que conduzir uma pesquisa discreta.

— A senhorita poderia anotar os nomes? — ele perguntou.

— Claro. — A srta. Lennox se levantou e foi até uma pequena escrivaninha, onde se sentou e rapidamente fez a lista.

Graham percebeu que era a segunda vez naquela semana que mulheres sugeriam outras mulheres para ele. O que diabos estava lhe acontecendo? Essa não era a vida que estava acostumado a levar. Flertava com mulheres. Encantava-as. Deitava-se com elas. Fim. *Inferno*, talvez fosse um libertino. Ele não tinha ideia.

A srta. Lennox se levantou da escrivaninha e Graham logo se pôs de pé. Ela lhe entregou o papel dobrado.

— Por favor, me avise se eu puder ser de mais ajuda. O senhor

parece ser uma pessoa agradável.

A srta. Pemberton se levantou, exclamando:

— Ah! E a Arabella? Por que não a incluímos na lista?

— Bem, agora me sinto incrivelmente tola — a srta. Lennox disse, balançando a cabeça. — Sim, adicione a srta. Stoke. Ela é adorável, e o senhor já a conhece.

— Conheço. — E sendo sincero, queria conhecê-la melhor, ao menos para descobrir por que mentira para ele. Não, se fosse sincero mesmo, queria saber se ela era herdeira. Uma que fingia ser criada para passear com o cachorro da patroa. Exceto que ela não tinha uma patroa. Biscuit era dela?

Tantas perguntas. Mal podia esperar para conseguir as respostas.

Talvez essa caça à herdeira não fosse tão ruim quanto esperava. Por outro lado, poderia se tornar um completo desastre, especialmente se sua situação desesperadora se tornasse conhecida.

Ao sair da casa da srta. Lennox, tinha certeza de duas coisas: estava um pouco mais perto de conquistar seu objetivo, e era um impostor consumado.

Capítulo quatro

— Sua expressão é de alguém que preferia estar em qualquer outro lugar — Arabella sussurrou para a mãe quando entraram no salão de baile dos Thursby depois de cumprimentar os anfitriões.

— Não em qualquer outro lugar, apenas em casa com seu pai. — Ela respirou fundo e relaxou a testa, embora não tenha aberto um único sorriso. — Espero que ele coma enquanto estamos fora.

Hoje foi difícil. Alguns dias ele comia, em outros, beliscava, e em alguns, como este, não conseguia se forçar a ingerir qualquer alimento. A sra. Woodcock fez sua sobremesa favorita, e elas tinham esperança de que ele a comesse.

— Não vamos pensar nisso — a mãe disse, endireitando a coluna. — Devemos nos concentrar no assunto em questão, que terá o objetivo de melhorar a saúde de seu pai: encontrar um marido para você.

Arabella fez uma lista mental de solteirões elegíveis, com o duque de Halstead no topo. Quando soube que o belo espadachim que encontrara no parque era um duque, ficou quase eufórica. Ou pelo menos aliviada. Ela o achou cativante, o que era mais do que podia dizer da maioria dos cavalheiros que conhecia.

No entanto, ele visitou Phoebe, e Arabella ainda não conseguiu descobrir por quê. Estava ocupada demais administrando a casa enquanto a mãe se concentrava no marido, e não houve tempo para fazer outra visita à amiga.

A mãe avaliou Arabella com um olhar crítico.

— Gostaria que pudéssemos ter comprado um vestido de baile novo — murmurou. — Mas você se saiu bem com este.

Arabella pegou um dos dois vestidos que compraram na última temporada, e mudou as fitas nas mangas, assim como os enfeites na barra e no decote. O vestido cor de rosa escuro era o mesmo, mas as

novas fitas douradas e as faixas de flores com contas de mesma cor lhes deram uma aparência renovada.

— O diadema está encantador — a mãe observou.

Ele era inteiramente novo, feito com cetim dourado retirado de um dos vestidos antigos da mãe e adornado com rosas e pérolas. Arabella levantou a mão para a parte de trás da cabeça e deu um leve toque na nuca.

— Janney está melhorando com o meu cabelo. — Arrumar cabelo não era o seu ponto forte, mas ela estava aprendendo, assim como Arabella estava.

A mãe manteve a voz baixa enquanto o salão começava a encher.

— É verdade. Estou ansiosa pelo dia em que ela não precisará trabalhar tão duro. Pelo dia em que todos nós não precisaremos fazer isso.

A conversa se reuniu ao redor delas, mas houve uma pausa repentina. Cabeças se viraram em direção à entrada principal, e todos olharam para o duque de Halstead fazendo sua entrada. Ele registrou a atenção com um sorriso e logo foi interceptado por um grupo de convidados. As pessoas retomaram a conversa, e Arabella ouviu a mesma palavra repetida várias vezes:

— Halstead.

Não contou à mãe que o conhecera. E o motivo não foi por ter conhecido o cavalheiro na casa de Phoebe, mas porque não queria criar expectativas na mãe. Mas se Halstead cumprisse o que dissesse no outro dia e a convidasse para dançar...

A chegada da condessa de Satterfield interrompeu os pensamentos de Arabella. Na casa dos cinquenta, a dama era uma matrona bem-quista da sociedade. Seu enteado era o duque de Kendal, e ela tinha a reputação de ajudar jovens damas a navegar pelas altas classes, incluindo sua nora. A duquesa retornou ao convívio social como dama de companhia de lady Satterfield anos após um escândalo e logo se viu casada com o duque. Era uma história de amor comovente que jovens damas como Arabella desejavam que acontecesse com elas também.

Após as saudações, lady Satterfield olhou para a multidão ao

redor de Halstead.

— Parece que temos um novo Rei dos Intocáveis.

Arabella já ouvira falar desse nome. Há alguns anos, um grupo de jovens damas começou a chamar os solteirões mais procurados e avessos ao casamento de Intocáveis. Eles muitas vezes tinham apelidos, como Duque do Desejo ou Duque da Ruína.

— Halstead tem um apelido? — ela perguntou à condessa.

Lady Satterfield riu.

— Acho que não. Suponho que ele seria o Duque Surpresa.

— Ou talvez o Duque Inesperado — a mãe de Arabella sugeriu com um sorriso. Era bom vê-la se divertir sem parecer que estava fingindo.

— Ah, eu gosto disso — lady Satterfield disse. — A senhorita já o conheceu?

— Ainda não — a mãe de Arabella respondeu, e a moça agora tinha que agir como se não o conhecesse também. Tinha esperança de que ele fizesse o mesmo. Isso se o cavalheiro se dirigisse a elas naquela noite.

— Vou me certificar de apresentá-los. É um rapaz adorável, muito genuíno. Herdar um ducado quando não se espera poderia despertar o pior que há em alguém. No entanto, esse não parece ser o caso do duque.

— Imagino que ele ainda não esteja procurando uma duquesa? — A esperança na voz da mãe era inconfundível, pelo menos para Arabella. Ela acrescentou uma risada descontraída, como se estivesse brincando.

Lady Satterfield olhou para Arabella.

— O Mercado Casamenteiro é prioridade para a senhorita este ano?

— Sim.

Os olhos cinzentos de lady Satterfield se arregalaram brevemente.

— Meu Deus, não quis fazer parecer como se a senhorita não tivesse priorizado o assunto, afinal quando e até mesmo se a pessoa quer se casar não é problema de ninguém, mas é claro que a maior

parte da sociedade torna isso seu negócio. A senhorita sabe que não sou de fazer fofoca, estou apenas conversando.

Arabella abriu um sorriso caloroso para a condessa.

— A senhora é dona do coração mais generoso da sociedade, até onde posso dizer. Não me sinto minimamente ofendida com a sua pergunta. A verdade é que tenho tido dificuldade em me destacar em meio a tantas jovens. Tenho medo de não ser tão... — Ela procurou a palavra certa.

— Agressiva? — lady Satterfield ofereceu de forma prestativa.

Era a palavra perfeita.

— Exatamente. Suponho que fui ingênua ao pensar que o cavalheiro certo cruzaria meu caminho. Nesta Temporada, pretendo me... concentrar um pouco mais no assunto. — Ela piscou para a condessa, que riu baixinho.

— Muito bem, minha querida. Se eu puder prestar algum serviço, espero que me diga. A senhorita deveria conhecer Halstead. Como eu disse, ele é bastante encantador, e talvez seja o cavalheiro que está esperando. — Ela virou a cabeça, claramente procurando o duque.

Arabella observou enquanto o olhar da condessa pareceu encontrar o de Halstead. Instantes depois, ele estava encaminhando até elas.

— Como fez isso? — a mãe de Arabella perguntou, admirada.

Lady Satterfield deu de ombros.

— Por alguma razão, os mais jovens respondem a mim.

O duque chegou com muita atenção voltada para si. No entanto, ignorou todo o resto ao fazer uma reverência para a condessa.

— Boa noite, lady Satterfield. É um prazer vê-la.

A condessa fez uma reverência.

— Digo o mesmo, duque. Posso apresentar a sra. Stoke e sua filha, a srta. Arabella Stoke?

Arabella e a mãe fizeram uma reverência, Arabella prendeu a respiração enquanto o fazia, esperando para ver se o duque fingiria que não se conheciam. Ele se curvou em resposta, primeiro para a mãe de Arabella e depois para a moça, parecendo ter entendido o ardil.

— É um prazer conhecê-las.

Com um suspiro de alívio, Arabella relaxou.

— Boa noite, Vossa Graça. É uma honra *conhecê-lo*. — Ela enfatizou ligeiramente a palavra *conhecer*, apenas para confirmar que eles deveriam fingir que este era o primeiro encontro dos dois.

— A condessa Satterfield acaba de enaltecer suas virtudes — a mãe de Arabella falou.

— Mesmo? — ele perguntou, e a sobrancelha esquerda arqueou brevemente enquanto olhava para a condessa.

Arabella tentou não encarar o cavalheiro, mas era impossível olhar para ele e não ver a camisa aberta da primeira vez que o conheceu, antes de saber que ele era um duque. Essa noite, no entanto, ele estava coberto e ainda mais esplêndido do que estivera na casa de Phoebe. O paletó escuro tinha sido impecavelmente feito sob medida, e ela se perguntou o que aconteceria se ele pegasse sua espada. Quando a empunhasse, a costura se romperia ou a peça se moveria com seu corpo atlético?

— E foi um prazer fazer isso — a condessa Satterfield disse. — Estou sempre ansiosa para ajudar os outros, especialmente os jovens, a seguir caminho em meio a este labirinto confuso. Está aproveitando a Temporada, duque?

— Labirinto confuso é uma descrição adequada. No entanto, estou me saindo bem. Tenho a sorte de contar com o conde de St. Ives como um amigo próximo.

— Bem, quando ele for acompanhar lady St. Ives até o campo para seu repouso, não hesite em procurar a mim e a lorde Satterfield, se desejar assistência, ou mesmo se não desejar. Também pode procurar Kendal. Ele sabe muito mais do que eu sobre ser duque.

— O conde e a condessa partiram essa manhã. Agradeço seu apoio e aceitarei de bom grado qualquer conselho que puder me oferecer. — Ele voltou a atenção para Arabella. — Posso ter a sua companhia para a primeira dança?

Arabella quase suspirou de alívio pela segunda vez.

— Seria uma honra. — Ela lançou um olhar para a mãe, que parecia prestes a explodir de alegria.

Halstead ofereceu o braço a Arabella e a conduziu até a pista de dança bem quando os músicos se preparavam para tocar.

— Obrigada por fingir que não nos conhecíamos — Arabella disse.

— Em qual vez? — Ele lhe lançou um olhar irônico. — Estou começando a me perguntar se a senhorita é uma mentirosa contumaz.

Ela ficou tensa, mas se esforçou para manter os músculos relaxados. Em certo sentido, ela era mentirosa, dado o esforço para esconder a penúria da família. E, por isso, as mentiras, ou pelo menos meias-verdades, continuariam...

— Peço desculpas. Biscuit é a cadela da minha mãe, e gosto de passear com ela sozinha às vezes. Sei que não é adequado, por isso me visto como criada.

— Para ficar anônima. Consigo entender... e apreciar... o fato.

A música começou, um minueto, e eles tomaram seus lugares para a dança. Ela apoiou a mão na dele.

— Obrigada, Vossa Graça. Nunca foi minha intenção enganá-lo.

— A mim, pessoalmente, não, mas a senhorita pretendia esconder sua identidade por causa do decoro, e não vejo problema nenhum nisso. — Seu bom senso e simplicidade eram refrescantes. A maioria das pessoas que conhecia teria ficado horrorizada, mas ela nunca teria revelado nada disso para qualquer uma delas.

Tivera muita sorte de ter encontrado Halstead em vez de alguém que sairia falando que ela estava passeando sozinha com a cachorra. Precisava ser mais cuidadosa. Ou parar de levar Biscuit ao parque. Como não esperava que a situação mudasse em breve, teria que optar pelo primeiro.

— Sim, por questão de decoro. Por isso também era necessário que não revelássemos que nos encontramos na casa de Phoebe — ela disse. — Aquela também não foi uma apresentação adequada.

Ele fez careta.

— Sendo sincero, não tinha pensado nisso. Receio que minhas habilidades sociais não estejam acima das críticas.

— Ficaria feliz em ajudar, se quiser. Se tiver perguntas específicas.

— Obrigado, é muita gentileza sua.

Ele se moveu com facilidade pelos passos da dança enquanto conversavam.

— E, ainda assim, seria de se pensar que a maioria das jovens mal pudesse esperar para contar à mãe que conheceram um duque. — Seu olhar encontrou o dela. — Não estou surpreso em descobrir que a senhorita não é a maioria das jovens.

À medida que o calor se espalhava por ela, inundando-a com uma onda de consciência, ela se concentrou em seus passos para evitar colidir com ele.

— O senhor é um excelente dançarino, Vossa Graça.

— Eu raramente perdia um baile em Huntingdonshire.

Ela imaginou que ele deslumbrasse todas as mulheres do condado com seu jeito descontraído, seus traços bonitos e habilidade para dançar.

— Tantos bailes assim, e o senhor ainda não é casado?

Ele deu de ombros.

— O casamento não era prioridade.

Ela quase riu ao se lembrar do comentário de lady Satterfield.

— Não era a minha também.

— E agora? — ele perguntou, seus olhos se prendendo brevemente nos dela.

— Espero me casar nesta Temporada.

— Entendo. Eu provavelmente deveria fazer isso também — ele disse em tom casual, dando a impressão de que a palavra *provavelmente* era a mais importante em sua afirmação.

Isso significava que ele estava procurando uma duquesa, ou simplesmente aberto à ideia? Não queria pressioná-lo.

— Não deve ser muito difícil para o senhor. Acho que todas as jovens aqui só têm olhos para Vossa Graça.

Dessa vez, quando seu olhar encontrou o dela, ele lá ficou.

— Isso inclui a senhorita?

Enquanto o cavalheiro a olhava e suas mãos se tocavam, uma conexão se formou entre eles. Arabella quase tropeçou. Definitivamente atrapalhou seus passos.

— Desculpe — ela murmurou.

Com facilidade, ele os guiou de volta ao lugar certo.

— Não se preocupe.

Quando recuperou o equilíbrio, ela respondeu à pergunta.

— Eu poderia ser insolente e dizer que é claro que estou de olho no senhor, talvez até demais, já que quase nos fiz cair no meio da pista de dança. — Ela permitiu que seus lábios se curvassem de forma sedutora. — Mas serei mais direta. Sim, só tenho olhos para o senhor. Que jovem não gostaria de chamar a atenção de um duque?

— Sou apenas um título para a senhorita, então? — Ele parecia um pouco desapontado.

— De jeito nenhum. Tendo o encontrado em várias ocasiões, determinei que *gosto* do senhor. Não posso dizer isso de muitos cavalheiros, duque ou não. — Ela estava flertando, tinha que fazer isso, mas estava sendo sincera. Embora ele fosse um meio para um fim desesperadamente necessário, ela *gostava* dele.

Ele lhe lançou um sorriso malicioso.

— Que maravilha ouvir isso, srta. Stoke, pois também gosto da senhorita.

Aquilo foi ele indicando suas intenções? O coração começou a bater mais rápido, e ela se esforçou para manter a empolgação sob controle. Não seria bom parecer excessivamente ansiosa. Uma coisa era ser franca, outra era ser desesperada.

Mas ela *estava* desesperada.

Esperava não ter que revelar isso. Fazê-lo certamente arruinaria suas chances com ele e com qualquer outro.

A dança terminou e logo estavam deixando a pista de dança, com a mão dela entrelaçada no braço dele.

— Gostaria de dar uma volta pelo salão antes de eu lhe devolver para sua mãe? — ele perguntou.

— Decerto, obrigada. — A mãe ficaria extasiada, mas Arabella não queria criar expectativas. No entanto, suas próprias esperanças estavam saindo do controle.

— Uma vez que a senhorita ofereceu ajuda, me pergunto se poderia me ajudar a identificar alguém, um cavalheiro chamado Piers

Tibbord.

Arabella quase disse não, mas o nome lhe pareceu conhecido.

— O nome me soa familiar, mas infelizmente não consigo evocar sua imagem, nem lembro se o conheço. — Ela olhou para ele, desculpando-se. — Não é muito útil, não é?

Ele riu baixinho.

— Não, mas tudo bem. Tenho uma excelente memória para nomes. No entanto, às vezes não consigo relacioná-los a um rosto. Então vejo alguém que parece familiar e, se o nome não me vem à mente, tenho que revirar meu cérebro para encontrá-lo. Às vezes consigo, e às vezes finjo. — Ele piscou para ela, e era difícil não deixar as esperanças correrem soltas.

Antes de voltar para a mãe, queria fazer uma pergunta específica a ele.

— Se eu levar Biscuit para um passeio matinal em breve, há alguma chance de vê-lo praticando com sua espada?

— Infelizmente, não. Não tenho casa na cidade. Parece bobo quando tenho uma propriedade, Brixton Park, a apenas oito quilômetros daqui.

A decepção a atingiu, mas ela apenas assentiu. Estavam lamentavelmente próximos de sua mãe.

— Obrigada pela dança — disse, imaginando se ele pediria para visitá-la. Seu estômago se retorceu de ansiedade.

— Obrigado — ele respondeu, conduzindo-a de volta para a mãe. Lady Satterfield não estava mais com ela.

A mãe sorriu para eles, com a expressão quase transbordando de entusiasmo.

— Aqui estão vocês. Estavam lindos juntos.

Arabella a encarou, suplicando para que ela parasse antes de dizer algo como *Vocês deveria se casar!*

Arabella tirou a mão do braço de Halstead e se afastou dele. Com grande relutância. Ele tinha um cheiro muito bom, sândalo e especiarias. Estar ao lado dele parecia... bom.

Agora, no entanto, estava ao lado da mãe quando o duque se despediu delas. E então ele se foi. Sem qualquer indicação de que

passariam mais um momento sozinhos.

Mas se lembrou de que ele *respondeu* à sua pergunta sobre encontrá-lo no parque com a palavra *infelizmente*, como se preferisse encontrá-la de novo. Será que ele quis dizer nesse sentido? Era possível, decidiu, e possível era o suficiente por ora.

A mãe virou-se para ela.

— Rápido, antes que seja hora de você dançar com outra pessoa, conte tudo.

— Ele está tentando desbravar seu caminho como duque — Arabella disse de forma pragmática, tentando manter as emoções sob controle. Por dentro, era uma confusão de anseio e apreensão. Relembrou a dança. — Ele disse que gostou de mim.

O calor borbulhou dentro dela, fazendo o anseio sobrepujar a apreensão. Ele tinha dito isso. Talvez não achasse que poderia pedir para visitá-la ainda. Ele era, como ele mesmo disse, pouco hábil no jogo social.

A mãe sorriu para ela.

— Bem, isso é espetacular. Ele vai visitá-la?

— Ele não disse, mas ainda está tentando se orientar.

— Verdade. Vamos nos esforçar para ajudá-lo a desbravar esse caminho. — Ela fez uma breve pausa, ficando pensativa. — Sabe onde ele mora?

— A propriedade dele fica fora da cidade. Brixton Park.

— Claro. — Ela franziu os lábios. — Será difícil circular na frente da propriedade. Vamos encontrar outras maneiras. Decerto ele será presença regular em eventos como esses. Só espero que nossos convites continuem chegando. As pessoas têm muita simpatia pela doença de seu pai. Várias damas pararam hoje à noite para nos desejar o melhor. — Ela baixou ainda mais a voz. — Ninguém parece estar ciente de nossa verdadeira situação. — Seu tom estava carregado de alívio.

Arabella ficou feliz em ouvir aquilo, e se perguntou o que Halstead pensaria se soubesse que estavam na miséria. Talvez não se importasse. E se fosse o caso, talvez se apaixonasse loucamente por ela e ignorasse tais trivialidades.

O futuro deles estava em jogo. *Não* era uma trivialidade.

Lembrou-se do nome que ele mencionara e se voltou para a mãe.

— Já ouviu falar de algum Piers Tibbord?

A cor desapareceu completamente do rosto da mãe.

— Por que está perguntando sobre ele? — ela sussurrou com os dentes cerrados.

— O duque mencionou o nome, e eu não conseguia me lembrar de onde o conhecia.

— É o patife trapaceiro que enganou seu pobre pai! — Ela manteve a voz em um sussurro baixo, mas o desespero era palpável.

Arabella se sentiu tola por não se lembrar.

— Sinto muito por ter mencionado isso. Por favor, perdoe-me, mamãe. — Ela tocou o braço da mãe, e a cor dela foi voltando ao normal.

— Por que o duque o mencionou? — a mãe perguntou. — Se ele está associado a esse vilão...

— Ele não parecia conhecê-lo — Arabella se apressou a dizer, esperando acalmar a mãe antes que ela se exaltasse. — Ele está apenas tentando associar nomes e rostos.

Ela se lembrou do que ele dissera sobre saber os nomes e não conseguir relacioná-los aos rostos. Talvez ele realmente o conhecesse... ainda assim, não conseguia pensar que o duque estaria associado a alguém tão desprezível.

— Espero que seja apenas isso, porque se Halstead estiver alinhado com Tibbord, não há dinheiro no mundo que possa sustentar uma união com ele. Isso mataria seu pai. — Os lábios da mãe se fecharam em uma linha firme, e as rugas de preocupação que quase constantemente ocupavam sua testa retornaram com força.

Arabella acariciou o braço dela.

— Ora, mãe, precisamos ser otimistas. As coisas vão se resolver. — Tinham que se resolver.

Ela olhou ao redor do salão e quase chorou de alívio ao ver sir Ethelbert Plessey se aproximar. Ela o conheceu no baile de lady Satterfield e, embora ele não fosse extremamente rico, estava bem o suficiente para salvar sua família. Provavelmente. Contanto que ele

não saísse correndo quando descobrisse sobre a insolvência deles.

Era melhor não pensar nisso.

Quando Graham escapou do baile dos Thursby, tinha dançado cinco vezes, dado três passeios pelo salão e evitado inúmeras investidas de flerte, bem como duas propostas claramente sexuais de damas casadas. Estava exausto.

Mas não podia ir para casa ainda. Antes, precisava visitar o Brooks's para ver se poderia encontrar alguém que conhecesse Piers Tibbord. Graham encontrou o nome rabiscado na margem de um dos livros de contabilidade do antigo duque.

Esperava encontrar Colton. Se David não tivesse retornado a Huntwell naquela manhã, teria ido direto a ele.

Esfregou a mão no rosto enquanto a carruagem seguia pelas ruas de Mayfair em direção a St. James, onde era agora, inexplicavelmente, pelo menos para ele, membro de vários clubes de cavalheiros. Esse novo mundo ainda era novo para ele.

Desejou com fervor que alguém o tivesse apresentado ao ducado. Não para ser duque, isso ele poderia resolver com ajuda, mas especificamente para ser o duque de Halstead. Mas essa era uma impossibilidade. Desde que o tio-bisavô baniu o bisavô de Graham da família, seus antepassados trabalharam como secretários do conde de St. Ives, assim como tinham continuado nutrindo um ódio profundo pelos duques de Halstead, e o sentimento era mútuo. Assim sendo, Graham não teve nenhuma interação com o duque, nem mesmo depois de ser nomeado herdeiro presumido. Uma vez que o duque não vendeu a propriedade nem a deixou para um dos outros parentes, era como se ele tivesse querido que Graham herdasse um pesadelo e estivesse no máximo de desvantagem possível.

— Seu objetivo foi alcançado — murmurou. — Se essa era sua intenção, teve um sucesso estrondoso. — Ele semicerrou os olhos ao olhar para a quase escuridão. — No entanto, não desisto com facilidade.

Graham não desistiria de lutar por Brixton Park. A propriedade

existia por causa do trabalho árduo de seu antepassado, e pretendia reivindicar o legado que fora negado à sua linhagem por quatro gerações, tudo por causa de uma mentira.

Ele não tinha ideia se Piers Tibbord estava relacionado ao investimento enorme que o duque fez no ano passado, mas até então, Graham não conseguiu encontrar nenhum registro além da entrada no livro-caixa que apenas dizia *esquema de investimento* com a quantia exorbitante listada ao lado. Um valor que era impossível de sustentar se o esquema desse errado, o que aparentemente foi o caso.

Graham nem tinha certeza de como o antigo duque conseguiu o dinheiro. A contabilidade estava uma bagunça, tanto a de Brixton Park quanto a de Halstead Manor, que nem ganhava o suficiente para se sustentar. Se não fosse por seus deveres parlamentares, Graham iria para lá tentar resolver as coisas. Por enquanto, cuidaria de tudo ali de Londres, depois passaria o verão e o outono em Essex e garantiria que Halstead Manor se tornasse lucrativa. Se fosse possível.

Não, ele se recusava a pensar assim. Mesmo com todos os obstáculos, corrigiria os erros do antigo duque. Para começar, encontraria o dinheiro e descobriria o que havia acontecido. Não era possível que fosse irrecuperável. O duque não teria tomado uma decisão financeira tão horrenda, teria?

Infelizmente, não havia ninguém a quem perguntar. O duque estava morto, é claro, e a maioria de seus criados se aposentaram ou seguiram em frente, incluindo seu secretário, que se mudou para Bath. Ou pelo menos foi o que Graham ouviu dizer. Suas cartas para o homem não tiveram respostas, e Graham considerava fazer-lhe uma visita.

Como se tivesse tempo para isso. Na verdade, não tinha tempo algum. A hipoteca precisava ser paga, ou ele perderia Brixton Park.

O que o levou de volta à sua missão: recuperar o dinheiro daquele investimento, se fosse possível, ou se casar com uma herdeira. Invocou uma imagem da srta. Stoke, embora isso não exigisse muito esforço. Ela tinha sido a melhor parte do baile. Encantadora, cativante e sincera, era uma jovem singular no Mercado Casamenteiro.

Embora seu pai não tivesse título, será que ele era incrivelmente

rico? Será que Graham teria a sorte de encontrar uma jovem adorável que fosse tudo o que ele precisava?

Alguns diriam que ele já tivera sorte o suficiente por herdar um ducado. No entanto, ninguém sabia a verdade, e, às vezes, Graham desejava poder voltar a ser secretário de David.

Era mesmo verdade? Sim e não. Graham sentia falta da simplicidade de se preocupar com a fortuna de outra pessoa. Era um compromisso completamente diferente quando o dinheiro não lhe pertencia e sua subsistência não estava em jogo. De muitas maneiras, era muito mais fácil, pois não havia nenhum apego emocional. E era isso que sentia por Brixton Park. Não fosse isso, faria o que o banqueiro aconselhara e venderia o lugar. Mas não podia decepcionar o pai. Ele poderia não estar aqui para ver, mas Graham recuperaria o que tinha sido roubado de sua família.

Pela sua família. Mas que emaranhado.

A carruagem parou na frente do Brooks's, e o cocheiro abriu a porta para que ele saísse.

— Obrigado, Lowell.

O cocheiro inclinou a cabeça e perguntou se deveria esperar ou voltar mais tarde.

— Não faço ideia — Graham respondeu, pensando. — Por que não espera?

— Muito bem, Vossa Graça.

Graham entrou no clube pela segunda vez. Era um tanto avassalador com a grandiosa escadaria e a conversa animada no salão. Enquanto se dirigia para as escadas, encontrou o visconde Anthony Colton.

Alto, com cabelos escuros e ondulados, e olhos azuis tristes que pareciam ter perdido o brilho desde a morte dos pais no ano anterior, ele sorriu ao ver Graham.

— Ora, se não é o novo duque de Halstead. Boa noite, duque.

A seu lado estava o marquês de Ripley novamente. Ele não era tão alto quanto Colton, mas seu cabelo era mais escuro, e seus olhos azul-escuros mantinham toda a vivacidade que os de Colton não tinham. Na verdade, naquela noite, assim como na outra em que

Graham o conheceu, Ripley parecia estar tramando alguma coisa. Algo decadente e provavelmente escandaloso. Ou talvez fosse porque Graham estava ciente da reputação ultrajante do marquês.

Aproximou-se deles.

— Boa noite, Ripley, Colton. Que sorte a minha os ter encontrado. Estava em busca de companhia.

Os lábios de Ripley se curvaram em um sorriso malicioso.

— Pois seguiu o caminho certo. Estamos indo encontrar companhia feminina em um antro de jogatina. Junte-se a nós.

Diabos, ele não quis dizer companhia feminina. Deveria ter dito camaradagem. Ora essa, certamente poderia ir até o lugar e depois apresentar suas escusas.

— Minha carruagem está lá fora.

— Uma boa sorte, decerto — Anthony disse, aproximando-se de Graham e batendo em seu ombro. — Você nos poupou de ter que encontrar uma carruagem de aluguel.

O trio saiu e Graham os conduziu até seu veículo.

— Você tem uma carruagem boa, apesar de um pouco antiquada — Ripley observou. — Se estiver procurando um modelo mais novo, posso recomendar alguém.

Graham agradeceu. Teria sorte se conseguisse sobreviver à Temporada sem ter que vender a maldita coisa.

Antes de entrar e ocupar o assento virado para a frente, Ripley disse ao cocheiro que seguisse para Covent Garden. Colton sentou-se em frente a ele. Graham entrou por último, e se acomodou ao lado do marquês.

— Qual é a probabilidade de você se casar até a Páscoa? — Colton perguntou, recostando-se no assento.

A carruagem começou a se mover, e Graham piscou. O que diabos eles tinham ouvido? Ninguém sabia da sua urgência desesperada de encontrar uma esposa.

— Por que pergunta?

Ripley acomodou-se no canto, inclinando-se ligeiramente em direção a Graham.

— Não está ciente da aposta?

— Que aposta?

— No livro do White's — Anthony respondeu. — Estão apostando se você estará casado até a Páscoa.

Os músculos de Graham relaxaram de alívio.

— E o que as pessoas estão dizendo?

Ripley deu de ombros.

— A maioria diz que sim, mas ainda é cedo. A aposta foi feita hoje à tarde.

O livro do White's era bem conhecido por Graham, mesmo que ele nunca tivesse participado pessoalmente das apostas de lá. Supôs que agora estava inserido na sociedade.

— Pelo menos a aposta não é sobre com *quem* vou me casar.

Colton riu.

— Ah, isso pode acontecer.

Ripley observou Graham por um momento.

— É cedo para dizer, porque ninguém o conhece bem o suficiente para adivinhar. Qual o seu tipo de mulher? As muito belas? De reputação irrepreensível? Erudita? Herdeira? Uma moça tímida?

Essa poderia ser uma ótima oportunidade. O pulso de Graham acelerou quando ele sorriu com malícia.

— Todas elas.

Colton riu, e embora tenha demorado um momento, Ripley se juntou a eles.

Quando o riso se dissipou, Graham olhou de um para o outro.

— Quem seria essa mulher?

— O que quer dizer? — Colton perguntou, franzindo a testa.

— Quero dizer, quem possui todas essas características? — Ele manteve um tom irônico, mas estava falando muitíssimo sério. Queria saber quem era herdeira, e esta era uma forma espetacular de fazer isso sem perguntar: — Quem são as mulheres mais ricas do Mercado Casamenteiro?

— Então planeja se casar? — Ripley perguntou com interesse.

Anthony olhou para Ripley.

— Devíamos voltar e fazer nossas apostas.

— Não necessariamente. — Era importante não transparecer que

tinha pressa, para que não pensassem que ele estava desesperado e, em seguida, descobrissem a razão para isso.

Ripley deu um sorriso irônico para Colton.

— Ele está sendo misterioso. — Voltou sua atenção para Graham. — Não consigo pensar em ninguém que se encaixe em todas essas descrições.

— A srta. Phoebe Lennox — Colton disse. — Na verdade, não, sua reputação é um pouco notável, uma vez que ela abandonou o noivo no altar na última Temporada.

— Ah, ela parece ser o *meu* tipo — Ripley disse com um brilho nos olhos.

Colton bufou.

— Longe disso. Ela não é viúva. Nem cortesã. — Ele olhou para Graham. — Ripley não perderia tempo com uma jovem virtuosa como a srta. Lennox.

Ripley franzia a testa.

— Mas você disse que a reputação dela estava arruinada.

— Eu não disse isso. Falei que era notável. Minha irmã a conhece. Ela é muito agradável, ou assim diz Sarah. Deixe-a em paz, Rip.

O marquês ergueu as mãos em sinal de rendição fingida.

— Eu não sonharia em me envolver com alguém como ela. Estamos apenas nos divertindo. Agora, deixe-me pensar em quem mais eu conheço...

— Que tal a sra. Billingford? — Colton sugeriu.

Os lábios de Ripley se curvaram num largo sorriso pecaminoso.

— Halstead não disse que queria uma tigresa na cama.

Graham não resistiu a dizer:

— Halstead não disse que não queria.

Risadas irromperam na carruagem, e passou-se um longo momento antes que Ripley dissesse:

— Estamos indo para o lugar certo, então.

— A casa da sra. Billingford? — Graham perguntou em tom inocente.

Isso foi recebido com mais risadas.

— Consegue imaginar? — Colton perguntou. — Se nós três aparecêssemos?

Ripley alisou o cabelo sobre a têmpora.

— Tenho certeza de que ela ficaria muito feliz em nos acomodar.

Céus. Graham estava sem palavras.

— Bem, podemos discutir isso se quisermos, mas eu preferiria aproveitar o estoque da sra. Alban — Ripley fixou o olhar em Graham. — Ela é dona do bordel acima do antro de jogatina. Na verdade, ela também é a dona de lá. Vamos jogar por um tempo e depois subiremos. Ou você pode subir imediatamente, se preferir.

Ele preferia voltar para Brixton Park. Não estava com vontade de aproveitar o *estoque* da sra. Alban, que descrição pavorosa, e com certeza não ia jogar. Não tinha um xelim para perder.

— Devo voltar para casa depois de deixá-los — ele disse. — Tenho um longo caminho até chegar a Brixton Park.

— Você é bem-vindo a ficar comigo — Ripley ofereceu. — Contanto que não se importe com uma mancha em seu bom nome.

Sim, isso o preocupava muito. Seu bom nome era praticamente tudo o que tinha no momento.

Colton riu.

— Ripley não está brincando. Sei que minha reputação sofreu um golpe desde que nos tornamos amigos, não que eu me importe. Fiquei na casa dele *uma* vez, e seria de se pensar que matei alguém em um duelo.

A carruagem entrou em Covent Garden, e Graham percebeu que não fez a pergunta mais importante.

— Algum de vocês conhece Piers Tibbord?

Ripley deu de ombros, mas Colton respondeu.

— Ele é um vigarista. Ou pelo menos foi o que ouvi dizer. Nunca o encontrei, e até onde sei, ninguém o conhece. Ele conduz seus negócios por meio de um intermediário. — O olhar de Colton se estreitou em Graham. — Espero que não esteja envolvido com ele.

Maldição. Graham não poderia dizer-lhes a verdade sobre onde encontrara o nome.

— Não. Ouvi o nome e pensei que soava familiar. Claramente,

estava enganado. — A mente girava enquanto tentava pensar no próximo passo. Não podia perguntar onde encontrar Tibbord, não depois do que Colton acabara de revelar.

A carruagem parou.

— Tem certeza de que não vai se juntar a nós? — Colton perguntou. Tibbord tinha sido esquecido ao que parecia. Ótimo.

— Tenho, mas agradeço o convite. — Graham bocejou para dar um toque final. — Ainda estou me acostumando com Londres.

A porta se abriu, e Colton desceu primeiro.

Ripley bateu no ombro de Graham.

— Deixe-me saber se algum dia precisar de lugar para ficar. Minha porta está aberta para você. — Ele se esgueirou ao redor de Graham e saiu da carruagem.

Graham se despediu e logo estava a caminho de Brixton Park.

Os acontecimentos da noite e as informações que obteve passaram por sua mente. Como encontraria Piers Tibbord se ninguém o conhecia? Talvez devesse perguntar a lorde Satterfield ou ao duque de Kendal. A sra. Satterfield pareceu genuína em sua oferta de ajuda.

No entanto, teria que inventar uma razão que não fosse a verdade. Se dissesse que o antigo duque talvez tenha feito negócios com ele, a realidade da sua situação poderia ir a público. Ou não, se fosse cuidadoso. Teria que considerar o assunto com bastante cuidado.

Encontrar Tibbord seria difícil, talvez até impossível. Precisava pensar em outras maneiras de rastrear o investimento do duque. Recuperar o dinheiro, *maldição*, até mesmo descobrir que investimento foi esse... a tarefa parecia impossível.

Mesmo se encontrasse Tibbord, como recuperaria o investimento do duque? Não pensaria no assunto no momento. Tinha que localizar o vigarista antes, ou ao menos chegar um pouco mais perto desse objetivo.

O que o levava de volta à herdeira. Phoebe Lennox ainda era sua melhor opção.

E, no entanto, Arabella Stoke continuava se infiltrando em sua mente, junto com a esperança de que o pai dela fosse fabulosamente rico. Ela seria a resposta para todos os seus problemas, e ele podia

pensar nos muitos benefícios de torná-la sua duquesa, benefícios que nada tinham a ver com a conta bancária da dama.

Recusara um convite para ir a um bordel e, no entanto, aqui estava, fantasiando com a srta. Stoke. Com o contorno suave de seus lábios quando ela sorria para ele. A elegante curva de seu pescoço enquanto dançava. O delicioso aroma de ervilha-de-cheiro que o envolvia enquanto a acompanhava pelo salão. Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e retirou mentalmente os grampos de seu cabelo castanho-claro. Fios dourados se misturavam com os marrons, lembrando o rico tom do trigo escuro. Seus olhos verdes tinham um toque de castanho bem no centro, dando a eles uma sensualidade vibrante e terrosa.

Minha nossa, estava semiereto e ficando mais duro a cada minuto só de pensar nela. Forçou-se a pensar em sua falta de fundos em vez disso. Era uma ferramenta eficaz, embora deprimente.

Seus esforços levariam tempo. Pena que o tinha tanto quanto tinha dinheiro.

Capítulo cinco

A mãe entrou na salinha de estar nos fundos da casa estreita deles.

— Seu pai almoçou bem. Na verdade, está sentado na cama e tomará banho mais tarde.

Arabella sorriu ao ouvir a voz calorosa e feliz da mãe.

— Notícias maravilhosas. Vou subir para vê-lo daqui a pouco.

— Ele ficará feliz. — A mãe de Arabella se sentou na sua poltrona favorita perto da lareira e pegou o jornal que deixara de lado mais cedo. — Você pode ler para ele aquele romance. — Ela se referia a *O castelo de Otranto*, que era o favorito do pai de Arabella.

— Claro. — A moça voltou a atenção para o vestido de baile que estava bordando. Desenhou grupos de flores e estava costurando-as nas mangas para atualizar o vestido que já tinha dois anos.

O mordomo, Baxter, entrou e apresentou um cartão para a mãe de Arabella.

— Sua Graça, o duque de Halstead.

Os dedos de Arabella paralisaram, a coluna ficou rígida. Ela direcionou o olhar para a mãe, que encarava o cartão, de olhos arregalados. Em seguida, prontamente avaliou a sala.

— Estamos apresentáveis? — Ela voltou a atenção para Arabella. — Esconda esse vestido para que ele não veja o que você está fazendo.

Ora, *seria porque damas não bordavam seus vestidos?* Arabella se levantou, e o mordomo se aproximou.

Ele pegou a peça.

— Vou entregá-lo a Janney.

— Obrigada, Baxter.

— Em seguida, por favor, traga o duque. — A mãe se levantou e escondeu o jornal embaixo da almofada. Ela piscou enquanto as rugas

habituais de preocupação surgiam em sua testa. — A menos que devêssemos subir para a sala de visitas?

Para isso, seriam vistas subindo as escadas, e qual seria o propósito?

— Acho que está tudo bem se o recebermos aqui — Arabella falou. — Esta é uma sala encantadora.

— Sim, mas talvez seja... confortável demais. — A mãe franziu a testa. — Não importa, nenhum dos nossos cômodos é tão esplêndido quanto deveria ser. — Ela parecia prestes a chorar, e Arabella odiava ver isso.

— Vou trazer um prato de biscoitos amanteigados frescos — Baxter ofereceu. — Vão garantir que ele se lembre desta visita para todo o sempre. — A cozinheira experimentou a receita do cozinheiro de Phoebe, e até o pai de Arabella comeu um pouco.

A mãe relaxou ligeiramente, e abriu um sorriso tímido.

— É verdade. Obrigada, Baxter.

Ele inclinou a cabeça grisalha enquanto saía com o vestido de Arabella.

A mãe olhou para a moça.

— Por que acha que ele está aqui?

— Para fazer uma visita? — Não queria parecer leviana, mas, na realidade, por que mais ele estaria ali?

— Sim, sim, claro — a mãe disse com um toque de exasperação sorridente, o que animou Arabella em relação a ela. — Quero dizer, o que devemos pensar dessa visita?

Passos soaram do lado de fora da porta.

— Tenho certeza de que vamos descobrir — Arabella murmurou.

A mãe correu para o lado dela e sussurrou com urgência:

— Lembre-se, você precisa descobrir por que ele lhe perguntou sobre Tibbord! — Ela abriu um sorriso de boas-vindas assim que o duque entrou.

Halstead fez uma mesura.

— Boa tarde, senhoras.

Elas fizeram uma reverência e o cumprimentaram.

— É uma honra recebê-lo em nossa casa — a mãe de Arabella

falou. — Por favor, sente-se. — Ela fez um gesto em direção ao sofá, e em seguida lançou à filha um olhar que dizia para ela se sentar ao lado dele.

Arabella se acomodou no sofá, e ele se sentou ao lado dela. Era um móvel pequeno que deixava apenas alguns centímetros entre os dois. A sensação familiar que sua proximidade despertava a envolveu.

— É um prazer revê-las — Halstead disse. — Eu me diverti muito dançando com a srta. Stoke, e achei que deveria vir e agradecer pessoalmente. — Ele virou a cabeça para Arabella. — Obrigado.

A moça lançou um olhar para a mãe, que parecia prestes a chorar de alegria. Ela se concentrou no duque.

— Aceita esperar alguns instantes e provar os biscoitos amanteigados que a cozinheira acabou de fazer? Acredito que serão os melhores que o senhor já experimentou.

Ele arqueou as sobrancelhas para ela.

— Estou ansioso por isso.

Foi um flerte sutil, mas o simples fato de ele estar ali significava que pelo menos o cavalheiro tinha interesse em conhecê-la melhor. Ela faria de tudo para passar na avaliação dele.

Baxter entrou com o prato de biscoitos, juntamente com um bule de chá e três xícaras. Retirou os itens da bandeja e os colocou em uma mesinha baixa entre eles.

— Devo servir? — ele perguntou à mãe de Arabella.

— Não será necessário. Obrigada, Baxter.

Após a saída do mordomo, a mãe da moça incentivou o duque a experimentar um biscoito. Enquanto o homem retirava as luvas e estendia a mão em direção à mesa, ele perguntou:

— Onde a família passa os verões? Imagino que tenham uma casa de campo.

Arabella estava com medo de olhar para a mãe e ver a aflição cintilar em seus olhos. No ano anterior, eles venderam a casa de campo onde Arabella foi criada. Não que isso tivesse lhes rendido dinheiro, pois estava hipotecada.

— Não temos — a mãe disse com uma entonação surpreendentemente tranquila. — Preferimos Londres.

Foi uma resposta simples e plausível.

Ela continuou:

— O senhor tem duas casas de campo, não é mesmo? A propriedade em Essex e a magnífica Brixton Park? Deve ter também uma casa em Mayfair.

— A senhora está correta — ele terminou o primeiro amanteigado e olhou para Arabella. — Esse é o melhor biscoito que já comi na vida. Acho que minha cozinheira em Brixton Park não faz desses, mas vou perguntar. — Ele desviou o olhar para a mãe da moça. — Não vejo necessidade de uma casa na cidade, não quando Brixton Park fica tão perto.

— Que decisão razoável e sábia — a mãe disse com aprovação calorosa. Arabella quase podia ver a mente da mãe deduzir que ele devia ser responsável com o dinheiro, pois optava por não gastar em uma casa em Londres, quando muitos outros cavalheiros em sua posição o fariam. — Eu adoraria conhecer Brixton Park. Ouvi dizer que é muito grandiosa.

O duque se inclinou na direção de Arabella.

— A senhorita cavalga?

Maldição, outra pergunta que poderia deixar a mãe em pânico.

— Sim, mas admito que perdi o interesse nos últimos anos, quando comecei a me concentrar na Temporada — Arabella respondeu.

— Aposentamos a égua dela há alguns anos, e acabamos por não lhe arranjar outra, não foi, querida? — A mãe acrescentou uma risada leve à farsa.

Ao longo dos últimos anos, foram discretos ao venderem os cavalos. Tudo começou quando o pai começou a fazer apostas demais e se interessou por investimentos extravagantes com vias de aumentar sua riqueza. Ele esperava se recuperar de uma série de perdas em mesas de jogo, mas só conseguiu se afundar ainda mais em dívidas. Ao passo que o duque parecia saber gerir bem o dinheiro, o desempenho do pai era excepcionalmente ruim.

Arabella não viu necessidade de responder à pergunta, em vez disso, questionou o duque.

— Cavalga, Vossa Graça? — Parecia ser o caso, especialmente porque vivia fora da cidade.

— Sim.

— E o senhor tem paixão por veículos rápidos como muitos jovens cavalheiros? — a mãe perguntou. — Talvez tenha um faetonte.

— Não tenho nenhum dos dois — ele disse. — Não fui criado com privilégios, então não sou adepto a certos modismos que se pode esperar de um duque. — Seu tom era equilibrado, mas havia algo carregado em sua resposta, talvez um resquício de frustração.

A mãe o estava interrogando, embora estivesse fazendo um bom trabalho ao disfarçar com a conversa casual. De fato, era possível afirmar que ele estava fazendo a mesma coisa, perguntando sobre a casa de campo deles e se Arabella cavalgava. Ela começou a sentir um leve desconforto, o que era bobagem. Só porque estavam tentando determinar o estado financeiro dele não significava que ele estivesse tentando determinar o delas.

Exceto que ele poderia estar. Especialmente se estivesse interessado em casamento. Não era algo que as famílias discutiam como parte de um contrato de casamento? Mas o pai não estava em posição de discutir tais assuntos e, mesmo que estivesse, o que ele poderia dizer além de *estamos insolventes, mas, por favor, case-se com minha filha mesmo assim?*

— Havia me esquecido de que herdou o título recentemente, e, Deus, o senhor trabalhava como secretário, não trabalhava? — a mãe perguntou com interesse genuíno e sem vestígios de desdém pelo duque ter origem comum. Mas *eles* eram pessoas comuns, e foi pura sorte a amizade próxima do pai de Arabella com o antigo conde de St. Ives, que foi o que os elevou na sociedade.

— De fato — Halstead respondeu. — Eu gostava muito de ser secretário e, como trabalhei para o conde de St. Ives e o considero um amigo próximo, fui criado próximo à nobreza. Fui para Oxford com St. Ives e aprendi as mesmas coisas que ele. — De certa forma, o relacionamento de Halstead com o conde espelhava o do pai de Arabella com o pai do conde. Ambos se beneficiaram da amizade com os St. Ives.

A mãe parecia impressionada, e seus olhos se iluminaram.

— Talvez não esteja ciente, mas o pai de Arabella era bastante próximo do antigo conde. Eles estudaram juntos e permaneceram amigos queridos até a morte do cavalheiro.

— Estou ciente — o duque disse com gentileza.

Arabella avaliou a reação da mãe. Felizmente, ela respondeu apenas com um sereno aceno de cabeça antes de continuar.

— Imagino que seja uma grande mudança ir de secretário a duque — ela comentou. — Do que mais gosta em ser duque? Seria a capacidade de comprar o que quiser?

Bem, isso foi um tanto óbvio, não? Arabella estudou o duque em busca de sua reação e, mais uma vez, teve a vaga sensação de que os questionamentos da mãe o estavam incomodando.

— Não tenho certeza se já pensei nisso — Halstead respondeu enquanto pegava outro biscoito. — Até o momento, penso que gosto mais desses biscoitos. — Ele sorriu antes de levá-lo à boca.

Foi uma resposta disparatada, como se os biscoitos tivessem algo a ver com ser duque, mas ela supôs que se poderia argumentar que, caso ele não tivesse se tornado duque, não teria motivo para estar ali naquela sala de estar com as deliciosas iguarias da sra. Woodcock.

Arabella pegou um para si.

— Sobre Brixton Park — a mãe continuou, fazendo Arabella ficar tensa. Ele já havia ignorado a mãe quando ela disse que adoraria ver a propriedade. — Podemos ter esperança de que o senhor sedie um evento lá? Seria um lugar maravilhoso para se fazer um piquenique, sendo tão perto da cidade. Ouvi dizer que os terrenos e os jardins são extraordinários.

Arabella notou que os músculos da mandíbula dele se contraíram. Ela olhou para as mãos do homem, que pareciam rígidas. Em vez de repousarem planas sobre as coxas ou pelo menos estarem relaxadas, estavam ligeiramente cerradas. Seu corpo inteiro parecia vibrar de energia. Ela temeu que a mãe o estivesse levando ao limite da paciência, e ele iria embora para nunca mais voltar. E, então, como elas ficariam?

Ele deu à sua mãe um sorriso sereno que parecia contrastar com

as pequenas observações que Arabella estava fazendo.

— Não creio que terei tempo para organizar um evento assim, não com tudo o que ainda preciso aprender.

— Vossa Graça precisa de uma duquesa — a mãe declarou com entusiasmo, seu olhar se movendo para Arabella na menos sutil comunicação silenciosa de todos os tempos.

— Por que não damos um passeio pelo jardim? — Arabella sugeriu abruptamente, já se levantando do sofá. — É pequeno, mas o dia está tão agradável que não podemos desperdiçar a oportunidade. A senhora pode nos observar pela janela, tudo bem, mamãe?

O duque se levantou e ofereceu o braço antes que a mãe respondesse.

Como se ela fosse dizer não...

— Vão em frente! Levem o tempo que precisar — a mãe encorajou, direcionando um olhar urgente a Arabella que devia ter a intenção de transmitir uma variedade de coisas: *pergunte a ele sobre Tibbord! Descubra quanto ele vale! Obtenha uma proposta de casamento!*

Embora gostasse do duque, Arabella não pôde deixar de se sentir desconfortável. Qualquer transação que pudesse surgir entre eles seria por necessidade, não desejo, e odiava isso.

Assim que saíram, ela começou a relaxar.

— É um jardim muito pequeno. — Ela apontou na direção da casa de Phoebe. — O senhor pode ver a casa da srta. Lennox bem ali.

Ele olhou na direção de sua mão.

— Ah, sim. Talvez faça uma visita quando terminar aqui. — Era o mesmo que dizer: *a senhorita não é a única jovem que estou considerando*. O que fazia sentido. Por que ele se concentraria nela quando havia opções muito melhores? Filhas de duques ou pelo menos de condes. Debutantes jovens e bonitas como a srta. Dahlia Wemple. Herdeiras ricas como Phoebe.

Ou talvez ele estivesse dizendo: *esta visita foi terrível. Sua mãe é ridícula. Foi um prazer conhecê-la.*

Arabella procurou desfazer parte do dano que a mãe poderia ter causado.

— Sinto muito pelas perguntas de minha mãe. Ela fica muito

animada às vezes, especialmente quando duques vêm nos visitar.

Ele arqueou uma sobrancelha escura para ela.

— Isso acontece com frequência?

— Nunca, na verdade.

Ele relaxou visivelmente, e seu corpo perdeu a tensão enquanto seguiam pelo jardim.

— Ah, bem, não foi minha intenção causar alvoroço

— Está tudo bem. Espero que ela não o tenha ofendido.

Um sorriso curvou seus lábios.

— Claro que não. — Ele olhou ao redor. — Parece que estamos quase terminando nosso passeio.

Ela riu baixinho.

— Eu disse que era pequeno. Podemos dar a volta de novo. — Precisava, pelo menos, perguntar a ele sobre Tibbord. Não achava que uma proposta de casamento estivesse a caminho. — Eu queria lhe perguntar sobre o sr. Tibbord.

A tensão voltou ao corpo dele, o homem enrijeceu brevemente, e ela se perguntou se ele tinha que se esforçar para esconder o fato. Teria algum problema com esse Tibbord? Ou estava saltando para conclusões, pois sabia o que Tibbord era?

— O que a senhorita queria perguntar? — Sua voz soou um pouco fraca, e ela começou a duvidar de que o comportamento fosse fruto da sua imaginação.

Ela parou e virou-se para ele, mantendo a mão em seu braço. Era um risco, mas decidiu avançar para que pudesse estudar como ele reagiria à verdade...

— Tibbord é um vigarista. Estou curiosa para saber como o senhor sabe dele.

E lá estava. Um leve alargamento de seu olhar e das narinas seguido por um aperto no maxilar.

— Como a *senhorita* sabe disso? Não posso imaginar que esteja associada a alguém assim. — Ele a olhou com intensidade.

Parecia, talvez, que ele sabia que Tibbord era um ladrão. Se soubesse o que ela sabia, teria...? Ela parou de pensar naquilo e disparou:

— Ele também o enganou?

Tarde demais, percebeu o que havia feito. Antes que pudesse encontrar uma maneira de retirar o que havia dito, ele se aproximou.

— Ele a enganou? Como?

— Não sei precisamente — ela respondeu baixinho, com o peito apertado de angústia. — Por favor, não pode contar a ninguém. Minha mãe ficaria arrasada, e meu pai... — Ela não conseguia terminar.

O olhar do duque suavizou, e ele colocou a mão sobre a dela em seu braço.

— Não vou. As perguntas que sua mãe estava fazendo... a senhorita está procurando se casar com um cavalheiro rico, não está?

Ela não confiava em si mesma para falar. Não, não podia falar. A humilhação e o desespero a dominaram. Ela assentiu.

Ele apertou os lábios em uma linha soturna.

— Sinto muito em dizer que não posso ser esse cavalheiro. A senhorita está certa de que Tibbord nos enganou... não a mim, mas ao antigo duque, e eu não tenho um vintém em meu nome que não seja devido a outra pessoa.

E, assim, o sonho de Arabella morreu. Seu futuro nunca pareceu tão sombrio.

Graham observou a gama de emoções no rosto da srta. Stoke. Do horror quando ela revelou acidentalmente que foram enganados, à tristeza, à humilhação e, por último, à devastação completa. Queria fazer mais do que tocar sua mão, mas agora, mais do que nunca, não podia.

Sentiu uma gama semelhante de sensações, culminando na decepção total por ela não ser a herdeira de que precisava. No entanto, talvez pudessem se ajudar de uma maneira diferente...

A srta. Stoke piscou para ele.

— O senhor está falido?

Ele se irritou com a escolha de palavras dela; *ele* não estava falido. Tinha economias modestas, que precisou usar para apoiar sua nova posição por questão de aparências e para evitar ter que vender

Brixton Park imediatamente. No entanto, não ia durar muito mais tempo. Era caro ser duque, ainda mais um que tentava atrair uma herdeira.

— O ducado está, sim. No entanto, estou tentando corrigir isso.

— Casando-se com uma herdeira. — A compreensão tomou as feições dela. — É por isso que procurou Phoebe.

Maldição. Como não era uma pergunta, ele não respondeu.

— Eu apreciaria se a senhorita mantivesse minha situação em segredo, assim como mantereis a sua.

Ela assentiu depressa.

— Claro. Entendo completamente.

Ele prosseguiu com a ideia que dançava em sua cabeça.

— Como eu disse, estou tentando resolver o assunto e não apenas por meio do casamento. Eu preferiria evitar isso, se puder.

— Não quer se casar? — Ela perguntou com curiosidade genuína, e ele não viu motivo para não responder de maneira direta.

— Não no momento, e não por dinheiro. — O desejo que ele sentia pela srta. Stoke percorreu seu corpo. Preferiria se casar por razões muito diferentes. Mas não seria franco quanto ao assunto.

— Estamos de acordo quanto a isso — ela disse.

Ele odiou a resignação em sua voz. Estava repleta de tristeza, e Graham desejou poder dizer que ela não precisava se casar por dinheiro. Como não era possível, tomou o caminho que achou o segundo melhor.

— Tenho esperança de conseguir encontrar esse ladrão, Tibbord, e recuperar minha fortuna. E a sua. Ele não pode sair impune depois de enganar as pessoas.

Ela inspirou profundamente.

— Acha que consegue fazer isso?

Ele cerrou a mandíbula.

— Estou determinado a isso. Se trabalharmos juntos... combinarmos o que sabemos, talvez possamos encontrá-lo.

— Receio não saber quem ele é. Nem mesmo lembrei o nome quando o senhor o mencionou naquela noite. Perguntei à minha mãe, e ela quase teve um ataque. Acho que também não sabe muito. Meu

pai fez o investimento com Tibbord e se recusou a nos contar qualquer coisa sobre o assunto. — A angústia se insinuou em seu olhar, e Graham queria afastá-la de lá para sempre.

— Quando ele fez o investimento? — ele perguntou.

Pequenos sulcos surgiram em sua testa.

— Não tenho certeza. Talvez há um ano?

— Acredito que o duque fez o dele na primavera ou no verão passado. Há pouca informação. Apenas o registro do investimento e o valor anotado em um livro-caixa. Encontrei o nome de Tibbord rabiscado na margem de outro livro-caixa completamente diferente.

— Mas o senhor parecia saber que ele era um vigarista — ela disse. — Estou errada?

Uma vez mais, não viu motivo para mentir, especialmente se pudessem se ajudar.

— Não. Perguntei a alguns amigos sobre ele, assim como fiz com a senhorita no baile dos Thursby, e um deles me informou que era um ladrão conhecido. Ele também me disse que ninguém o conhece diretamente, que sempre age por meio de outra pessoa, embora não tenha dito quem. — Graham investigaria isso com Colton. — Foi esse o caso com seu pai?

Ela balançou a cabeça, fazendo careta.

— Não sei.

— Poderíamos perguntar a ele?

Ela apertou brevemente o braço dele.

— Ele está muito doente. Receio que perguntar a ele sobre Tibbord possa piorar sua condição. Lamento.

Bem, essa era uma grande decepção.

— Tem que haver uma maneira de rastrear esse canalha.

— O secretário do duque não poderia ajudar?

Graham franzia o cenho.

— Infelizmente, ele se mudou para Bath quando o duque faleceu e não respondeu às minhas correspondências. Talvez eu precise visitá-lo. — Ele não tinha tempo, mas estava ficando sem opções. De que outra forma encontraria Tibbord? Ele não parava de pensar no pai dela. — Sinto muito que seu pai esteja tão doente. — Graham

acariciou o dorso da mão dela com o polegar.

— À medida que nossa situação financeira piorou, ele ficou cada vez mais doente. Mal sai do quarto. — Seus olhos estavam cheios de preocupação. — Temo que ele não fique aqui por muito mais tempo.

As entranhas de Graham se contorceram. O que aconteceria com ela e a mãe se o pai morresse? Era de se presumir que não tivessem dinheiro em um fundo fiduciário nem qualquer meio de sustento.

— Srta. Stoke, eu adoraria ajudá-la, se me permitir. No entanto, precisamos desesperadamente saber tudo o que seu pai pode nos contar sobre Tibbord e a transação deles, se tivermos alguma esperança de recuperar seu dinheiro.

— Acha mesmo que é possível? — ela perguntou, com um fio tênue de esperança na voz. — Investimentos dão errado o tempo todo, esta não é a primeira vez que meu pai perdeu dinheiro.

— Embora seja verdade, há algo de errado aqui. Eu sinto isso. Lidei com investimentos e transações financeiras para o conde de St. Ives em meu cargo de secretário, assim como meu pai antes de mim. A quantia que o duque investiu com Tibbord foi muito alta. Ou o duque era um tolo completo, ou Tibbord o enganou de alguma forma.

— Infelizmente, meu pai é um tolo — ela disse baixinho. — Embora me doa dizer.

Graham estava muito consciente do toque dela e da proximidade deles. E seu desejo de abraçá-la e segurá-la, acalmá-la, beijá-la...

Beijá-la?

Sim, queria beijá-la, e provavelmente até mais do que isso. No entanto, não podia. Na verdade, nem deveria estar parado com ela assim. O que a mãe devia estar pensando?

— Estamos aqui fora há bastante tempo. Aposto que sua mãe já está planejando seu enxoval.

— Pago com dinheiro que nenhum de nós tem. — Ela sorriu para ele com tristeza. — Sinto muito pelo senhor ser pobre.

Ele não tinha certeza se ela dizia isso apenas com o propósito de um resgate financeiro. Havia um indício de que, assim como ele, ela esperava algo mais.

— Não tanto quanto eu. — Ele afastou a mão da dela. —

Devemos voltar para que eu possa me despedir.

— Sim. — Ela soou tão relutante quanto ele se sentia. — Vou tentar descobrir tudo o que puder com meu pai. Como poderei avisar quando tiver algo para compartilhar?

— Talvez devêssemos marcar nosso próximo encontro.

— Eu poderia passear com o Biscuit no parque novamente — ela sugeriu. — Ou poderia encontrá-lo na casa de Phoebe.

A casa da srta. Lennox provavelmente seria melhor, por questões de decoro. No entanto, Graham não queria que a dama pensasse que ele estava interessado na srta. Stoke. Mesmo que a srta. Lennox tivesse dito que não desejava se casar, Graham nutria uma pequena esperança de que pudesse fazer a dama mudar de ideia.

— No parque, acho. Cedo, como fizemos antes, e no mesmo local. Quarta-feira pela manhã lhe dará tempo suficiente para falar com seu pai?

Ela olhou para uma janela da casa, talvez para o quarto do pai.

— Não tenho certeza. Depende de como ele estiver se sentindo, e, sinceramente, não tenho ideia de como vou fazer isso sem o perturbar.

Embora doesse vê-la se afligir por conta disso e não quisesse causar aflição ao pai dela, não conseguia ver uma alternativa.

— Eu não teria sugerido se houvesse outra maneira.

— Entendo. E concordo, é muito importante. — Ela fez uma pausa, olhando novamente para a casa. — Talvez eu diga a meu pai que um investigador nos contatou.

— Não terá que incluir sua mãe nessa farsa?

— Não posso, não sem revelar o que estamos fazendo, e ela não pode saber que o senhor está ciente da verdade. Se meu pai perguntar a ela sobre o investigador, ela pensará que ele está divagando. Ele faz isso, infelizmente. — Não havia como evitar a dúvida que se instalava em seu rosto. — É possível que ele não possa ajudar. Às vezes, sua mente não está presente.

— Sinto muito, srta. Stoke. — E ele realmente sentia. — Perder meu pai no ano passado foi muito difícil. Sinto falta dele todos os dias.

O olhar dela suavizou, e a dama ergueu a mão livre, mas a

abaixou antes de tocá-lo.

— Sinto muito por sua perda. Parece que o senhor o amava muito.

— Amava. — Ele queria animá-la... e a si mesmo. — Mas, olhe para nós, sendo as pessoas mais tristes de Londres. Não temos tempo para isso. — Ele lhe ofereceu um sorriso encorajador. — Vou fazer tudo o que puder para caçar Tibbord e recuperar nosso dinheiro.

Luz e esperança aqueceram suas feições enquanto ela sorria em resposta.

— Seria maravilhoso. É melhor entrarmos. Não tenho certeza do que vou dizer à minha mãe. Ela certamente achará que uma proposta ocorreu ou que está a caminho, dado o tempo que passamos aqui fora. Em vez disso, devo dizer a ela que não combinamos.

— Não faça isso — ele disse rapidamente, olhando para a casa. — Ainda não. Pode ser que eu precise visitá-la novamente ou dançar com a senhorita. Ou passear... precisamos ser capazes de compartilhar informações.

— O senhor tem razão. — O flerte que ele passou a esperar estava em seus olhos e voz. — Se for *necessário*.

Graham riu baixinho enquanto a conduzia de volta para a casa.

Após uma breve conversa com a sra. Stoke, na qual ela lhe deu uma cópia da receita dos biscoitos amanteigados, Graham se despediu. Ao pegar as rédeas de seu cavalo com a ajuda do jovem criado do estábulo, ele se maravilhou com a habilidade dos Stoke de esconder sua situação financeira. Ele também o fizera, mas eles estavam nessa situação há muito mais tempo. O duque se perguntou se alguém havia começado a notar. Precisava ajudar a srta. Stoke... era vital.

Talvez, se fosse capaz de devolver a segurança financeira de ambos, pudesse cortejá-la. Fez uma pausa antes de montar. Queria cortejá-la?

Não. Queria se acostumar com sua nova posição. Não tinha tempo para uma esposa, não importava o quanto a srta. Stoke fosse bela e tentadora. Infelizmente, era o momento errado, e seria bom se lembrar disso. A relação entre ele e a dama deveria permanecer estritamente profissional.

Graham subiu em seu cavalo e partiu em direção a Brixton Park. As idas e vindas provavelmente se tornariam tediosas, e supôs que poderia ficar na casa de David, agora que ele e Fanny retornaram a Huntwell. Pelo menos poderia servir como pouso para que não tivesse que voltar a Brixton Park antes de sair todas as noites para seus compromissos. Era algo a considerar.

Por ora, precisava voltar a Brixton Park e depois retornar à cidade à noite para falar com Anthony. Pensando bem, se pudesse encontrar Anthony agora, poderia evitar a viagem, já que não tinha mais nenhum compromisso.

O cansaço o dominou. Nunca pedira por nada disso. E, no entanto, quando pensava no pai, sabia que tinha que lutar. Quando o filho do duque morreu, o pai de Graham ficou encantado por ter sido nomeado herdeiro presumido. Finalmente, o ramo de sua família recuperaria seu direito de nascimento.

Graham ouviu a voz do pai:

— Não se trata do ducado, mas do nosso direito, como Kinsley, de fazer parte da família. Mais importante ainda, finalmente podemos reivindicar nosso lugar em Brixton Park, que *meu* bisavô construiu.

Sim, Graham tinha que lutar. Por seu pai, a pessoa mais importante para ele no mundo. Agora que estava sozinho, era tudo o que lhe restava.

Você não precisa ficar sozinho.

A voz no fundo de sua mente zumbia como um mosquito irritante.

Não, não precisava ficar sozinho, e se não conseguisse recuperar o dinheiro de Tibbord, não poderia se dar ao luxo de estar. Precisava encontrar o maldito homem. E, então, Graham o faria pagar por roubar um idoso e arruinar o futuro de uma jovem.

Capítulo seis

Depois do almoço do dia seguinte, a mãe de Arabella levou Biscuit para passear pela Cavendish Square. Ela ficaria fora por pouco tempo, então a jovem teve que agir depressa.

Seguiu até o quarto do pai, armada com um prato de biscoitos amanteigados, que rapidamente se tornou guloseima favorita dele. Era a única coisa que se podia confiar que ele comeria.

— Papai, eu trouxe biscoito — disse, ao entrar no quarto escuro. As cortinas das janelas estavam apenas parcialmente fechadas.

Ele estava sentado na cama, depois de retornar do almoço no qual conseguiu comer metade de uma tigela de sopa de pato no almoço. O jornal estava ao lado dele, dobrado.

— O que foi, querida? — Sua voz havia enfraquecido nos últimos meses. Arabella rezou para que ela retornasse com toda a força quando a saúde dele finalmente melhorasse. *Se* melhorasse.

Não, recusava-se a pensar assim.

— Não quero ver o *Biscuit* no momento.

Ele confundiu com o nome da cadela, que considerava um incômodo desde que ficou doente. Biscuit ficava superexcitada quando entrava no quarto dele, provavelmente porque sentia saudade, e o pai preferia que ela não aparecesse por lá. Era preocupante, pois Arabella tinha certeza de que a cadelinha poderia deixá-lo mais animado. Era impossível não sorrir quando ela deitava a cabeça no nosso colo e deixava a língua de fora enquanto coçavam debaixo de seu queixo.

— Não é a *Biscuit*, papai. Trouxe um prato de biscoitos amanteigados. — Arabella fechou a porta e colocou o quitute na mesa ao lado da cama. Perto dali havia uma cadeira; era onde a mãe passava a maior parte do tempo, e onde Arabella lia para ele.

O pai riu e, embora estridente, foi um som maravilhoso.

— Isso eu receberei com prazer.

Arabella sentou-se na cadeira.

— Mamãe está passeando com Biscuit, mas ousou dizer que o senhor se beneficiaria de uma visita dela. Os cães têm propriedades restauradoras misteriosas.

Ele pegou um biscoito e soltou um grunhido evasivo em resposta.

Arabella se arrependeu de ter falado da cachorra. Não queria começar com o pé esquerdo. Esse foi o dia mais lúcido dos últimos tempos, o que era um excelente momento para o que precisava fazer. Devia aproveitar ao máximo.

Estremeceu por dentro. Não queria tirar vantagem dele, mas não conseguia descartar a sensação de que estava fazendo exatamente isso.

Não, você está fazendo isso por ele. Por todos vocês.

— Papai...

— Conte-me sobre a Temporada, querida. — Ele começou a falar, então ela o deixou continuar. — Sua mãe disse que o duque de Halstead veio ontem. Lamento ter perdido a visita. — Seu olhar ficou triste enquanto ele comia o biscoito. Felizmente, a emoção foi passageira, e ele continuou a desfrutar o doce.

— A Temporada está indo bem, papai. O duque é encantador, mas não é o único cavalheiro interessado em mim. — Não queria que ele tivesse muitas esperanças, ainda mais quando não tinha futuro com o duque.

As sobranceiras do pai se arquearam brevemente.

— É mesmo? Quem mais apareceu?

De repente, parecia que ninguém estava interessado.

— Ninguém.

— Ah, bem, não importa, não com um duque a bordo! Seria maravilhoso se você conseguisse conquistá-lo. — Ele semicerrou os olhos e curvou os lábios. — Gostaria de ver o que St. Ives diria sobre isso, o canalha.

Este já era um rumo conhecido de conversa. Não, conversa, não, porque Arabella não a incentivava. Diatribe era uma descrição melhor.

— Ele não é um canalha. — Simplesmente se apaixonou por outra pessoa, e Arabella não podia culpá-lo por isso.

O pai fez pouco.

— Ele é pior do que isso por ter dispensado você. O pai dele deve estar se revirando no túmulo. O rapazote mentiu para ele no leito de morte. — Ele balançou sua cabeça. — Imperdoável.

Arabella não via sentido em tentar defender o conde diante do pai. Além disso, não tinha vontade de agitá-lo agora, não quando a razão pela qual veio vê-lo já faria isso por si só. Assim sendo, fez coro ao seu desdém.

— Boa sorte para ele — disse. — Não posso dizer que me importo com o homem.

— Claro que não, querida. Você tem um gosto muito melhor. — Ele lhe deu um meio sorriso e pegou outro biscoito.

Biscuit! A mãe retornaria em breve. Arabella não tinha um segundo a perder.

— Papai, me encontrei com um investigador para falar do... sr. Tibbord. — Ela hesitou antes de dizer o nome do homem, ficou tensa, esperando a reação do pai.

Ele tinha acabado de dar uma mordida no biscoito e se endireitou para tossir e cuspir. Arabella ficou de pé e lhe deu um tapinha nas costas.

— O senhor está bem? — Sentiu-se péssima por ter falado sem prestar atenção ao fato de que ele tinha acabado de pôr um biscoito na boca.

Ele se acalmou e se recostou.

— Um investigador?

Ela assentiu e sentou-se novamente.

— Tibbord é um ladrão... não somos as únicas pessoas que ele espoliou. — Ela pensou em Halstead, não que ele tivesse sido espoliado, mesmo também foi vítima da má conduta do homem.

— Claro que não — disse seu pai. — Quem contratou o investigador?

— Não tenho certeza. — Odiava mentir para ele, mas era necessário. Era para o bem deles. Seu sustento dependia disso. — Mas podemos ajudar se o senhor me contar o que aconteceu.

Ele balançou a cabeça.

— Devo falar com o investigador, não com você.

Ela previu que ele poderia insistir em se encontrar com o investigador.

— Papai, não será possível. O senhor está muito doente. E mamãe nunca permitiria. — O que era verdade.

Ele franziu a testa.

— Mas sou o chefe desta família.

— Sim, mas também está doente demais para se vestir. — Ela se inclinou na cadeira, juntando as mãos com força enquanto olhava para ele, suplicante. — O senhor deve se livrar de parte do fardo. Consigo lidar com ele. Por favor.

Ele ficou quieto por um longo momento.

— Não está certo.

Arabella prendeu a respiração. Estava ficando sem tempo, a mãe voltaria a qualquer instante.

O pai exalou.

— Se isso punir Tibbord pelo que fez, eu ajudarei.

Por dentro, ela relaxou aliviada. Por fora, sorriu.

— Obrigada, papai. O investigador gostaria de saber como Tibbord conseguiu roubá-lo. — Os olhos dele desfocaram, e ela se sentiu péssima por desenterrar a história.

Ele olhou para a janela.

— Ele ganhou minha confiança. Investi uma pequena quantia no início e tive um retorno considerável, então investi mais. Tibbord exigia isso para permanecer no jogo. Se eu não investisse mais, ele encontraria outro investidor, e eu perderia minha vaga. Quando perdi uma boa quantia nas mesas — ele estremeceu —, investi mais.

Tibbord atacou um homem com pouca perspicácia financeira. Então, quando seu pai passou por dificuldades, ele partiu para o ataque.

— Como o senhor o conheceu? — ela perguntou em tom gentil.

— Ouvi falar dele em uma casa de jogos. — Ele desviou o olhar e cruzou as mãos no colo.

Arabella não acreditava que houvesse algo que pudesse dizer para aliviar o constrangimento do pai. Além disso, não cabia a ela

aliviar sua consciência. Embora o tivesse perdoado por colocar em risco o bem-estar deles por causa do jogo, o assunto não era facilmente esquecido.

— Sei que o senhor frequentava essas casas, papai. A maioria dos cavalheiros frequenta. Como conheceu o sr. Tibbord? — ela perguntou, muito consciente de que a mãe voltaria em breve.

— Não o conheci. — Mais uma vez ele desviou o olhar e um leve rubor subiu por seu pescoço. — Conduzi todos os negócios através de seu assistente. — A confirmação de que houve um intermediário não foi surpreendente, mas a frustrou. Esperava que o pai talvez tivesse conhecido o homem.

— Então como ouviu falar de Tibbord?

— Todo mundo sabia dele. Era conhecido por sua inteligência frente aos investimentos. O homem sabia de todas as negociações marítimas e dos esquemas de construção. Os cavalheiros estavam ansiosos para investir com ele. Quando Osborne, esse é o homem dele, falava com alguém, todos fervilhavam de inveja.

Agora não era mais o caso, não com a reputação de Tibbord sendo a de ladrão.

— Isso mudou? Imagino que deva ter acontecido caso alguém o tenha investigado.

— Não fui a única pessoa que perdeu muito dinheiro com ele. Aqueles de nós que o fizeram foram evasivos quanto aos detalhes, é claro.

Claro.

— Quem mais perdeu dinheiro para ele? — ela perguntou.

O pai apertou os lábios com firmeza.

— Isso eu não direi. Não é digno de minha parte revelar os segredos dos outros.

O som do latido de *Biscuit* chegou ao quarto. O pai fez careta.

— Você se importaria de manter a cadela do lado de fora?

— Mamãe não a trará. — Arabella ainda não havia terminado as perguntas, mas estava sem tempo. Levantando-se, ela perguntou: — Em que antro de jogatina o senhor conheceu Osborne?

— No Veado Trovejante — disse. — Em Covent Garden.

A cadela latiu de novo, e soou como se elas estivessem na saleta do lado de fora do quarto. Arabella lançou ao pai um olhar penetrante.

— Lembre-se, não conte à mamãe sobre isso. Ela ficaria mais aflita, sendo que já tem muito com o que se preocupar.

— Ela está sobrecarregada. — A voz dele estava triste e cheia de arrependimento.

O coração de Arabella se derreteu. Ela foi até a cabeceira da cama e pegou a mão dele.

— As coisas vão melhorar. Talvez este investigador consiga recuperar o dinheiro que o senhor perdeu.

Ele lhe deu um sorriso encorajador que não alcançou seus olhos.

— Sim, seria ótimo, querida. — Ele obviamente não achava possível. — Você deve me manter informado do que está acontecendo. Prometa. — Ele se inclinou para a frente e suas feições estavam mais animadas do que ela via há semanas.

Ela apertou sua mão.

— Sim, papai. Eu vou.

Biscuit latiu de novo, e Arabella saiu depressa para a saleta, onde a mãe entregava a cadela para Millie.

Ela deu um tapinha na cabeça de Biscuit antes de se virar para Arabella.

— Você estava com seu pai?

— Trouxe alguns biscoitos para ele.

— Você não deve cansá-lo demais. Ele precisa descansar.

Arabela não concordava. O que ele precisava era de exercício. No entanto, não valia a pena discutir com a mãe.

Ela entrou no quarto e Arabella a seguiu. O pai saiu da cama e se dirigiu ao quarto de vestir.

— Yardley, o que está fazendo? — a mãe perguntou, alarmada.

— Me vestindo. Gostaria de ir ao jardim.

Quando ele desapareceu lá dentro, a mãe se virou e piscou para Arabella.

— O que houve?

Ao que parecia, ela lhe deu motivos para sair da cama. Arabella

reprimiu um sorriso. Estava tão preocupada com a forma como a conversa sobre Tibbord poderia afetá-lo negativamente que nunca imaginou que poderia ter o efeito oposto.

— Nada. Comemos biscoitos. Ele os ama de verdade.

A mãe lançou um olhar para o prato na mesinha de cabeceira. Restavam apenas dois biscoitos, o que demonstrava que ele comeu vários desde que Arabella saiu do cômodo. Ela reprimiu outro sorriso.

— Mariah, pode me ajudar? — o pai chamou.

— Claro. — Entusiasmada, a mãe correu para lá, e Arabella se retirou para a saleta.

Foi muito melhor do que ela esperava. Não apenas reuniu informações vitais, mas o pai parecia animado com a perspectiva do investigador. Pena que não era verdade.

Uma onda de desconforto a atravessou. E se nada resultasse das investigações de Halstead? E se nada mudasse e Arabella fosse forçada a se casar por dinheiro? Pior, e se não conseguisse fazer isso?

Ela gelou até a alma. Não pensaria assim. Havia muito em jogo. Estaria de volta ao Mercado Casamenteiro esta noite. *E* perseguiria Tibbord. Salvaria todos eles a qualquer custo.

Com a ajuda de Halstead. Estava ansiosa para contar a ele o que descobriu. O amanhã não chegaria rápido o suficiente.

Estar na Câmara dos Lordes foi talvez o aspecto mais estranho da nova vida de Graham. Ainda estava aprendendo muito, mas a importância e a responsabilidade de ser um duque estavam fincando raízes. Sua concentração nas suas questões financeiras era tal que não prestou a devida atenção aos outros deveres. Mais uma razão pela qual precisava resolver esse problema de uma vez por todas.

Ao sair de uma reunião em Westminster, uma voz desconhecida chamou seu nome. Graham parou, virou-se e reconheceu o homem que o procurava.

— Lorde Satterfield, é um prazer vê-lo — Graham disse.

O conde devia ter cerca de sessenta anos, mas possuía um semblante jovem, apesar do pouco cabelo no topo da cabeça. Seus

olhos castanhos encontraram os de Graham.

— Como estão as coisas? Lady Satterfield me pediu para saber como o senhor estava. — Ele sorriu de maneira calorosa. — Espero que não se importe.

— De jeito nenhum, é muito gentil da parte dela. As coisas estão indo bem, obrigado. — Por dentro, Graham riu da mentira descarada. Aproveitou a oportunidade para descobrir algo sobre Tibbord. — Gostaria de saber se poderia me ajudar com uma coisa. — Fez sinal para que Satterfield se juntasse a ele no vestíbulo.

— Terei todo o prazer em prestar assistência como puder — o homem disse, com o olhar receptivo e afoito.

Graham começou com outra mentira.

— Estou ajudando um amigo a localizar um sujeito bastante vil, um cavalheiro chamado Tibbord. Já ouviu falar dele?

As feições de Satterfield ficaram sombrias.

— Lamento dizer que sim, caso se refira ao Tibbord que é conhecido por fazer investimentos ruins. Ele ludibriou um amigo meu no ano passado. Felizmente, não foi muito, mas outros não tiveram tanta sorte.

— De fato? O que o senhor ouviu falar? — A respiração de Graham ficou presa na garganta enquanto esperava saber se Satterfield tinha informações que pudesse lançar luz à situação financeira de Graham.

— Só rumores, na verdade. Sei com certeza que ele fez investimentos para o meu amigo, ou assim o disse. Quem sabe o que ele realmente fez com os fundos. Meu amigo obteve retorno por um curto período. Quando investiu mais, as coisas começaram a mudar. Ele então ouviu rumores de que isso estava acontecendo com outros investidores. E Tibbord desapareceu.

— Quando foi isso? — Graham perguntou, esperando não parecer muito impaciente.

— No final do outono passado, talvez? — Satterfield balançou a cabeça. — Não tenho certeza. Sei que ele abordava cavalheiros que não tinham sorte nas mesas. Poderia perguntar em alguns antros de jogatina. Acredito que ele passou grande parte do tempo em Covent

Garden. Pelo menos é onde meu amigo sempre o encontrava.

Graham ficou animado por descobrir tudo isso, mas se perguntou se havia mais.

— Seu amigo encontrou pessoalmente com Tibbord? Pelo que entendi, ele trabalhava por meio de um intermediário.

— É o que soube também. Nunca compreenderei por que alguém concordaria em investir em tais circunstâncias, mas nunca me encontrei com a necessidade desesperada de obter ganhos financeiros vultosos.

Assim como Graham estava agora. Será que ele pegaria o que restava de suas economias e investiria em algo se achasse que poderia salvar Brixton Park? Acreditava que não, mas tinha o benefício de saber o que aconteceu com as vítimas de Tibbord. Na ausência dessa informação, poderia estar desesperado o suficiente. Era um pensamento preocupante e desconcertante.

Satterfield olhou para ele com curiosidade.

— Está procurando Tibbord em nome de um amigo?

— Sim. — Graham ofereceu um sorriso fraco. — Receio que seja difícil para mim abandonar completamente minha antiga vida como secretário.

— Ah, isso faz sentido. Você é um bom amigo. — Satterfield assentiu com aprovação. — Planeja visitar alguns dos antros de jogatina de Covent Garden?

Embora parecesse estar mais próximo de encontrar Tibbord, procurá-lo em tais lugares parecia uma tarefa assustadora, especialmente se o homem não era visto há meses.

— Talvez — disse. — Agradeço sua ajuda, Satterfield.

— O prazer foi meu. Vai ao clube mais tarde? Kendal tem uma suíte privada e nos encontramos lá com frequência, se quiser se juntar a nós.

— Obrigado. Não tenho certeza dos meus planos para a noite, mas passarei lá se puder. — A caminho de Covent Garden, talvez.

Depois de se despedir de lorde Satterfield, regressou a Brixton Park, com a mente rememorando tudo o que descobriu. Se Tibbord se aproveitava dos homens que perdiam nas mesas, onde o antigo duque

costumava jogar? Embora não conhecesse seu parente, não conseguia imaginar o homem frequentando casas de jogo além do White's ou do Brooks's.

Levou o cavalo para o estábulo com a intenção de falar com o chefe dos cavaleiros que trabalhou para o antigo duque. Dyster era bastante jovem, talvez com um ou dois anos a menos que os vinte e oito de Graham. Com uma cabeleira loira brilhante e um sorriso torto, era extremamente bem-humorado, além de ser excelente em seu trabalho. O que era uma coisa muito boa, uma vez que a equipe do estábulo se limitava a ele, Lowell, o cocheiro, e um rapaz muito mais novo.

Dyster pegou as rédeas da montaria de Graham, o único animal que nunca conseguiria vender. O pai lhe dera Uther há seis anos, e Graham o amava tanto quanto a seu cachorro, que morreu cinco anos atrás.

— Boa tarde, Vossa Graça — Dyster disse.

Graham apeou e deu um tapinha no pescoço de Uther.

— Boa tarde, Dyster. Cuide bem dele para mim.

— Sempre.

— Posso falar com você por um momento? — Graham perguntou.

— Claro. — O cavaleiro inclinou a cabeça na direção do menino, que se adiantou para pegar o cavalo. Dyster voltou sua atenção para Graham. — Estou ao seu serviço.

— O que pode me contar dos hábitos do antigo duque em relação a ir à cidade?

A testa de Dyster se contorceu em linhas bem definidas e franzidas.

— Eu diria que ele ia à cidade duas vezes por semana, principalmente para tratar de negócios no Parlamento, embora visitasse seu clube periodicamente, acho.

Achava? Graham pressionou por mais informações.

— Você o levava?

— Não. Ele preferia que Rockley o levasse, mas o homem partiu depois que Sua Graça faleceu.

— Rockley era o chefe dos cavaleiros? — Ao aceno de Dyster, Graham continuou. — Sabe se Sua Graça visitava Covent Garden? Especificamente antros de jogatina?

Os olhos de Dyster se arregalaram brevemente.

— Não consigo imaginar Sua Graça fazendo algo assim. No entanto, ele gostava de fazer apostas. Estava sempre apostando em seu clube. Eu o ouvi conversar sobre isso algumas vezes com Rockley. — Dyster fez careta. — Perdão. Não deveria ter ouvido.

— Estou muito feliz que o tenha feito isso — Graham declarou com um sorriso encorajador. Não era muito, mas pelo menos sabia que o duque gostava de jogar. Precisaria visitar alguns antros de jogatina em Covent Garden, mas talvez não essa noite. Não tinha certeza se queria voltar para a cidade, ainda mais porque encontraria a srta. Stoke lá, amanhã cedo.

Agradeceu a Dyster e depois foi para casa, com a mente concentrada no encontro com a srta. Stoke. Teria ela descoberto algo com o pai? Esperava que sim.

Além disso, ansiava por vê-la. Ela tinha uma mente perspicaz e ele apreciava seu empenho em ajudar a família. Faria tudo o que pudesse para ajudá-la a evitar um casamento indesejado. Na verdade, não havia ninguém melhor para ajudar nessa empreitada do que ele, alguém que estava igualmente motivado a evitar uma união.

O mordomo, Hedge, cumprimentou-o quando ele entrou em casa. Hedge era um laçao que Graham promoveu quando o mordomo anterior, como tantos outros criados de Brixton Park, partiu após a morte do duque. O homem era jovem para ser mordomo, ou assim Graham supunha, mas ainda tinha cerca de cinco anos a mais que ele.

— Boa tarde, Hedge.

— Boa tarde, Vossa Graça. Espero que tenha tido um dia agradável na cidade.

— Eu tive, obrigado. Diga-me, o antigo duque passava muito tempo em Londres?

— Não muito, até onde sei — Hedge disse, parecendo ponderar a questão. — Ele ia a Westminster regularmente.

— E quanto ao entretenimento? Ele comparecia a muitos eventos

sociais? Visitava seu clube?

— Acredito que ele saía à noite pelo menos uma vez por semana. Receio não poder dizer com certeza, nem para onde ele ia.

Graham entregou-lhe as luvas e o chapéu.

— Tudo bem. Eu estava apenas curioso.

Hedge assentiu uma vez em afirmação.

— Coloquei a correspondência em sua mesa.

— Excelente. — Graham subiu para o escritório que o antigo duque usava. Situado ao lado da sala de estar que dava acesso ao quarto ducal, completava o apartamento de três quartos onde o duque aparentemente passava grande parte do tempo. Graham soube que o escritório foi transferido para o andar de cima para facilitar a vida do homem, que sofria de artrite e detestava escadas.

Por ora, Graham não tinha planos de mudar o escritório para o andar de baixo. Estava concentrado em outras coisas. Além disso, por que deveria se dar a tanto trabalho se talvez nem morasse lá dali a alguns meses?

Pare com isso!

A voz do pai ecoou em seu cérebro. Graham não conseguia pensar de forma negativa. As coisas saíam conforme o esperado, tinha que ser assim.

Foi até a mesa e examinou as cartas. A primeira era do banco. Todo o seu corpo ficou tenso enquanto lia a missiva. Estavam lhe dando até o final do mês para pagar uma quantia substancial, ou o forçariam a sair da propriedade. O que tinham todo o direito de fazer, já que detinham a escritura. O fato de ainda não terem tomado posse da propriedade era uma prova de sua fé no duque anterior. Graham tinha quase certeza de que não depositavam a mesma confiança nele.

Esfregou o rosto, deixou a carta de lado e afrouxou o plastrão. Talvez devesse voltar para a cidade esta noite. Não podia se dar ao luxo de perder tempo.

Sim, voltaria e passaria algum tempo em Covent Garden, e dormiria na casa de David. Isso lhe permitiria estar perto do parque para seu encontro com a srta. Stoke.

O corpo vibrou com a perspectiva de vê-la novamente. Ele se

repreendeu. O que quer que tenha acontecido entre os dois precisava ser esquecido, assim como quaisquer planos que ele tinha antes de herdar este ducado falido.

Graham pegou a próxima carta. Era da srta. Lennox. Seu pulso acelerou, mas não da mesma forma que acontecia quando pensava na srta. Stoke.

Pare já com isso!

Essa advertência veio de si mesmo, não do pai.

Examinou a nota e ficou satisfeito ao ver que a srta. Lennox queria apresentá-lo a uma *destemida* potencial. Ele sorriu com o uso da palavra. E gostou. Porém a palavra o remetia à srta. Stoke. Uma mulher que ignorava o decoro ao passear com o cachorro da mãe e enganava toda a sociedade quando se tratava das questões financeiras da família.

Pare já com isso. Ora essa.

A pessoa destemida que a srta. Lennox queria que ele conhecesse era uma viúva com um filho pequeno, um conde, que precisava de orientação paterna. Um conde... ela provavelmente era rica.

Continuou lendo. Sim, ela era “charmosa, bonita e rica, embora um pouco excêntrica”.

Parecia perfeita. Mas a srta. Lennox também parecia, só não o era. Ou ainda não o era. Graham se perguntava se conseguiria fazê-la mudar de ideia quanto ao casamento. Deveria passar mais tempo com a dama. Sim, essa seria outra faceta de seu plano enquanto caçava Tibbord.

A srta. Lennox concluiu a carta convidando-o para se encontrar com lady Clifton na sexta-feira. Claro que faria isso. Seria a oportunidade perfeita de se encontrar com duas mulheres que atendiam às suas necessidades.

Quando se sentou para escrever a resposta, afastou a vergonha que o comportamento predatório lhe causava. Não estava fazendo nada incomum, raciocinou. Era assim que as pessoas agiam no Mercado Casamenteiro. Era, pelo menos, como a *maioria* delas agia.

Como desejava que isso não fosse necessário. Mas era isso ou desistir agora e deixar o banco ficar com Brixton Park. Podia sentir a

angústia do pai lhe esmagar os ossos. Graham se recusava a desistir.

Enviou o bilhete para a srta. Lennox e depois redigiu, mais devagar, uma resposta ao banco, dizendo que não teria problemas em cumprir o prazo. Faria o que fosse necessário: frequentar casas de jogo, cortejar mulheres ricas, casar-se, sacrificar as próprias esperanças e desejos.

Desejo.

Essa palavra conjurou uma visão da srta. Stoke, e Graham teve que gritar consigo mesmo uma terceira vez para abandonar tais pensamentos fúteis. Não poderia persegui-la. Não conseguia nem pensar nisso. E, ainda assim, ele a veria amanhã e continuaria a vê-la até que esse desastre fosse desfeito.

Só esperava que terminasse do jeito que ambos queriam, do jeito que ambos *precisavam*.

Capítulo sete

Arabella seguiu para a área do parque onde encontrou Halstead pela primeira vez. Armada com petiscos para Biscuit, para atraí-la de volta caso fugisse novamente, caminhou depressa e com grande expectativa. Mal podia esperar para compartilhar com ele o que descobriu. Ou talvez estivesse apenas ansiosa para vê-lo esgrimir. Ambos, decidiu, e recusou-se a sentir vergonha por isso.

Qualquer plano que pudesse ter tido de se aproximar de forma sorrateira e observá-lo por um momento foi destruído pelo latido repentino de Biscuit assim que o viu. Halstead, que estava esgrimindo, abaixou a espada e abriu um sorriso largo ao vê-las.

— Uma fera muito brava! — declarou, olhando para Biscuit, que ficou bastante contente em vê-lo.

— Na verdade, esse é o latido feliz dela — Arabella declarou. — Ela claramente gosta do senhor.

Halstead embainhou a espada e a apoiou em uma árvore, depois se agachou para fazer carinho em Biscuit, que estava mais do que feliz com os afagos no queixo, e em seguida se deitou no chão para recebê-los na barriga.

— Que bom que ela se lembra de mim. Cães têm uma habilidade incrível de se lembrar das coisas, especialmente de pessoas. Havia um idoso em Huntwell que cuidou do meu cachorro por um dia, quando ele ainda era um filhote... o bichinho fugiu após levar um susto, e ele estava comigo há pouco tempo. Depois disso, Zeus insistia para que o visitássemos regularmente e, quando o homem morreu, ele ficou muito triste. Na verdade, quando o homem ficou doente, Zeus parecia saber, pois fez questão de visitá-lo naquele mesmo dia.

— Zeus parece um cachorro maravilhoso. Imagino que ele não esteja mais com o senhor?

Halstead terminou de fazer carinho em Biscuit e ficou de pé.

— Ele se foi há algum tempo. Eu o peguei quando era menino. Tivemos muitas aventuras maravilhosas juntos, ao lado de David. — Ele desviou o olhar por um momento. — St. Ives, quero dizer.

Ela pensou naquele momento constrangedor quando ele a visitou, e St. Ives tinha vindo à tona na conversa. Olhando para Halstead agora, vendo o desconforto repentino em sua expressão, supôs que ele também estava pensando nisso.

Talvez deversem ir direto ao assunto.

— O senhor disse que foi criado com St. Ives? — ela perguntou baixinho.

— Tão próximos como irmãos, na verdade. — Ele fez careta. — Sinto muito por qualquer dor que ele tenha lhe causado.

— Não fui magoada. Mal o conheço. Além disso, odiaria ter me casado se ele estivesse apaixonado por outra pessoa. Teria sido uma tragédia pavorosa. — Teve a sorte de ter evitado tal desfecho.

— Fico feliz por saber. Ele se sentiu terrivelmente mal com toda a situação.

— Vou contar ao meu pai, embora seja provável que ele nunca o perdoe. Ele e o antigo conde eram melhores amigos, e meu pai considera a falha do atual conde em se casar comigo uma traição. — Ela aproveitou a oportunidade para mudar o rumo da conversa. — Falando no meu pai, tenho novidades.

Ele sorriu, os olhos brilharam de animação.

— Esperava que a senhorita dissesse isso. — Quando ele a olhava assim, seu estômago se agitava e o coração galopava.

Biscuit puxou a coleira, ansiosa para explorar os arredores.

— Deixe-me apenas amarrar a coleira dela em uma árvore — Arabella pediu.

— Permita-me — Halstead se ofereceu.

Arabella entregou a ele a coleira, e a mão enluvada roçou a dele, nua. O duque guiou a cadela até uma árvore e se agachou para prender a coleira ao redor do tronco. Dessa perspectiva, era impossível não apreciar sua retaguarda.

Ele se endireitou e se virou.

— E quanto ao seu pai?

— Claro. — Arabella estremeceu, esperando que ele não tivesse percebido que ela o estava encarando. — Ele foi muito útil. Disse que ouviu falar de Tibbord em um antro de jogatina em Covent Garden

— Lorde Satterfield me disse a mesma coisa — Halstead falou. Ele semicerrou um olho para ela. — E por acaso ele lhe disse o nome do local?

— O Veado Trovejante.

Seu rosto se iluminou com tanto júbilo que ela não pôde deixar de sorrir em resposta. O homem deu meio passo à frente, como se estivesse prestes a fazer algo, mas então se conteve.

— Maravilhoso. Visitei alguns desses em Covent Garden na noite passada, não o Veado Trovejante, e não descobri nada. Ninguém tinha ouvido falar de Tibbord... ou não quis admitir.

— Não era com Tibbord que negociavam — ela disse. — Meu pai confirmou que ele usava um intermediário, um homem chamado Osborne.

— Maldição, seu pai foi muito útil — ele disse, lançando-lhe um olhar de desculpas. — Não quis dizer isso na sua frente. Eu me deixei levar pelo entusiasmo.

— Não tem problema. Eu estava tão ansiosa para contar tudo que mal pude esperar até esta manhã. — O olhar dela encontrou o dele, e o ar ao redor pareceu parar à medida que a compreensão mútua florescia entre eles. Houve uma conexão, e logo veio a percepção de que aquilo não jamais poderia se fortalecer ou levar a algum lugar.

Ele pigarreou e olhou para longe, na direção de Biscuit, que estava ocupada cheirando cada centímetro de chão que conseguia alcançar.

— Descobriu mais alguma coisa?

— Sim, ele disse que os investimentos eram menores no início e que foram muito bem. Tanto que ele ficou ansioso para fazer mais e mais e então passou a ser necessário se quisesse *permanecer no jogo*. Foi quando os investimentos começaram a dar errado e meu pai começou a perder muito.

— Vai na linha do que Satterfield me contou, ele conhece cavalheiros que perderam dinheiro. Satterfield também confirmou que havia um intermediário. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Por acaso seu pai descreveu esse Osborne para a senhorita?

Ela deveria ter perguntado, mas ficou sem tempo quando a mãe retornou da caminhada com Biscuit.

— Não, mas vou descobrir.

— Ajudaria muito na minha próxima incursão pelos antros de jogatina de Covent Garden.

A inveja a atingiu. Gostaria de poder ir a esses lugares e ajudar na investigação. Às vezes, ser mulher era um incômodo. Ou, pelo menos, ser uma mulher solteira. Ela se perguntou se Phoebe ou Jane ignorariam o decoro e iriam. A inveja se voltou para elas.

Ela forçou a atenção de volta ao assunto em questão.

— Quando o senhor planeja ir?

— Esta noite. Tenho planos com lorde Ripley e lorde Colton.

— Ripley? Estou surpresa que o senhor vá se juntar a ele.

— Não o conheço muito bem. Na verdade, mal conheço Colton, mas ele é amigo de David. — Ele fez careta e se desculpou novamente.

— Se o senhor pedir desculpas toda vez que mencionar St. Ives, tudo muito entediante. Está claro que ele é um de seus amigos mais queridos, e não me incomoda com isso. — Além do mais, não era como se a associação deles fosse durar para sempre. Era provável que não resistisse nem à Temporada.

— A senhorita tem razão. Vou me esforçar para parar com esse comportamento absurdo. — Ele inclinou a cabeça e lhe lançou um meio sorriso muito charmoso. — Como estava dizendo, Colton é amigo de David, e a esposa de David é amiga da irmã de Colton.

— Lady Ware — Arabella falou. Conhecia-a vagamente, e é claro que conheceu lady St. Ives no ano passado, quando ambas buscavam cair nas boas graças do conde durante as corridas de lorde Ware.

Halstead assentiu.

— David precisou sair da cidade, e quis ter certeza de que eu tivesse alguém que me orientasse, se fosse preciso.

— E ele recomendou Colton? O homem está ganhando fama de

libertino, especialmente porque tem caído na galhofa com Ripley.

Ele riu.

— Na galhofa? Não tenho planos de galhofar com eles. Vamos visitar alguns antros de jogatina, principalmente o Veado Trovejante, e espero encontrar esse tal de Osborne.

— Gostaria de poder ir com o senhor. — Ela não tinha a intenção de dizer em voz alta, mas as palavras saltaram de sua boca antes que pudesse detê-las.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Por que gostaria de algo assim?

— Parece emocionante. Nunca faço nada emocionante. — Exceto isso. Vestir-se como serviçal para passear com o cachorro da mãe e se encontrar com o duque de Halstead no parque durante a manhã era a coisa mais emocionante que já tinha feito.

Ele a estudou por um momento.

— Aprender esgrima seria emocionante?

Um arrepio a percorreu.

— Creio que sim. — Especialmente se ele fosse o instrutor.

— Então permita-me ensinar a senhorita a esgrimir. — Ele desembainhou a espada, cortando o ar com ela. — Uma lição introdutória, se me permite.

Era escandaloso e maravilhoso, e ela não conseguia pensar em nada que quisesse mais. Empurrou os ombros para trás.

— Diga-me o que fazer.

— Pegue a espada, para começar. Não é muito pesada. Pelo menos não deveria ser. — Entregou a arma a ela.

Ela envolveu a mão ao redor da empunhadura e a levantou, testando o peso.

— Não, não é pesada.

Ele lhe lançou um sorriso que continha apenas o toque certo de arrogância.

— Espere até manejá-la por alguns minutos. — Ele deu uma piscadinha, e ela temeu se derreter em uma poça. Concentrou sua atenção na espada.

— O que o senhor vai me ensinar?

— Para começar, a postura adequada. — Ele se moveu para trás dela. — Tudo bem se eu a tocar?

Sua respiração ficou presa no peito enquanto o coração acelerava.

— Sim. — A palavra saiu mais aguda que o normal, e Arabella rezou para que ele não percebesse.

Ele tocou seu ombro de leve.

— Abaixar os ombros e relaxar os músculos. Se ficar tensa, terá menos precisão. — Ela fez o possível para expulsar a tensão do corpo, mas era muito difícil ficar completamente à vontade quando ele estava tão perto.

— Vejo que é destra — ele disse. — Porque quando ofereci a espada, foi a mão que usou para pegá-la.

— O senhor é muito astuto.

Ele não respondeu ao comentário, mas continuou com as orientações.

— O pé direito será o apoio, então o aponte para a frente. — Ela assim o fez, e ele continuou: — Coloque o de trás a noventa graus em comparação com o da frente.

Ela ajustou o pé de trás.

— A que distância eles deveriam estar?

Ele deu um passo para o lado para poder ver o rosto dela, e ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Os meus geralmente ficam a cerca de um metro, mas depende da sua altura ou do comprimento de suas pernas, na verdade. Qual é o comprimento das suas?

Foi uma pergunta inofensiva, e também um detalhe incrivelmente íntimo de se compartilhar. Os homens não deveriam ver as pernas de uma dama, muito menos falar delas. Ele pareceu perceber, pois logo emendou:

— Não importa. Elas são mais curtas que as minhas, então talvez cerca de oitenta centímetros. Em seguida, deverá dobrar os joelhos para poder se mover rapidamente.

Ela posicionou os pés conforme ele instruiu e dobrou os joelhos.

— E a espada?

— Segure-a a quarenta e cinco graus do seu corpo. — Ele segurou seu pulso e posicionou o braço no ângulo apropriado. — Assim.

Seu corpo se aproximou do dela enquanto lhe mostrava o que fazer. O aroma de sândalo e especiarias a envolveu. Quis fechar os olhos e inspirar profundamente, mergulhar em seu toque e perfume.

No entanto, não o fez. Olhou para a espada e tentou ignorar a forma como o corpo reagia à proximidade e atenção dele.

— Agora, conforme avança, a senhorita liderará com o pé da frente e o pé de trás o seguirá. — Ele falou baixinho, perto de seu ouvido, e agora ela teria que lidar com o som dele, assim como com o resto.

— Quando eu me movo?

— Quando atacar.

— Isso não é um ataque? — Ela não sabia quase nada sobre esgrima, mas disse ela sabia.

— Sim. A esgrima é uma série de ataques, defesas e contra-ataques.

— O senhor pratica esgrima no Angelo's? — ela perguntou.

— Sim, pratico.

Gostaria de poder assisti-lo lá, mas não disse. Já bastou contar que nunca fazia nada emocionante. Dizer que o assistir a excitava era um assunto completamente diferente. Ah, meu Deus, aquilo estava se tornando um problema. Já se sentiu atraída por outro homem dessa forma, e as coisas não terminaram bem. Ele deixou o país, e ela ficou desolada. Não podia seguir por esse caminho de novo.

Como Halstead previra, ela pôde ver que segurar a espada por um período prolongado exigiria prática, pois já estava mais pesada do que quando a pegou dele. Baixando o braço, ela se afastou.

— Essa foi uma excelente lição introdutória — disse, estendendo a espada para ele.

O duque balançou a cabeça.

— Se essa foi sua tentativa de estocar, foi terrível.

— Não foi. Pensei que tivéssemos terminado. — Ela queria que terminasse. Não, precisava que terminasse. Passar tempo com ele

assim não era nada bom.

— Eu não tinha terminado, mas talvez a senhorita, sim. Pensei em mostrar como dar uma estocada. — Ele parecia um pouco decepcionado, e ela odiou isso. Talvez porque também estava decepcionada. Ou triste. Ou frustrada. Ou irritada com as próprias circunstâncias. Decidiu que estava sentindo tudo isso.

Arabella se virou e deu alguns passos, então adotou a postura que ele mostrou e segurou a espada no ângulo apropriado. Ela falou enquanto avançava, estendendo o braço, algo que ele não havia dito para fazer, mas que parecia o curso natural da ação.

— Assim?

Ela dirigiu o golpe para ele, com bastante espaço entre os dois, e os olhos do duque se arregalaram brevemente antes de se iluminarem com aprovação.

— Sim, exatamente assim. E nem lhe mostrei como estocar.

Ah, ela queria que ele mostrasse isso, com certeza, mas não com aquela espada. Meu Deus, ela era devassa, e a mente não estava onde deveria estar.

Ela lhe entregou a espada.

— Já basta por hoje.

Ele pegou a arma e a apontou para baixo.

— Isso significa que vou poder lhe dar outra lição qualquer dia desse?

— Como saber? Depende de nossas interações futuras. — Nas quais teriam que manter-se concentrados em Tibbord. Não havia outra razão para se associarem, e ela faria bem em se lembrar disso. — Para onde envio a descrição de Osborne? — perguntou.

Ele pegou a bainha e guardou a espada.

— Brixton Park. — Balançou a cabeça. — Será muita confusão se a senhorita enviar um de seus criados. Mande para Colton.

— Qual é o endereço dele?

— Ele tem aposentos no Albany.

— Envio para lá, então. Morrerei de vontade de saber como será. — Queria sugerir que se encontrassem novamente no dia seguinte, mesmo sabendo que quanto mais tempo passasse com ele, mais

correria o risco de repetir o que aconteceu com Miles. Ou não. Não tinha ideia se Halstead estava tão atraído por ela quanto ela por ele. E era melhor se nunca descobrisse.

Ele pensou por um momento, inclinando a cabeça brevemente para o lado.

— Visitarei a srta. Lennox na sexta-feira. Talvez possamos marcar um encontro então? Na casa dela ou “por acaso” na rua. — Ele lhe deu um sorriso malicioso e caloroso.

Ela sentiu uma absurda vontade de chorar, pois estava terrivelmente enciumada por ele ir visitar Phoebe. Em vez disso, abriu um sorriso contido em resposta.

— Vou me certificar de passar por lá.

— Excelente. Este foi um encontro muito promissor. Aqui, segure isso. — Ele lhe entregou a espada e foi desamarrar a coleira de Biscuit.

Arabella desviou o olhar de seu traseiro enquanto o calor do punho da espada, da mão nua dele, penetrava em sua luva. Ele ficou de pé com Biscuit no colo, e trocaram os itens: a espada pela coleira.

— Até sexta-feira, então — ela disse.

Ele inclinou a cabeça em sua direção, em um ângulo descontraído.

— Estou ansioso por isso.

Por que ele tinha que dizer aquilo? Ela assentiu, depois se virou e se afastou antes de dizer alguma tolice como: “*Não tanto quanto eu!*”.

Mas ela estava ansiosa pelo encontro. Muito, muito mesmo.

Antes de deixar a cidade depois de sua reunião com srta. Stoke, Graham parou em Albany para informar Colton que uma mensagem seria entregue mais tarde naquele dia. No entanto, Colton não estava recebendo visitas. O criado disse que ele estava indisposto, o que Graham deveria ter esperado dada a hora. Mesmo assim, lembrou-se do comentário que a srta. Stoke fez sobre a reputação do visconde.

Diziam que ele estava de luto pela morte dos pais, o que lady Ware também lhe afirmara. Fazia sentido para Graham. Ele ainda sofria momentos de tristeza profunda pela perda do pai. Talvez

pudesse oferecer apoio a alguém que passava pela experiência.

Estava ansioso para se juntar a Colton e Ripley. Eles planejaram se encontrar no Veadão Trovejante, por sugestão do duque. Enviou notas para os dois depois de se encontrar com srta. Stoke. Chegou alguns minutos mais cedo e se posicionou em uma mesa não muito longe da porta para que os cavalheiros o vissem facilmente.

— O que deseja beber? — uma criada perguntou. Pequena, com cabelos castanho-escuros e olhos cor de âmbar grandes e profundos, ela era atraente. E se a maneira como seu olhar permaneceu nele e desceu para seu colo significava alguma coisa, ela também tinha a mesma opinião quanto a ele.

Não que algo fosse acontecer.

Por que não? Ela era exatamente o tipo de mulher com quem teria se envolvido em Huntingdonshire. Além disso, se sentira inquieto o dia todo. Desde que viu a srta. Stoke.

Dado que inquieto significava excitado. O que, ali, certamente o caso.

Vê-la já teria sido encanto suficiente, mas então ele teve que tocá-la, para ensinar esgrima a ela, para tentar apaziguar o desejo da dama por um pouco de excitação. Ansiava apaziguá-la de outras maneiras, maneiras muito mais excitantes.

A criada o puxou de volta ao presente.

— Sir? Aceita uma bebida ou não? Ou alguma outra coisa? — Ela piscou de forma sugestiva e inclinou o quadril.

— Uma cerveja, obrigado. Traga três. Estou esperando amigos. — Antes que pudesse dissuadir suas expectativas para mais tarde, Ripley e Colton chegaram à mesa.

— Boa noite, Halstead — Ripley disse ao se sentar. Seu olhar percorreu a criada, com apreço. — Eu me perguntei por que escolheu este estabelecimento, mas posso entender por quê. Excelente seleção. — Ele lançou a ela um sorriso provocador.

A mulher umedeceu o lábio inferior enquanto retribuía o olhar.

— Será um prazer entreter os três, se assim desejarem.

Ripley segurou a mão dela e a levou aos lábios para um breve beijo.

— Essa não é minha preferência, amor. No entanto, se tiver duas amigas, me avise.

Ela soltou uma risada gutural.

— Verei o que posso fazer. Já volto com suas cervejas. — Ela ergueu o ombro e lançou a Graham um olhar de desculpas antes de sair.

— Ah, roubei sua diversão? — Ripley perguntou. — Não foi a minha intenção. Vou deixá-la para você.

— Não, tudo bem, faça o que quiser. Não fizemos nenhum acordo.

Ripley recostou-se na cadeira.

— Excelente.

— Aqui está sua carta — Colton disse, tirando a missiva da srta. Stoke do casaco e a entregou a Graham.

As sobranceiras escuras de Ripley se ergueram quando ele olhou para Colton.

— Desde quando você se tornou mordomo dele?

— Desde que ele combinou de enviarem isso ao meu apartamento. Apareceu em uma hora ímpia para avisar do fato. Eu mal havia chegado em casa.

— Foi uma noite bastante longa — Ripley disse, com um risinho satisfeito.

Graham ouviu a conversa enquanto abria a carta e imediatamente se desligou deles.

Caro duque de Halstead,

Consegui a descrição de Osborne. Ele tem trinta e poucos anos, é excepcionalmente alto, com queixo e nariz pontudos. Seu cabelo é escuro com fios grisalhos nas têmporas. Ele se veste de forma severa, sempre de cinza e preto, e carrega uma bengala com um corvo no topo.

Espero que isso o ajude e aguardo seu relatório.

Sua,

Srta. Stoke

Sua. Como desejava que fosse verdade. *Inferno*, ele estava mais do que excitado. Talvez devesse reivindicar a criada, afinal.

— De quem é? — Ripley perguntou.

— Ninguém. — Graham dobrou a missiva e a guardou no casaco, onde ela o aqueceu através do colete e da camisa. Que pensamento ridículo.

— Duvido — Ripley disse, erguendo as sobrancelhas mais uma vez. — Você tomou providências para que fosse enviada para Colton em vez de para Brixton Park. Por que faria isso?

Graham se irritou.

— Porque eu precisava da informação esta noite e não queria perder tempo com a entrega até Brixton. Isso satisfaz sua curiosidade?

— Não. Perguntei de quem é e “ninguém” não é uma resposta precisa. — O olhar de que Ripley lhe lançou foi firme, e Graham teve a sensação de que o homem não se intimidava com facilidade.

Bem, Graham também não. Ele se inclinou ligeiramente e encarou Ripley.

— Então deixe-me ser mais preciso: não é da sua conta.

Colton, que estava à esquerda de Graham, interveio.

— Ora, senhoras, vamos recolher as garras?

Ripley relaxou e riu.

— Eu estava apenas tentando irritar Halstead, o que consegui. — Ele piscou para Graham. — Perdoe-me. Como a maioria das pessoas dirá, sou um boçal.

Graham lançou um olhar para Colton, que assentiu.

— É verdade. Mas ele é bastante divertido. Estou feliz que você tenha feito os arranjos para que nos encontrássemos essa noite. Você precisa ser adequadamente apresentado a Londres. Ocorreu-me que seu amigo St. Ives e os amigos dele são todos casados e entediados. É bom que tenham deixado a cidade para que você não seja arrastado pela vida doméstica deles.

A criada trouxe as cervejas e as colocou sobre a mesa, lançando um olhar demorado para Ripley, os olhos escuros cheios de promessas e o corpo se movendo em expectativa. O homem pegou a caneca e a ergueu para ela, com os olhos brilhando. Graham temeu que a criada fosse desmaiar.

Depois que ela saiu, o duque pegou a própria caneca e olhou

para Ripley, com uma sobranceira arqueada.

— Creio que as damas não se importam por você ser um boçal.
Colton bufou.

— Elas definitivamente não se importam. Ele poderia jogá-las de uma carruagem em movimento e elas apareceriam de novo à sua porta. É revoltante.

Ripley piscou fingindo afronta.

— Você exagera. E não de maneira bonita. Eu nunca expulsaria uma mulher da minha carruagem, em movimento ou não.

— Claro que não — Colton disse com uma risada. — Peço perdão.

Ripley tomou um gole de cerveja.

— Você está começando a competir comigo, tanto em boçalidade quanto em devassidão.

Colton deu de ombros.

— Ao que parece, você está cumprindo seu papel de herói. — Ele tomou um gole de sua bebida e a largou com um estalo. Então virou a cabeça na direção de Graham. — Agora, por que estamos aqui no Veadão Trovejante?

O duque criara uma história que, esperava, satisfaria a curiosidade dos dois sem expor seus problemas financeiros. No entanto, estava um pouco preocupado com Ripley, dada a forma como ele foi insistente com a questão da carta e de quem a escreveu.

— Estou procurando um cavalheiro chamado Osborne. Ele fez um investimento em nome do antigo duque e não houve retorno. Pretendo encontrá-lo e exigir o reembolso do valor ou dos juros que me são devidos.

Colton fez uma pausa ao levar a caneca à boca.

— Pretende encontrá-lo aqui? Parece um lugar estranho para encontrar um homem que faz investimentos.

— É aqui que ele opera — Graham declarou. — Ele ataca homens que estão perdendo nas mesas.

— Então Rip nunca ouviu falar dele. — Colton sorriu antes de tomar a bebida.

Graham voltou a atenção para o marquês.

— Então não perde nunca?

Ripley deu de ombros.

— Normalmente não.

— Ora, nunca mesmo. Ele está sendo modesto. — Colton revirou os olhos.

— Recentemente, decidi não jogar mais — Ripley falou, parecendo desapontado.

— Porque alguns homens não jogam se ele participar — Colton explicou.

Ripley ignorou o comentário e estreitou os olhos para Graham.

— Tem algo a ver com Tibbord?

Graham assentiu.

— Sim. Osborne é o intermediário de Tibbord.

— Quando você nos perguntou sobre Tibbord — disse Colton —, eu disse que ele era um vigarista, e você agiu como se não soubesse. Disse algo no sentido de Tibbord ser apenas um nome que você ouviu.

Não havia como se enganar quanto à curiosidade no tom de Colton, nem com a pontada de ceticismo.

— Perdoe-me — Graham falou. — Estava tentando reunir informações e não queria revelar minhas suspeitas na época. Creio que Tibbord tem feito maus investimentos ou, e é nisso que realmente acredito, não está fazendo quaisquer investimentos.

— Seu receio é compreensível, já que você mal nos conhecia. — Ripley levantou-se de forma abrupta. — Só um momento. — Ele tomou um gole de cerveja e depois seguiu até os fundos do estabelecimento.

Graham observou o marquês falar com a criada e então eles desapareceram por uma porta. Balançando a cabeça em direção a Colton, ele perguntou:

— Ripley acabou de sair para copular com a criada?

Colton riu.

— Provavelmente. Ele já fez isso antes. Uma ou duas vezes.

— Meu Deus, como é possível ele não ter pegado todas as doenças que existem?

— Profiláticos — Colton respondeu de pronto. — Não fica sem

eles. Não posso dizer que me dou ao trabalho, mas provavelmente deveria, se quisesse acompanhá-lo.

— Essa é sua intenção? — Graham tomou um gole de cerveja.

— Na verdade, não. — Os olhos de Colton brilharam. — Minha intenção é me divertir e viver cada momento de prazer que puder. — Ele disse com tanto fervor que Graham não pôde deixar de sentir sua paixão.

— A vida parece muito diferente depois que a gente perde alguém — Graham falou baixinho. — Não acha?

— Claro que sim. — A resposta de Colton foi fria e Graham temeu ter exagerado.

— Não quis lhe causar dor. Perdi meu pai no ano passado. Éramos muito próximos. Tem sido difícil. Só queria oferecer meu apoio... e minhas condolências.

— Agradeço, mas não preciso deles. — Ele terminou a cerveja e acenou para que uma criada trouxesse outra.

Instantes depois, ela trouxe duas canecas para a mesa e levou as outras embora, embora Graham ainda não tivesse terminado a sua.

— Por que ela não parou para flertar? — Graham perguntou, procurando aliviar o clima depois de tê-lo estragado de maneira involuntária.

— Por que Ripley não está aqui? — Colton riu. — Ela deve estar ocupada já que uma de suas colegas de trabalho se distraiu.

Graham tomou um gole de cerveja e se perguntou se conseguiria acompanhar Colton e Ripley. A vida deles não era como a sua, nem ele que queria que fosse. Mas o que ele queria que sua vida fosse?

Uma questão que ainda não havia ponderado. Não houve tempo. Desde o momento em que se tornou duque, foi pressionado a aprender seu novo papel. Qualquer que fosse a vida que ele desejasse ou esperasse, desapareceu.

Nunca sonhou com mais do que tinha. Na verdade, estava bastante satisfeito em ser secretário e administrar Huntwell. No entanto, agora que teve a oportunidade de gerir uma propriedade magnífica como Brixton Park e um patrimônio ancestral que necessitava de remodelação completa, estava energizado. Sim, essa era

a vida que queria: ser um duque que trabalhava para melhorar o que tinha para as gerações futuras.

Mesmo? Nunca pensou nas gerações futuras, exceto em St. Ives. Administrou Huntwell para David e seus filhos e os filhos de seus filhos. Mas, agora, poderia fazer isso para si mesmo.

O pensamento lhe rendeu um arrepio de expectativa. Acrescido de grande preocupação. Como faria isso se estivesse falido?

Carrancudo, tomou um bom gole de sua caneca.

— Você parece ter ficado bastante chateado de repente — Colton comentou. — Qual é o problema?

Felizmente, não precisou responder, pois Ripley voltou.

— Foi rápido — Colton disse, mordaz.

A resposta de Ripley foi rápida e baixa.

— Velocidade não é medida de gratificação. No entanto, eu não estava agradando a bela donzela. Perguntei a ela sobre Tibbord e Osborne, e ela me levou para falar com o dono do estabelecimento.

Graham manteve a animação sob controle. Por muito pouco.

— O que você descobriu? — Ele esperava parecer calmo e controlado em vez de desesperado.

— Eles podem ou não ser o que você suspeita... ele não confirmou. Contou que deixaram Londres por um tempo, mas parecem ter retornado recentemente — Ripley declarou. — Parece que é sua noite de sorte.

— Como? — Graham olhou em volta, perguntando-se se eles estavam ali.

— Eles não estão aqui, se é o que esperava, desculpe decepcioná-lo. Mas posso providenciar para que os conheça, acho. Ao que parece, foram vistos em um baile cipriano uma noite dessas.

— Eles... Osborne e Tibbord? — Graham perguntou. — Tibbord normalmente não é visto.

— Não esclareci — Ripley falou. — Acho que ele disse “eles”, mas posso estar errado. De qualquer forma, ficarei feliz em organizar um baile cipriano em minha casa e farei o possível para garantir que compareçam. Teremos jogos para adoçar as coisas, já que Tibbord ataca aqueles que estão fracassando nas mesas.

Graham não conseguiu disfarçar sua surpresa.

— Você faria isso?

— Como seu amigo, quero ajudá-lo a receber o que lhe é devido.

— Seus olhos escureceram e a aura de perigo superou a do libertino indiferente. — Os canalhas não conseguirão escapar impunes do roubo.

— Obrigado. — Graham estava muito contente por ter o marquês ao seu lado. Pensou que não ia querer aquele homem como adversário. — Sou grato por sua amizade. — Tarde demais, Graham considerou as consequências de participar de um baile cipriano na casa do marquês de Ripley. Talvez arruinasse, ou pelo menos, manchasse sua reputação, que poderia muito bem ser tudo o que ele tinha, já que esse tipo de evento era conhecido por suas valsas escandalosas e a presença das chamadas ciprianas, mulheres de moral duvidosa e virtudes fáceis, geralmente a procura de um protetor. Ele certamente precisava da reputação intacta para encontrar uma herdeira.

Graham tomou outro gole de cerveja antes de falar.

— Embora esteja encantado por sua generosa oferta, não acho que seria sensato da minha parte comparecer. — Ele fez careta. — Peço desculpa.

Ripley acenou.

— Não precisa se desculpar. Entendo. As máscaras serão opcionais, e as pessoas não precisarão divulgar a própria identidade. Dessa forma, você pode vir. Além disso, pode chegar antes da festa ou entrar pelos fundos para que ninguém o veja.

Poderia funcionar. E, no momento, era sua melhor opção.

— O dono do estabelecimento não conseguiu lhe dar nenhuma informação sobre Tibbord ou Osborne? Onde moram ou onde podem ser encontrados?

Ripley balançou a cabeça.

— Receio que não. Eu perguntei.

— Um baile cipriano parece que vai render uma noite muito divertida. Espero que seja em breve — Colton disse antes de terminar a segunda caneca.

Ripley olhou para Graham.

— Sábado é muito cedo?

Expectativa vibrava por Graham enquanto ele lutava para manter a voz calma.

— Sábado é perfeito, se acha que pode organizar tão rapidamente.

— Não teria oferecido se não pudesse. Geralmente estou pronto para receber a qualquer momento. — Sua boca se esticou em um sorriso felino. — Chegue cedo.

Graham assentiu.

— Chegarei. — Mal podia esperar para contar à srta. Stoke.

Espere. Ele deveria contar à srta. Stoke? Uma festa cipriana não era o tipo de coisa que se devesse discutir com uma jovem. E, ainda assim, tinha que mantê-la informada. Deixaria de fora essa parte.

— O que você fará quando derrubar Tibbord? — Colton perguntou.

Graham pensou no assunto, mas até o momento não foi além de simplesmente ameaçar o homem.

— Insistir para que ele devolva o investimento do duque.

— É inteiramente possível, até provável, que a insistência não o leve a lugar nenhum. — O tom de Ripley foi irônico. — Extorsão funcionaria melhor. Se puder encontrar algo para usar contra ele.

Raios, Ripley era mesmo perigoso. E também não estava errado.

— É difícil encontrar algo para usar contra ele sendo que não consigo nem encontrar o homem.

Colton deu de ombros.

— É algo a considerar.

Era mesmo. Sentindo-se ao mesmo tempo energizado e pensativo, Graham quase virou a cerveja antes de colocar a caneca sobre a mesa arranhada.

— Vamos para o Brooks's?

Ripley piscou, surpreso.

— Antes de eu desfrutar a adorável criada? Acho que não. Dê-me alguns momentos desta vez. — Ele se levantou e foi atrás da mulher.

— Vamos jogar, então — Colton disse, levantando-se

rapidamente. Ele cambaleou um pouco e apoiou os dedos na mesa para se equilibrar. — Afinal, estamos em um antro de jogatina.

Graham nunca se sentiu tão entediante. Não tinha interesse em se divertir com uma criada nem por jogos de azar. Como não queria deixar Colton sozinho, subiu com ele.

— Sim, vamos. — Graham iria junto e torceria para que Colton estivesse bêbado o suficiente para perceber que ele não jogou.

Supriu toda a curiosidade com que podia lidar em uma noite só. E tudo acabou bem. Não havia encontrado Osborne nem Tibbord, mas tinha certeza de que estavam por perto.

Capítulo oito

Na tarde de sexta-feira, Graham entrou na sala do jardim da srta. Lennox com um sorriso de expectativa. Estavam presentes três damas: srta. Lennox, srta. Pemberton e, presumivelmente, lady Clifton.

Três damas, não quatro. Ficou decepcionado pela srta. Stoke não estar lá.

Todas estavam sentadas, mas Graham percebeu que lady Clifton era mais alta que a média, pelo menos parecia em comparação às outras duas. O cabelo loiro-claro estava preso em um estilo elegante no topo da cabeça, com cachos pequenos lhe enfeitando as têmporas.

Ele se curvou, com a perna estendida.

— Boa tarde, senhoras.

— Boa tarde, Vossa Graça — a srta. Lennox disse. — Permita-me apresentar lady Clifton. Lady Clifton, Sua Graça, o duque de Halstead.

Lady Clifton se levantou e fez uma reverência.

— É um prazer de conhecê-lo, duque.

— O prazer é meu. — E deveria ser, pois ela era tão bela de se ver quanto sua conta bancária era necessária para o futuro dele. No entanto, Graham estava tendo dificuldade em se concentrar no que precisava fazer naquele dia. Que era cortejá-la. Ou à srta. Lennox. *Raios*, não poderia cortejar duas mulheres ao mesmo tempo. Apostava que Ripley conseguiria. Talvez devesse pedir aulas ao homem.

Não, Graham não era assim. Ele se sentia estranho cortejando uma mulher por motivos financeiros em vez de algo... algo o quê? Mais nobre?

Lady Clifton se sentou, e Graham fez o mesmo, acomodando-se em uma poltrona perto do sofá que ela dividia com a srta. Pemberton.

— O senhor é novo na nobreza, ao que entendi — disse ela.

— Sim. Tem sido um turbilhão. — Graham também ficou

decepcionado ao ver que não havia biscoitos amanteigados. Nada de biscoitos e nada da srta. Stoke. Que... deficiente. — Estou muito feliz por ter amigos como a srta. Lennox para me ajudar a me adaptar. — Ele lançou à anfitriã um sorriso caloroso.

— Acho que decidi que ajudar as pessoas é a minha vocação — a srta. Lennox falou. — Embora devamos dar crédito a Jane por juntar os dois. Acho que essa pode ser a vocação dela. — Ela e a senhorita Pemberton trocaram um rápido olhar antes de a srta. Lennox voltar o seu para Graham e lady Clifton. — Talvez Vossas Senhorias devessem dar um passeio pelo jardim.

Não foi muito sutil. Mas por que se preocupar com o fingimento se a intenção era ver se eles se dariam bem?

— Que apazível — ele disse, pensando que a voz soou estranha. — Lady Clifton?

— Eu ficaria honrada.

Quando ela se levantou, ele ficou de pé e ofereceu o braço. O toque da dama não lhe provocou nenhuma das coisas que o da srta. Stoke provocava, e, raios, tinha de parar de pensar nela.

Graham guiou lady Clifton até o jardim, e seu olhar logo se desviou para o portão que o ligava ao dos Stokes. A srta. Stoke passaria por ali a qualquer momento? Esperava que fosse o caso, mas... seria estranho para ela vê-lo com lady Clifton.

Por quê? Eles não estavam fazendo a corte. Não tinham qualquer relacionamento. Pelo menos não um que deveria gerar ciúme. Mesmo assim, quando se colocou no lugar dela, decidiu que não gostava de pensar na moça caminhando pelo jardim com outro cavalheiro. Ou dançando com ele. Ou esgrimindo com ele.

Ele riu, como se ela fosse esgrimir com qualquer um que não fosse ele.

— O que o diverte? — lady Clifton perguntou.

Maldição, esqueceu-se completamente que ela estava ao seu lado. Ele era um patife.

— Estava pensando... em uma piada que ouvi ontem à noite. Algo sobre pássaros, mas não consigo me lembrar dos detalhes. Um mero desajeito de minha parte. — Precisava se concentrar em lady

Clifton. Não apenas pelo seu objetivo, mas porque ela merecia toda a sua atenção. — Soube que a senhora tem um filho?

— Sim, ele tem onze anos. — Ela começou uma descrição calorosa do jovem lorde Clifton, e o amor do rapaz pela astronomia e pelo pudim de melaço.

A certa altura, enquanto circulavam pelo jardim, algo atingiu Graham no ombro.

— Tem alguma coisa em meu casaco? — perguntou, temendo que um pássaro tivesse acabado de fazer suas necessidades. Ele tirou o braço do de lady Clifton e virou-se para que ela pudesse ver seu ombro. Tarde demais, percebeu que não deveria pedir a uma condessa que verificasse se havia excrementos de pássaros lá.

— Não vejo nada — ela falou. — O que houve?

— Nada, ao que parece. — Ele ofereceu o braço mais uma vez e eles continuaram. Um momento depois, aconteceu de novo, mas dessa vez mais abaixo, nas costas. O que quer que fosse, não vinha de cima.

Estreitando os olhos, olhou disfarçadamente para trás. Ali, espiando logo acima do portão, estava a srta. Stoke. Ele inclinou de leve a cabeça para indicar que a viu. Com sorte, ela pararia de atirar pedras nele ou o que quer que estivesse usando.

Continuou sua conversa com lady Clifton enquanto a conduzia de volta à sala do jardim. Voltaram para dentro e a dama disse que precisava ir embora.

— Espero que tenha feito um bom passeio — a srta. Lennox falou, com os olhos iluminados de interesse enquanto olhava entre a condessa e Graham.

— Sim, obrigada — lady Clifton respondeu. — Espero que tenhamos a chance de dar outro. — Ela fez uma reverência para Graham mais uma vez, e ele se curvou de volta.

— Seria um prazer, lady Clifton. — A impaciência o dominou enquanto lutava para não voltar lá para fora e falar com a srta. Stoke.

A condessa se despediu, e Graham olhou para o jardim, perguntando-se como poderia pedir licença para voltar para fora. Mas lá estava a srta. Stoke vindo em direção à porta.

— Oh, olhe, é Arabella — a srta. Pemberton apontou.

— Que fortuito. — A srta. Lennox virou a cabeça para Graham.
— Como foi sua caminhada com lady Clifton? Vocês pareciam estar se dando muito bem.

A srta. Pemberton riu baixinho.

— Não temos vergonha de dizer que estávamos bisbilhotando.

A srta. Lennox se levantou e foi até a porta para deixar a srta. Stoke entrar.

— Entre, Arabella. Olhe quem está aqui.

A srta. Stoke era a imagem de beleza renovada, o cabelo castanho-claro estava preso em um coque na parte de trás da cabeça, enquanto mechas onduladas emolduravam seu rosto em formato de coração. Seu olhar pousou nele e pareceu não se mover por um longo momento. Ele estava fascinado.

— Boa tarde, Vossa Graça. — A srta. Stoke fez uma reverência, e Graham quase se esqueceu de retribuir.

— Boa tarde, srta. Stoke. Que prazer encontrá-la aqui.

— Você acabou de perder o encontro com lady Clifton — a srta. Lennox disse à srta. Stoke. — Ela é uma velha amiga de Jane, embora seja um pouco mais velha que você, não é?

A srta. Pemberton assentiu.

— Ah, sim, vários anos. Éramos vizinhas e nossas famílias se visitavam com frequência quando eu era criança. Tornamo-nos correspondentes e a considero uma amiga querida. Ela é viúva e procura um pai para o filho, alguém que possa guiá-lo no condado que ele herdou tão jovem. — Ela olhou para Graham com um sorriso. — Entendo que Vossa Graça é novo na nobreza, mas sua experiência como secretário de St. Ives lhe permitiu apoiar diretamente um conde. Decerto será de excelente ajuda para o jovem lorde Clifton.

— Concordo — a srta. Lennox falou. — Jane pensou, e com razão, que Lady Clifton e Sua Graça se dariam bem. Os dois deram um passeio pelo jardim, e ele estava nos contando como foi. — A srta. Lennox olhou para ele com expectativa. — Os proclamas serão lidos no domingo?

Uma grande onda de desconforto tomou conta de Graham. Ele não queria discutir o assunto na frente da srta. Stoke. Não queria nem

tocar nele.

— É um pouco prematuro — ele murmurou.

— Mas os dois se deram bem, não foi? — a srta. Pemberton incitou.

— Sim. — Ele lançou um olhar para a srta. Stoke, cuja expressão estava completamente impassível. Parecia que ela não dava a mínima para o fato de ele estar cortejando lady Clifton.

E por que diabos daria? Eles não tinham expectativas um com o outro. Pelo contrário, ambos sabiam que o outro teria de se casar com alguém que tivesse dinheiro, ou sofreria as consequências. Para ele, seria perder Brixton Park, mas o desfecho para ela seria muito mais sério. Ele se sentiu um patife novamente. É claro que ela não estava com ciúme.

A srta. Pemberton abriu um sorriso largo.

— Maravilhoso. Eu tinha certeza de que os dois combinariam. Garantiremos que compareçam ao mesmo baile para que possa convidá-la para dançar.

Graham estava perdendo rapidamente o interesse nesta conversa, se é que alguma vez teve algum. Queria falar com a srta. Stoke, mas não conseguia imaginar como fariam isso.

— Na verdade, é bastante fortuito que Vossa Graça esteja aqui — a srta. Stoke disse, virando-se na direção a ele. — Preciso de alguém para pegar uma coisa. O mordomo saiu, e ninguém mais é alto o suficiente. — Ela sorriu e balançou a cabeça, depois lançou a Graham um olhar cheio de urgência.

Haveria algum problema? Ele esperava que o pai dela estivesse bem.

— Permita-me ajudar — disse. — Só mostrar o caminho.

— Ah, obrigada. — Ela olhou para a srta. Lennox e a srta. Pemberton. — Levará só um momento. — Então ela se virou e o conduziu para fora da casa antes que as outras damas dissessem uma única palavra.

Graham inclinou a cabeça antes de seguir a srta. Stoke até o jardim. Eles não falaram até chegarem ao portão, que ele se apressou a abrir para ela.

— Há algo errado? — perguntou.

— Não. Foi uma desculpa para nos dar alguns minutos para que o senhor pudesse me contar o que aconteceu no antro de jogatina. — Ela seguiu para o próprio jardim.

Graham fechou o portão e olhou para a casa dela.

— Alguém pode nos ver aqui?

— É claro que sim, se olharem. Mas não vão. Minha mãe está ocupada com meu pai, e todos os outros estão tão sobrecarregados que mal têm um momento para parar de se mover, muito menos olhar para o jardim. — Ela soou fria e talvez até irritada. Mas ele também estaria assim se o pai estivesse muito doente e mal tivesse dinheiro para cuidar da residência.

Agora ele lançou um olhar para a casa da srta. Lennox e se perguntou se ela e a srta. Pemberton poderiam vê-los. Talvez o topo de sua cabeça. Ele se agachou.

A srta. Stoke estreitou os olhos para ele.

— O que o senhor está fazendo?

— Garantindo que a srta. Lennox e a srta. Pemberton não possam me ver.

— Oh. — A srta. Stoke olhou para ele por um momento e depois riu. — Sinto muito. O senhor fica um tanto ridículo curvado.

— Sim, bem, também me sinto um tanto ridículo. Além disso, não tenho certeza de quanto tempo posso ficar agachado assim, então sejamos rápidos. Não consegui encontrar Osborne nem Tibbord, mas descobri que eles saíram de Londres há vários meses. — Ela franziu a testa e ele quase pegou sua mão. — Não se desespere, pois eles retornaram e tenho um plano para persuadi-los a se revelarem.

Os olhos verdes da srta. Stoke se iluminaram.

— Qual?

— Na verdade, o plano é de Ripley. Foi ele quem soube que a dupla estava de volta à cidade. Ele vai dar uma festa no sábado à noite e os convidará. Também estarei presente.

— O marquês de Ripley está ajudando o senhor?

— Ele tem, er, certas habilidades — Graham falou. — Até agora, o homem tem sido bastante engenhoso.

Ela apertou os lábios.

— Que tipo de festa é essa? O senhor pode garantir que minha mãe e eu recebamos um convite?

Não era possível ela estar querendo ir à casa de Ripley. Independentemente do tipo de festa, e ele não tinha intenção de contar que tipo era, a reputação dela não passaria incólume pelo evento. Ela poderia usar uma máscara, como ele planejava fazer, mas, não, ela não poderia. Simplesmente não poderia.

— A senhorita não pode participar de uma festa organizada pelo marquês de Ripley, mesmo que tenha sido convidada. E, não, não vou pedir a ele para fazer isso. — Ela começou a franzir a testa, e ele adotou outra tática. — Sua mãe nunca permitiria.

Ela exalou.

— Isso, infelizmente, é verdade. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — E quanto à sua reputação?

Graham mudou o peso de uma perna para a outra. Como previu, ficar agachado em tal posição não era muito confortável. Suas pernas estavam começando a doer.

— As máscaras são opcionais, e pretendo usar uma. Com sorte, ninguém saberá quem sou. Meu único objetivo é conversar com Tibbord... ou pelo menos com Osborne, cara a cara. Er, máscara a máscara, no caso.

— Como vai saber que ele está lá se todos estarão mascarados?

— Ripley tem um plano: seus criados saberão quem eu sou e garantirão que o encontro ocorra. — Diante do olhar cético dela, ele acrescentou: — Confio nele. O marquês tem sido incrivelmente útil.

— E se eles não aparecerem?

Ele pensou na hipótese.

— Então tentaremos outra coisa.

— Esse “nós” se refere a mim ou a Ripley? — Sim, ela parecia irritada, não que ele a culpasse.

— À senhorita.

Agora ela parecia surpresa.

— Eu não fiz nada.

— Isso não é verdade. As informações que obtive com seu pai

foram muito úteis. Eu nunca teria pensado em ir ao Veado Trovejante.

Ela pareceu relaxar um pouco, mas ainda estava inquieta naquele dia. Um sulco profundo marcava a pele acima do nariz, e seu corpo parecia tenso e rígido.

Graham se rendeu ao desejo de tocá-la e pegou a mão da dama.

— Estamos chegando perto, sei disso.

Ela olhou para o ponto em que se tocavam, e depois para ele. A conexão entre os dois ainda existia e, naquele momento, lhe pareceu que estavam travando uma batalha perdida.

— Sabe, o senhor poderia vender seu nome a quem oferecesse o lance mais alto — ela falou baixinho. — O senhor pode não ter dinheiro, mas tem um título excelente, e há herdeiras que pagariam pelo privilégio de se tornar sua duquesa.

Por que diabos ele não pensou nisso? Porque lhe revirava o estômago. Já estava fazendo isso ao procurar uma herdeira para se casar, mas pelo menos não havia anunciado abertamente o próprio desespero.

— Eu não poderia.

Os lábios dela se ergueram em um sorriso leve.

— Foi o que pensei. No entanto, achei que valeria a pena mencionar.

Porque isso o ajudaria. Ele apertou a mão dela.

— Vamos fazer dar certo, prometo. Nós dois vamos superar essa história sem ir à bancarrota. Por favor, confie em mim.

— Eu confio.

Ele poderia ter olhado nos olhos dela e segurado sua mão por mais uma hora ou um dia, não fosse a dor nas panturrilhas.

— Meu Deus, minhas pernas estão doendo. É melhor eu ir.

— Levante-se e passaremos pelo portão. — Ela estendeu uma mão para a trava, e ele soltou a outra com relutância.

— Gostaria de me encontrar para outra aula de esgrima no parque, então poderei contar o que aconteceu na festa? — Ele segurou o portão aberto para ela.

Ela o fitou com um brilho atrevido nos olhos.

— São “aulas de esgrima” agora?

Ele riu.

— Por que não? A senhorita demonstrou aptidão. Seria uma pena não continuar.

Ele a seguiu até o jardim da srta. Lennox.

— Então, sim. Domingo de manhã, ou o senhor vai precisar se recuperar da festa de Ripley?

Havia uma nota de inveja em sua voz, e ele odiava que ela não pudesse participar da investigação.

— Será um prazer encontrá-la domingo de manhã. — Mesmo que ele estivesse exausto; passaria a noite na casa de David novamente. Era o mínimo que poderia fazer por ela.

Na verdade, queria fazer muito, muito mais.

Suportar o Mercado Casamenteiro estava se tornando uma tarefa cada vez mais difícil. Arabella dançou novamente com sir Ethelbert na noite anterior e com o sr. Alexander Litcott. Embora não tivesse um título, ele era bastante rico devido ao sucesso de sua família no setor têxtil. Ele também era apenas um ano mais velho que Arabella e não era muito hábil em conversas. Passou boa parte da dança olhando para os seios dela.

O dever chamou mais uma vez naquela noite, mas Arabella desejou poder ir à festa do marquês de Ripley. Se usasse uma máscara, ela poderia...

— O quê? — O pai acordou de repente, assustando Arabella no processo. Ela deixou cair a agulha, não que estivesse costurando ativamente nos últimos minutos enquanto a mente vagava.

Olhou para a cama onde o pai estava deitado, piscando, com a cabeça elevada sobre uma pilha de travesseiros. Ele adormeceu havia pouco tempo, enquanto ela lia para ele. Embora o pai parecesse melhor em geral desde que ela lhe falou sobre Tibbord, ele ainda se deitava à tarde e tirava uma soneca.

— Precisa de alguma coisa? — ela perguntou.

— Um pouco de água, por favor.

Arabella colocou a costura na cesta ao lado da cadeira e foi até

uma cômoda no canto, sobre a qual havia uma jarra. Despejou água em um copo e depois voltou para a cama, onde o pai lutava para se sentar.

Depois de colocar o copo na mesinha de cabeceira, ela o ajudou a se posicionar melhor e lhe entregou a água.

— Melhor? — perguntou com um sorriso.

Ele terminou de beber e lhe entregou o copo, com a testa franzida.

— Tive um sonho bastante perturbador. Com Tibbord. Você avisou o investigador sobre o que ele poderia fazer?

Arabella não tinha ideia do que o pai estava falando.

— Não. Por que eu avisaria?

As rugas em sua testa se aprofundaram e ele se sentou ainda mais erguido, afastando as costas dos travesseiros.

— Eu disse a você... ele buscará vingança de alguma forma. Se algum de nós que investiu reclamasse de perder dinheiro, quisesse parar com o investimento ou, pior, se ameaçássemos contar aos outros que Tibbord estava nos espoliando, Osborne ameaçava espalhar a verdade sobre nossa situação financeira.

— Ele extorquiu vocês para continuarem investindo ou pelo menos para manterem silêncio de sua perversidade? — O sangue de Arabella gelou. — O senhor não me contou nada disso.

— Claro que contei. No outro dia, quando você veio me falar sobre a investigação. Eu lhe disse que se Tibbord soubesse, quem quer que tivesse contratado o investigador ficaria exposto. — Ele também não disse isso, mas não discutiria, não quando ele estava assim.

— Talvez a pessoa não se importe. — Arabella poderia pensar em quem se importaria: Halstead. Se ele encurralasse Tibbord ou Osborne naquela noite, poderia ver sua insolvência revelada para toda a sociedade. Embora ele provavelmente pudesse se recuperar de uma forma que ela não conseguiria, ele não queria que ninguém soubesse.

Ela tinha que avisar ao duque.

Parecia que poderia haver uma máscara em seu futuro, afinal. Primeiro, teria que alegar uma dor de cabeça e implorar à mãe para não ir à *soirée*. Com sorte, conseguiria convencê-la a ir sem ela.

Escapar seria muito mais fácil se a mãe não estivesse em casa. Embora fosse provável que ela passasse a noite com o pai, então talvez não importasse...

— A pessoa deveria se importar — o pai disse, trazendo-a de volta à conversa. — Ninguém vai gostar de ser alvo de gracejos, nem apreciará a condescendência com que provavelmente se deparará.

Arabella sabia que ele falava por si mesmo tanto quanto por qualquer outra pessoa. O pai ficou totalmente humilhado pelo que fez. Era, ela pensou, o cerne de sua doença. No entanto, seus lapsos de memória eram preocupantes. Estava claro que pensou ter contado aquilo a ela, sendo que não havia dito nada.

— Provavelmente é verdade — Arabella disse. Queria apaziguar a preocupação do pai. — Vou garantir que o investigador saiba que deve manter nosso nome longe do assunto.

— Obrigado, querida. — Ele se recostou nos travesseiros. — Vai continuar a ler para mim?

Lera antes de ele adormecer, depois continuou a costurar enquanto ele dormia, sabendo que o pai poderia acordar e esperar que ela continuasse o livro.

— Claro. — A agitação tomou conta dela. Estava ansiosa para planejar a noite. Precisava de um disfarce.

Até o momento, tudo saíra conforme o planejado. A mãe pareceu aliviada quando Arabella alegou uma dor de cabeça e, conseqüentemente, os esforços da moça para encorajá-la a comparecer à *soirée* sem ela falharam. Não importava, pois a mãe jantou no quarto do pai e lá permaneceu desde então.

Em seguida, tinha a questão da fantasia. Arabella passou o resto da tarde e da noite rearranjando um vestido velho. Ela não o usava há alguns anos, então esperava que ninguém se lembrasse de que uma vez ele enfeitou a forma da srta. Arabella Stoke. Precisava passar completamente despercebida.

A máscara foi fácil de criar: tecido preto que cobria seu rosto desde a linha do cabelo até os lábios. Estendeu a mão para tocar o nó

na parte de trás da cabeça, verificando se ainda estava segura.

Chegar lá foi a parte mais fácil, pois o marquês morava em Hanover Square, a poucos passos da Oxford Street. Considerou pedir ao cavaliário que a acompanhasse, mas achou melhor ir sozinha. Pedir que ele mentisse para a mãe dela estava fora de questão. E, infelizmente, teria sido necessário.

Ao caminhar em direção à casa do notório marquês de Ripley, percebeu que era perigoso e escandaloso e provavelmente muitas outras palavras que terminavam em “oso”. No entanto, não conseguia reprimir a animação que corria em suas veias.

Rogou para que a festa facilitasse a identificação da casa do marquês. Ao chegar à praça, olhou em volta. À esquerda havia uma casa maior com carruagens enfileiradas na frente. Tinha de ser aquela.

Reunindo toda a coragem que possuía, caminhou em direção ao imóvel. Luz e risadas saíam da porta da frente quando ela se abriu para deixar entrar um cavalheiro. Ela apertou o passo e o seguiu para dentro.

Se o vestíbulo servisse de indicação, a casa do marquês era bastante grandiosa. O piso de mármore brilhava sob as dezenas de velas tremeluzindo no alto. Arte adornava as paredes, e um laiaço imaculadamente vestido estava parado à porta. Ele a cumprimentou sem olhar diretamente para ela.

A parte mais barulhenta da festa parecia vir do andar de cima. Arabella atravessou o vestíbulo, onde um grupo de pessoas circulava, e subiu a escada. O som da conversa ficou mais alto à medida que subia, e quando chegou ao primeiro andar, soube que deveria virar à direita para chegar ao centro das coisas e, esperançosamente, a Halstead.

Tomara que conseguisse encontrá-lo.

Embora ele estivesse de máscara, pensou que poderia identificá-lo. Tinha plena consciência do quanto ele era alto, da largura de seus ombros, da inclinação de seu queixo. Sim, passou muito tempo olhando para ele, pensando nele, sonhando com ele.

Um rubor subiu por seu pescoço. Tinha, na verdade, sonhado com ele na noite anterior. Um sonho doloroso e torturante que a

deixou completamente insatisfeita, apesar de suas tentativas de encontrar satisfação. Às vezes, desejava nunca ter dormido com Miles. Saber o que se estava perdendo por permanecer solteira era muito pior do que não ter consciência de nada.

Ao chegar à soleira da sala de estar, quase tropeçou em outro criado de libré.

— Mil perdões — disse o laçao. — A senhora precisa de algo?

De repente, ela se lembrou do que Halstead lhe dissera: que os criados de Ripley sabiam quem ele era.

— O senhor poderia me indicar o duque de Halstead? Ele está me esperando. — Era uma mentira descarada, mas a máscara a tornava ousada.

O laçao pareceu surpreso, arregalou os olhos ligeiramente, mas inclinou a cabeça.

— Por aqui.

Foi tão fácil! Triunfo correu por suas veias enquanto o laçao a conduzia escada acima até o segundo andar. Ela poderia entregar o aviso sobre Tibbord e seguir caminho sem colocar os pés na festa.

— Aqui mesmo — disse o laçao, ao abrir uma porta.

Ela entrou. Em um quarto. Que lugar estranho para uma reunião, mas talvez fosse o único lugar disponível caso a festa se espalhasse para outras áreas da casa.

— Espere aqui. — O laçao fechou a porta, deixando-a sozinha no quarto mal iluminado.

A compreensão de que em breve se encontraria sozinha com Halstead em um quarto fez o desejo pulsar em seu âmago. Devassa não começava nem a descrevê-la. Ela queria o que não poderia ter. E, em questão de minutos, a tentação de reivindicar exatamente isso quase a dominaria.

Não podia permitir. Ele ficaria horrorizado de qualquer maneira. Arabella suspeitava que ele também sentia a mesma atração, mas não faria nada. Ele era um cavalheiro, um duque.

Que infortúnio.

Capítulo nove

A festa de Ripley era um sucesso estrondoso. Se a pessoa estivesse procurando apostar grandes somas ou entregar-se a fantasias extravagantes. Graham tinha começado pela sala de estar e observado enquanto homens e mulheres formavam pares e saíam. Ele logo se mudou para o salão, que tinha uma variedade de mesas de jogo. Era ali que encontraria Osborne ou Tibbord.

No entanto, estava lá há mais de duas horas e ainda não havia sinal deles. A impaciência estava dando lugar à frustração.

Uma cipriana de lábios carnudos, bochechas pintadas de ruge e seios generosos caminhou em sua direção. Com cabelo castanho-claro e olhos verdes, ela lembrava vagamente a srta. Stoke. Mas o mesmo aconteceu com as outras duas mulheres que o abordaram naquela noite, e os cabelos delas não eram castanho-claros nem os olhos eram verdes.

Ela foi até o lado dele e colocou a mão em seu bíceps.

— Boa noite. Você parece solitário.

Maldição, essa cheirava a ervilha-de-cheiro e rosas. Não exatamente igual à srta. Stoke, mas muito perto.

— Não estou — disse, preparando-se para enfrentar a onda de excitação que não tinha nada a ver com a mulher pressionando a lateral do seu corpo.

Bem, não *nada*. Ela era uma manifestação tangível de seu desejo. Não exatamente o que ele queria, mas perto o suficiente para satisfazê-lo. Talvez.

Em que diabos estava pensando?

Banir a srta. Stoke de sua mente. Parecia a decisão mais sábia, e cada vez mais necessária, a se fazer. Estava pensando demais nela.

Graham girou ligeiramente, e a mulher olhou para ele, abrindo

os lábios para revelar uma fileira de dentes bastante tortos. Ela não era a srta. Stoke, e ele não a queria. Não foi por isso que foi ali naquela noite.

Antes que pudesse se livrar dela, o mordomo de Ripley, que Graham conheceu ao chegar antes de a festa começar, aproximou-se.

— Vossa Graça?

— Sim? — A única palavra saiu como uma mistura de alívio e entusiasmo.

— O senhor pode me acompanhar?

Graham lançou um olhar de desculpas para a mulher enquanto ela dava um passo para trás. Seus lábios formaram um leve beicinho enquanto ele praticamente corria atrás do mordomo.

Tibbord devia ter chegado! Ou Osborne. Qualquer um. Graham não se importava. A euforia tomou conta dele no que seguia o mordomo por dois lances de escada.

Enquanto o mordomo o conduzia até uma porta, Graham se perguntou o que estava acontecendo. Teria Ripley conseguido levar Tibbord ou Osborne para uma sala longe da festa? Eles estavam esperando Graham?

A apreensão superou a animação quando o mordomo abriu a porta.

— Por aqui — disse, gesticulando para o duque entrar.

Graham entrou, e a porta se fechou às suas costas. Era um cômodo pequeno e não havia sinal de um cavalheiro.

Havia, porém, uma mulher mascarada parada perto da cama.

O que diabos estava acontecendo?

Ela se aproximou e ele ficou horrorizado ao ver que o cabelo dela era do tom exato do da srta. Stoke. Não conseguia ver os olhos dela, não através das fendas da máscara que ela usava e que cobria quase todo o seu rosto.

Quando ela se aproximou, o aroma de ervilha-de-cheiro mais uma vez tomou conta dele, mas não havia rosas nem qualquer outro cheiro para diluí-lo. Não havia dúvida de quem era.

— Arabella.

O nome de batismo dela saiu de seus lábios com espontaneidade,

ao passo que seu pulso acelerava.

Ela estendeu a mão e desamarrou a máscara, revelando o rosto familiar.

— Não queria tirá-la até o senhor chegar aqui. Apenas por garantia.

Descobriu que não queria que ela tirasse a máscara. Havia algo de sensual na ideia de ela usando-a, e nada mais. Inferno, estava ficando excitado, e lá estavam eles, em um maldito quarto.

— O que diabos a senhorita está fazendo aqui? — Ele cedeu à raiva, era uma emoção muito mais segura no momento. — Não deveria estar aqui. — Ele grunhiu a última frase.

— Eu sei, mas trago informações importantes. — Seu rosto se contraiu de preocupação. — O senhor ainda não viu Tibbord, não é?

— Não. Que informação?

— Meu pai pensou que havia me contado algo outro dia, mas não foi o caso. Então, quando ele tocou no assunto hoje, fiquei muito confusa. — Ela balançou a cabeça. — Não importa.

Ela falou rapidamente e evitou seu olhar. Ela estava nervosa? Claro que estava; estava no meio de uma maldita festa cipriana, na casa do marquês de Ripley. Ela deveria estar nervosa. Deveria estar apavorada.

Ele deu um passo em direção a ela, de modo que apenas uns trinta centímetros os separavam.

— Que informação?

Ela piscou para ele.

— O senhor vai tirar a máscara também?

Ele tinha se esquecido de que usava uma. Concentrado demais nela, no que a proximidade dela lhe causava.

— Diga-me por que está aqui. A senhorita não deveria ter vindo.

— Vejo que está com raiva, mas foi necessário. Se o senhor acusar Tibbord de roubo, ele poderá expor sua situação financeira. Segundo meu pai, ele usou essa informação para extorquir as pessoas.

A raiva desapareceu.

— A senhorita veio aqui para me proteger?

Ela olhou para ele como se fosse uma pergunta boba.

— Foi necessário.

Ele teria feito exatamente o mesmo por ela. Na verdade, muito do que estava fazendo era por ela. Por ele também, mas tinha que admitir que era movido pela necessidade de salvá-la da ruína. Ele poderia sobreviver, mas ela sobreviveria? Sim, sobreviveria. Mas ver seus pais sofrerem a deixaria devastada.

— Arabella, sabe que tipo de festa é essa?

— Um baile de máscaras?

— Há duas coisas interessantes aqui: mesas de jogo e ciprianas. Sabe o que elas são?

Ela ficou com um tom atraente de rosa.

— Sim.

— Acredito que o mordomo de Ripley pensou que a senhorita tenha vindo aqui para ter um encontro comigo.

— Ah. Bom Deus. — Ela desviou o olhar, mas a cor permaneceu em suas bochechas. — Eu não teria vindo se soubesse. — Ela ergueu a cabeça e o encarou. — Sim, eu viria. Não me arrependo de ter vindo. Tomei cuidado... alterei meu vestido até ele ficar irreconhecível, fiz uma máscara, andei depressa e...

Ele se moveu para ficar na frente dela, para que mal se tocassem. Ele tirou a máscara, irritado.

— Você veio *andando*? — Ela assentiu. — *Sozinha*?

Seus olhos brilharam com fogo.

— Eu deveria ter trazido um dos meus criados sobrecarregados e o feito jurar segredo? Talvez se tivesse me contado que tipo de festa era essa...

— Não teria importância. Você acabou de dizer que teria vindo de qualquer maneira. — Ele se elevou sobre ela, o corpo fervilhava de luxúria insatisfeita. Por ela e mais ninguém.

— E por que não me contou? — Seu tom era inflamado e acusatório, atijando as chamas de sua frustração. — Frequenta esse tipo de festa com frequência?

Ela parecia...

— Está com ciúmes? — Ele pretendia provocá-la do jeito que ela o provocava, mas a pergunta saiu errada. Como se ele quisesse que ela

disse...

— Sim. — Ela não desviou o olhar do dele. — Não tenho o direito de estar. Você não pertence a mim.

Não, não pertencia. Mas queria. Mesmo que apenas por um curto período de tempo.

Havia apenas os dois. Ele a queria. Desesperadamente. Estava cada vez mais certo de que ela o queria também. E havia uma cama logo atrás dela.

Ah, isso não era certo, honrado nem aceitável. No entanto, ele disse:

— Pertenço agora.

O ar ao redor deles crepitava, como se uma centena de raios tivesse atingido o quarto. Havia um calor abrasador e uma vibração constante de energia, de desejo.

Ele se rendeu e a tomou nos braços, movendo os lábios sobre os dela com loucura. Arabella colocou as mãos em torno de seu pescoço e ficou na ponta dos pés. A boca da moça encontrou a dele, e o beijo que se seguiu tornou-se o melhor momento de sua vida.

Graham esperava ter que dar alguma lição, mas ela parecia saber exatamente o que fazia. A língua dela percorreu seu lábio, e ele se abriu, unindo-se a ela em um ataque implacável de paixão mútua.

Aquilo podia não ser aceitável nem honrado, mas era divino. Os dedos acariciaram a nuca dele enquanto o corpo se aproximava do dele, os seios pressionavam o peito masculino.

Graham gemeu e girou a cabeça, beijando-a em outro ângulo para conhecer cada parte dela. Ele a queria há algum tempo, mas não tinha percebido o quanto sua fome se tornou consumidora, o quanto precisava desesperadamente daquilo. O quanto precisava dela.

Entrelaçou os dedos no cabelo dela, sem se importar com qualquer dano que pudesse causar. Só queria senti-la, tocá-la, reivindicá-la. A outra mão desceu pela coluna e espalmou a parte inferior das costas de Arabella, trazendo a pélvis dela para a sua. Era magnífico tê-la junto a si, apesar das camadas de roupa entre eles.

Afastando a boca, ele beijou seu queixo, murmurando:

— Você é tão linda. Tem um gosto tão bom. É como estar no

paraíso.

Ela gemeu baixinho quando ele lambeu seu pescoço e mordiscou o lóbulo de sua orelha. Puxou o cabelo dele e passou a outra mão pelo ombro. Então a moveu por baixo do casaco dele, em um movimento quente e sedutor. Ele queria mais.

— Tire. — Seu comando foi suave, mas rouco e profundo de anseio. Ele sentiu o eco do desejo dela profundamente dentro de si.

Ela empurrou o casaco dele, tirando-o dos ombros e depois puxou as mangas pelos braços. Ele moveu-os, ajudando-a. A peça caiu no chão e, em vez de beijá-la novamente, o ele queria fazer mais do que qualquer coisa, Graham paralisou.

Aquilo *não* era certo. Nem honrado. Nem aceitável.

— Arabela. — Não, aquilo também não estava certo. — Srta. Stoke.

— Não se atreva a me chamar assim. Não agora. — Seus olhos se estreitaram quando ela olhou para ele. — Por que parou?

— Porque não deveríamos estar fazendo isso. Sou um canalha completo por permanecer neste quarto, quanto mais por beijá-la.

Ela ergueu o queixo e o olhar que lhe lançou era devastadoramente sensual.

— Nega que me quer?

Ah, Deus, a mulher seria a sua morte.

— Onde diabos aprendeu a falar assim? — Provavelmente no mesmo lugar onde aprendeu a beijar. Agora foi a vez dele de ficar com ciúmes. — Deixa para lá.

Ela baixou os olhos para o peito dele.

— Não sou mais virgem. Pode me considerar devassa, e suponho que sou. — Sua bochecha se contraiu.

Ele ouviu a autorrecreinação na voz dela e quis afastá-la.

— Tem certeza de que não faz parte da Sociedade das Destemidas? — ele perguntou com humor.

Ela inclinou a cabeça para trás e piscou para ele, surpresa.

— Tenho.

— Não a considero devassa. — Ele ficou surpreso por ela não ser virgem e queria saber por que, mas aquilo lhe dizia respeito? A

maioria dos homens diria que sim, especialmente se tivessem o casamento em mente. O que ele tinha. Mas não com ela.

Ah, aquilo era muito errado.

— Devemos parar? — ela perguntou, um leve tremor de dúvida por fim obscureceu a sua voz.

Energia ainda vibrava ao redor deles. Ele nunca sentiu um desejo tão profundo. Só sabia que se arrependeria se fossem embora sem resolver aquilo. Ele se atreveu a ter esperança...

— Você quer?

O olhar dela estava escuro e firme.

— Não.

O corpo dele zumbia de alegria e fome.

— Nem eu.

— Então o que vamos fazer? — Ela olhou brevemente para a cama. Esse olhar, junto com a admissão, foi mais que suficiente.

— Isso.

Ele a tomou em seus braços e a beijou novamente enquanto a última barreira entre eles se transformava em pó.

Arabella ofegou em sua boca enquanto ele a pegava no colo e a levava para a cama. Pelo menos presumiu que fosse para a cama. Não conseguia ver para onde estavam indo, nem se importava. Ele poderia carregá-la para o fogo do inferno, e ela iria com prazer.

Sim, era a cama, pois ele a colocou no colchão. E veio em seguida, cobrindo seu corpo com o dele. Era um peso delicioso, e ela abriu as pernas para recebê-lo entre elas.

Mas havia muitas roupas. Ela puxou o plastrão dele, afrouxando a seda para que ficasse pendurada em seu pescoço. Movendo a mão entre eles, começou a desabotoar o colete. Ele levantou o peito, dando-lhe espaço, e ela logo abriu todos os botões.

Com as duas mãos, ela tirou a peça dos ombros dele e a desceu pelos braços. Ele agarrou um lado e conseguiu jogá-lo longe. Sem demora, ela puxou a camisa do cóis da calça. Graham se levantou novamente, desta vez interrompendo o beijo quando ficou de joelhos.

Depois de tirar a camisa pela cabeça, a peça se juntou ao colete, assim como o plastrão, que saiu voando.

Ela se afogou na visão de seu peito nu. Havia um feixe de pelos escuros no centro, um pequeno triângulo entre os mamilos. Ela estendeu a mão e apoiou a palma lá, sentindo seu calor enquanto a deslizava até o peito, então até o abdômen, onde seus músculos ondularam sob seu toque.

— Por que você não é virgem? — A pergunta pareceu sair sem ele nem pensar, pois o homem ficou instantaneamente horrorizado. — Desculpe, não deveria ter perguntado.

Ela lhe lançou um olhar atrevido.

— Você é virgem?

Ele riu.

— Uma pergunta mais do que justa, e não.

— Você *não deveria* ter perguntado, mas entendo por que o fez. Eu deveria estar intocada, mas, infelizmente, me apaixonei.

— Mesmo? — Ele parecia surpreso.

Ela assentiu, sentindo-se subitamente vulnerável de uma forma que não tinha nada a ver com a posição nem com o local em que estavam.

— O que aconteceu?

— Meus pais recusaram o pedido. Ele não tinha título nem dinheiro. Não tinha nada que o recomendasse, exceto charme e inteligência. Ele deixou a Inglaterra para fazer fortuna... não conseguiria um título, então foi o melhor que pôde fazer para esperar conquistar a minha mão.

— Achei que eu nunca teria um título.

— Não havia um duque na linhagem dele — ela disse com ironia.

— Onde ele está agora?

Ela deu de ombros.

— Não sei.

— Então ele nunca conquistou a sua mão. — Ele se abaixou e cobriu a mão dela, que havia parado em sua barriga.

— Não.

— Ele que perde. — Graham abaixou a cabeça, mas ela o deteve com uma pergunta.

— E a mulher que reivindicou sua virgindade?

Ele riu.

— Era lavadeira em Oxford. Dez anos mais velha que eu e bastante, hum, habilidosa.

Arabella entreteceu os olhos para ele enquanto o ciúme ameaçava atacá-la mais uma vez.

— Continuou com ela por algum tempo?

— Não muito, não. — Ele inclinou a cabeça para o lado, seus olhos ardiam. — Está com ciúmes de novo?

O calor inundou suas bochechas.

— Admito que me irrita pensar em você com outras mulheres. Não o incomoda pensar em mim com Miles?

— Miles? O canalha tem nome? Sim, quando penso nele fazendo com você as coisas que pretendo, me sinto um pouco... bestial. Porém, ele, assim como a lavadeira, estão no passado. Você é meu presente e eu sou o seu.

Ela sorriu de leve, sentindo o coração palpitar enquanto ele tentava abaixar a cabeça novamente. Dessa vez, ela não disse nada antes que ele a beijasse. Seus lábios eram suaves contra os dela a princípio e depois mais exigentes quando ele reivindicou sua boca com a língua.

Arabella se rendeu à sensação, mergulhando em seu toque, aroma e sabor. Mas precisava de mais. Tirou a mão do abdômen dele e puxou a saia para cima.

Ele levantou ligeiramente a cabeça.

— Quer tirar?

Ela balançou a cabeça.

— Muito complicado. E estou muito impaciente.

Ele riu baixo.

— Compreendo. — Ele a ajudou com a saia, expondo suas coxas. O vestido se amontoou em sua cintura e ela percebeu que aquilo seria uma amolação.

— Vire-se. — Ele a ajudou a ficar de bruços.

Ela o sentiu puxar os laços do vestido. A cada movimento, seu corpo zumbia de desejo. Os seios pesavam sobre a cama, loucos para serem tocados. Sim, talvez ela devesse se despir.

Graham pareceu ler sua mente enquanto levantava a parte de trás da saia. Ar frio passou pela parte de trás dos joelhos e coxas e depois por suas costas. Ele a acariciou ali, alisando suas curvas de maneira provocante e depois foi para o meu de suas pernas.

Ela ofegou quando ele encontrou seu sexo e passou o dedo por sua intimidade. Graham soltou um gemido suave enquanto a penetrava. O êxtase explodiu quando seus músculos se apertaram na expectativa da liberação. Não demoraria muito...

— Eu poderia tomá-la assim — ele sussurrou em seu ouvido, e mordeu o lóbulo de sua orelha pouco antes de lambeu seu pescoço e sugar a pele. O dedo dele entrou e saiu dela, e Arabella levantou o traseiro em direção a ele, gemendo.

Com uma série de movimentos rápidos, ele a puxou da cama e tirou o vestido e a anágua, quase rasgando-os em sua pressa. Murmurou um pedido de desculpas, e ela respondeu que não se importava. Eles se beijaram enquanto ele lutava com os cadarços do espartilho dela. Abandonando a tarefa, ele se afastou da boca de Arabella e a virou. Em pouco tempo, ele tirou o espartilho, deixando-o cair no chão.

Ela se virou para encará-lo e o viu empoleirado na beira do colchão. Beijou-o de novo, invadindo sua boca com a língua, em um fervor desesperado. Nunca esteve tão excitada. Se ele a tocasse novamente, chegaria ao ápice no mesmo instante.

Graham tirou o chemise dela, e Arabella chutou as sapatilhas para longe. Então afastou a boca mais uma vez e a beijou e lambeu até os seios. Ele os apertou, primeiro de leve, depois com mais firmeza, pouco antes de seus lábios se fecharem em torno de um mamilo. Ela inclinou a cabeça para trás e gemeu enquanto ele acariciava o outro mamilo. E assim ele continuou, torturando-a até que ela quase atingiu o clímax.

— Halstead. Por favor.

— Graham — ele disse com voz rouca. — Eu mal sou Halstead.

— Graham. — Ela adorou a sensação do nome dele em sua boca.
— Por favor. Não posso esperar mais.

— Minhas botas. — Ele fez careta enquanto a movia um pouco para trás para que pudesse tirá-las.

— E a calça — ela disse, ansiosa para vê-lo nu.

Com um sorriso preguiçoso, ele foi abrindo os botões um a um. Com um grunhido frustrado, ela afastou a mão dele e terminou o trabalho com entusiasmo. Passou as mãos pelo cós, empurrou a roupa pelos quadris dele, deslizando os dedos pelas coxas.

Seu membro saltou livre, e a garganta dela ficou seca. Ele se livrou da calça e das meias e depois a deitou de novo na cama. Ela o agarrou pelos ombros e o puxou, abrindo as pernas para que ele se aninhasse entre elas.

Ele hesitou, olhando-a.

— Tem certeza?

— Nunca tive tanta. Agora, Graham. *Por favor.*

Ele abriu um sorriso predador enquanto acariciava seu sexo, o polegar dava atenção especial ao clitóris. Era mais do que ela podia suportar. Os músculos se contraíram, e Arabella envolveu as pernas ao redor dele, incitando-o a penetrá-la.

Ele o fez e no momento em que a penetrou profundamente, ela se desfez. Graham não parou de se mover e, a cada estocada, o êxtase se intensificava. Ela choramingou enquanto o abraçava, cravando os dedos em seu traseiro enquanto apertava as pernas em volta de seus quadris.

Graham era implacável, e o prazer dela se acendeu mais uma vez, levando-a em direção a outro precipício do qual estava mais do que feliz em cair. Afastou o cabelo da testa e a beijou ali. Depois, novamente na têmpora e na bochecha, no maxilar e, por fim, na boca, onde lábios e línguas se encontraram em uma dança louca e febril.

Arabella o sentiu tenso e soube que ele devia estar perto. Segurou sua bochecha e o beijou profundamente. Mas então ele se afastou... da boca e do sexo dela.

— Eu tive de... — Ele terminou com um gemido que foi arrematado com um “Arabella”, então caiu ao lado dela.

Ela sabia o que ele teve de fazer. Miles fez igual para evitar que ela engravidasse.

A mão de Graham segurou seu sexo.

— Por favor, me diga que você gozou.

— Sim. De novo.

Ele abriu um olho brevemente e sorriu.

— Bom. — Então ele rolou de costas.

Eles ficaram deitados juntos, com os lados se tocando, enquanto recuperavam o fôlego. Seu coração desacelerou e o corpo ficou pesado. Ela pensou que poderia se derreter na colcha.

Uma batida forte fez com que ambos se sentassem. As cabeças se voltaram para a porta quando ela começou a se abrir.

— Há alguém aqui?

Graham saltou sobre ela com um sussurro urgente.

— Esconda-se do outro lado da cama.

Ela não viu o que ele fez a seguir, pois se arrastou do colchão e caiu no chão, cheia de medo.

— Sim, tem — Graham respondeu com raiva.

Ela ouviu a porta bater, seguida pelo som distinto de uma tranca. Aliviada, apoiou as costas na cama e fechou os olhos. Quando os abriu, Graham estava de volta, e já com a calça, o que era uma pena.

— Eu deveria ter trancado a porta. — Ele parecia bastante irritado.

— Por quê? A menos que *você* planejasse me levar para a cama.

— Decerto não foi o caso. — Ele estendeu a mão e a ajudou a ficar de pé, o olhar se demorou em seus seios. — Eu esperava encontrar Tibbord.

Ela deu a volta na cama para pegar as roupas e começou a se vestir.

— Bem, isso é melhor do que esperar encontrar uma cortesã.

— E por que eu deveria ter feito isso?

— Porque esse parece ser o objetivo desta festa. — Ela virou as costas para ele. — Você se importaria de amarrar meu espartilho?

— É o mínimo que posso fazer.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Eles terminaram de se vestir em silêncio, e ela vasculhou o quarto em busca de um espelho para arrumar o cabelo. Infelizmente não havia nenhum.

— O que está procurando? — ele perguntou.

— Eu queria ver meu cabelo. Parece bagunçado e devo arrumá-lo antes de me aventurar a sair do quarto.

— Não está terrível. De qualquer forma, você vai diretamente para casa, então não precisa se preocupar.

Ela parou e o observou ao calçar as botas.

— Por quê? Agora que estou aqui, e mascarada, posso ficar e ajudá-lo com Tibbord.

— Se ele aparecer. Talvez seja Osborne. Pode ser que não seja nenhum dos dois. — Ele fez careta.

— Suponho que teremos que esperar para ver — disse ela, optando por permanecer otimista. Tinha que permanecer assim. — O que diremos a eles? Não podemos acusá-los de roubar seu dinheiro. Talvez você devesse fingir ser outra pessoa, alguém interessado em investir.

Ele se levantou da cadeira depois de terminar de calçar as botas e então pegou o casaco no chão.

— Eu ia lhe dizer que *nós* não vamos fazer nada, mas seu plano é bom. — Ele vestiu o casaco e ajustou a roupa. — Não, pensando bem, você tem que ir embora. Posso fingir ser outra pessoa sem você.

Arabella fez careta para ele.

— Mas estou aqui. Disfarçada. Quando terei outra oportunidade? — Ela cruzou os braços. — Além do mais, você não é meu pai. Nem meu marido.

— Não, não sou — ele disse baixinho e com um toque de pesar. — Arabella, se as coisas fossem diferentes...

Ela caminhou em direção a ele.

— Não diga isso. As coisas não são diferentes. Nós dois temos que fazer o que devemos. — Ela arrumou o plastrão dele, enfiando as pontas no colete. — Esta noite, foi necessário que eu estivesse com você. Talvez fosse o que eu precisasse para suportar o futuro.

Graham a segurou pela cintura.

— Não diga isso. Você merece um futuro cheio de amor e felicidade.

A moça olhou para ele.

— Você também. Deixe-me ajudá-lo esta noite. Por favor?

Ele a encarou por um bom tempo antes de enfim exalar.

— Isso vai contra tudo em que acredito. Mas a noite parece estar girando em torno disso. — Ele a puxou para si e a beijou.

Arabella suspirou e se inclinou para ele, contente por estar em seu abraço. Depois de vários longos momentos, eles se separaram.

— Vamos descer? — ela perguntou.

— Não saia do meu lado, está claro? — Ela assentiu, e ele alisou seu cabelo, prendendo algumas mechas aqui e ali. — Melhor.

Então recuperou as máscaras e amarrou a dela, que retribuiu o favor enquanto ele se agachava em sua frente. Ela riu.

— Aqui está você nessa posição novamente.

— Verdade.

Ela ouviu o sorriso em sua voz e decidiu que não importava o que acontecesse, sempre seria grata pelo tempo que passaram juntos. Era assim que se sentia em relação a Miles. Sem arrependimentos, apenas lembranças felizes e uma pontada de tristeza pelo que nunca poderia ser.

Rogou para que daquela vez fosse apenas uma pontada também. No entanto, seu coração estava começando a sugerir que poderia ser um pouco mais que isso.

Capítulo dez

Embora não fosse sensato nem apropriado que Arabella estivesse naquela festa, Graham não se importou nem um pouco com a oportunidade de tocá-la à vontade. Eles desceram as escadas, com o braço dela entrelaçado ao dele, a lateral do corpo se tocando. Em um evento da Sociedade, teriam causado um rebuliço, andando tão próximos um do outro. Ali, eles se misturavam com a multidão. Graham inclinou a cabeça na direção de outro casal subindo, também de braços dados.

— Vamos voltar para o salão — ele disse, ao percorrer o primeiro andar. — Parece o melhor lugar para encontrar Tibbord ou Osborne.

— Temos que presumir que ele, seja quem for, usará uma máscara. E se for Tibbord, não teremos ideia de quem é.

— Verdade. Graças a você e o seu pai, poderemos reconhecer Osborne, mesmo de máscara. — Ele queria ser otimista.

Ela lhe lançou um sorriso encorajador.

— Espero que sim.

Graham acompanhou-a ao salão, onde cerca de duas dúzias de cavalheiros jogava. Havia outros por ali, a maioria com uma mulher nos braços ou junto ao corpo. Elas, Graham percebeu, não estavam mascaradas. Não notou antes. Olhou para Arabella, pensando que sua máscara a diferenciava das outras. Não importava. Não era como se pudesse tirá-la. Só esperava que ela não chamasse atenção.

Mas como não chamaria? Estava deslumbrante mesmo com a maior parte do rosto coberto. E era mais do que apenas pelo corpo, que era espetacular, mas o seu porte e maneirismos. Ela tinha confiança e graça, exalava uma aura de força e feminilidade que ele achava muitíssimo atraente.

— Halstead — o marquês de Ripley avançou e o cumprimentou. Ele não usava máscara. Como disse a Graham antes, não via sentido, a festa era dele, afinal. Ripley olhou para Arabella e o duque teve que lutar contra a vontade de derrubá-lo. — Nós nos conhecemos? — ele perguntou a ela.

— Esta é a sra. Devon — Graham disse, inventando um nome. Ela fez uma reverência.

— Prazer em conhecê-lo, milorde.

Ripley inclinou a cabeça e lançou um olhar interrogativo para Graham, que ele optou por ignorar. Em vez disso, gesticulou para que fossem para o canto.

— Tibbord ou Osborne chegaram? — Graham perguntou.

— Não. — Ripley franziu a testa. — Fiz o meu melhor para garantir que soubessem da festa e que haveria apostas substanciais.

Lutando contra uma onda de decepção, Graham olhou ao redor da sala, em busca de Osborne. Devia ser fácil encontrá-lo com seu queixo pontudo, altura incomum e a provável presença de uma bengala com cabeça de corvo. Ele se virou para Ripley.

— Nada de bengala?

Ripley balançou a cabeça quando Arabella disse:

— Lá. — Ela acenou com a cabeça em direção ao fundo da sala, perto de uma porta externa. Um homem estava sentado em uma cadeira observando o jogo, com o rosto quase totalmente coberto por uma máscara. Exceto por sua boca e um queixo muito pontudo.

— A senhora sabe como ele é? — Ripley perguntou, surpreso.

— Sua Graça descreveu o cavalheiro para mim — ela disse baixinho.

Graham olhou para ela com grande admiração.

— Achei que seria útil ter outro par de olhos.

Os olhos de Ripley se estreitaram um pouco e apenas brevemente. Ele olhou para Graham.

— O que gostaria de fazer?

— Preciso convencê-lo a me permitir investir.

A testa de Ripley franziu-se em confusão.

— Pensei que fosse confrontá-lo.

— Eu ia, mas acho que será muito melhor se eu disser que quero investir. Não quero esse homem, mas o Tibbord.

— Tem razão — Ripley falou. — Talvez devêssemos ir até lá e conversar sobre todo o dinheiro que você perdeu recentemente e como precisa de uma mudança drástica na sorte.

— Perfeito. — Graham dirigiu-se ao homem que suspeitavam ser Osborne. Quando estavam próximos, ele disse: — Se eu não recuperar pelo menos uma parte dos meus fundos, estarei em apuros.

— Por que não joga piquete? — Ripley perguntou, como se não fosse nada.

— Não posso me dar ao luxo de perder. — Graham manteve o tom grave e ergueu as sobrancelhas. — Preciso de um retorno garantido.

Ripley zombou.

— Nada é garantido.

A isca funcionou exatamente como pretendiam. Osborne, se fosse ele, levantou-se da cadeira. Ele tinha vários centímetros a mais que Graham e Ripley. O duque procurou por uma bengala, mas não a encontrou. Talvez ele não a tivesse trazido esta noite.

— Boa noite, milorde — Osborne, se fosse ele, disse, inclinando a cabeça na direção de Ripley. — Obrigado pelo convite.

Ripley sorriu em resposta.

— Estou feliz que tenha vindo. Osborne, não é?

— Sim. Devo dizer que fiquei surpreso por ser incluído em sua festa.

— Alguém recomendou que eu o convidasse. — Ripley passou a mão pelo queixo, o rosto brevemente contemplativo. — Não consigo me lembrar quem, mas suponho que não importa. Vai jogar hoje à noite? — Ele apontou para as mesas. — Ou posso providenciar outro entretenimento?

O olhar de Osborne desviou-se para Graham.

— Na verdade, pensei em falar com seu amigo. Não pude deixar de ouvir sua conversa e talvez eu tenha uma solução para os problemas dele. — Por baixo da máscara, Osborne lançou um sorriso plácido para Graham, que sentiu uma necessidade repentina de apagá-

lo do rosto do homem. Ele e seu empregador espoliaram inúmeras pessoas, arruinaram vidas enquanto enchiam os próprios cofres.

— Deveras? — Graham perguntou, inclinando-se ligeiramente para frente. — Como pode me ajudar?

Arabella agarrou seu braço e ele resistiu ao impulso de aliviar a tensão da dama.

Osborne lançou um olhar cauteloso para Arabella, mas continuou:

— Facilito investimentos. Meu empregador é muito bom em selecionar investimentos lucrativos que rendam muito dinheiro a seus clientes. Ele salvou muitos cavalheiros da prisão de devedores. — Seu tom era presunçoso e totalmente enganoso. O desejo de cometer violência física estava ficando mais forte.

— Que intrigante — Graham comentou, infundindo em sua voz uma mistura de curiosidade e ceticismo. — Que tipo de investimentos?

— Uma grande variedade. Construção. Navais. Este não é o melhor lugar para discutir o assunto. — Mais uma vez, Osborne lançou um olhar circunspecto para Arabella, em seguida deu a Ripley um de desculpas. — Perdoe-me. Esta é uma noite de entretenimento, não de negócios.

Graham não o deixaria escapar, não sem garantir um encontro futuro. Ele se separou de Arabella e se aproximou de Osborne.

— Talvez possamos marcar um horário para continuarmos nossa conversa.

— Isso seria aceitável. O que acha de segunda-feira à noite, no Hosenby's, na Leicester Square, às nove horas?

Graham se encheu de expectativa.

— Estarei lá.

Osborne soltou uma risada leve.

— Peço perdão, mas como nos reconheceremos sem a máscara?

— Talvez devêssemos simplesmente usá-las — Graham propôs, rindo.

— Isso vai nos render alguns olhares.

Graham o avaliou.

— Ouso dizer que o reconhecerei. O senhor é bastante alto.

— Muito bem. Eu o verei então.

— Este encontro me inclui? — Ripley perguntou, surpreendendo Graham.

Osborne pareceu olhar Ripley com desprezo.

— Não fui levado a acreditar que o senhor necessitava fazer investimentos, milorde. Meu empregador é bastante... exigente. — Ele acenou com a cabeça em direção a Graham. — Boa noite. — Ele se virou e saiu.

Ripley o encarou.

— Sinto como se tivesse levado um corte de um canalha. Mesmo para mim, é novidade.

Graham não pôde deixar de sorrir com o humor autodepreciativo de Ripley.

— E Osborne nem sabe quem sou.

— Como sabe que é o caso? — Ripley perguntou com um sorriso malicioso.

Graham voltou para Arabella, e ela não hesitou em passar a mão em volta de seu braço.

— Suponho que não, mas nunca encontrei o homem e ainda não sou exatamente conhecido na cidade, ainda mais com uma máscara.

— Dirá a ele quem é ou vai esperar que ele decifre? — Ripley perguntou.

— Acho que preciso contar a ele. — A mente de Graham se agitou enquanto contemplava o seu plano. — Vou precisar refletir.

— Avise-me se precisar de ajuda. — O olhar de Ripley desviou-se mais uma vez para Arabella.

— Eu vou — Graham disse, puxando-a para si. — Estou pensando em como proceder, desde que consiga uma entrevista com Tibbord. Na ausência de extorsão, parece que devo atacar os lugares que ele sempre está: os antros de jogatina.

Ripley estreitou os olhos.

— O que tem em mente?

— Se ele não puder ir a esses lugares, não terá onde caçar. Para que serve o meu título se não consigo banir um vigarista de um ou

cinco antros de jogatina?

— Tem razão, de fato. — Ripley deu um breve sorriso. — Bravo, você está aprendendo.

— Tenho que garantir que ele não se aproveite mais dos crédulos. Não que ele precise saber disso. — Graham soltou uma risada suave. — Agora é hora de partirmos. Obrigado por uma noite muito útil. Estou em débito com você. — Ele estremeceu internamente com sua má escolha de palavras.

— Cuidado, Halstead, eu gosto de cobrar dívidas. — Ripley abriu um sorriso.

Graham ofereceu o braço a Arabella e a guiou em direção à porta pela qual haviam entrado. Pouco antes de partirem, ele mirou Ripley, que os observava com interesse, e uma das sobranceiras levantada. Graham suspeitou que ele estava se perguntando quem era Arabella. Decerto ele sabia quem convidou para sua festa, e a sra. Devon não estava na lista.

Descartando a onda de desconforto que o percorreu, Graham acompanhou Arabella para fora da casa. Assim que chegaram à calçada, ele parou.

— Você veio mesmo a pé? — ele perguntou.

— Não é tão longe.

Não, não era, mas pensar nela andando sozinha o deixava nitidamente desconfortável.

— Sei que não sou seu pai, nem seu marido, mas promete não fazer isso de novo?

— Não vou prometer nada, exceto ter cuidado.

Eles começaram a caminhar pela praça, em direção à Oxford Street.

— Você deveria ser membro da Sociedade das Destemidas.

— Eu seria, se pudesse. — No entanto, não tinha o luxo de escolher.

Nem ele. Não se quisesse ficar com Brixton Park. E ele queria, mais do que tudo. Mas se pudessem escolher...

— Você realmente preferiria a vida de solteirona ao casamento?

— A palavra solteirona é usada como se fosse uma degradação.

No entanto, há muitas coisas que recomendam esse estado.

— E quais são? — Ele estava genuinamente interessado.

— Independência não apenas para fazer o que quiser, mas também para controlar os próprios fundos.

— Imagino que isso em particular seria atraente para você. — Ele sabia que era para ele. Queria estrangular o antigo duque por se comportar com tanto descuido.

— Sim.

— Não sentiria falta da companhia de um marido? — ele perguntou.

— É difícil sentir falta do que não se teve. E se estiver se referindo ao que acabamos de fazer, claramente o casamento não é um requisito. — Ela lhe lançou um olhar ardente.

Ela acabara de sugerir um caso? Não, ele só estava procurando um motivo para repetir o encontro. Hora de mudar de assunto.

— Suponho que não precisaremos nos encontrar pela manhã — ele disse, sentindo-se um pouco desapontado. — Estava ansioso pela nossa próxima aula de esgrima.

— Poderíamos nos encontrar na terça-feira. Estarei muito ansiosa para saber como serão as coisas com Osborne. A menos que eu possa ir. — Ela lhe lançou um sorriso esperançoso.

— Nem pensar. Você não pode aparecer em um antro de jogatina na Leicester Square.

Por mais surpreendente que fosse, ela não discutiu.

— Por falar em aparecer, quando contar a Osborne quem é, ele não vai perceber que você não tem dinheiro para investir?

— Claro que ele sabe quanto roubou do duque anterior, mas também sabia que o duque hipotecou Brixton Park e estava essencialmente falido? Mesmo que fosse o caso, ele não teria como saber da minha situação financeira. Eu não estava desamparado quando herdei o ducado.

Ela diminuiu a velocidade.

— Então tem dinheiro para investir? — Ela parecia surpresa.

— Eu teria há seis meses; no entanto, tive que gastar a maior parte das minhas economias apenas para manter Brixton Park e

Halstead Manor funcionando.

— É estranho pensar que você está financeiramente insolvente quando possui duas propriedades tão grandes.

Ele não discordou.

— Bem, se eu não conseguir uma boa quantia, não serei mais dono de Brixton Park. Estou, no entanto, preso a Halstead Manor e ao seu excesso de problemas.

Ela olhou para ele enquanto esperavam para atravessar a Oxford Street, que ainda estava movimentada mesmo àquela hora tardia.

— O que há de errado com isso?

Houve uma pausa no trânsito e ele a conduziu rapidamente para o outro lado da rua.

— Coisas demais. Parece que os duques anteriores prestaram pouca atenção ao lugar depois que Brixton Park foi construída. Na verdade, eu me pergunto por que não vincularam Brixton Park ao título. Essa é mais uma pergunta para a qual nunca terei resposta. É uma pena, porque poderiam ter deixado meu tataravô cuidar do lugar. — Era uma crítica constante do pai. Em vez de cortar todos os laços com o irmão, o terceiro duque deveria tê-lo enviado para Halstead Manor para administrar a propriedade.

— Quem era seu tataravô? — ela perguntou.

— Richard Kinsley... o irmão mais novo de Robert, o terceiro duque de Halstead. *Ele* deveria ter sido o duque, pois era muito mais inteligente que o irmão mais velho. Richard projetou o Brixton Park e supervisionou sua construção, a casa e os jardins. Quando terminou, Robert o recompensou mandando-o embora e deserdando-o.

O sobressalto dela foi gratificante.

— Por que ele fez isso?

— Porque a esposa mandou. Richard descobriu que ela estava tendo um caso, e planejava contar a Robert. No entanto, a duquesa chegou antes, falando a Robert que seu irmão a agredira. Ela queria que Robert o matasse, mas ele não podia matar o irmão, então o mandou embora. Tudo mentira da duquesa para se proteger. E foi o que garantiu que meu ramo dos Kinsley fosse totalmente isolado da família.

Ela parou.

— Minha casa é ali.

Era mesmo. Ficou tão envolvido em sua história que perdeu a noção de onde estavam.

— Como vai entrar sem ser vista? Presumo que tenha escapado mais cedo?

Ela assentiu, virou-se para ele e pegou suas mãos.

— Lamento muito que sua família tenha sofrido tal injustiça. Posso entender por que Brixton Park é tão importante para você.

— Ela simboliza o que perdemos. Meu pai ficou muito feliz por voltar para nós, ou por estarmos voltando, que seríamos o futuro da família Kinsley. Estou feliz que ele tenha sabido antes de morrer que isso aconteceria... e estou feliz que ele não soubesse o quanto o duque anterior havia estragado as coisas.

— Se alguém pode consertar a situação, é você — ela falou baixinho. — Você vai encontrar uma maneira de ficar com Brixton Park. — Ela franziu o cenho. — Você mencionou extorsão. Realmente recorreria a isso?

— Eu preferiria que não fosse o caso, mas farei o que for preciso... por mim e por você. Encontrarei uma maneira de salvar sua família. — Ele inclinou a cabeça e apertou as mãos dela. — Prometo.

Ela sorriu, mas havia uma ponta de tristeza no gesto.

— Minhas perspectivas de casamento são boas, acho. Ninguém muito rico, mas, espero, bem situado o suficiente para manter meus pais fora da prisão dos devedores.

Seu peito se apertou, porque ele sabia que ela não queria se casar e ainda assim faria o que fosse necessário para proteger os pais.

— Isso não é bem uma certeza, é?

Ela deu de ombros.

— Meus pais dizem que sim, mas não sei se é verdade. Meu futuro marido terá que prometer cuidar deles da melhor maneira possível. Suponho que isso precisará ser negociado antes do casamento. — A incerteza ecoou em sua voz. Suas perspectivas poderiam ser boas, mas havia chances de um noivo em potencial hesitar ao ouvir a verdade sobre sua situação financeira.

Era mais importante do que nunca que ele recuperasse o dinheiro de Tibbord. Graham estava comprometido, custasse o que custasse.

Ele ergueu a mão e acariciou seu queixo. Por um tempo, gostara dela, mas, depois daquela noite, transformou-se em algo mais. Ela não poderia ser sua, mas foi, mesmo que por pouco tempo. E ele guardaria a memória pelo resto dos seus dias.

— É melhor eu entrar — ela sussurrou.

— Sim.

Mas eles não se moveram. O tempo se estendeu, como se nenhum dos dois quisesse que a noite acabasse. Ele não queria. Mas era necessário.

Ela percebeu também, ficou na ponta dos pés para pressionar de forma breve os lábios nos dele. O beijo foi gentil e encantador, mas ambivalente.

Afastando-se dele, ela disse:

— Eu o verei na terça-feira.

Ele a deixou ir.

— Mesma hora e lugar?

Ela assentiu, depois se virou e foi até a entrada de empregados de sua casa.

Enquanto ele a observava partir, a sensação frustrante de estar preso tomou conta de Graham. Era estranho pensar que agora que era um duque, com todo o prestígio e poder que o título carregava, estava muito mais sobrecarregado do que jamais esteve como secretário.

De que adiantava ser duque se não podia usar esse poder? E como poderia usá-lo para ajudar Arabella? Não tinha certeza, mas estava determinado a resolver a questão.

Começou a chover quando Arabella passou pelo portão do jardim de Phoebe na manhã de segunda-feira. Correu para a sala do jardim, onde a amiga estava sentada à mesa.

Phoebe levantou-se de um salto para abrir a porta.

— Entre!

Arabella entrou correndo antes que ficasse muito molhada.

— Obrigada. Espero não estar incomodando. — Ela limpou a umidade da saia.

— Nunca — Phoebe afirmou, retomando o assento. — Junte-se a mim. Eu estava tomando chá e comendo bolo. Nada de biscoitos amanteigados, infelizmente.

Arabella sentou-se à mesa redonda.

— Tudo bem. Desde que a sra. Woodcock começou a prepará-los, já comi mais do que o suficiente, mesmo com meu pai devorando a maioria deles.

— Ele está se sentindo melhor, espero? — Phoebe perguntou.

— Está. — Na verdade, ele desceu para tomar café da manhã no dia anterior. Parecia ter melhorado desde que ela lhe falara de Tibbord. Ele pediu uma atualização ontem. Ela disse que não tinha ouvido nada.

Na verdade, teve dificuldade em se concentrar no assunto quando a mente estava tão ocupada com Graham. Mais precisamente, com o que aconteceu no baile. Ela se rendera à tentação novamente. Seria de se pensar que se arrependeria, mas não conseguia. Muita coisa estava além de seu controle, e valorizaria as que eram dela e somente dela.

— Como vai a caça ao marido? — Phoebe perguntou antes de tomar um gole de chá.

Arabella serviu-se de uma xícara.

— Bem. Acho que sir Ethelbert talvez esteja interessado.

Phoebe franziu os lábios.

— Ele não tem uma mãe autoritária?

Autoritária talvez fosse uma descrição exagerada.

— A mãe geralmente está com ele, se é o que você quer dizer.

— Sim. Ela gosta de você? Creio que ela precisará gostar se quiser ter uma chance com ele.

Arabella falou com a dama algumas vezes, mas não percebeu se a mulher gostava dela ou não.

— Creio que sim?

— Como seria possível não gostarem de você? — Phoebe

perguntou. — Há mais alguém além de sir Ethelbert? O duque de Halstead, talvez?

Por ter acabado de tomar um gole de chá, Arabella lutou para não se engasgar. Engoliu em seco e tossiu delicadamente enquanto pousava a xícara na mesa.

— Por que mencionou Sua Graça?

— Jane e eu achamos interessante que ele tenha ido ajudá-la outro dia. Ele também é atraente, charmoso e pode estar em busca de casamento. Ele tem sido um pouco astuto sobre isso.

— Não combinaríamos — Arabella se forçou a dizer. Porque não fariam isso. Ambos precisavam de algo que o outro não poderia fornecer.

— Você já se decidiu quanto a isso? — Phoebe perguntou.

— Sim. Passamos algum tempo juntos. Ele me visitou um dia desses.

— Mesmo? Bem, estou surpresa que vocês não combinem. Parece que duas pessoas de cuja companhia gosto deveriam gostar da companhia uma da outra. — Phoebe exalou. — Infelizmente, desfrutar da companhia de alguém não significa que você deseja se casar com essa pessoa. É bom que você esteja sendo seletiva. — Ela olhou atentamente para Arabella. — Ou talvez não esteja entusiasmada com o casamento? Espero que não esteja procurando um marido por achar que é uma obrigação.

Arabella sentiu uma onda de amargura ao pegar um bolo.

— Não tenho as liberdades de que você desfruta. Estou procurando um marido para garantir meu futuro. — Ela enfiou o bolo na boca e mastigou com entusiasmo irritado.

Phoebe levou a mão ao rosto.

— Ah, querida, eu me esqueci completamente. Sinto muito, Arabella. Bom Senhor, não demorei muito para esquecer as exigências e expectativas impostas às jovens tanto pela família quanto pela sociedade. — Ela deu a Arabella um sorriso de desculpas. — Eu apoio tudo o que você quiser ou precisar fazer.

Arabella libertou-se da tensão em seus músculos. Estava nervosa desde sábado à noite. Seria de se pensar que o que fez com Graham a

teria deixado consideravelmente relaxada. E assim foi por um tempo. Mas aquilo foi passageiro, algo maravilhoso que nunca mais se repetiria.

A curiosidade a levou a perguntar:

— Você ficará triste por não se casar?

— Céus, não. — Os ombros de Phoebe se contraíram. — Por que eu ficaria?

— Há certas... vantagens no casamento.

— E quais seriam? — Phoebe perguntou com uma pitada de humor.

Arabella teve relações sexuais com dois homens, interiormente, ela estremeceu, e gostou muito. Não conseguia imaginar passar a vida inteira sem fazer aquilo. Ela pegou sua xícara de chá e olhou para a amiga por cima da borda.

— Sexo.

Phoebe pousou a xícara com um estalido.

— Alguns diriam que não é uma vantagem, mas uma tarefa árdua.

Arabella supôs que só se o cavalheiro não fosse bom naquilo. Ao que parecia, teve sorte. Duas vezes. Pensou nas cortesãs e nos cavalheiros que vira juntos na festa de Ripley. Todos pareciam bastante arrebatados, e ela duvidava que sexo fosse uma dificuldade para qualquer um deles.

— Alguns dizem que é bastante prazeroso.

— Não o é para todos — Phoebe respondeu em tom calmo.

Arabella notou que ela estava pálida e ficou preocupada por tê-la chateado.

— Você está bem?

Phoebe respirou fundo.

— A maioria das pessoas acredita que me recusei a me casar com meu noivo por causa de sua libertinagem e, embora seja verdade, essa não é toda a história. — Ela fez uma breve pausa. — Sainsbury tentou me forçar. Se o laçao não tivesse interrompido ou se ele não estivesse tão embriagado, estremeço ao pensar o que poderia ter acontecido. E eu sabia que era o que aconteceria na minha noite de núpcias. Eu não

quis que ele voltasse a me tocar. Não tenho certeza se quero que algum homem me toque novamente.

Raiva e tristeza tomaram conta de Arabella.

— Oh, Phoebe, isso é horrível.

Ela convocou um sorriso.

— Consegui humilhá-lo no dia do casamento. Embora essa não fosse minha intenção, foi um pequeno conforto. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Parece que sua opinião sobre sexo difere da minha.

Arabella queria que Phoebe soubesse que nem tudo era ruim, que nem todos os homens eram repulsivos.

— Sim.

— Fala por experiência própria? — Phoebe perguntou.

— Sim — Arabella respondeu.

Phoebe arqueou uma sobrancelha.

— Seu antigo amor?

Arabela assentiu.

— Ele, ah, me levou a acreditar que as atividades sexuais são muito boas. — Ela balançou a cabeça. — Não, não boas. *Esplêndidas*. — A palavra também não fazia justiça ao ato, especialmente quando pensava em Graham. Devastadoras. Lindas. *Divinas*.

Os olhos de Phoebe se arregalaram.

— Por acaso fez mais do que apenas beijá-lo?

As bochechas de Arabella esquentaram e ela encarou a xícara de chá.

— Sim. — Esperava que Phoebe não pensasse mal dela.

— Bem, este é um dia para revelações — Phoebe comentou. — Revelações *secretas*. Nada do que foi dito aqui será repetido.

Erguendo a cabeça, Arabella olhou-a com gratidão.

— Espero que um dia você possa experimentar o que eu experimentei. Você mudaria de ideia sobre as vantagens do casamento.

— Ou talvez eu apenas encontrasse uma nova atividade para me entreter — ela disse com um sorrisinho. — Quem disse que é preciso se casar para fazer sexo?

Arabella sorriu, lembrando-se de como dissera praticamente a mesma coisa a Graham.

— Os homens decerto não.

— É bem por aí — Phoebe falou, erguendo a xícara de chá. — A Sociedade das Destemidas faz as próprias regras. À liberdade!

— À independência! — Arabella pegou sua xícara em resposta e elas brindaram antes de beber.

Arabella desejou poder ser membro e então se lembrou de que Phoebe havia dito que ela era. Contaria a Graham na próxima vez que o visse, já que ele dizia que ela deveria ser.

Amanhã. Ela o veria amanhã. Sozinho no parque. Não era um quarto, mas...

Não! Não haveria beijo nem qualquer outra coisa. Ele poderia muito bem dizer a que havia concluído seus negócios com Tibbord, e então a associação deles chegaria ao fim.

Sabia que era um relacionamento temporário. Não que tivesse pensado nisso na outra noite. Não tinha considerado nada além do quanto o queria e como era maravilhoso estar com ele.

Quanto mais cedo aceitasse que ele não passaria de uma linda lembrança, como Miles, melhor seria.

Capítulo onze

Depois de chegar cedo ao Hosenby's na noite de segunda-feira, Graham bebeu uma caneca de cerveja enquanto aguardava Osborne. Ele estava sentado a uma mesa encostada na parede com vista direta para a porta, a qual ele vigiava como uma ave de rapina. Por isso, foi impossível que a chegada de Ripley e Colton passasse despercebida.

O marquês e o visconde examinaram a sala e logo encontraram Graham. Que diabos eles estavam fazendo ali?

Os dois foram até a mesa de Graham e não esperaram ser convidados para se sentar.

— Boa noite, Halstead — Colton disse.

— Boa noite. Que surpresa os ver aqui — Graham respondeu, sem diluir a ironia.

Colton inclinou a cabeça em direção a uma criada.

— Achamos que você poderia precisar de apoio moral.

Graham não precisava, mas se absteve de dizer. Não queria assustar Osborne, e o homem deixou claro que não estava interessado em se associar a Ripley.

A criada trouxe mais duas canecas de cerveja para os convidados indesejados de Graham. Como sempre, o olhar dela se demorou em Ripley. Em seguida o desviou para Colton. Supôs que ela demonstrou o mesmo interesse, mas ele não retribuiu. Ripley e Colton, entretanto, sorriram para ela, e a mulher saiu saltitando com um sorriso malicioso.

— Alguma vez vocês já saíram e não foram atrás de mulheres?

— Graham perguntou, levantando a cerveja para tomar um gole.

— Nunca faço nada sem ir atrás de mulheres — Ripley retorquiu.

— A vida seria tragicamente chata sem elas. Eu me perguntei se você

sequer estava interessado nelas até que o vi com... qual era o nome dela, sra. Devon? — Ele tomou um gole de cerveja. — Ela é linda. Você a trouxe? Não me lembro de tê-la conhecido e fiz o possível para conhecer todas as ciprianas que foram à minha casa naquela noite.

— Não, eu não a trouxe. Você não deve tê-la notado. — Graham rezou para que ele abandonasse o assunto. Ou que Osborne chegasse. Este último seria o ideal.

— Mas você foi embora com ela — Ripley apontou.

Colton se inclinou sobre a mesa, em direção a Graham, seus olhos vermelhos brilhavam de interesse.

— Foi mesmo?

— Partimos ao mesmo tempo. Não fui embora com ela. — Felizmente, ninguém os viu caminhando juntos. Mesmo que vissem, Graham diria que estavam enganados.

Ripley virou-se para o duque e passou o braço nas costas da cadeira dele.

— Presumi que você tivesse alguma associação com ela, já que recrutou sua ajuda para localizar Osborne e permitiu que ela ficasse presente enquanto falava com ele.

— Apenas porque pareceu prudente ter ajuda. — Felizmente, Osborne entrou naquele momento. Mesmo sem a máscara, o homem era reconhecível graças à sua altura e à bengala. Graham levantou-se de pronto. — Com a sua licença. Embora eu agradeça o apoio, é melhor falar a sós com Osborne.

— Concordo — Ripley falou, o que fez Graham relaxar um pouco. Ele tirou a mão da cadeira e olhou para o duque com uma expressão comedida que transmitia seriedade em vez de seu habitual senso de humor. — Como disse Colton, queríamos apenas dar apoio moral... ou qualquer outro tipo de apoio, caso você precise.

— Obrigado. — Graham correu para encontrar Osborne à porta. — Boa noite, sr. Osborne.

O olhar de Osborne passou por ele.

— Boa noite. Sim, você é o homem que conheci outra noite.

Graham estendeu a mão.

— Halstead.

A surpresa brilhou nos olhos escuros de Osborne, e ele piscou, talvez em um esforço para mascarar a emoção.

— Vossa Graça, é uma honra conhecê-lo.

— Venha, vamos encontrar um canto tranquilo para nos sentar. Se é que existe tal lugar em um antro de jogatina. — Ele sorriu e conduziu Osborne até uma mesa no canto, no lado oposto de Ripley e Colton.

Eles se acomodaram, e Osborne disse:

— Sim, podem ser muito barulhentos, mas geralmente não muito, ainda mais se ficar longe das salas de jogo.

— Estou surpreso que este seja o lugar em que o senhor prefere conduzir negócios — Graham falou. — Não tem um escritório?

— Essa é uma despesa que meu empregador não deseja incorrer. Não é necessário, pois ele só trabalha com um pequeno grupo de clientes seletos.

Graham se perguntou como ele conseguiu se tornar “seleto”, mas supôs que isso se baseava inteiramente na conversa que Osborne ouvira no sábado à noite.

— Seu empregador... quando poderei me encontrar com ele?

— Não é assim que trabalhamos, infelizmente. O senhor se encontrará comigo. Meu empregador está concentrado em investir seu dinheiro da melhor maneira possível.

Quanta bobagem. Graham praticamente teve que morder a língua.

Uma criada diferente depositou duas canecas de cerveja na mesa antes de se sair apressada.

— Então temo não poder investir — Graham declarou. Era um risco enorme, mas teria que encontrar Tibbord cara a cara. Ele pegou a caneca e tomou um gole da cerveja, esperando parecer desinteressado.

Osborne franziu a testa, mas não disse nada. Graham aproveitou sua vantagem, se é que tinha uma.

— Não é possível que eu seja o primeiro cliente a solicitar uma reunião com seu empregador.

— Não. — Os lábios de Osborne se esticaram em um sorriso tenso e sem humor. — No entanto, esse é um privilégio reservado a

poucos.

— Pode-se argumentar que sou o epítome do privilégio. — Pela primeira vez, Graham exibiu o título como um farol. — Se o seu empregador não puder se reunir com um duque, vejo-me obrigado a questionar se os investimentos dele são lucrativos.

Osborne estreitou os olhos.

— O senhor realmente tem dinheiro para investir?

Graham se perguntou se o assunto viria à tona. Ficou tenso, sentindo-se como se estivesse no meio de uma partida de esgrima.

— Tenho.

— Devo perguntar, é claro. — O sorriso pomposo voltou. — O duque anterior, que também exigiu conhecer meu empregador, não era tão solvente e, pela sua conversa na outra noite, parecia que o senhor poderia estar em situação semelhante.

Graham escondeu o choque à menção ao duque anterior. Não esperava que Osborne o citasse, mas como o homem poderia saber se Graham sabia ou não de Tibbord e seus esquemas? — O duque anterior investiu com seu empregador? — perguntou, fingindo surpresa. — Eu não estava ciente disso.

— Que coincidência — Osborne falou baixo, pegando sua caneca. — O duque gostava de exercer seu privilégio. Receio que não tivesse muito mais quando morreu. — Ele disse com uma mistura de pena e desdém.

Graham quase se ofendeu pelo duque.

— Tenho meu próprio dinheiro. Quando posso me encontrar com seu empregador? Ele pode me visitar em Brixton Park quando quiser. Ao que parece, ele sabe onde fica a propriedade, se trabalhou com meu antecessor.

— Sabe. Vou conversar com ele e lhe enviar um pedido da reunião. O senhor deve manter o assunto em segredo, é claro. Este não é um serviço que estendemos a muitos.

— Claro — Graham concordou, embora pretendesse contar a Arabella pela manhã. Mal podia esperar. A vitória estava a seu alcance.

Osborne tomou outro gole de cerveja e depois se levantou.

— O senhor terá notícias minhas em breve. — Pegando a bengala, que havia apoiado na mesa, ele partiu.

Graham pegou a caneca e voltou para a outra mesa. Suas costas mal tocaram na cadeira quando Ripley perguntou:

— E então?

— Tibbord me encontrará em Brixton Park... a data ainda será determinada.

Ripley sorriu.

— Excelente.

Colton ergueu a caneca.

— À... a que estamos bebendo?

— À reparação. — Graham bateu a caneca na do outro e tomou um bom gole.

Ripley colocou a dele sobre a mesa.

— Já decidiu o que fazer se ele se recusar a devolver o investimento?

— Posso fazer o que mencionei na outra noite: tentar bani-lo os antros que frequenta. E quaisquer novos. — Graham não tinha dúvidas de que conseguiria fazer acontecer. Os donos das casas de jogos não iam querer que se espalhasse por aí que eles permitiam um vigarista conhecido entre sua clientela. — Você também pode ameaçar com uma ação legal — Colton sugeriu.

Graham reconheceu que qualquer coisa que fizesse provavelmente garantiria que Tibbord divulgasse o estado financeiro do duque anterior. Dado o que Osborne dissera esta noite, Tibbord estava claramente consciente do desespero do duque.

No entanto, Graham se recusava a ser extorquido. E se tivesse que escolher entre recuperar o dinheiro ou manter tudo em segredo, escolheria a primeira opção. Se recuperasse o investimento, não estaria mais desamparado e não haveria nada a expor.

— Ou simplesmente diga a ele que você é o duque de Halstead e que tem os meios para tornar a vida dele um inferno — Colton falou com uma bufada. — O que é verdade. Você tem amigos e conexões poderosas.

Graham também não queria fazer isso, mas supôs que poderia.

Pensou no convite do duque de Kendal e de Satterfield para se juntar a eles no clube. Ele faria isso. Talvez quando terminasse ali.

— Parece uma ameaça bastante vaga — Graham comentou.

Colton deu de ombros.

— Para alguns, pode ser, mas se este homem está contornando a lei e o decoro, então parece que você pode ser capaz de assustá-lo com arrogância ducal. Sei que funciona para o duque de Holborn. Todo mundo fica intimidado por ele.

— Eu não fico. — Ripley sorriu enquanto pegava sua caneca.

Colton riu.

— Você não conta.

Ripley bateu a caneca vazia na mesa.

— Para onde vamos agora, rapazes?

— Eu vou ao White's — Graham disse, pretendendo formar laços com o enteado de Satterfield, o duque de Kendal.

— Esqueça esse velho clube enfadonho — Colton respondeu. — Venha conosco.

Graham podia muito bem imaginar para onde estavam indo e não estava interessado.

— Obrigado, mas já tenho compromisso.

— Suspeito que Halstead tenha uma amante. — Ripley lhe lançou um olhar astuto.

Não querendo encorajar o homem, Graham não disse nada e ocupou-se em beber a cerveja.

— A mulher com quem ele saiu de sua casa naquele dia? — Colton perguntou. — Lamento não a ter conhecido, mas tive um compromisso. — Um sorriso satisfeito se espalhou por seus lábios.

Ripley riu.

— Halstead está sendo bastante evasivo. Vamos deixar passar.

Graham soltou um suspiro de alívio. Não queria falar de Arabella. Ela já ocupava muito de sua mente.

Ele se separou de Ripley e Colton, e foi de carruagem de aluguel para o White's. Até o momento, a noite tinha corrido muito bem, e ele só podia esperar que continuasse assim. Estava grato por não ter que voltar a Brixton Park, mas desejou que David estivesse ali.

Arrependeu-se de ter escondido os problemas financeiros de seu melhor amigo. Seria bom ter alguém com quem conversar. Mas ele tinha... Arabella.

Talvez quisesse alguém para conversar sobre ela. Graham riu alto na carruagem vazia. O fato de talvez estar se apaixonando pela mulher com quem seu melhor amigo deveria se casar era incrivelmente irônico.

Apaixonado.

Era isso que estava acontecendo com ele? Não, não era possível. Não poderia ser. Não quando sabia que não tinham futuro. Se ela estivesse livre de seu dever, escolheria não se casar. Escolheria fazer parte da Sociedade das Destemidas, e não poderia culpá-la por isso.

Em breve, seguiriam caminhos separados, e ele ficaria feliz por tê-la conhecido, mesmo que por pouco tempo.

A expectativa tomou conta de Graham enquanto ele atacava e defendia. A manhã estava quente e um leve brilho de suor salpicava sua testa e nuca. Havia tirado o casaco, e fez uma pausa para tirar o colete também. Encostou a espada em uma árvore e estava removendo a peça quando ouviu o latido familiar de Biscuit.

— Bom dia — cumprimentou-a quando Arabella entrou na pequena clareira. Gostava de praticar ali porque as árvores e os arbustos o escondiam da área circundante. Era também o lugar perfeito para encontrar Arabella sem ser notado.

Principalmente quando ela estava vestida de criada, com a touca flexível e vestido de trabalho enorme. Ela parecia incrivelmente desinteressante.

Mas não para ele. Para ele, ela era linda, seus olhos verde-musgo avaliavam todos ao seu redor com curiosidade e empatia, e seu sorriso iluminava o mundo.

Ela pareceu vacilar, parando ao vê-lo, com o olhar fixo em sua barriga. Ela estava observando seu estado de nudez. E agora *ele* estava pensando *nela* em estado de nudez. Talvez devesse ter mantido o colete.

— Bom dia — ela disse, adentrando na clareira.

Graham foi pegar a coleira de sua mão e depois se curvou para acariciar Biscuit. A cadela o conhecia agora, não que alguma vez tivesse se esquivado de sua atenção, e começou a lambar seu pulso e sua mão.

— Boa menina — ele murmurou, esfregando sua barriga e queixo enquanto ela se deitava de costas. Ela entreabriu os lábios e a língua pendeu para o lado.

— Ela adora você — Arabella declarou.

Graham olhou para cima e viu que ela olhava para eles.

— Ela é uma cadela inteligente. — Ele voltou a atenção para Biscuit, coçando a cabeça dela. — Não é, Biscuit? Você não é a cachorrinha mais inteligente do mundo?

Ela latiu em resposta e ficou de pé.

Depois de prendê-la na mesma árvore que da última vez, ele foi até o casaco, do qual retirou um osso que pegou na cozinha de David.

— Trouxe uma guloseima para você.

Arabela riu.

— Ah, ela vai ficar insuportável agora.

Graham deu de ombros, mas não se desculpou.

— Acho que já disse que adoro cachorros.

— Não precisava nem falar. Posso ver. Por que você não arranjou outro depois de Zeus?

Foi muito doloroso contemplar a ideia a princípio. Em vez disso, despejou toda a sua energia em Uther. Mas, agora, depois de passar um tempo com Biscuit, ele se perguntava se já era hora. Sentiria falta dela quando não visse mais Arabella. Ignorou a pontada de angústia que lhe apertou o peito.

— Simplesmente não cogitei a possibilidade. Talvez eu o faça... depois que tudo estiver resolvido. — Ele teve dificuldade em imaginar quando isso aconteceria. Além de lidar com o desastre financeiro, ainda tentava se tornar duque. Era esmagador quando realmente parava para pensar. Os arrendatários de Halstead Manor, seu papel no governo, o peso das gerações passadas e futuras que dependiam dele.

— Como foi ontem à noite?

Ficou grato pela pergunta, assim poderia afastar os pensamentos.

— Muito bem. Exigi conhecer o empregador de Osborne antes de me comprometer a fazer um investimento.

Seus olhos se arregalaram.

— E ele concordou?

— Foi necessária certa persuasão, mas, sim. — Ela sorriu, e ele não conseguiu evitar se juntar a ela. Era tão bom compartilhar aquilo com Arabella. — Invoquei meu privilégio de duque.

Ela riu.

— Que *nobre* da sua parte.

Ele bufou.

— Sim, é isso que nós, duques, fazemos. Ele disse que o duque anterior fez a mesma coisa.

Ela piscou surpresa.

— Vocês falaram dele?

— Osborne o citou. Creio que tentando descobrir o que eu sabia. Fingi não saber de quaisquer negócios entre ele e Tibbord. Osborne também queria ter certeza de que eu realmente tinha dinheiro para investir.

— O que você não tem.

— Correto, mas eu disse que tinha.

— E ele acreditou em você porque, bem, você é um duque. — Ela sorriu.

Ele sorriu novamente.

— De fato.

— Quando se encontrará com Tibbord?

— Ele não disse... vai me enviar uma nota informando a data. Suponho que terei que reorganizar minha agenda, já que Osborne não deu indício de que eu teria voz no que diz respeito à data da reunião. Ele irá a Brixton Park. — Ele percebeu que queria que ela conhecesse Brixton Park, o lugar que seu ancestral construiu e que lhe dava um sentimento de orgulho e conexão. Conexão com o pai e os Kinsley, que vieram antes deles, uma linhagem de pessoas que foram abandonadas, e Graham garantiria que não fosse em vão. Deixaria todos orgulhosos.

— Espero que você me avise quando acontecer — ela falou.

— Claro. Enquanto isso, acho que você deveria visitar Brixton Park. Sua mãe queria ver o lugar, não é? — Não queria que a mãe dela fosse, mas não poderia convidar Arabella para uma visita privada, por mais que desejasse.

— Ela vai adorar. — A moça fez careta. — Mas também interpretaria o convite como um sinal de que você deseja me cortejar e ficará terrivelmente desapontada quando decidirmos que não combinamos. Ela já está me importunando para saber se você nos visitará novamente. Percebeu que você não esteve em nenhum dos eventos de que participamos.

Não, ele estava ocupado caçando Tibbord.

— Devo visitá-las de novo? Faça qualquer coisa que facilite a situação para você.

As feições dela suavizaram.

— Obrigada. Agradeço a preocupação. E se você oferecer um pequeno piquenique? Nós podemos incluir Phoebe e Jane.

Nós. Quase parecia que estavam promovendo o evento juntos. Uma visão dela como sua duquesa passou por sua mente. Afastou a imagem.

— Excelente ideia. — Ele tentou pensar em amigos que poderia convidar, mas decidiu que Ripley e, em menor grau, Colton, não seriam companhia aceitável para as damas. — Poderia ser amanhã?

Ela franziu o nariz.

— E se Tibbord quiser visitá-lo amanhã?

— Então sofrerei um ferimento ou uma doença inconveniente que me obrigará a adiar nosso piquenique. — Ele pegou a espada e cortou o ar. — Pronta para sua aula de esgrima?

— Se acha que devo.

Ele abaixou o braço, franzindo a testa.

— Achei que você tivesse gostado.

Ela balançou a cabeça, um pequeno sorriso se insinuou em seus lábios.

— Gostei. Desculpe. É só... não importa. — Ela endireitou os ombros e assumiu a posição que ele ensinou, depois estendeu a mão. — Minha espada, por favor.

Ele desejou poder dar a ela uma espada... uma que pertencesse a ela. Com cabo de joias e seu nome gravado na base da lâmina. Abandonou o devaneio e lhe ofereceu a arma com um grande floreio, curvando-se.

Ela a pegou, e Graham se endireitou.

— Lembra-se de como atacar? — ele perguntou.

Ela respondeu liderando com o pé e a espada. A postura estava excelente.

Ele assentiu.

— Excelente. Agora, para esquivar. Este é um ato defensivo e você não moverá os pés. É importante que se mantenha firme e use a espada como defesa. Mantenha o braço o mais reto possível.

Talvez devesse ter trazido outra espada, mas não tinha pensado nisso e teria que planejar trazer uma de Brixton Park. Supondo que pudesse encontrar uma lá. Decerto havia uma em algum lugar. Ele olhou ao redor da clareira e viu um galho no chão.

Foi buscá-lo, e Biscuit logo começou a latir e a correr.

Arabella riu.

— Ela acha que você vai jogar.

Claro que ela achava. Zeus adorava perseguir gravetos.

— E vou. Depois de aperfeiçoar sua esquiva. Dada sua habilidade natural, não deve demorar muito. — Ele se moveu para ficar em frente a ela e se posicionou para atacar.

— Devo me defender do seu graveto? — ela perguntou, cética.

— Acha que não consegue? É um pedaço de pau. Você tem uma espada.

— É aí que reside a minha preocupação. Vou cortar seu graveto em dois e você ficará indefeso.

Ele riu.

— Pode tentar. Preparada? — Ela assentiu, e ele avançou.

Ela se defendeu, mas não foi rápida o suficiente para acertar o graveto. Ele teria marcado um ponto.

— Você não mexeu os pés — ele elogiou.

— Você me disse para não movê-los.

— Sim, mas a maioria das pessoas, quando está aprendendo,

recua sem nem pensar. É o natural a se fazer quando se está sendo atacado. — Sem surpresa, ela mostrou bravura e coragem, assim como graça e inteligência.

— De novo — ela pediu.

Ele atacou novamente e, dessa vez, acertou o graveto.

— Bom trabalho! — ele elogiou.

— Quero atacar, você se esquivava — Arabella pediu.

— Tudo bem. — Ele admirava seu vigor. — Preparada? — Ela assentiu pouco antes de atacar. Ele defendeu e depois atacou.

Ela tropeçou para trás.

— Que diabos foi isso? — Ela fez careta antes de se lançar em direção a ele novamente, sua forma perfeita.

Ela era magnífica. Ele se esquivou, e ela reagiu sem que ele sequer lhe mostrasse o que fazer. Não pretendia fazer isso, mas era um hábito.

— Sinto muito — disse. — Não queria contra-atacar.

Ela atacou novamente, e ele foi forçado a recuar enquanto se defendia. Ela foi até ele já armando o contragolpe, que ele rapidamente defendeu, depois seguiu com sua própria investida. Ela não era tão rápida quanto Graham, mas estava acompanhando melhor do que ele esperava. Continuaram por alguns minutos até que ele percebeu que a moça estava ofegante e o braço da espada começava a perder a força. Além disso, Biscuit estava quase frenética por causa do graveto.

Ele parou e apontou o galho para o chão.

— Chega. — Ele jogou o galho onde Biscuit pudesse pegá-lo. Ela prontamente sentou-se e começou a roer a casca.

— Espero que ela não pense que é outro osso — Arabella comentou.

Graham riu baixinho ao se aproximar. Esforçando-se para recuperar o fôlego, ela lhe entregou a espada. Ao ouvi-la, observando seu peito subir e descer, lembrou-se da outra noite, enquanto estavam emaranhados na cama. O membro endureceu, muito consciente de que estavam sozinhos neste lugar isolado.

— Entendo por que você tirou a roupa — ela falou. — É muito

fácil ficar acalorado.

— É, sim.

— Eu tiraria as minhas se pudesse. — Ela levantou a saia até as panturrilhas e as sacudiu, provavelmente criando uma brisa que lhe esfriou as pernas.

Ele tentou não olhar para a curva elegante do tornozelo e para a inclinação da panturrilha. Imaginou o joelho dela e depois a coxa. Queria se enterrar entre eles. Antes que pudesse pensar no que estava fazendo, estava diante dela.

— O que vai fazer com sua espada? — ela perguntou, com a voz profunda e rouca.

Por um momento, ele pensou que ela se referia ao seu membro, mas percebeu que ainda segurava a espada.

— Embainhá-la. — Ele se virou de maneira abrupta e encontrou a bainha.

— Eu gostaria que você fizesse isso. — Ela estava bem atrás dele e, dessa vez, não havia dúvidas sobre o que ela queria dizer.

Ele girou, ainda segurando a espada agora embainhada.

— Você está me tentando muito.

Ela se moveu em direção a ele e o abraçou pela cintura.

— Estou? Que bom.

Graham deixou a espada cair no chão e agarrou Arabella. Puxando-a para o peito, beijou-a com abandono, incapaz de deter a torrente de luxúria que se derramava dele.

Ela agarrou sua cintura e seu traseiro, retribuindo os beijos com avidez e o puxou para si. Arabella moveu os quadris, e ele gemeu, seu desejo atingiu o ponto do desespero. Era loucura. Uma deliciosa insanidade, e ele queria cada momento daquilo.

O duque estendeu a mão para baixo, trocando de posição enquanto ela agarrava seus ombros e pescoço e ele lhe erguia a saia. Levantou-a ainda mais, até poder acariciar coxa dela. A saia caiu sobre sua mão e antebraço enquanto ele se movia em direção ao sexo dela.

Arabella gemeu quando ele encontrou sua umidade. Ela estava pronta e ansiando por ele, a pélvis pressionava o toque de Graham, que deu o que ela queria, passando os dedos por seu clitóris e depois a

penetrou. Os músculos dela se apertaram à sua volta, ele estava desesperado para senti-la ao redor do membro.

Afastou a boca da dela, deixando uma trilha de beijos em sua mandíbula e pescoço.

— Arabella, permita-me...

— Sim. *Por favor.*

Ele girou os dois e a guiou até uma árvore, não a que prendia a cachorra. Ele a apoiou no tronco, então fez uma pausa e a observou. Ela abriu os olhos, alarmada.

— Por que você parou?

— Não vai ser confortável.

— O que não é confortável é você me deixar nessa ânsia. — Arabella semicerrou os olhos para ele. — Por favor, não faça isso.

— Tão exigente — ele sussurrou, levantando as saias mais uma vez para que elas se amontoassem entre os dois.

— Incomoda?

— Nem um pouco. Envolve as pernas em torno da minha cintura. — Quando ela o fez, Graham abriu a braguilha e se libertou.

Ela gemeu, abraçando-o com força enquanto se movia contra ele. Graham se encaixou em sua entrada, gloriando-se com a doce expectativa. Então se guiou para dentro dela, e o desespero assumiu. Arabella cravou os pés em seu traseiro e ele a penetrou fundo.

— Vá rápido, por favor — ela pediu. — Preciso de você.

Ela o excitava como nenhuma outra mulher. Graham fez o que ela pediu, estocando de maneira implacável. Arabella contraiu os músculos com força ao redor dele, e Graham soube que ela estava perto. Com apenas mais algumas estocadas, ela se desfez ao seu redor, apertando-o até que ele pensou que morreria de prazer.

Droga, ele gozaria. E não deveria. Não dentro dela. Mas não conseguia... sair...

Retirou-se pouco antes de jorrar. Encostou a testa no tronco, ao lado da cabeça dela, sem se importar com a casca áspera.

Ela o abraçou, acariciando sua nuca e a parte superior das costas, roçando os lábios em sua orelha, têmpora e bochecha. Demorou apenas um momento para que ele a colocasse de pé, segurando-a até

que ela estivesse firme.

— Tudo bem? — ele perguntou baixinho.

Arabella assentiu, alisando a saia pelas pernas enquanto ele recuava.

— Isso foi uma imprudência — ele falou.

— Talvez. Porém, como na outra noite, não vou me arrepender.

Ela era absolutamente incomparável.

O que ele fez para merecer o tempo que passava com essa mulher? A maioria dos homens passaria a vida inteira sem experimentar essa profundidade de desejo e satisfação, essa felicidade absoluta.

Graham conseguiu encontrar a voz.

— Eu tampouco.

— Ainda assim, creio que deveríamos parar de fazer isso — ela falou, reajustando o chapéu, que ficou bastante torto durante o... exercício. — Suponho que teremos que parar quando chegar a hora.

Isso significava que ela estava contente em continuar o... envolvimento? Pois foi o que se tornou. Pareceu ser o que ela quis dizer.

— Estamos tendo um caso? — ele perguntou.

Arabella inclinou a cabeça para o lado, umedeceu o lábio, e maldição, ele a quis novamente. Talvez dessa vez ele a inclinasse sobre aquela pedra...

— Sim, acho que estamos. O que é muito destemido da minha parte.

Ele soltou uma risada.

— É isso que elas fazem na Sociedade das Destemidas?

— Meu Deus, não. Elas não fazem nada disso. E sou membro honorário.

— É mesmo? — Ele sorriu. — Bem, faz sentido.

Biscuit latiu, ficando entediada com o graveto. Graham foi até ela e a soltou da árvore.

— Você deveria deixá-la perseguir o graveto por um tempo.

— Acho que sim — Arabella respondeu. — Acho que ainda não posso ir para casa. Imagino que esteja um pouco corada.

— Está. Lindamente corada. — Suas bochechas estavam rosadas, os lábios vermelhos e um pouco inchados, os olhos brilhavam de satisfação.

— Obrigada. Vejo você amanhã para o piquenique, então?

— Sim, enviarei um convite formal para você e para as srtas. Lennox e Pemberton.

— Precisaré incluir a mãe de Jane. — Ele assentiu, e ela sorriu.
— Estou ansiosa por isso.

— Não mais que eu. — Ele notou o brilho nos olhos dela.

— Devemos nos comportar com decoro. — Ela pareceu um pouco desapontada. — Minha mãe estará lá, afinal.

Ele ergueu a mão em promessa.

— Prometo manter minhas mãos para mim mesmo.

— Vou tentar fazer o mesmo. — Ela lhe abriu um sorriso atrevido antes de pegar a coleira de Biscuit e sair da clareira.

Graham teve que esperar algum tempo antes de se acalmar o suficiente para vestir as roupas. O que diabos estava fazendo tendo um caso com uma mulher solteira que estava em busca de marido? Era um sem vergonha, um canalha, um crápula completo.

E, muito provavelmente, estava apaixonado.

Capítulo doze

O sol brilhava quando Arabella chegou a Brixton Park com a mãe na tarde seguinte. Graham esperava do lado de fora do pórtico. Atrás dele, pilares altos estendiam-se até a imponente linha do telhado. Dezenas de janelas brilhavam à luz do sol. Era um imóvel magnífico, e ela já conseguia entender por que ele o amava tanto.

À medida que se aproximavam, Graham abriu os braços em saudação.

— Bem-vindas a Brixton Hall. Fomos abençoados com um dia muito bonito, perfeito para um piquenique. — Ele se inclinou enquanto Arabella e a mãe faziam uma reverência.

— Fomos mesmo — a mãe disse enquanto se levantava. — Estamos muito contentes por termos sido convidadas. — Ela ficou emocionadíssima ao receber o convite ontem. Como esperado, concluiu que aquilo devia significar alguma coisa, que o cortejo ou mesmo uma proposta era iminente.

O olhar de Graham se conectou com o de Arabella, e uma onda de calor a percorreu. Estava se tornando uma tortura passar tempo com ele. Ou talvez fosse só porque não estavam sozinhos hoje. Ela se acostumou a tê-lo só para si.

O som de outro veículo fez com que Arabella e a mãe virassem a cabeça para o longo caminho. Tinha que ser Phoebe ou os Pemberton. Não contou à mãe que elas viriam, pois ela teria perguntado como a moça sabia.

— Há outros convidados? — a mãe murmurou.

— Aparentemente sim — respondeu, mantendo a voz alegre.

A carruagem parou, e Arabella notou que o veículo não pertencia a Phoebe nem aos Pemberton. Tinha uma crista.

O cavaliário de Graham correu para abrir a porta e Phoebe

desceu imediatamente, arregalando o olhar ao observar a casa. Jane saiu atrás dela, e uma terceira pessoa, provavelmente o dono da carruagem, desceu por último.

Era lady Clifton. Por que Graham não mencionou que a convidaria?

— Boa tarde, senhoras — Graham falou. — Bem-vindas a Brixton Hall. — Ele se inclinou novamente e as três damas fizeram uma reverência.

Phoebe se adiantou e abriu um sorriso caloroso para Arabella e a mãe.

— Estou tão feliz em vê-las aqui.

Lady Clifton foi em direção a elas, uma figura esbelta que se movia com graça e elegância.

— Lady Clifton — Phoebe falou —, permita-me apresentar minha querida amiga, srta. Arabella Stoke, e sua encantadora mãe, a sra. Stoke.

Arabella e a mãe fizeram outra reverência.

— É um prazer conhecê-la — Arabella afirmou.

— De fato é — lady Clifton concordou antes de passar por elas e se dirigir a Graham. — Muito obrigada por me incluir em seu gentil convite para o piquenique de hoje.

— Foi um prazer. — A voz de Graham era suave e calorosa, e Arabella se perguntou como surgiu esse convite. Como lady Clifton lhe agradeceu por incluí-la, talvez Phoebe estivesse por trás daquilo. Mas por quê? Se ela estava procurando mulheres para levar, por que não trazer Arabella? Phoebe não sabia que ela viria.

Por que elas faziam isso? Você deixou claro que não havia nada entre você e Graham, que os dois não combinavam.

— Sim, obrigada, Vossa Graça — Jane falou. — Minha mãe não pôde vir, e lady Clifton é uma ótima acompanhante. Agradeço por incluí-la.

Ele inclinou a cabeça e fez um gesto em direção à casa.

— Vamos entrar para eu mostrar a casa às senhoras antes de irmos ao jardim para o piquenique?

— Sim — lady Clifton concordou e, como ela estava mais

próxima, Graham ofereceu-lhe o braço. Ou talvez fosse porque o título dela era o mais importante.

Arabella deu o braço à mãe enquanto caminhavam em direção à entrada.

— Eu não sabia que haveria outras pessoas aqui — a mãe sussurrou com grande decepção.

— Está tudo bem — Arabella lhe garantiu. — Eu lhe disse para não ter muitas esperanças em relação ao duque.

— É difícil não fazer isso quando ele nos convida para sua casa. — A mãe franziu os lábios enquanto eles entravam.

O vestíbulo era grande, com piso de mármore claro e paredes revestidas de verde. Um único retrato estava pendurado sobre uma pequena mesa de destaque. Era de uma mulher com cabelos escuros e olhos misteriosos.

— É uma duquesa do passado — Graham comentou, o que levou Arabella a se perguntar se foi a de caráter duvidoso que fez a família dele ser banida. — A mãe do duque mais recente. — Não era, então. Que bom, Arabella esperava que ele tivesse vendido qualquer retrato dela.

Parecia que ele havia vendido bastante coisa, dada a escassez de obras de arte nas paredes. Esperava ser a única a notar isso.

— Descobrirão que meu gosto para decoração é mais simples do que o que podem ver em outras casas ducais — Graham falou. — Receio que seja difícil deixar para trás minha origem mais humilde. Morar em uma residência de tal tamanho e esplendor é complicado, e me esforcei para fazer com que parecesse minha casa, em vez de um museu.

Era uma excelente explicação para a falta de obras de arte. Ela quis aplaudir sua engenhosidade. Além disso, perguntou-se se era verdade. Sabia que ele amava a propriedade e faria qualquer coisa para mantê-la, mas será que estava achando difícil se adaptar à opulência e ao esplendor quando se tratava de seus aposentos?

— Permitam-me mostrar-lhes a sala e o salão de baile. Por aqui. — Ele as conduziu pelo corredor, passando por uma ampla e linda escadaria com corrimãos de madeira polida intrinsecamente esculpidos.

Havia flores e folhas entrelaçadas ao longo da peça e dos pilares.

— Os detalhes da escada são impressionantes — Arabella comentou, querendo passar os dedos pela madeira.

— Um ancestral meu o esculpiu, ou pelo menos parte. Ele adorava os jardins, que também planejou, e procurava trazê-los para dentro sempre que possível. A senhorita verá a cornija florida no salão de baile.

Graham levou-as ao salão, pintado com as cores de um jardim. Na verdade, um mural de jardim adornava uma parede.

— É tão encantador — lady Clifton falou em tom entusiasmado. — O cômodo me lembra sua sala de jardim, srta. Lennox.

— É verdade — Phoebe concordou.

Arabella observou que parecia bastante grande, provavelmente porque havia apenas duas áreas de estar, e realmente poderia, e deveria, ter comportado muito mais. Mais uma vez, esperava que ninguém mais estivesse prestando atenção a tais detalhes. Embora, se a mãe determinasse que ele não tinha riqueza suficiente, talvez ela perdesse a esperança de que o duque e Arabella se combinassem.

Em seguida, foram para o salão de baile e, como ele dissera, o teto era enfeitado com sancas de flores esculpidas. Era lindo, e Arabella temia ficar com câibras no pescoço por olhar tanto tempo para elas.

— Vamos lá fora? — Graham apontou para as portas largas que davam para os jardins. Dispostas em uma grade com caminhos entre elas havia áreas seccionadas e, à esquerda, um labirinto.

Um lacaios segurou a porta enquanto eles saíam, e Graham as conduziu em direção ao labirinto. Logo depois da última praça, havia um lindo e extenso gramado verde. Dois cobertores foram colocados para que eles se sentassem em círculo.

— Em nosso caminho — Graham disse — permita-me lhes mostrar a pedra angular lançada pelo meu tataravô em 1715. — Ele as levou até o canto da casa e apontou para uma pedra a cerca de um metro e meio do chão. Estava escrito: R. Kinsley, 1715.

Arabella sabia que o R significava Richard, o tataravô de Graham, e não Robert, o duque. Aquela era a criação de Richard, sua

paixão. E foi arrancada dele. Ela olhou para Graham, que olhava para a pedra com tanto orgulho que ela sentiu no próprio peito.

— Farei o meu melhor para garantir que você se sente ao lado dele — a mãe sussurrou, interrompendo o momento.

Acontece que ela não precisou fazer isso, porque Graham guiou lady Clifton até um lugar e ficou ao lado dela. Ele olhou para Arabella em comunicação silenciosa. Sua mensagem era clara, pelo menos para ela: deveria sentar-se do outro lado dele.

— Ah, que bom — a mãe murmurou enquanto eles se sentavam.

Um lacaio serviu uma deliciosa refeição de faisão frio, queijo, pão e uma variedade de frutas e nozes. Havia também limonada.

— Seu tataravô projetou a casa? — lady Clifton perguntou. — E os jardins?

— Sim. Demorou quase dez anos. Foi um trabalho e tanto. Temos os diários dele.

Lady Clifton sorriu, completamente concentrada em Graham.

— Que maravilhoso. Eu adoraria lê-los. Já pensou em publicá-los?

— Não.

Talvez devesse. Poderia ser uma fonte de renda. Arabella estremeceu por dentro, odiando ver tudo em termos de melhoria da situação financeira de alguém. No entanto, sabia que ele precisava tanto quanto ela. De repente, perguntou-se se lady Clifton era rica. Seu estômago se afundou.

— Seu tataravô projetou mais alguma coisa? Ele parece tão talentoso que deveria ser conhecido, mas nunca ouvi falar dele. — Lady Clifton baixou o queixo. — Claro, não sou especialista em arquitetura.

— Ele projetou os jardins de Huntwell, em Huntingdonshire. Ele foi lá para se tornar secretário.

— E seus familiares serviram como secretário lá desde então — Phoebe concluiu. — Até recentemente. Eu me pergunto o que seu ancestral diria ao vê-lo aqui agora como o duque no jardim que projetou e na casa que construiu.

Arabella sentiu o orgulho e a paixão de Graham se elevarem,

tanto quanto viu seu peito inflar e seus ombros se endireitarem.

— Ele ficaria muito contente, creio eu.

— Ele projetou o labirinto também? — Jane perguntou, olhando para as imensas fileiras de sebes entrelaçadas.

— É a minha parte favorita — Graham respondeu, sorrindo. — Ele criou para os filhos. Foi projetado especificamente para ser um jogo desafiador de esconde-esconde. Existem vários cantos e recantos perfeitos para se esconder.

— Que esplêndido! — lady Clifton exclamou.

— Não sei — Phoebe disse com ceticismo. — Não seria fácil se perder?

Graham inclinou a cabeça para o lado.

— Sim, mas se a senhorita colocar a mão, direita ou esquerda, não importa, nos arbustos e mantê-la lá enquanto caminha, acabará encontrando a saída.

— Devíamos brincar — lady Clifton disse.

Jane concordou com um aceno de cabeça.

— Ah, sim, acho que deveríamos.

Graham ergueu um ombro e depois olhou de Phoebe para a mãe de Arabella e depois para ela, pousando seu olhar nela de maneira calorosa.

— O que me dizem?

Se houvesse alguma maneira de Arabella se perder em um labirinto com Graham, mesmo que por alguns minutos, ela aceitaria.

— Sim, por favor — ela disse, olhando-o nos olhos enquanto um tremor de expectativa a percorria.

— Tudo bem, vou tentar — Phoebe concordou, com uma pontada de relutância. — Desde que o senhor explicou como encontrar a saída. No entanto, se eu não conseguir sair, gritarei a plenos pulmões e será forçado a me resgatar.

Ele riu.

— Seria um prazer. — Ele olhou para a mãe de Arabella. — Sra. Stoke?

Ela balançou a cabeça.

— Vou deixar isso para vocês, jovens. — Ela deu um sorriso

encorajador para a filha. Claramente, esperava que a filha tirasse proveito da situação. Ah, se ela soubesse o quanto tudo isso era errado e como não havia nenhuma esperança para ela e Graham.

Todos se levantaram, exceto a mãe de Arabella, e seguiram até a entrada do labirinto, que não era visível de onde faziam o piquenique.

— Espere, quem fará a busca? — Jane perguntou.

— Sua Graça, obviamente — Phoebe disse. — Não só porque ele terá que bancar o salvador, se necessário, mas é o único homem.

— Sim, deve ser ele — lady Clifton concordou. — Quanto tempo temos para nos esconder?

— Vou lhes dar cinco minutos e depois entrarei. — Ele puxou o relógio de bolso e olhou a hora.

Todas ficaram ali por um momento antes de Jane dizer:

— Vamos! — Ela liderou o caminho para o labirinto, com lady Clifton atrás e Phoebe em seguida. Arabella foi propositalmente a última.

Olhou para Graham, que murmurou: *Vá para a esquerda.*

A expectativa a envolveu novamente quando entrou no labirinto. Ela passou por uma curva à direita e outra à direita e outra. *Havia uma à esquerda?*

Ele disse que havia cantos e recantos. Talvez tivesse perdido alguma coisa. Recuou, dessa vez olhando para a direita, e finalmente viu uma abertura estreita. Graham gritou que estava indo procurá-las.

Deslizando entre as sebes, entrou em um pequeno recanto, feliz por encontrá-lo vazio. Depois de se posicionar para esperar, ouviu o barulho suave das pedras seguido pelo barulho das folhas quando Graham entrou lá. Era grande o suficiente para ficarem de pé e quase não se tocarem.

— Ah, que bom, você encontrou — ele sussurrou.

Ela colocou a mão no peito dele e sentiu o coração dele bater forte sob a palma da mão.

— Está claro que você passou algum tempo neste labirinto.

— Estou bastante obcecado com ele desde que me mudei para cá. Eu o teria adorado quando criança.

Ela ouviu a tristeza em sua voz.

— Está com raiva de que isso lhe foi negado.

— Eu não precisava morar aqui, mas ser acolhido e abraçado pela família é tudo que meu pai sempre quis.

— Família é muito importante. — Era por isso que ela faria qualquer coisa para salvar os pais, inclusive abrir mão da própria felicidade. Não queria pensar nisso agora. Não quando a felicidade, por mais passageira que fosse, estava bem na sua frente.

— Não temos muito tempo — ele falou.

— Então é melhor você me beijar. — Ela pretendia perguntar a ele sobre lady Clifton, mas não queria perder o tempo que tinham juntos. Talvez a viúva fosse o seu futuro, mas Arabella era o seu presente, e ele o dela.

A boca de Graham desceu sobre a dela enquanto a moça envolvia os braços em seu pescoço. Ele a puxou para si, deixando-os ruborizados. Ela ansiava por envolver as pernas na cintura dele, como fizera no parque. Em vez disso, ficou na ponta dos pés e empurrou a pélvis contra a dele, sentindo o comprimento delicioso de seu membro, mesmo através das camadas de roupas.

Ele acariciou seu seio através do vestido enquanto a língua explorava sua boca. Colocou a outra mão nas costas dela, encorajando seus movimentos. O desejo a agitou, levando-a a um estado febril.

Aquilo não conduziria à cópula, mas havia outras coisas que poderiam fazer... Se não fosse o tempo restrito.

Ele beijou sua bochecha e pescoço, sugando de leve sua pele.

— Eu a tomaria aqui se pudesse.

Arabella entrelaçou os dedos no cabelo da nuca de Graham e se alegrou com esse momento, com seu toque, com o desejo mútuo. Ah, como desejava que as coisas fossem diferentes!

Ofegantes, os dois se separaram. Ele a segurava pela cintura, e ela espalmava o peito dele.

O duque encostou a testa na dela.

— Acho que o tempo acabou.

Sim, o tempo deles acabou. Graham recuperaria o dinheiro ou seriam forçados a se casar, e não um com o outro. Como se isso tivesse sido algo mais do que um sonho. Por um breve momento, ela se

perguntou o que aconteceria se ele conseguisse o dinheiro de Tibbord. E, naquele momento, percebeu que esperava que isso jamais acontecesse.

Ele pareceu ler os pensamentos dela, pois disse:

— Vou recuperar o dinheiro do seu pai. Você estará livre para ser um verdadeiro membro da Sociedade das Destemidas.

Ela sorriu para ele.

— Sei que você fará o seu melhor. — Ela se inclinou e o beijou rapidamente. — Vá. Vou me sentar com minha mãe.

Ele assentiu e a beijou mais uma vez antes de se virar e sair. O ar ficou frio e Arabella se abraçou. Não poderiam continuar assim. Ele precisava se casar com lady Clifton ou com outra pessoa. Ela precisava se casar com sir Ethelbert ou com outra pessoa.

Saiu do labirinto e voltou para a mãe, que franziu ligeiramente a testa ao vê-la.

— Eu esperava que você fosse a última a sair.

— Por quê? — Arabella sentou-se ao lado dela na manta.

— Para que você pudesse passar algum tempo com Sua Graça, é claro.

Arabella estava feliz pela mãe não poder dizer que seu coração batia rápido nem detectar o brilho que sentia depois de estar nos braços dele.

— Mamãe, você não deve abrigar muitas esperanças de um casamento com o duque.

— Vou abrigar muitas esperanças com o que eu quiser — ela disse, de maneira afetada. Mas então seu olhar escureceu. — Embora deva dizer que fiquei desapontada ao ver lady Clifton chegar. Decerto ele preferiria escolher uma jovem que nunca foi casada e que ainda não tem filhos.

— Então por que ele não deveria se concentrar em Phoebe ou Jane?

— Elas não têm importância, querida. A srta. Lennox se relegou à prateleira com seu comportamento, e ousou dizer que a srta. Pemberton pode não estar muito atrás.

Antes que Arabella pudesse defender a escolha das amigas, e a

independência delas, Jane saiu do labirinto, rindo.

— Ah, meu Deus — ela disse, recuperando o fôlego enquanto se juntava a elas. — Dei um belo de um susto em Sua Graça.

Phoebe saiu um momento depois, mas passaram-se vários minutos antes que Graham aparecesse de braço dado com lady Clifton. Ela se aninhou bem perto dele e ria com alegria enquanto se dirigiam ao cobertor. Arabella afastou a pontada de ciúme que não tinha o direito de sentir.

Pouco depois, as damas se despediram, cada uma delas agradecendo a Graham pela tarde adorável. Ninguém, porém, foi mais efusivo que a mãe de Arabella.

— Vossa Graça, estamos simplesmente *emocionadas* pelo senhor ter aceitado nossa sugestão de visitá-lo, quando recentemente visitou Arabella. — Ela disse para que todas, especialmente lady Clifton, pudessem ouvir.

— Estou muito feliz que tenham vindo — Graham respondeu. Ele fez uma reverência encantadora antes de se voltar para Arabella. Seu olhar a percorreu como uma chama, e a moça teria dado qualquer coisa para voltar ao labirinto com ele.

Então sua atenção se voltou para lady Clifton, que sorria lindamente. Ela fez uma reverência.

— Obrigada, duque, por me incluir nesta excursão maravilhosa. Gostei especialmente do labirinto. — Ela inclinou a cabeça com timidez, fazendo Arabella se perguntar por que ela gostou. Graham a beijou também?

Claro que não!

Sua cabeça lhe dizia que ele não seria tão canalha. Contudo, a cabeça também sabia que o homem precisava encontrar uma herdeira, e se lady Clifton possuía fortuna, era exatamente do que ele precisava. O coração, por outro lado, dizia que ela deveria reivindicar Graham e nunca mais soltar.

Mas não podia. Tinha que aceitar que ela, e ele, precisavam seguir em frente.

Como faria isso se estava se apaixonando por ele?

Graham andava para lá e para cá na biblioteca de Brixton Hall enquanto aguardava a chegada de Tibbord. O homem enviou uma mensagem na noite anterior pedindo para se encontrarem naquela tarde. O fim estava próximo. Resolveria seus problemas financeiros e os de Arabella e então...

E então o quê?

Então ela abraçaria seu futuro como membro da Sociedade das Destemidas, e Graham começaria a trabalhar na reforma de Halstead Manor e se concentraria em seu novo papel como duque. Uma vozinha no fundo de sua mente se perguntava se o caso deles poderia continuar. Ou talvez até levar a outra coisa. Ela aceitaria algo assim? Certamente não lhe passou tal impressão. A história, a história dela, dizia que a intimidade entre os dois não precisava resultar em casamento.

A voz de Hedge chegou à biblioteca pouco antes de ele alcançar a porta.

— Sua Graça está aqui. — Exatamente como haviam planejado: Hedge levaria Tibbord diretamente à biblioteca e falaria alto o suficiente para que Graham pudesse ouvi-los se aproximar.

Graham respirou fundo e ajeitou o casaco enquanto Tibbord passava pelo mordomo e entrava na biblioteca. Ele era baixo e atarracado, com pescoço grosso. Entregou seu chapéu para Hedge, revelando uma cabeça com cabelos bastos e escuros. Seus olhos eram claros, talvez cinza, e rapidamente examinaram a sala antes de se fixarem em Graham. Foi uma leitura estranha, como se estivesse procurando por saídas.

— Bem-vindo a Brixton Park — Graham disse.

Tibbord fez uma reverência.

— Obrigado, Vossa Graça. — Ele avançou, e Graham estendeu a mão em saudação. Tibbord apertou-a e abriu um sorriso brando. — Estou satisfeito por ter sido convidado a voltar. O senhor tem um novo mordomo, pelo que vejo. — Ele lançou um olhar para Hedge.

— Sim. Vários dos criados de Brixton Park partiram após a morte do duque anterior. Que gentileza a sua de se lembrar deles. Vinha aqui com frequência?

— Algumas vezes — Tibbord disse em voz baixa, enquanto caminhava até a janela, olhando para o labirinto. — Mas nunca tive oportunidade de visitar os jardins. O labirinto sempre me intrigou.

— É bastante divertido. — Graham ansiava por atrair Tibbord para o centro e deixá-lo lá durante a noite. Felizmente, ele não saberia como escapar. O duque olhou para Hedge e inclinou a cabeça. O mordomo retirou-se com o chapéu de Tibbord.

As roupas do homem eram excepcionalmente bem cortadas e confeccionadas com tecidos caros. Ele aparentava estar bem, mas por que não seria o caso?

— Vamos discutir negócios? — Graham perguntou.

Afastando-se da janela, Tibbord exalou.

— Suponho que sim. É por isso que estou aqui. — Seus lábios se curvaram em um sorriso presunçoso.

Graham moveu-se em direção a um assento perto das janelas e gesticulou para Tibbord se acomodar no sofá, enquanto ele ficava com a poltrona.

O homem empoleirou-se no sofá com um movimento da cauda do fraque.

— Osborne diz que o senhor tem dinheiro para investir. É excelente saber disso, pois parece que o duque anterior foi além dos limites.

— O senhor deve ter conhecido o duque muito bem para estar a par de tais informações.

— Ele compartilhou muitos detalhes sobre sua situação financeira. Sei que teve que pagar anuidades a inúmeros parentes, e era um desperdício interminável de seus cofres. Brixton Park também estava hipotecada há muito tempo e ele foi forçado a aumentar a dívida para sustentar seus dependentes. Fiquei mais do que feliz em ajudá-lo a tentar recuperar sua fortuna.

— Exceto que o senhor não fez isso. — Graham manteve o tom um tanto leve. Não queria assustar o homem... ainda não. Não até que ele entendesse exatamente o que seria exigido dele. — Pegou o dinheiro dele e não deu retorno. Algumas pessoas chamariam de roubo.

Tibbord franziu a testa.

— Espero sinceramente que não esteja me acusando de algo criminoso. Houve um retorno, não tão grande quanto eu esperava, mas Sua Graça insistiu que eu investisse em um esquema arriscado. Não recomendei, mas ele foi inflexível. Infelizmente, ele perdeu todo o investimento.

— Foi também o que aconteceu com os Stoke e seus outros clientes? — Graham perguntou com uma calma enganosa.

Tibbord não esboçou preocupação. Em vez disso, sorriu com altivez.

— Eu não deveria falar de outros clientes.

— Então permita-me — Graham disse. — Todas essas pessoas simplesmente fizeram escolhas ruins que foram facilitadas pelo senhor? Parece uma coincidência pouco provável.

Por fim, o olhar de Tibbord endureceu, e seus músculos pareceram ficar tensos.

— Eu lhe asseguro. Por que está abordando o assunto? Começo a me perguntar se está mesmo interessado em investir comigo.

— Não estou, deveras. — Graham se inclinou na poltrona e se postou de modo desinteressado ao passo que, por dentro, seu sangue ardia. — Eu o convidei para exigir que devolva o investimento do duque. Creio que o senhor o roubou, e se não o devolver, eu o processarei por fraude e furto.

As narinas de Tibbord se dilataram, mas aquela foi a única reação que o entregou.

— Seria bastante custoso.

— Eu também vou garantir que o senhor não seja recebido em nenhum antro de jogatina de Londres. Já que caça os desesperados, como encontrará os seus alvos?

Quando Tibbord hesitou, Graham se perguntou se ele havia posto um fim à bravata do sujeito.

— Permita-me poupá-lo do problema. Não posso devolver o investimento porque não o tenho. Como disse, era um negócio arriscado, e o dinheiro se foi.

Graham o encarou com malícia nada disfarçada.

— Quero provas de que o investimento foi feito e como foi perdido.

Tibbord se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Qual é o seu objetivo com essa conversa toda?

— Que me devolva o meu dinheiro, e o dos Stoke.

Tibbord ergueu as mãos brevemente antes de voltar a se acomodar no assento.

— Bem, não será possível. O dinheiro se foi. Além do mais, Sua Graça não se importou. Ele suspeitou que seria o caso, mas como ele não estaria neste mundo, disse que seria problema do senhor e que ele não se importava com a sua falência.

Graham sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

— Ele lhe disse isso?

— Deveras. — Tibbord o olhou com piedade. — O senhor não conseguirá provar que o duque fez investimentos comigo. Sou muitíssimo cuidadoso. Embora não o bastante, ao que parece, pois jamais deveria ter vindo aqui hoje. Que desperdício entediante. — Ele se levantou abruptamente.

Graham ficou furioso, e também se levantou.

— Sinto muito por importuná-lo. Está falando da vida de pessoas. Não tem nada comigo nem se posso comprar outro cavalo ou uma propriedade no campo. A gente de Halstead Manor depende de mim, e a propriedade precisa de cuidados.

— Não se esqueça de todos os parentes inoportunos e suas anuidades. Parece que o senhor precisará vender Brixton Park. Acontece que conheço um comprador. Ficaria feliz em ajudar com a venda.

Graham o fulminou com o olhar.

— Não o deixaria ajudar nem com a latrina. Esqueça de mim. — Como foi agradável dizer aquilo! — Deve restituir o dinheiro dos Stoke. O senhor os tomou como presas e fez o sr. Stoke bastante doente, deixando a esposa e a filha do homem vulneráveis.

Tibbord fez pouco.

— Stoke é um idiota que não sabe quando é hora de parar. Ele apostou até ficar encurralado, acumulando perdas impossíveis de recuperar. Merece o destino que teve.

Graham lutou para não dar um sopapo no homem. Como esse sujeito poderia ser tão desalmado?

— E quanto à esposa e à filha dele?

Tibbord deu de ombros.

— Não são problema meu, e nem seu. Está desperdiçando o tempo de nós dois no dia de hoje.

Graham avançou para o homem, mostrando os dentes.

— Eu sou um maldito *duque*. O senhor não pode roubar de mim e se safar.

Uma sombra de medo se arrastou pelo olhar de Tibbord.

— Está me ameaçando?

— Eu deveria desafiá-lo a um duelo. Na verdade, farei isso se mencionar o acontecido a qualquer um, ninguém deve saber das condições financeiras dos Stoke, nem da minha.

Tibbord estreitou os olhos.

— O senhor não tem dinheiro nenhum para investir, não é mesmo?

Graham cerrou a mandíbula, mas não proferiu palavra nenhuma.

— Eu deveria apertá-lo até o senhor sangrar o dinheiro que roubou.

Um pouco da cor desvaneceu do rosto de Tibbord.

— O senhor poderia tentar, mas não haveria nada.

— Para onde foi o dinheiro? — Graham perguntou com os dentes cerrados.

Tibbord deu de ombros novamente.

— Gosto de gastar.

Incapaz de controlar a raiva por mais um momento, Graham se lançou sobre ele, agarrando o homem pela lapela.

— O senhor é um canalha. Vai me pagar o que nos deve.

— Não receberá porque não há nada. — Os olhos de Tibbord se arregalaram, e ele se esforçou para respirar fundo. — Meu primo pode atestar.

— Quem diabos é seu primo? — Graham exigiu saber, puxando o casaco do homem com ambas as mãos até que o tecido ficasse completamente esticado.

— O Marquês de Ripley.

Graham o soltou, empurrando o canalha no processo.

Tibbord conseguiu manter o equilíbrio enquanto cambaleava para trás, depois passou a mão sobre o casaco.

— Ripley confirmará que não tenho nada em meu nome. Ou muito pouco, pelo menos. Eu devia dinheiro a... algumas pessoas.

Graham balançou a cabeça.

— E tem a ousadia de falar mal de Stoke. O senhor me dá nojo. Saia.

Tibbord respirou fundo e ergueu o queixo. Então se virou e saiu.

Graham encarou a porta muito depois de o homem ter partido. Não havia dinheiro. Se pudesse acreditar em Tibbord.

Ao que parecia, deveria perguntar a Ripley. Mas como ele estava envolvido nesse assunto? O tempo todo o homem sabia que o primo roubara Graham? E o ajudou? Seria de se perguntar...

Balançou a cabeça, tentando clarear o cérebro da raiva, da decepção e da confusão. Se não houvesse dinheiro, teria que vender Brixton Park. Estava quase sem tempo de qualquer maneira. Faltavam menos de duas semanas para reembolsar o banco e a quantia era exorbitante. Além disso, pagamentos trimestrais eram devidos a todos os seus parentes. Que desprezavam a sua linhagem. A ironia era tão profunda que doía.

Mas nada se comparava ao que isso causaria aos Stoke. Eles mal conseguiam manter a casa. Arabella precisaria se casar e, até onde ele sabia, ela não queria. Ele não podia vê-la presa a um casamento sem amor. Faria qualquer coisa para impedir tal desfecho.

Incluindo vender Brixton Park.

Ele se virou, foi até a janela e olhou para o labirinto. O peito se apertou ao pensar na pedra angular com o nome de seu tataravô do lado de fora dessa mesma parede.

Deveria tê-la vendido meses atrás, quando soube de seus problemas financeiros. Então não teria desperdiçado a maior parte de

suas economias e já poderia ter começado a restaurar Halstead Manor. Permitiu que o orgulho e o amor pelo pai ofuscassem todo o resto.

Incluindo seu amor por Arabella.

A dor em seu peito se intensificou. Não porque percebeu que estava apaixonado, mas por ter quase certeza de que o sentimento não era correspondido. Ela queria ser uma mulher independente, capaz de fazer as próprias escolhas. E já era essa mulher, conforme evidenciado pelas decisões que tomou por si mesma, e ele garantiria que ela fosse capaz de continuar sendo.

Diria a ela e aos seus pais que conseguiu recuperar o dinheiro de Tibbord. A venda de Brixton Park permitiria que fizesse isso, além de ter um pouco de sobra para investir em Halstead Manor. Supôs que poderia passar o resto da temporada abrigado na casa de David. O amigo não se importaria.

Conhecendo-o, o conde tentaria dar dinheiro a Graham, ou pelo menos emprestar, para ajudá-lo a manter Brixton Park. No entanto, já havia aceitado sua sina. Não poderia sacrificar mais um momento agarrado a este lugar. Não estava destinado a ser seu.

Afastando-se da janela, decidiu escrever imediatamente a David. Pediria um empréstimo de curto prazo para poder pagar os Stoke. Então, quando a venda de Brixton Park fosse concretizada, pagaria de volta.

Parou sua caminhada até a porta. David esperaria para ser reembolsado, mas e o banco? Eles esperavam receber a hipoteca até o fim do mês. Isso não dava a Graham muito tempo para vender a propriedade. Seria possível vendê-la rapidamente? Ou o banco seria paciente se pelo menos tivesse um comprador interessado?

A mente voltou-se, de forma agravante, para Tibbord. Ele disse que tinha um comprador. Seria verdade? O homem não era confiável. E, no entanto, Graham nem sabia por onde começar a procurar um.

Ao sair da biblioteca, não se sentiu tão desanimado desde a morte do pai. Talvez porque o estivesse decepcionando por vender Brixton Park. Não, ele se recusava a pensar assim. Vender Brixton Park era a coisa certa a fazer... para seus arrendatários, para si mesmo e, definitivamente, para Arabella. Ela não era sua responsabilidade,

mas cuidaria dela pelo resto de seus dias. E se tivesse os meios para garantir que ela pudesse viver a vida que desejava, faria isso.

O amor valia o preço.

Capítulo treze

— Vossa Graça?

Graham piscou, mas não conseguiu enxergar através da neblina. Ouviu a voz do homem, mas não tinha ideia de com quem estava falando. Não conhecia nenhum duque, e essas eram as únicas pessoas tratadas como *Vossa Graça*.

— Vossa Graça, perdoe-me.

O toque de uma mão em seu ombro o fez estremecer. Quem estava tocando nele?

— *Vossa Graça*. O senhor tem convidados, e eles são muito insistentes. Tentei dizer que o senhor estava indisposto.

Vossa Graça.

Graham era o duque. Tornou-se duque há mais de seis meses, mas ainda lhe parecia estranho. Algum dia se sentiria confortável? Era um secretário, não um duque.

E agora, mais do que nunca, não tinha nada a ver com um título.

Abriu um olho e viu o travesseiro sob seu rosto. Fechou-o novamente, ele juntou energia para virar de lado. A luz solar turva saudou o fundo de seus olhos, que ele semicerrou.

Ao lado da cama estava seu criado pessoal, a quem ele promoveu de lacaio. Ele era vários anos mais jovem que Graham e provavelmente não sabia bem desempenhar a função. No entanto, era muito mais barato do que um treinado. Além disso, convinha a Graham ter um criado tão inexperiente quanto ele, mesmo que essa talvez não fosse a melhor estratégia. Concluiu que resolveriam o assunto juntos.

Graham fechou os olhos com força.

— Sei que você ainda é relativamente novo no cargo, Boone, no entanto, acho que acordar seu empregador não deve ser bem-visto, especialmente depois de uma noite bebendo muito vinho do Porto.

Na noite passada, após a reunião com Tibbord, foi impossível ignorar a coleção cada vez menor de vinhos do antigo duque. Só de pensar no nome do homem quase teve um ataque de raiva.

— Peço desculpas, milorde — Boone disse. — No entanto, o marquês de Ripley e o visconde Colton estão aqui e exigem vê-lo. Hedge tentou dizer que Vossa Graça estava indisposto, mas eles disseram que subiriam.

— Maldição — Graham murmurou enquanto tentava se sentar. A sala se inclinou para o lado, e seu estômago deu uma pequena cambalhota.

— Água, milorde? — Boone perguntou.

— Sim, por favor. — Graham oscilou enquanto se punha de pé. Fechou os olhos, o que pareceu melhorar a situação.

Um momento depois, Boone voltou.

— Trouxe sua água.

Graham abriu um olho e estendeu a mão para pegar o copo. Tomou um gole hesitante e abriu o outro olho. Depois de outro gole, percebeu que o estômago não se esvaziaria, e devolveu o copo a Boone.

— Também agradeceria se não abrisse as cortinas depois de uma noite como essa.

— Jamais faria tal coisa, Vossa Graça. Só tentava ver se o senhor poderia despertar... O marquês...

Graham ergueu a mão.

— Sim, sim, o marquês. Acontece que estou bastante ansioso para falar com ele. Senão, pediria que os mandasse embora. Tal como está, vamos fazê-los esperar um pouco. Acho que preciso de um banho.

Passou-se quase uma hora até que Graham por fim desceu para a sala de estar. O enjoo passou, mas a cabeça ainda doía para diabo. Supôs que merecia, era o que acontecia quando se tentava afogar a tristeza com bebida.

— Finalmente, o duque chegou! — Colton não se incomodou em se levantar do sofá onde estava esparramado, com um copo de alguma coisa pendurado na ponta dos dedos.

Ripley parecia menos despreocupado que o normal. Seu olhar estava semicerrado, a testa comprimida no centro.

— Você está bem? — ele perguntou, com certa cautela. Ao contrário de Colton, Ripley se levantou da cadeira.

— Tudo bem, obrigado. — Graham não os importunaria com seus problemas. Escreveria para David em breve, e isso já lhe custaria boa parte do orgulho.

— Bom saber — Colton declarou. — É uma pena abrir mão deste lugar, mas não posso imaginar que ele signifique muito para você, e é sempre melhor reabastecer os cofres quando necessário.

Graham congelou, e se virou devagar em direção a Colton.

— Perdão?

— Ouvimos dizer que você está vendendo a propriedade. — Colton tomou um gole do que estava bebendo.

— E também que você está falido — Ripley disse. — É por isso que viemos... pensei que gostaria de algum apoio.

A raiva se misturou ao choque, e a cabeça de Graham começou a latejar. Ele foi até uma cadeira e se sentou, as emoções deram lugar a uma feliz sensação de entorpecimento.

— Suspeitei que isso o chatearia — Ripley falou, fazendo careta. — Não é algo de que normalmente gostamos que os outros saibam. Faz sentido agora, dado seu interesse em perseguir aquele tal Tibbord. Presumo que foi ele que o enganou?

O entorpecimento evaporou num instante, e Graham saltou da cadeira em direção a Ripley.

— *Aquele tal de Tibbord?* Você quer dizer seu maldito primo?

O franzido na testa de Ripley se aprofundou.

— Não tenho um primo chamado Tibbord.

Será que o canalha também mentiu sobre isso? Por que ele algo assim? Por que diabos faria qualquer coisa?

— Ele disse que era seu primo e que você poderia confirmar que ele não tinha um tostão. O homem disse que gosta de gastar.

Ripley praguejou baixinho.

— Um sujeito mais baixo? — Ripley ergueu a mão na altura dos ombros. — Sorriso desonesto?

— Esse mesmo.

— O nome dele não é Tibbord. — Ripley balançou a cabeça, com os lábios pressionados em uma linha irritada. — É Archibald Drobbitt. E, sim, ele é o filho idiota da irmã da minha mãe. É ele quem está por trás desses investimentos fraudulentos?

— Sim, e não pode devolver nenhum deles, incluindo o que ele subtraiu do antigo duque, que é a causa da minha situação financeira, ou pelo menos é o que ele diz. Isso é verdade? — Graham teve que perguntar, mesmo tendo quase certeza de que não havia dinheiro.

— Sim. Infelizmente. Ele gasta o que não tem... muitas vezes me perguntei onde ele conseguia tanto, mas ele se mantém com companhias duvidosas. Eu nunca teria imaginado que o sujeito poderia fazer algo assim. Ele é um imbecil.

— Ao que parece, não, já que vem enganando pessoas há algum tempo, e você nem sabia.

— Quase não presto atenção nele. Na verdade, tento fingir que ele não existe. O sujeito costumava tentar negociar em meu nome, mas pus fim a isso há vários anos. Acumulei um monte de dívidas. Paguei a fiança dele uma vez e avisei que nunca mais faria isso. Não tenho ideia do que ele tem feito nos últimos anos.

— Fraude — Colton sugeriu.

Graham cerrou os punhos.

— Vou desafiá-lo.

Os olhos de Ripley se arregalaram brevemente.

— Você não pode fazer isso.

— Por que, por que ele é da sua família? — Graham zombou.

— Halstead deveria denunciá-lo — Colton disse. — Parece que o patife merece.

— Ele merece, mas você vai matá-lo. Além de estúpido, ele tem uma mira péssima.

— Serão espadas — Graham declarou, determinado a exigir satisfação.

Ripley bufou.

— Pior ainda. Você vai derrubá-lo em pouco tempo. Onde está a satisfação nisso?

Graham olhou carrancudo para Ripley.

— Não é só por mim. Ele roubou de inúmeras pessoas e tenho todos os motivos para crer que ele o fará de novo. Além do mais, eu disse para ele não revelar meus problemas, e o homem fez exatamente isso. Ele sabia das consequências, e ainda assim optou por me expor.

Colton cerrou a mandíbula.

— É o que ele merece. Serei seu padrinho, se desejar. Ripley provavelmente terá que defender o primo.

— De jeito nenhum. — Ripley deu um passo em direção a Graham. — Você não precisa fazer isso. Não vai ajudar. Prometo pessoalmente a você que ele não continuará com esse comportamento. Nem vai expor mais ninguém nem se envolverá em mais práticas fraudulentas.

Graham ouviu a seriedade do homem, mas Tibbord, ou Drobbit, era um criminoso e não era confiável.

— Como pode garantir isso?

— Vai ter que confiar em mim — Ripley falou. — Pela minha honra, e eu tenho alguma, apesar do que dizem. Dou-lhe minha palavra e, se não cumprir, pode me desafiar. Sou péssimo esgrimista.

— Mas não com pistolas — Colton disse. — Só para deixar claro.

A honra era importante para Graham. O pai o criou com um forte senso de lealdade, família e orgulho. Embora não conhecesse Ripley há muito tempo, não desconsideraria a promessa do homem.

Acenou com a cabeça para Ripley. O entorpecimento estava voltando. Tudo estava fora de seu controle, mas era com isso que ele estava lidando desde que herdou o maldito título.

— Percebo que se tornar um duque seria um sonho tornado realidade para a maioria, mas acho que a função demanda demais. Minha vida era muito mais simples quando eu era secretário. — Ele olhou ao redor da sala com tristeza. — Sabia que o meu tataravô construiu esta propriedade? Ele projetou a casa e os jardins, e o irmão dele, o duque, expulsou-o daqui por causa de uma mentira de sua esposa de caráter duvidoso. Meu pai achou que foi intervenção divina o fato de Brixton Park ter voltado para nós.

— Você tem que vendê-la? — Ripley perguntou.

— Tenho. A hipoteca está vencida, e o ducado tem muitas dívidas e contas. Herdei um pesadelo.

Tanto Ripley quanto Colton estremeceram, os olhos escureceram de pena. Colton despejou o resto da bebida goela abaixo e colocou o copo sobre uma mesa perto do sofá. Ele ficou de pé.

— Há um lado bom, se você estiver interessado. Existem várias apostas sobre quais herdeiras tentarão comprar o título de sua duquesa. Você poderia dar uma olhada no livro de apostas e ver se algum dos nomes lhe agrada. — Colton deu de ombros.

Graham não conseguia pensar em nada que pudesse deixá-lo mais deprimido. Não queria uma herdeira. Queria Arabella. Ficou com a garganta seca, foi até o aparador e serviu-se de uma taça de Porto.

— Como posso ajudar? — Ripley perguntou de algum lugar às suas costas, indicando que o seguiu pelo menos parcialmente até o aparador.

Graham se virou enquanto tomava um gole da bebida, dando as boas-vindas ao doce elixir. Ainda não havia enviado a carta para David. Tentou escrever uma, mas estava com muita raiva, então, em vez disso, ficou bêbado.

— Preciso de um empréstimo de curto prazo — Graham disse antes que perdesse a coragem.

Os olhos de Ripley brilharam com ferocidade.

— Feito.

— Eu nem lhe disse quanto.

— Não importa — Colton falou. — Ele é rico como Crespo. Provavelmente poderia financiar o governo.

— Vou depositar em sua conta esta tarde — Ripley disse.

Graham foi até uma mesinha no canto e rabiscou a quantia de que precisava, depois entregou o papel a Ripley.

— Obrigado. Pagarei de volta assim que Brixton Park for vendida.

Ripley nem sequer olhou para a quantia antes de enfiar o papel no casaco.

— Lamento que tenha chegado a esse ponto. — Ele soou genuinamente chateado. — Parece que esta propriedade é uma parte

importante da sua herança.

— É apenas uma pilha de pedras. E tenho outra em Essex que é mais importante. Tenho arrendatários lá. Assim como vários primos que dependem do meu apoio financeiro.

— Você herdou *mesmo* um pesadelo — Colton disse. — Minhas mais profundas condolências.

Graham riu, mas com pouco humor. Ainda assim, era bom pôr aquilo para fora. E era bom ter dois amigos ao seu lado nesse momento.

Ripley sorriu.

— Devo me despedir. Colton, você deveria ficar e fazer companhia a Graham. Acho que nosso amigo precisa de um pouco mais de apoio pelo que aconteceu ontem.

— É tão óbvio? — Graham perguntou.

— Quando você leva uma hora para descer e seus olhos estão vermelhos e seu rosto está pálido, não é preciso ser nenhum erudito. Adicione o que nos revelou, e eu ficaria surpreso se você não tivesse ficado bêbado.

— Apenas certifique-se de que Colton se controle. Ele se deixa levar às vezes. — Ele lançou a Colton um olhar sombrio, ao qual o visconde respondeu com um dar de ombros e levantando as mãos. Ripley estendeu a mão para Graham. — Sinto muito por Drobbitt. E vou resolver esse assunto... tenha certeza. Enviarei uma mensagem quando transferir o dinheiro.

— Obrigado, Ripley. Agradeço sua bondade.

— É o que amigos fazem. — Ripley inclinou a cabeça e saiu.

— Acho que preciso ver o seu labirinto — Colton disse. — Ouvi dizer que é espetacular, mas o antigo duque nunca recebia visitas. É uma pena que você tenha que vender a propriedade antes de fazer uma grande festa barulhenta. Talvez Ripley e eu possamos convencê-lo a oferecer uma primeiro. — Colton deu uma piscada.

Graham poderia muito bem imaginar um evento como esse, se incluísse Ripley e Colton. No entanto, tal festa não lhe interessava. Ficaria muito mais feliz com outro piquenique íntimo. Dessa vez, apenas com ele e Arabella.

Mas isso não aconteceria. Ele venderia o lugar e assim permitiria que ela vivesse a vida que merecia. Se essa fosse a única coisa boa que poderia resultar de todo o acontecido, se consideraria um sortudo.

Depois de tantos anos no Mercado Casamenteiro, os bailes começaram a ficar tediosos, mas nessa temporada em particular, Arabella os considerava positivamente banais. Ou talvez fosse só porque parou de ver Graham neles.

Não que o tivesse visto muitas vezes, e eles só dançaram uma vez. Ainda assim, saber que ele estava em outro lugar e não ali era decepcionante.

A mãe virou-se para ela com uma leve carranca.

— Acho estranho que ninguém a tenha convidado para dançar. Você nunca ficou sem parceiros.

Era verdade, e estranho. Arabella também não se importava. Embora dançar fosse afastar seus pensamentos de Graham, e, assim, talvez conseguisse parar de pensar nele.

— Ainda é cedo — ela disse, olhando ao redor da sala. Viu sir Ethelbert perto da mesa de bebidas. E ele a viu. Em vez de sorrir ou reconhecê-la de alguma forma, virou as costas.

Ele acabara de desprezá-la? Não ficou exatamente às claras, mas teve o mesmo efeito assustador.

Talvez ele não a tivesse visto. Sim, isso fazia muito mais sentido. Arabella afastou o desconforto.

— É o seu vestido — a mãe disse. — Falei que era hora de aposentá-lo. O estilo é muito antigo.

— Duvido muito que meu vestido impeça um cavalheiro de me convidar para dançar. — Arabella avistou lady Satterfield e sua enteada, a duquesa de Kendal. Elas conversavam com algumas outras damas. Também notou vários outros grupos de senhoras agrupadas, uma das damas olhou para Arabella e a mãe, seu olhar demorando-se apenas por um breve momento.

Uma onda de apreensão lhe percorreu a espinha. Algo estava errado. As pessoas comuns, que poderiam ter parado e trocado

gentilezas com elas, não o fizeram. Uma segunda pessoa pareceu olhar na direção das duas, mas Arabella não tinha certeza.

A próxima dança terminou e nenhum cavalheiro se aproximou. Agora estava quase certa de que havia algo errado, e apostava que não era o vestido.

A duquesa de Kendal e lady Satterfield aproximaram-se delas, e Arabella relaxou. Ao que parecia, nada mais era que cisma dela. Ficou bastante aliviada por estar errada.

Lady Satterfield as cumprimentou.

— Boa noite, sra. Stoke, srta. Stoke.

— Boa noite — a mãe disse, fazendo uma reverência. Arabella fez o mesmo.

— A senhora se importaria se conversássemos em particular? — lady Satterfield perguntou em voz baixa.

A apreensão de Arabella reapareceu. O pulso disparou enquanto elas se moviam em direção à parede.

— Está tudo bem? — Ela não pretendia perguntar, mas estava cada vez mais alarmada.

— Receio que haja algo correndo à boca miúda — lady Satterfield começou — sobre sua situação financeira.

A duquesa olhou para elas com simpatia.

— Pensamos ser melhor vir falar com vocês, para prestar nosso apoio. Não nos importamos nada com suas finanças.

A mãe ficou bastante pálida. Arabella a segurou gentilmente pelo cotovelo, mantendo-a firme.

— Vai ficar tudo bem, mãe — ela sussurrou, mesmo sabendo que não ficaria. Se todos soubessem...

— O que estão dizendo? — a mãe perguntou, tensa.

— Que o sr. Stoke apostou tudo o que tinha, e que a srta. Stoke está desesperada para se casar o mais rápido possível.

— Desesperada? — a mãe coaxou.

Arabella estava realmente preocupada com a possibilidade de ela desmaiar.

— Devemos ir.

— Deixe-nos acompanhá-las — a duquesa ofereceu.

Os olhos da mãe de Arabella se encheram de lágrimas.

— Não é necessário.

— Sim, obrigada — Arabella disse com firmeza. Precisava tirar a mãe do salão de baile antes que ela desmaiasse ou começasse a chorar.

Saíram de lá, com lady Satterfield guiando a mãe, e Arabella logo atrás, com a duquesa ao lado.

— Espero que não deem crédito a nada do que ouvirem — a duquesa disse com grande encorajamento. — As pessoas podem ser cruéis. Algumas se alegram com o infortúnio alheio, porque as faz sentir-se melhores em relação às próprias tragédias e decepções.

— Agradeço que a senhora e lady Satterfield tenham vindo em nosso auxílio. Foram muito gentis.

— Sei uma ou duas coisas sobre ser o centro de atenções indesejadas... com algo muito pior do que isso, veja bem. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Um escândalo. Passei nove anos no exílio até trabalhar como dama de companhia de lady Satterfield.

— Então se casou com o enteado dela.

— Sim. — Ela sorriu, seus olhos castanhos brilharam de alegria. — Às vezes, até o escândalo tem um final feliz.

Quando chegaram ao vestíbulo, o lacaio mandou chamar a carruagem. A mãe de Arabella, ainda pálida, virou-se para lady Satterfield.

— O que faremos?

— O boato vai passar.

— Não é boato — a mãe murmurou. — Arabella precisa se casar. Senão... — Sua voz foi sumindo, e ela baixou a cabeça.

Lady Satterfield deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Pobrezinha. — Ela olhou para Arabella. — Devemos acompanhá-las até em casa?

Elas não poderiam, mesmo que Arabella quisesse, já que a carruagem não comportaria todas elas. Ela deu um sorriso agradecido.

— Não, obrigada. Ficaremos bem. Cuidarei bem dela.

O lacaio indicou que o veículo chegaria em um instante.

Arabella pegou o braço da mãe.

— Obrigada, Vossa Graça, milady. Somos profundamente gratas

por sua gentileza e preocupação. — Ela guiou a mãe até a carruagem.

O cavalição entregou as rédeas a Arabella e, assim que ela e a mãe se acomodaram, ela as conduziu para a rua.

A mãe inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Você não pode contar ao seu pai.

— Não contarei. — Ele estava muito melhor desde que Arabella mentiu sobre a investigação. Estava comendo de novo e se vestia todos os dias. A exposição da devastação financeira deles provavelmente o enviaria de volta ao poço do desespero e da doença.

O que fariam? Ela tinha que rezar para que Graham conseguisse recuperar o dinheiro de Tibbord. Nunca pensou que aquilo aconteceria, mas percebeu que tinha esperança de que acontecesse... muita.

— Como descobriram? — a mãe choramingou. — Temos sido muito cuidadosos.

Era verdade, mas bastaria um lojista com quem o pai tinha uma dívida mencionar algo a alguém que gostava de espalhar fofocas.

— É possível que alguém simplesmente tenha decifrado a situação — Arabella disse. — Não é difícil ver que estamos passando por dificuldades. Temos apenas esse cabriolé. Nenhum dos meus vestidos é desta temporada. Moramos em uma casa menor a cada ano. — Não parecia provável que alguém prestasse atenção à casa delas, mas vai saber. A mãe costumava receber amigos e agora não convidava mais ninguém. Talvez tenha sido notado.

— Pouco importa como sabem. Agora não temos nada: nem dinheiro, nem perspectivas, nem apoio — a mãe falou de maneira categórica. — Eu esperava que o duque de Halstead pudesse cortejá-la, mas ousou dizer que nem mesmo ele vai querer você.

Se ela soubesse... Arabella sentiu um nó no estômago. Odiava a falta de emoção na voz da mãe mais do que qualquer outra coisa.

— Mamãe...

— Teremos que vender tudo o que nos resta. E sair de Londres. Encontraremos um vilarejo em algum lugar onde possamos viver, se é que tal coisa existe. Eu não tenho ideia do tamanho da dívida do seu pai. Procuraremos um vilarejo com um bom vigário que precise de

esposa. Isso garantiria seu futuro, e então eu não precisaria me preocupar.

— Mamãe — Arabella falou com mais força. — Pode haver outra maneira. Não me peça para explicar, mas por favor tenha fé por mais um tempo.

— Não pedir a você para explicar? Seu pai esconde coisas de mim, e agora você também? — A emoção estava de volta: raiva, tristeza, frustração.

Desejou não estar conduzindo a carruagem para poder olhar para a mãe, para poder pegar sua mão e tentar infundi-la com força e calma. Força, pelo menos, Arabella tinha. Calma era algo completamente diferente. Uma coisa era convencer a mãe a confiar que as coisas dariam certo e outra era acreditar. O que fazia dela nada mais que uma hipócrita.

Talvez a mãe estivesse certa. Talvez fosse hora de elas mesmas resolverem o problema, em vez de deixar os homens tentarem resolver o assunto.

— Lamento, mamãe. Conheço alguém que está tentando recuperar o investimento de papai, mas não sei se vai dar certo. Confio que essa pessoa esteja fazendo o melhor que pode, mas a senhora tem razão: devemos determinar a veracidade de nossas finanças e traçar o plano devido. Tenho certeza de que podemos encontrar um vigário que precise de uma esposa. — Arabella estava orgulhosa de si mesma por não se engasgar com as palavras.

Não queria um vigário. Se fosse arranjar um marido, queria Graham. Mas ele a quereria? Não tinha como saber. Talvez fosse hora de descobrir.

Capítulo catorze

Na manhã de segunda-feira, Arabella estava exausta. Elas tentaram esconder a notícia da situação do pai, mas dois credores apareceram no sábado e exigiram pagamento. Depois disso, o pai por fim revelou o valor da dívida. Era, infelizmente, muito mais angustiante do que ela e a mãe imaginaram.

Isso fez o pai entrar em uma espiral descendente de agonia, e ele foi para a cama, onde permaneceu desde então. Arabella cuidava dele a maior parte do tempo, sentia que a mãe precisava de tempo para organizar as emoções, e também as finanças.

A jovem entrou na pequena sala de café da manhã e viu a mãe sentada à mesa, o cabelo loiro penteado em um estilo simples, mas elegante. O rosto estava pálido, mas os olhos não estavam mais vermelhos de tanto chorar, e ela se comportava de maneira bastante majestosa, para dizer a verdade. Arabella sorriu, grata por vê-la assim.

— A senhora parece bem, mamãe. — Arabella deu um beijo em sua bochecha antes de se sentar à pequena mesa.

A mãe passou manteiga em um pãozinho.

— Obrigada, querida. Tenho compromissos hoje, com o agente imobiliário e com mais dois credores do seu pai. Tenho esperança de que conseguiremos acertar as contas com algo que temos aqui, ou com os fundos da venda do resto das nossas coisas. — Ela lançou um olhar determinado para Arabella e foi como se uma nova mulher tivesse nascido das cinzas de sua destruição financeira.

Arabella pegou um pão da cesta que estava no meio da mesa.

— A senhora tem estado muito ocupada.

— Sim, e agradeço por você cuidar de seu pai.

Arabella notou que ela não perguntou como ele estava.

— Acho que ele dormiu melhor ontem à noite. O novo tônico da

sra. Woodcock parece estar ajudando.

— Bom saber — a mãe disse um tanto distraída, enquanto folheava um jornal ao lado de seu prato. — Procuro vilarejos que precisam de vigário. Às vezes, essas informações são publicadas no jornal e podemos usá-las para encontrar um lugar com um pároco novo e que esteja precisando de esposa.

Parecia algo complicado de encontrar, mas Arabella não tentaria impedir a mãe, especialmente se isso a fizesse se sentir melhor. Ela estava em uma missão dedicada a salvá-los, e a jovem desejava ter sido capaz de fazer isso.

Não recebera notícias de Graham, e tentou não se debruçar no desalento que sentia. Talvez ele ainda não tivesse se encontrado com Tibbord.

— Há espaço para mim? — o pai perguntou da porta.

Tanto Arabella quanto a mãe viraram a cabeça para ele, chocadas.

— Claro — a jovem disse, levantando-se para ajudá-lo.

Na verdade, ele estava *vestido*, ou pelo menos quase por completo, com um colete por cima da camisa e da gravata. Também usava calça, meias e chinelos. Arabella presumira que todo o progresso que ele fez recentemente desapareceria.

O pai ergueu a mão antes que ela pudesse se oferecer para guiá-lo até a mesa. Ele acenou com a cabeça e depois olhou para a mãe dela.

— Está tudo bem com você, Mariah?

A mãe hesitou por um breve momento, baixou o olhar para o prato e depois olhou para eles mais uma vez.

— Sim.

Arabella recuou enquanto o pai se dirigia à mesa e retomou seu assento. Ele se inclinou em direção a mãe dela, e a moça se perguntou brevemente se deveria ir embora.

— Devo a você um sincero pedido de desculpas. — Ele se virou para olhar Arabella, seus lábios se esticando brevemente em um sorriso triste. — E a você. Fiz tantas coisas erradas, e nenhuma delas foi para tentar proteger você dos meus erros. Se eu tivesse

compartilhado a profundidade dos meus delitos com vocês há mais tempo, talvez pudéssemos ter pensado em um modo de consertar tudo... juntos.

— Sim, teria sido bom. — A voz da mãe dela soou gelada.

— Mamãe — Arabella murmurou.

A mulher mais velha relaxou os ombros e olhou para o marido com um olhar feroz.

— Vai levar algum tempo para eu perdoar você.

Ele assentiu.

— Eu entendo.

— Eu também fui tola — a mãe disse, franzindo brevemente os lábios. — Deveria saber como as coisas estavam ruins. Devíamos ter saído de Londres e deixado esse estilo de vida extravagante há muito tempo. — Ela desviou o olhar para Arabella. — Eu só queria que você tivesse a chance de fazer um bom casamento... você merece.

Como todos estavam se desnudando, Arabella decidiu fazer o mesmo.

— Fazer um bom casamento era o seu sonho, mamãe, não o meu.

— Eu sei — ela disse, fazendo careta ao estender a mão e apertar a da filha. — Eu também fui tola quanto a isso.

O mordomo deles, Baxter, entrou.

— Desculpe incomodá-los, mas vocês têm uma visita.

— Ainda estamos tomando o desjejum — a mãe disse, largando Arabella e pegando seu pãozinho com manteiga.

— Entendo, sra. Stoke. No entanto, Sua Graça, o duque de Halstead, está aqui e diz que o assunto é urgente.

O coração de Arabella começou a bater forte. Era como se todos pudessem ouvir as batidas em seu peito.

A mãe olhou para Arabella.

— Sua Graça está aqui para um assunto urgente. Será que ele ouviu falar da sua situação e deseja resgatá-la?

Ah, seria um final digno de conto de fadas, com certeza. No entanto, Arabella não achava que contos de fadas existiam, pelo menos não para ela. Ainda assim, não podia negar a animação que a

invadia.

— Vamos descobrir — o pai disse, levantando-se da mesa. — Dê-nos um momento, Baxter, e depois leve Sua Graça à sala de estar.

Arabella se levantou, mas estendeu as mãos para eles.

— Espere! Ele pode não estar aqui para esse propósito. Por favor, não abriguem esperanças.

Os dois lhe deram um único aceno de cabeça, mas não pareceram convencidos. Arabella saiu antes deles.

Ela se esforçou para acalmar os nervos no caminho até a sala de estar. Uma vez lá, se posicionou em frente ao sofá.

Os pais entraram e pararam diante de suas poltronas favoritas. Ver o pai ali com uma aparência melhor do que tinha em meses deu a Arabella coragem para enfrentar o que estava por vir. Pensar que em poucos momentos eles poderiam ser salvos era quase esmagador. As mãos começaram a tremer. Ela as apertou com força diante de si no momento em que Baxter deixou Graham entrar.

Percebeu que não passara tantos dias sem vê-lo desde que se conheceram. O coração se apertou quando notou o cabelo escuro, bem penteado, a aparência bonita e elegante, e a intensidade de seus olhos escuros. Tentou ler a emoção enterrada dentro dele: felicidade? Tristeza? Remorso? Não conseguia decifrar nada.

Ela e a mãe fizeram uma reverência, o pai se curvou.

— Bom dia — Graham disse. Ele cumprimentou brevemente a mãe de Arabella e depois a moça, mas os olhos não se detiveram nos dela, o que considerou um mau presságio, antes de fixar no pai. — É um prazer conhecê-lo, sr. Stoke.

— É minha honra e privilégio — seu pai disse. — Lamento não ter podido recebê-lo antes.

— Soube que o senhor não passava bem. Devo exprimir o quanto é maravilhoso vê-lo tão saudável.

— Obrigado, Vossa Graça. — O pai apontou para o sofá. — Por favor, sente-se e conte-nos o propósito desta visita.

Arabella esperou até que ele chegasse ao sofá antes de se sentar. Em silêncio, tentou pedir garantias, mas ele nem olhou para ela. Quando se sentaram, o duque se acomodou o mais longe possível da

moça.

Era pior do que um mau presságio. O estômago de Arabella foi parar no porão, e ela respirou fundo para não se sentir tonta.

— Trago excelentes notícias — Graham disse, surpreendendo-a. Agora ele olhou para ela e sorriu, embora tenha sido um tanto breve. — Tenho trabalhado para coletar o dinheiro que foi roubado pelo sr. Piers Tibbord. — Ele olhou para o pai de Arabella. — Creio que o senhor o conheça.

O pai respirou fundo e tossiu.

— Ele é um canalha absoluto. Como o senhor se envolveu nessa história? — Ele lançou um olhar surpreso para Arabella. — Era ele quem o estava investigando?

— Que investigação? — a mãe perguntou, parecendo ao mesmo tempo confusa e irritada. Ela desviou o olhar para Arabella também. — Era isso que você estava insinuando na outra noite?

— Permitam-me explicar — Graham disse. A jovem ficou grata por sua intervenção. — Sim, investiguei o sr. Tibbord. Ele está roubando pessoas há algum tempo. Ele não se chama Piers Tibbord, mas Drobbit. É primo do marquês de Ripley.

Arabella pensou que os pais ofegariam em choque, mas não tinha certeza se os ouviu com precisão por causa de sua respiração brusca.

— Ele não é apenas um ladrão, mas também se esconde atrás de uma identidade falsa? — o pai perguntou com escárnio.

— Ele é uma pessoa horrível. — A voz de Graham assumiu um tom sombrio que Arabella não tinha certeza se já havia ouvido. — Mas a boa notícia que trago é que consegui recuperar o seu investimento, e é uma satisfação devolvê-lo ao senhor. — Ele retirou uma nota de banco do casaco e levantou-se para entregá-la ao pai dela.

No mesmo instante, a mão da mãe foi até a boca, e seus olhos ficaram extremamente arregalados. O pai olhou para a nota, e um músculo em sua mandíbula se contraiu. Então ele passou um dedo sobre o olho.

— É... um milagre.

Era mesmo. Arabella mal podia acreditar que Graham tinha conseguido. Jamais esperou que Tibbord, ou Drobbit, devolvesse o

dinheiro. Contudo, como o primo do homem era o marquês, talvez ele tivesse ajudado que tal desfecho fosse alcançado. Queria muito pedir detalhes, mas não desejava que os pais soubessem o quanto estava envolvida... com a investigação, mas, mais importante, com Graham. Ansiava por abraçá-lo e agradecer-lhe. Em vez disso, juntou as mãos e apertou até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Um milagre, eu digo! — o pai gritou, sorrindo. Ele olhou para a mãe de Arabella, que agora tinha lágrimas escorrendo dos olhos, lágrimas de felicidade, ao contrário das que derramou depois do baile.

O pai voltou a atenção para Arabella, com os olhos brilhantes.

— Agora pode se casar com quem quiser... ou com ninguém! Sinto muito pelo fardo que coloquei sobre você, minha querida. Apoiarei o que você escolher. Quem escolher. Ou não.

A mãe fungou.

— Eu também. Se realmente desejar permanecer solteira, a decisão é sua. Quero que você seja feliz acima de tudo.

Há um mês, Arabella teria comemorado e aproveitado a oportunidade de escolher o próprio futuro. Mas tudo mudou quando conheceu Graham. Ela olhou para ele, que observava os pais dela com agradável satisfação.

Arabella inclinou-se ligeiramente para o duque.

— O senhor...

Graham virou a cabeça e sorriu para ela.

— Eu disse que tudo daria certo, e deu. Espero que esteja tão satisfeita quanto eu.

Satisfeita.

Ela assentiu em silêncio, incapaz de encontrar palavras para dizer que satisfação não era o que sentia. Ele, no entanto, parecia bastante satisfeito. Era isso, então. Ele fez o que se propôs a fazer. Recuperou o dinheiro deles e agora cada um seguiria o próprio caminho. Por que esperaria outro desfecho? Não falaram de futuro. Não importava a intimidade que compartilharam. Não foi baseada em declarações nem promessas. Compartilharam momentos encantadores juntos, momentos que ela guardaria com carinho por toda a vida. Momentos que agora estavam no passado.

Arabella temia que se ele não partisse logo, ela se humilharia se debulhando em lágrimas. Não, não faria isso. Ela era forte. Resistiu à partida de Miles e ao pesadelo dos últimos meses de incerteza. Sobreviveria a isso também.

— Obrigada, Vossa Graça — ela disse com uma serenidade que não sentia. — Estamos em dívida com o senhor.

— De fato estamos — o pai falou com grave solenidade. — Se houver algo que eu possa fazer... mas como eu poderia ajudar um duque... — Ele riu um tanto sem jeito.

Graham se levantou e todos seguiram o exemplo. O pai aproximou-se dele e apertou-lhe a mão com mais vigor do que Arabella teria pensado.

— Não posso agradecer o suficiente.

— Não há necessidade — Graham falou. — Estou feliz por ter ajudado. — Ele soltou a mão do pai, virou-se para a mãe e inclinou a cabeça. — Sra. Stoke.

— Vossa Graça — ela murmurou, fazendo uma reverência.

Então Graham virou-se para Arabella.

— Foi um prazer conhecê-la, srta. Stoke. Desejo-lhe toda a felicidade no futuro... onde quer que ela a leve. — Ele sustentou o olhar dela, e Arabella temeu que seu coração se partisse em dois. Então o homem se virou e saiu.

O coração não se partiu ao meio. Em vez disso, estilhaçou-se em dezenas, centenas e milhares de pequenos pedaços que nunca mais conseguiriam se recompor.

Lutou para respirar fundo enquanto os pais começavam a dançar pela sala. Eles riram e se abraçaram, e Arabella escapou silenciosamente para o jardim.

Lá fora, mal notou o céu cinzento ou a brisa fresca. Os olhos arderam com lágrimas, mas piscou para afastá-las. A dor a percorreu, e ela se perguntou se algum dia encontraria alegria novamente.

Desejo-lhe toda felicidade...

Mas só havia uma que ela queria.

Sem pensar, atravessou o portão do jardim de Phoebe. Caminhou em direção à sala do jardim, cuja porta estava entreaberta. Phoebe e

Jane estavam sentadas à mesa, e a primeira levantou-se de um salto para dar as boas-vindas a Arabella.

— Entre, Arabella! Pode comemorar conosco.

— Sim, faça isso — Jane disse, sorrindo.

Arabella esperava que elas distraíssem sua mente da devastação que acabara de ocorrer, e no momento se sentia muito afortunada por ter tropeçado em uma celebração.

— Perfeito, estou com disposição para boas notícias. O que estamos comemorando?

— As habilidades de casamenteira de Jane — Phoebe disse, olhando para Jane. — Acho que você pode precisar considerar isso como ocupação.

— Eu poderia. Devo admitir que me sinto bastante realizada. — Ela se envaideceu por um momento, e todas riram.

Ah, era exatamente disso que ela precisava.

— Sirva um pouco de ratafia para Arabella — Jane falou.

Phoebe obedeceu e entregou o copo à jovem.

— Vamos fazer um brinde ao casal que Jane uniu?

— Sim, quem estamos comemorando? — Arabella perguntou, esperando que fosse alguém que conhecesse.

Jane ergueu o copo.

— À lady Clifton e ao duque de Halstead.

— Tim, tim! — Phoebe falou.

Arabella quase deixou cair o copo. Conseguiu colocá-lo sobre a mesa, mas o fez com muita força e a ratafia espirrou em sua mão.

Phoebe e Jane bebericavam o licor enquanto Arabella só conseguia olhar.

— Qual é o problema? — Phoebe perguntou. — Achei que você gostasse de ratafia.

— Quando eles ficaram noivos? — conseguiu fazer a pergunta mesmo quando o mundo ao seu redor parecia ficar cinzento.

— Hoje — Jane respondeu. — Ou ficarão, de qualquer maneira. Lady Clifton estará a caminho de Brixton Park em breve. — Jane franziu a testa para a taça e depois olhou para Phoebe. — Não tenho certeza se mereço crédito por isso. Se não fosse pela situação de Sua

Graça...

— Disparates — Phoebe disse. — Se não fosse por você, lady Clifton nem o teria conhecido, e não é como se ela fosse fazer o pedido só porque ele está falido. Os dois claramente combinam, e ela não dá a mínima para as finanças do duque.

A respiração de Arabella ficou presa nos pulmões.

— Como vocês sabem que ele está falido?

— Toda a cidade sabe — Phoebe disse. — Ele colocou Brixton Park à venda outro dia. Esse foi o fator decisivo para Constance, lady Clifton, acho. Ela viu como o lugar era importante para ele quando fomos fazer o piquenique.

Jane assentiu, franzindo a testa com simpatia.

— Ah, sim, é horrível pensar que ele teria que abrir mão da propriedade.

— Mas não mais. — Phoebe abriu um sorriso brilhante. — Agora ele tem a fortuna de lady Clifton para se salvar da situação.

Arabella não pensava que seu dia pudesse piorar. Presumiu que Graham havia recuperado o investimento do duque além do deles. No entanto, não tinha mais certeza, especialmente porque os segredos de ambos foram expostos. Era muita coincidência.

— Tem certeza de que ele está desamparado? — perguntou, tentando entender tudo.

Phoebe olhou para ela, curiosa.

— Por que duvida?

— Eu só... — Arabella tentou pensar em uma razão que não exigisse que explicasse a verdade. *A verdade*. O que era isso? Pensou que sabia, mas ficar ali ouvindo-as falar de Graham e lady Clifton, como se o casamento deles fosse divino a fez questionar tudo. — Você disse que eles *claramente combinam*? — ela perguntou a Phoebe.

— Foi o que a lady Clifton afirmou. Ela o achou bastante envolvente... tão genuíno e despretensioso. Muitíssimo diferente de quase todos os outros cavalheiros da sociedade, especialmente os de posição elevada.

Jane assentiu.

— Isso é verdade. Se eu não estivesse completamente exausta do

Mercado Casamenteiro, ele poderia ter me feito mudar de ideia.

O mundo virou de cabeça para baixo. A família de Arabella não estava mais desamparada. Ela não precisava mais se casar e, de fato, contava com o apoio dos pais para se tornar membro pleno da Sociedade das Destemidas. Graham ainda estava insolvente e vendendo o que mais amava: Brixton Park. Mas lady Clifton estava prestes a intervir e salvar o dia.

Os pedaços do coração de Arabella se partiram ainda mais. Deveria ter sido ela a salvá-lo. Mas não conseguiu. Não tinha nada para dar a ele, exceto seu amor.

Pensou em Miles. Os pais dela recusaram o pedido, ele implorou a Arabella que fugisse com ele, mas, às lágrimas, ela o deixou ir.

Não cometeria o mesmo erro duas vezes. Não lutou por Miles, mas lutaria por Graham. Poderia ser uma batalha perdida, mas pelo menos não se arrependeria por não ter feito nada.

Pegou a taça de ratafia e tomou um bom gole. Então olhou para Phoebe e Jane com determinação.

— Tenho certeza de que lady Clifton é um encanto, e se Graham quiser se casar com ela, não interferirei. No entanto, estou apaixonada por ele e, se não falar nada, sempre me perguntarei o que poderia ter acontecido.

O queixo das duas caiu em total sincronia.

Phoebe foi a primeira a encontrar a voz.

— Você disse que vocês não combinavam.

— Eu menti.

Jane deu um tapinha empático em sua mão.

— Você não precisava.

— Precisava, sim. Minha família estava desamparada. Graham estava desamparado. Estávamos tentando ajudar um ao outro a não ficarmos desamparados. Então... coisas... aconteceram.

— É a segunda vez que você o chama de Graham — Jane observou.

— Eu, ah, eu o conheço muito bem. — Ela tentou evitar que o calor subisse por seu pescoço e inundasse suas bochechas e tinha quase certeza de que havia falhado.

— É o que parece — Phoebe murmurou. Ela lançou a Arabella um olhar comiserado. — Não tínhamos ideia do que você sentir pelo duque. Ele corresponde seus sentimentos?

— Não sei. Mas nós tínhamos... alguma coisa. — Arabella levantou-se. — Tenho que descobrir.

Jane também se levantou.

— Claro que sim. Como podemos ajudar?

Phoebe se levantou também.

— Sim, vamos ajudar. Se pudermos.

— Preciso ir a Brixton Park. — Ela sentiu uma onda de desespero ao pronunciar o nome: como poderia competir com lady Clifton, quando a condessa poderia salvar sua amada herança? Os ombros caíram em derrota. — É inútil. Se ele me escolher, perderá Brixton Park. Não quero que ele tenha que tomar essa decisão. — E, no entanto, ele já havia feito uma ao devolver o investimento do pai dela, quando poderia tê-lo mantido, talvez para salvar Brixton Park.

— Então vai deixá-lo se casar com lady Clifton sem que ele saiba que você o ama? — Jane franziu a testa. — E se ele a amar também?

Phoebe soltou um suspiro.

— Ele não teria se declarado a ela?

Arabella balançou a cabeça.

— Receio que não. Ele pensa que quero continuar solteira e fazer parte da Sociedade das Destemidas, mais do que qualquer coisa. — O discurso do pai na frente dele certamente alicerçou essa crença, e não podia culpar Graham por pensar assim. Era o que ela queria antes.

— Não é o que você quer? — Phoebe perguntou.

— Não. Quero me casar com ele. Se ele me aceitar.

— Então vá contar a ele. Vocês decidirão o que fazer em relação a Brixton Park... juntos.

Sim, *juntos*. Supondo que ele a quisesse também.

Ela não podia presumir nada além do fato de que seu tempo estava acabando.

— Phoebe, posso pegar emprestado um de seus veículos?

— Claro. Pegue o cabriolé. É mais rápido. — Phoebe apertou a mandíbula. — Droga, eu sabia que deveria ter comprado um faetonte.

— Eu não saberia manejá-lo — Arabella disse, sorrindo. — Mas um cabriolé eu consigo. — Mesmo que conduzir sozinha até Brixton Park provavelmente arruinasse sua reputação, não tinha nada a perder. — Preciso escrever um bilhete para meus pais contando aonde fui. Pode entregá-lo?

— Decerto — Phoebe concordou.

Jane foi em direção à porta.

— Vou buscar os apetrechos de escrita.

Phoebe abriu um sorriso encorajador para Arabella.

— Tenha fé. Tudo se sairá como deveria.

As pessoas não paravam de dizer isso, mas até o momento ela não estava convencida.

Capítulo quinze

Quando voltou a Brixton Park, Graham passou algum tempo cuidando de Uther. A viagem de volta foi melancólica enquanto contemplava o futuro. A perda de Brixton Park foi dolorosa, mas não foi nada comparada a perder Arabella.

Como poderia perder alguém que nunca teve?

Uma voz irritada em sua cabeça perguntou: *E de quem foi a culpa?*

Uther relinchou baixinho, como se também pudesse ouvir a voz repreendendo Graham.

— Eu mereço — disse ao cavalo. — Deveria ter me declarado para ela, mesmo que isso significasse que ela escolhesse a Sociedade das Destemidas. Agora, nunca saberei.

A menos que se declarasse agora. Tinha acabado de sair de lá! E depois de ouvir os pais dela apoiarem seu desejo de escolher o próprio futuro, teve certeza de que estava fazendo a coisa certa. Se ela quisesse que esse futuro o incluísse, teria dito.

Assim como você disse como se sente?

Ah, ele era um idiota. Um idiota que perderia o legado da família e o único amor romântico que já conheceu.

Ele já havia tirado a sela do cavalo e o preparado, mas o que isso importava?

— Vamos, Uther, temos que voltar.

O cavalo balançou a cabeça em resposta, e Graham tinha certeza, concordando.

Dyster, o chefe dos cavaleiros, apareceu na porta do estábulo.

— Vossa Graça, um veículo chegou. Enviei Lowell para ajudar.

Graham franziu a testa. Não tinha tempo para interrupções.

— Que tipo de veículo?

— Não tenho certeza.

Graham suspirou e esfregou o pescoço de Uther.

— Dê-me um momento — ele sussurrou. Então se dirigiu a Dyster: — Por favor, se Uther daqui alguns minutos... ele precisa de um breve descanso. — O atraso forçaria Graham a fazer isso, o que provavelmente era o melhor para Uther. — Tenho que retornar à cidade. Estarei de volta em breve.

Graham dirigiu-se para a entrada, onde Lowell ajudava o cocheiro a cuidar do veículo. O brasão na porta indicava a proprietária: lady Clifton. Que diabos ela estava fazendo ali?

Ele olhou para dentro da carruagem, mas estava vazia.

— Ela entrou — Lowell disse.

Com um aceno de cabeça, Graham se virou e foi em direção à porta. Um laçao o cumprimentou.

— Onde está Hedge? — Graham perguntou.

— Acompanhando lady Clifton à sala de estar.

Graham dirigiu-se rapidamente até lá, passando pelo mordomo logo que ele saiu do cômodo.

— Aí está o senhor, Vossa Graça. Tomei a liberdade de levar lady Clifton à sala de estar. Entendi que o senhor estava nos estábulos.

— Eu estava. Vim quando soube que ela chegou. Obrigado, Hedge.

— Já volto com refrescos.

Graham piscou.

— Por quê?

— Por que é uma viagem de oito quilômetros da cidade, e é educado? — Hedge ficou levemente corado. — Peço perdão, milorde, mas o senhor me pediu para ser o mais sincero e prestativo possível enquanto se adapta ao seu novo papel.

— Sim, claro que é educado. Você está certo. Eu só... esqueça. — Graham engoliu a impaciência. Poderia conceder a lady Clifton uma breve audiência.

— Posso também sugerir que lhe faria muito bem uma visita a Boone? — Ele baixou o olhar sobre Graham, que notou as roupas cheias de poeira.

— Sim, suponho que sim. — Graham reprimiu uma carranca. Não tinha tempo para tais disparates, principalmente porque voltaria para a cidade. Ainda assim, correu escada acima, sofreu os cuidados de Boone enquanto pôde e depois correu para a sala de estar.

Lady Clifton, que estava perto das janelas, virou-se quando ele entrou, provavelmente tendo ouvido o som de suas botas.

— Boa tarde, lady Clifton. — Graham fez uma mesura. — A que devo este distinto prazer?

Ela abriu um sorriso bonito e fez uma breve reverência.

— Espero que não pense que sou muito ousada por visitá-lo.

— De jeito nenhum. — Graham avançou mais para dentro da sala.

Ela girou a meio caminho em direção às janelas.

— Estava olhando para o seu labirinto. Eu me diverti muito em nosso piquenique. Não foi bom?

A sensação de Arabella pressionada nele, seu sabor e aroma envolvendo-o em calor e êxtase, tomou conta dele.

— Sim, foi adorável.

E pensar que aquela podia ter sido a última vez que a beijaria... a impaciência se transformou em desespero. Não podia perdê-la.

Lady Clifton veio em sua direção, com algumas rugas marcando sua testa perfeita sob a aba do chapéu.

— Ouvi dizer que colocou Brixton Park à venda.

O mundo pareceu parar por um momento. Ela estava ali... por causa de Brixton Park?

— A senhora quer comprar a propriedade?

A surpresa brilhou em seu olhar, e as rugas em sua testa sumiram.

— Suponho que sim.

Hedge chegou com uma bandeja de refrescos e a colocou sobre uma mesinha redonda perto da janela. Servia para jogar xadrez ou outros jogos, mas era a superfície mais próxima, e Graham supôs que foi uma boa escolha.

Havia limonada, bolos e um pratinho de biscoitos amanteigados, a receita que a mãe de Arabella lhe dera. O coração de Graham se

apertou ao ver o doce. Para sempre em sua mente, eles o lembrariam de Arabella.

Sorrindo, lady Clifton tirou o chapéu e as luvas e os entregou a Hedge.

— Obrigada.

Hedge inclinou a cabeça e olhou para Graham. O duque ansiava por perguntar ao mordomo quanto tempo levaria para ser *educado*, mas não o fez. Deu um leve aceno de cabeça em resposta e murmurou:

— Obrigado, Hedge.

Lady Clifton sentou-se em uma das cadeiras da mesa e Graham acomodou-se à sua frente. Ele, então, serviu limonada nos dois copos. Ela pegou um biscoito amanteigado, e Graham olhou pela janela. Tentou deixar de lado os pensamentos em Arabella e concentrar-se no objetivo da visita de lady Clifton.

Ele voltou sua atenção para ela.

— A senhora veio fazer uma oferta para comprar Brixton Park?

— Não, na verdade. E, sendo sincera, não há necessidade, a menos que Vossa Graça realmente queira vendê-la. Tive a impressão de que o senhor era bastante apegado à propriedade. Mas então ouvi dizer que o senhor estava... ah, que...

— Que estou insolvente? — ele sugeriu, percebendo o que a levou a ir lá.

Rubor subiu pelas bochechas da dama.

— Sim. Peço desculpas por ter que discutir um tema tão indelicado; no entanto, é sensato que o façamos.

— Mesmo? — Graham pegou a limonada e tomou um longo gole. A mistura perfeita de ácido e doce saudou sua língua, e ele se lembrou novamente de Arabella. Tudo a levaria à sua mente?

Sim, idiota, porque você está apaixonado por ela.

— Sim — lady Clifton disse, arrastando-o de volta à conversa pela qual ele estava perdendo rapidamente o interesse. O que era ruim: ela foi lá para salvá-lo da ruína financeira. — Acho sensato que maridos e esposas falem francamente sobre todas as coisas, inclusive questões financeiras.

Graham estava prestes a pegar um bolo, mas a mão parou no

meio do caminho, pairando sobre a mesa.

— Perdão?

O rubor voltou ao rosto dela, dessa vez com mais intensidade.

— Não vim me oferecer para comprar Brixton Park, embora pudesse. Vim propor casamento para que possa mantê-la. Ao nos juntarmos, o senhor pode manter a propriedade.

Bom Deus, não era o que ele esperava, mas era exatamente do que precisava. Não era, porém, o que queria. O chão pareceu se abrir aos seus pés. Ele agarrou a lateral da mesa para não cair. Lutou pela lógica, pelo cérebro em que confiou durante vinte e oito anos e que lhe serviu bem.

— E o que a senhora ganha com a barganha?

— Um casamento feliz, espero. E, sim, vou me tornar duquesa, o que é uma melhoria em relação à condessa, é claro, mas isso não é importante para mim. Creio que podemos ser felizes e, além do mais, acho que o senhor seria um excelente modelo para meu filho, algo de que ele precisa desesperadamente. É óbvio que Vossa Graça serviu ao conde de St. Ives com grande sucesso. — Ela lhe abriu um sorrisinho. — Fiz algumas pesquisas desde que descobri sua situação financeira.

Ela estava investigando-o, maldição. Graham não pôde deixar de se sentir impressionado.

— Como deveria.

— Parece que o senhor herdou esse desastre.

— Sim. — No entanto, odiava não ser capaz de resolver as coisas. Mas não havia recursos suficientes... não com a hipoteca, as outras dívidas e os parentes com suas anuidades vampíricas.

Ela se inclinou sobre a mesa, seus olhos azuis brilharam à luz do sol que entrava pelas janelas.

— Então deixe-me ajudá-lo a resolver a questão. Com meu dinheiro, o senhor pode ficar com Brixton Park.

Ele também poderia cuidar de Halstead Manor. Tudo de que precisava estava bem diante dele. Mas, novamente, não era o que queria. Sem Arabella, nada disso importava. Brixton Park era uma pilha de pedras. Ela era de carne e osso, e a razão pela qual seu coração estava batendo.

Graham se esforçou para convocar as palavras que precisava dizer. Pegou um bolo bem quando ela estendeu a mão para a dele. Ele se assustou e o bolo que acabara de pegar voou para o chão.

Eles trocaram olhares por um momento e depois começaram a rir. Foi ridículo, mas foi muito bom libertar as emoções através do riso.

Graham se ajoelhou e encontrou o bolo debaixo da mesa.

Um arquejo agudo vindo da porta fez com que ele e lady Clifton girassem a cabeça para lá.

Como se um sonho se tornasse realidade, Arabella estava ali, olhando boquiaberta para eles, enquanto a cor sumia completamente de seu rosto.

Capítulo dezesseis

Chegou tarde demais. Arabella observou enquanto riam juntos, parecendo tão íntimos na mesinha que dava para o jardim e para o labirinto. Quando deu por si, ele estava ajoelhado diante de lady Clifton. Pensou que fosse ela quem proporia casamento. Mas talvez ele soubesse o tempo todo. Talvez tenha sido por isso que deu o dinheiro ao pai de Arabella. Ele não precisava. Sabia que sua salvação viria na forma de lady Clifton.

— Estou interrompendo — disse baixinho.

Graham levantou-se de um salto, derrubando a mesa com a pressa. A limonada espirrou, e lady Clifton pegou dois pratos em um esforço para evitar que caíssem da mesa. Espere, aqueles biscoitos amanteigados estavam em um dos pratos? Ele estava comendo aquilo com a condessa?

Arabella quis que o chão se abrisse. Ou jogar um prato de biscoitos amanteigados na cabeça dele. As duas coisas pareciam igualmente agradáveis.

— Não está — Graham falou. Ele olhou ao redor, abriu a boca e a fechou novamente. Ele pareceu perceber que ela tinha ido escandalosamente sozinha. Mas lady Clifton também tinha, ao que parecia. No entanto, ela podia. As regras eram diferentes para as viúvas.

Arabella olhou para lady Clifton, que sorvia sua limonada.

— Parece que estou. Entendo que os parabéns são devidos. Foi por isso que vim, na verdade. — Era, ela esperava, uma desculpa plausível.

Temeu que não fosse.

Principalmente considerando a maneira como os olhos dele se estreitaram de ceticismo.

— Veio para nos parabenizar? — Agora os olhos dele se arregalaram. — Você sabia?

Ela assentiu, gostando um pouco da expressão de choque em seu rosto.

— Phoebe e Jane me contaram. Quis vir correndo para parabenizá-los. — Ela olhou dele para lady Clifton. — Parabéns!

A condessa ergueu o copo.

— Obrigada.

Quando Arabella começou a virar-se, Graham correu e a segurou pelo braço.

— Espere. Não há nada para parabenizar. — Ela olhou para ele com surpresa. — Apenas espere. — Ele lhe lançou um olhar firme, depois se virou e foi até lady Clifton.

Ajoelhou-se mais uma vez diante dela, e Arabella pensou que poderia vomitar, especialmente quando ele segurou a mão da condessa.

— Agradeço profundamente sua generosidade e, em outra situação, poderíamos ter encontrado a felicidade. No entanto, estou apaixonado por outra pessoa e não posso aceitar sua gentil proposta.

Lady Clifton lançou um olhar para Arabella antes de encarar Graham com preocupação.

— A srta. Stoke? Mas ela é tão pobre quanto o senhor. Perderá Brixton Park.

— A propriedade nada significa para mim se comparada a ela. Eu daria mil Brixton Parks se isso significasse que ela seria minha esposa. Só espero que não seja tarde demais. — Graham olhou para Arabella.

As pernas dela tremiam. Precisou se agarrar ao batente da porta para não oscilar.

Graham soltou a mão de lady Clifton e se levantou, virando-se para Arabella. Seu olhar lhe contou tudo o que ele acabara de dizer e muito mais. Os dois foram uns idiotas.

Arabella caminhou em direção a ele.

— Não é tarde demais.

— Graças a Deus. — Ele correu e a tomou nos braços, segurando-

a com força.

Os lábios encontraram os dele, e ela derramou cada gota de amor naquele beijo.

O som da tosse de lady Clifton os separou, mas Arabella não o soltou, nem ele a ela. Graham passou o braço ao redor dos ombros da jovem e a segurou ao seu lado.

— Minhas desculpas, lady Clifton — Graham falou. — Acredito que já estou noivo.

Arabella apertou ainda mais a cintura dele.

— Sim, ele está.

Lady Clifton ficou de pé, franzindo os lábios.

— Isso é decepcionante. — Ela olhou para Graham. — Jane e Phoebe insistiram que combinaríamos... e eu concordei. Elas também me levaram a acreditar que o senhor estava pensando em se casar, mas, aparentemente, só estava interessado na minha fortuna.

Graham se encolheu.

— Não estou orgulhoso disso — ele falou. — A senhora merece alguém que a ame.

— Sim, mereço. Já tendo tido isso, percebo agora que nunca poderia me contentar com menos. Um casamento por amor vale, como o senhor disse, mil propriedades. Sei disso por experiência própria — ela acrescentou, com um toque de tristeza.

— Não esquecerei sua gentileza — Graham disse. — Se algum dia eu puder ajudar a senhora ou ao seu filho, espero que me avise.

— É muito generoso de sua parte. No entanto, acredito que nossa associação está concluída. — Lady Clifton parecia talvez mais do que desapontada; parecia irritada. — Eu lhe desejo o melhor.

— Desejamos o mesmo à senhora — Arabella disse, odiando que a condessa se sentisse usada. No entanto, ela também ficou aliviada por ter encontrado Graham antes que ele e a condessa cometessem um erro que deixaria todos infelizes.

A condessa inclinou a cabeça e saiu. Ela mal tinha cruzado a porta quando Arabella se virou para Graham e ele para ela. Os dois falaram ao mesmo tempo.

— Eu sou tão idiota — ela disse.

— Sou um grande idiota — ele disse.

Eles se assustaram, os olhares se travaram. Então ambos sorriram de alívio e felicidade.

Graham puxou-a para seu peito e roçou os lábios em sua testa.

— Ah, meu querido amor, e pensar que quase nos lançamos de cabeça no desastre.

Ela olhou para ele com curiosidade.

— Presumi que você tivesse recuperado seu dinheiro junto com o do meu pai. Por que não fez isso?

Ele fez careta.

— Na verdade, não havia dinheiro. A venda de Brixton Park proporcionará o que precisávamos: o retorno do investimento de seu pai e um caminho para eu reconstruir os cofres ducais.

— Você vai vender Brixton Park por nós? — A pergunta terminou com um gritinho. Ela não conseguia acreditar em tanta abnegação. Na verdade, ela conseguia, sim. Esse era o homem por quem se apaixonou.

Ele assentiu.

— Eu falei a sério. Perderia mil propriedades, ou mais, se necessário, se isso significasse que poderíamos ficar juntos. Ou, neste caso, se significasse que eu poderia salvar você e sua família. Não achei que você me queria.

— Você pensou que eu queria ser membro da Sociedade das Destemidas.

— Não queria?

— Não tanto quanto quero ser sua esposa. — Ela ficou na ponta dos pés e pressionou brevemente os lábios nos dele. — Ainda posso ser destemida?

— Meu amor, eu não aceitaria você de outra maneira. — Ele a abraçou, com as mãos em sua coluna e na curva superior de suas costas, e a beijou.

Depois de um longo momento, ela afastou os lábios dos dele.

— Eu amo você, Graham.

— Eu amo você, Arabella.

— Lamento que lady Clifton tenha se sentido mal.

— A culpa é minha — Graham disse. — Eu deveria ter sido direto com ela... e com a srta. Lennox e a srta. Pemberton desde o início.

— E como teria sido? — Arabela perguntou. — Você não poderia sair por aí dizendo às pessoas que estava procurando uma herdeira.

— Colton pareceu pensar que eu poderia. Ele disse que muitas mulheres, ou o pai delas, estariam interessadas em adquirir meu título.

Era verdade, claro. Arabella balançou a cabeça.

— Odeio que você perca Brixton Park. Gostaria que houvesse uma maneira de salvar a propriedade. — Um pensamento lhe ocorreu. — Como pagou ao meu pai? Não é possível que já tenha vendido a propriedade.

Ele balançou a cabeça.

— O marquês de Ripley me fez um empréstimo.

— Ele é confiável? E quanto ao primo dele?

— Ninguém ficou mais surpreso do que Ripley com o fato de Tibbord ser, na verdade, seu primo Drobbit. Ele está bastante ofendido. Ouso dizer que Tibbord, Drobbit, seja lá o nome que for, não prejudicará mais ninguém com seus esquemas nem espalhando fofocas sobre o rendimento das pessoas.

Ela respirou fundo.

— Foi ele quem disse a todos que estávamos desamparados? — Ela cerrou a mandíbula com raiva. — De agora em diante, proponho que o chamemos de Vigarista. Ele não merece o direito de ter um nome, muito menos dois.

Ele olhou para ela com admiração e amor.

— Minha destemida... você está corretíssima. — Ele deu outro beijo rápido em sua boca. — Agora, você precisa voltar para casa imediatamente ou posso convencê-la a fazer um tour pelo andar de cima?

Ela lhe abriu um sorriso sensual.

— Que parte do andar de cima?

— Meu quarto, é claro.

— Você é um cavalheiro travesso, Vossa Graça.

Graham a pegou nos braços.

— Tenho certeza de que você gosta de mim desse jeito.

— Deveras. — Ela passou os braços em volta do pescoço dele e beijou seu queixo. — Na verdade, eu o amo exatamente assim.

Então ele a levou para cima e mostrou o quanto poderia ser travesso.

Epílogo

Huntwell, Huntingdonshire, um mês depois

— Ele é tão precioso — Arabella olhou para o filho de David e Fanny, e Graham esperava ver a mesma expressão no rosto da esposa em breve, quando dessem as boas-vindas ao seu próprio filho ao mundo. Eles ainda não esperavam a chegada, mas não era por falta de tentativa...

— Queríamos perguntar se vocês nos dariam a honra de serem padrinhos de Graham — David disse ao lado da esposa, que passava o primeiro dia longe de seu quarto.

Arabella olhou para eles, mas foi Graham quem respondeu.

— Você nos deixa honrados — ele disse. — Deveras, estou muitíssimo emocionado. Já o nomeou em minha homenagem.

— Não consigo pensar em ninguém melhor — David garantiu. — Com o nome do meu pai no meio — acrescentou.

— Tem certeza de que quer que eu seja madrinha dele? — Arabella perguntou. Ela olhou para Fanny. — Sei que você tem irmã e amigos íntimos.

Fanny lhe abriu um sorriso caloroso.

— Discutimos bastante o assunto. Dada a estreita relação entre o seu pai e o de David, pensamos que esta era a maneira perfeita de unir as famílias.

Arabella assentiu com o bebê nos braços.

— Meu pai ficará encantado.

O sr. Stoke ficou emocionado ao receber Graham em sua família. E como membro dela, Graham agora sabia o quanto ele ficara chateado quando David não se casou com a filha. Stoke até admitiu que sua decepção foi parte do que o levou a algumas de suas decisões ruins. Estava desesperado para mostrar que não precisavam do conde de St. Ives.

— Vendeu Brixton Park, então? — David perguntou.

Graham assentiu. Havia apenas uma leve sensação de perda, mas estava ansioso demais pelo que ainda estava por vir para refletir sobre o passado.

— Nós nos despedimos do lugar antes de virmos aqui para conhecer o jovem Graham.

— Espero que Ripley tenha pagado o suficiente — David falou.

Graham trocou um olhar com Arabella. Ele pagou caro demais, mas não conseguiram detê-lo. Além disso, ele convidou os dois a usá-la quando e como quisessem.

— Ele foi bastante generoso.

— Bom, você merece, especialmente considerando o envolvimento do primo dele.

Graham contou tudo a David, que o repreendeu profusamente por não pedir ajuda, mesmo entendendo as incômodas questões de orgulho e autossuficiência.

— Há notícias pavorosas sobre ele, à propósito — Fanny disse com um estremecimento.

— Sobre quem? — Arabella perguntou.

— Não leram o jornal esta manhã? — David olhou para uma mesa onde havia um exemplar.

— Podemos ter dormido demais. — Ou algo assim. Graham trocou outro olhar com a esposa, este cheio de calor.

— Aparentemente, Drobbit foi encontrado morto há alguns dias — David disse, soturno. — Com uma bala cravada no coração.

Uma sensação fria de pavor percorreu a espinha de Graham. Novamente, ele e Arabella se entreolharam. Ele balançou a cabeça de forma infinitesimal. Discutiriam o assunto mais tarde.

Graham olhou para David, com o coração batendo forte.

— Ele foi assassinado?

— Parece que sim, embora não saibam quem é o culpado. Imagino que será o assunto de Londres quando você retornar.

Voltariam em alguns dias, mas Graham se perguntou se deveriam voltar mais cedo. Por quê? O que poderiam fazer? Na verdade, talvez fosse mais sensato aumentar a distância de Ripley. Sua reputação já

era ruim o suficiente, mas agora...

Fanny mudou o rumo da conversa para sua amiga, lady Lavinia. Ela e o marido haviam dado as boas-vindas a um filho na semana anterior.

— E o parto de nossa outra amiga, Sarah, lady Ware, será em breve, nas próximas semanas, com certeza.

Sarah era irmã de Anthony Colton, é claro, e a menção dela trouxe Colton à mente de Graham. O homem provavelmente deveria se afastar de Ripley por um tempo. A amizade próxima dos dois se tornou um ponto focal da temporada, junto com o declínio dele de solteiro elegível a libertino impróprio. Na maioria das vezes, ele era visto jogando ou bebendo em excesso. Ele teve um encontro notório com uma mulher casada há algumas semanas, e foram pegos fornicando em um baile. Graham ficou preocupado ao vê-lo cair tanto, mas o homem era imune a conselhos. Mesmo assim, tentaria novamente, ainda mais no que dizia respeito a Ripley.

Depois de pouco tempo, o jovem Graham começou a ficar agitado, e Fanny declarou que era hora de ele ser trocado e alimentado antes que sua irmã, a duquesa de Clare, chegasse, o que aconteceria em breve. Estava ansioso para conhecer o duque e a duquesa, que David dissera serem pessoas adoráveis. Também notou que o duque era um aliado bem-vindo para pessoas como eles: cavalheiros que ainda não estavam à vontade em suas posições. Embora David esperasse o título, não estava pronto para abraçá-lo quando o pai morreu repentinamente.

Assim que ficaram sozinhos, David acompanhou a esposa e o filho até o andar de cima, Arabella se virou para Graham.

— Você não acha que Ripley...

Graham não queria que ela dissesse em voz alta.

— Não sei, mas muitos provavelmente dirão que sim.

Sua testa franziu com preocupação.

— Se ao menos eles não tivessem brigado no parque.

Ripley e Drobbit brigaram um dia na Rotten Row. Vários cavalheiros ouviram o marquês dizer ao primo que ele tinha sorte de não estar morto e que, se dependesse dele, seria esse o seu destino.

Acrescente isso aos inúmeros comentários que Graham e Arabella o ouviram fazer sobre lamentar o comportamento do primo e todos os danos que ele causou, e parecia pelo menos possível que ele pudesse ter atirado no sujeito.

Também era provável que qualquer um dos outros homens que Drobbit espoliou pudesse ter cometido o crime. Alguns se apresentaram quando um investigador de verdade começou a repassar os assuntos de Drobbit, a pedido de Graham e às custas de Ripley.

Não, não queria pensar que Ripley teria matado Drobbit. O marquês era um libertino e mais que um pouco canalha, mas era, em sua essência, uma pessoa decente. Ou assim lhe pareceu. Por que outro motivo ele teria apoiado a investigação de seu primo e comprado Brixton Park por um valor tão exorbitante?

Graham se levantou.

— Venha, vamos passear no jardim e tirar isso da cabeça por um tempo. — Ele estendeu a mão.

Ela colocou os dedos nos dele, e Graham sentiu uma onda de excitação quando se tocaram. Esperava que sempre fosse assim e tinha que imaginar que seria. A cada dia, seu amor por ela aumentava e sua paixão pelo futuro deles crescia.

Arabella passou o braço pelo dele e saíram para o lindo dia de primavera. As árvores estavam cheias de verde e flores desabrochavam ao longo do caminho.

— Estou ansiosa para quando formos para Halstead Manor. A carta da minha mãe descrevia muito os jardins e tudo o que podemos fazer para melhorá-los.

Os pais foram para Halstead Manor, onde planejavam morar na casa da viúva, assim que ela se tornasse habitável. A primeira tarefa de Graham depois de vender Brixton Park foi contratar um administrador para a propriedade. O homem lhe enviou um relatório preliminar, e tudo o que o duque pôde fazer foi não correr para Essex e se enterrar na reparação dos danos que os últimos duques haviam causado.

No entanto, ainda tinha obrigações em Londres e ficariam na casa de David pelo resto da temporada.

— Você parece animada para ir para lá. — Sorrindo, Graham olhou de soslaio para ela.

— Estou, porque vamos arranjar um cachorro. Ou dois.

Graham riu. Eles discutiram a necessidade de companhia canina. Era apenas uma questão de quantos.

— Estou surpreso que o segredo de uma vida feliz seja o amor, biscoitos amanteigados e um cachorro.

— Ou dois — ela repetiu. — Estou animada por estar onde você estiver. E para reconstruirmos Halstead Manor juntos.

Ele também estava animado com isso.

— Não há ninguém que eu preferiria ter ao meu lado.

Estavam a uma boa distância da casa e de olhares indiscretos, à sombra de um grande bordo. Ela girou em seus braços, envolvendo os braços no pescoço dele.

— Que bom, porque você está preso a mim.

— Para sempre — ele sussurrou em seus lábios.

— Para sempre — ela murmurou pouco antes de ele a beijar.

Quer descobrir se o marquês de Ripley realmente matou o primo? E se Phoebe conseguiu curar o vazio em seu coração? Não perca o próximo livro da série Sociedade das Destemidas.

Leia também:

As
peculiaridades da
Srta. Georgiana

JAYNE FRESINA

Bookmarks

Sinopse:

Georgiana Hathaway não tem intenção de cair na armadilha do casamento e da maternidade, afinal, todos sabem que os homens só atrapalham as ambições das mulheres. A moça tem muito o que fazer em sua vida, e os anos tortuosos que passou no *Preparatório Escolar para o Recato e Oratória de Ladies Abastadas* só serviram para reforçar a sua opinião.

Na verdade, ela já deu o primeiro passo para formar sua própria carreira ao criar e escrever, anonimamente, uma coluna satírica para o jornal de seu pai. À medida que as desventuras de seu cômico libertino são retratadas na coluna *As calças de sua senhoria*, seus escritos ganham popularidade, mas também críticos ferrenhos.

Mas quando a srta. Georgiana conhece o ilustre Desfalecido Harry, um herói de guerra que já foi dado como morto mais vezes do que se pode contar, ela vai descobrir que seu mundo e pontos de vista tão arraigados podem estar com os dias contados.

Um

Quando Desfalecido Harry conhece a mocinha mais peculiar
Novembro de 1814

— Aquele é Harry Thrasher, o *Desfalecido*. — Ela ouviu alguém sussurrar. — Dizem que ele não está apto a frequentar a sociedade educada nos dias de hoje.

— A sociedade? Minha querida, depois do que aconteceu com esse senhor, ele nem deveria estar vivo. Daí a alcunha: *Desfalecido*. Do tipo que morreu, mas *desmorreu*. Ninguém consegue explicar como ele sobreviveu à morte. Duas vezes.

Georgiana Hathaway, empoleirada na escada, balançava através do gradil os restos de uma peruca carbonizada pendurada em um anzol, e tendo interrompido a música e a conversa, seria de se esperar ser o centro das atenções naquele momento. Mas, não, a honra ficou para o tema desses sussurros: um cavalheiro poderoso e enigmático, com a barba por fazer e o cabelo desgrenhado, um cavalheiro que fez cabeças virarem. Parado ao pé da escada, ele riu de forma escandalosa e nada contrita. Aparentemente, o único homem ali que ousava ter tal atitude.

Abaixo do anzol balançante, o visconde Fairbanks, cuja peruca ela acabara de pescar de sua cabeça, perdeu muito de sua altivez anterior, assim como da cor de seu rosto. Puxando com dedos longos e finos as pregas extravagantes de seu plastrão, ele se afastou do Desfalecido Harry, como se o homem pudesse se lançar sobre ele e lhe arrancar um pedaço de carne. E sua irmã Maria, que era, na verdade, a causa de tudo isso, levantou-se de um salto, fechou o leque e gritou em desespero ingrato:

— Georgiana Hathaway, você é a criatura mais perversa que já respirou nesta terra.

Qualquer um poderia pensar que isso não havia sido feito inteiramente por Maria! Como se Georgiana não tivesse agido puramente em benefício de sua irmã. Mas alguém precisava colocar o vaidoso e arrogante visconde Fairbanks e sua peruca em seu lugar, e parecia que apenas Georgiana, e Harry Thrasher, o Desfalecido, apreciavam o fato.

Como tudo isso aconteceu? Foi bastante simples, começou quando uma certa jovem inquieta foi proibida de comparecer à festa.

Em vez disso, confinada em seu quarto naquela noite, Georgiana aproveitou ao máximo a sua solidão, não para refletir sobre seus delitos e se arrepender, mas para se debruçar sobre as muitas injustiças que percebia como tendo sido cometidas contra a sua pessoa ao longo de seus dezesseis anos.

— Você, irmã, ainda não foi propriamente apresentada, nem está preparada para uma festa tão elegante — Maria havia garantido em tom afetado mais cedo naquele dia.

— Completarei dezessete anos daqui a um mês.

— Idade nem sempre é uma boa medida da adequação de alguém para a boa companhia. Além disso — Maria a olhou de cima a baixo —, você sempre consegue arruinar as coisas. Essa é a minha grande oportunidade, e não posso me dar ao luxo de deixá-la a solta como leitão fugitivo.

— Mas já participei de festas antes. Em nossa antiga casa.

— Onde não havia ninguém para impressionar. Certas coisas importam mais em Londres que no campo. Esta noite, não tomaremos parte em tolos jogos infantis, nem correremos por aí, imprudentes e impróprias. Haverá pessoas importantes aqui, de relevância em nossa sociedade. Haverá... — ela baixou a voz, com grande reverência — conversa.

— Eu sei como falar.

— Infelizmente, você sabe. Sempre disse que foi um erro encorajá-la a aprender — Maria respondeu. — Mas, desta vez, será uma conversa civilizada, inteligente e refinada, com pessoas muito importantes, incluindo — ela prendeu a respiração e estremeceu — o visconde Fairbanks. — Maria adorava o efeito de uma pausa dramática.

— E daí? Tenho certeza de que ele veste a calça uma perna de cada vez, como qualquer outra pessoa.

— E cá está! Não se fala da calça de um cavalheiro. Você acaba de provar o meu ponto. Para que desejaríamos sua presença em tão nobre reunião? Não, não, você pode jantar com as crianças no berçário e depois ficar em seu quarto.

Determinada a não perder completamente essa fina exibição de disparate humano, Georgiana saía de seu quarto para se esconder nas escadas escuras e, de lá, observou a festa abaixo por meia hora ou mais, até que avistou o infame visconde Fairbanks liderando seu séquito através da multidão. Ela sabia que tinha que ser ele, é claro. Quem mais faria abrir um caminho tão amplo entre os convidados e os deixaria rendidos ao rastro de seu perfume?

Corria à boca miúda que, aonde quer que fosse, o visconde Fairbanks só comia o que fosse preparado por seu próprio chef, nunca usava as mesmas meias duas vezes e mandava suas camisas para

serem lavadas no exterior. Desde que disseram que o cavalheiro compareceria à festa na nova casa de seu pai em Londres, Maria sofrera palpitações com a perspectiva de finalmente ser apresentada ao homem dos seus sonhos.

Com grande expectativa, portanto, Georgiana estudou intensamente essa curiosidade enquanto ele se aproximava.

O homem certamente era alto e magro, mas assim também o eram as forquilhas, que tinham mais utilidade. Andando como se sua calça de seda estivesse muito apertada na parte de trás e sua gola tão rigidamente engomada que ele não conseguia abaixar o queixo, era um milagre que ele se movesse sem pisar em ninguém. Embora isso se devesse inteiramente à rapidez com que as pessoas saiam de seu caminho, e não a qualquer consideração da parte dele.

Ela não estava impressionada.

De posse do que a madrastra chamava de *disposição deliberadamente contrária*, Georgiana havia mantido, mesmo aos dezesseis anos, uma preferência obstinada por rapazes de um tipo improvável. Ainda preferia muito mais a companhia de um menino com uma coleção interessante de insetos metidos em um frasco, ou que tivesse uma cicatriz feia e purulenta para mostrar, a um com modos arrogantes e obsessão em manter suas roupas limpas. No entanto, fora informada de que, quando tivesse a idade da irmã, aprenderia a apreciar um cavalheiro adequado. Ou, neste caso, um parvo enfeitado e pretensioso.

Então, esta noite, a irmã mais nova observou atentamente enquanto a mais velha se posicionava de forma estratégica em um banco ao lado da escada, com o peito arfando de excitação e o leque criando uma brisa quase forte o suficiente para balançar os papelotes do cabelo de Georgiana que estava tão acima. A qualquer momento, Maria decerto revelaria seu nervosismo com violentos soluços, uma aflição de que sempre padecia quando estava “apaixonada”.

Bem, mesmo que o homem em si fosse uma decepção, ainda seria algo, Georgiana supôs, se Maria conseguisse enredar o filho de um conde. Seu pai, especialmente, ficaria satisfeito. O sr. Hathaway era um sujeito em ascensão que, tendo recentemente herdado uma sorte inesperada, tirou toda a família de sua amada casa no campo de Norfolk e a trouxe para a grande metrópole. Ali ele pretendia expandir seus negócios editoriais, seu status social e, aparentemente, a cintura de sua calça também, embora Georgiana tivesse sido enviada para seu quarto recentemente para “refletir sobre sua maldade” quando ousou mencionar essa última minúcia.

Mas embora sua perspicácia nos negócios e o lançamento de um jornal bem-sucedido tivessem conquistado para Frederick Hathaway um lugar incerto entre a classe dos “novos ricos”, isso não bastava

para ele, nem para sua segunda esposa extremamente ambiciosa.

Ele organizou essa festa em sua grandiosa casa nova para exibir a filha mais velha diante de alguns nobres cavalheiros ricos e, esperançosamente, formar uma conexão vantajosa com um que pudesse tirar a moça de suas mãos. Como a madrastra havia comentado, Maria deveria começar a ganhar seu sustento, pois até agora ela não era nada além de uma despesa e, aos vinte e um anos, estava prestes a ficar solteirona, porque se recusou a se contentar com o primeiro homem que lhe pediu em casamento.

Mas agora, finalmente, o visconde Fairbanks havia caminhado em direção ao alcance dos encantos de sua irmã. Os lábios dele estavam posicionados em um sorriso de condescendência, as pálpebras apenas meio erguidas, sua languidez sugerindo que seus arredores não valiam o esforço necessário para levantá-las por completo.

À medida que a tensão se avultava e um grande romance parecia fazer jus aos soluços de Maria, a mente de Georgiana saltou rapidamente para o modo como essa oportunidade poderia afetar sua própria vida.

Ah, se ao menos tivesse sido uma irmã melhor. Deveria ter elogiado os esforços de Maria nas aquarelas, em vez de apontar que suas vacas pareciam fardos de feno e que todas as sombras estavam na direção errada. Deveria ter elogiado Maria por aqueles cachos gregos cuidadosamente construídos, em vez de deixar escapar que o novo estilo chamava a atenção para suas orelhas proeminentes. E, mais recentemente, não deveria ter requisitado as sapatilhas de baile de Maria para correr para o jardim encharcado e resgatar o gato! Mas alguém tinha que tomar medidas urgentes. A criatura era estúpida demais para encontrar abrigo da chuva e, em vez disso, miou lamentavelmente no canteiro de ruibarbos, esperando que Georgiana o salvasse. Maria poderia professar que se importava com o gato, mas na verdade ela era muito mais apegada às sapatilhas, como evidenciado pelo alvoroço que causou tão logo as descobriu.

Georgiana fez uma resolução silenciosa de ser uma irmã melhor de agora em diante. Apenas no caso de haver algum agrado a ser distribuído mais tarde, assim que Maria se tornasse viscondessa.

Como se viu, no entanto, suas expectativas foram prematuras e não haveria roupas de casamento a serem encomendadas.

Quando Fairbanks enfim levantou as pálpebras tempo suficiente para passar seus olhos frios sobre o que Maria oferecia, ele o fez apenas uma vez. Então, virando as costas para a jovem esperançosa, exclamou para um de seus seguidores:

— Você pode tirar a moça do campo, mas não pode tirar o campo da moça. Essa filha do dono do jornal deveria ter ficado em Norfolk, junto com as outras leiteiras gordas, impressionáveis e

desgrenhadas. Ora, ela nada mais é que uma simplória de Norfolk.

Qualquer pessoa que não estava perto o suficiente para ouvir seu comentário foi logo informada de cada palavra cruel pelas línguas viperinas que as repetiram rapidamente pela festa em nome dele.

Georgiana apertou os dedos no corrimão da escada e encarou com raiva os cachos brancos suspeitosamente rígidos e arrumados de um jeito irritante.

Por sorte, enquanto procurava uma arma, avistou o presente providencial de uma vara de pescar. Devia ter sido abandonada no patamar por um de seus irmãozinhos descuidados, que eram sempre lembrados por sua madrastra para guardar suas coisas e, com a mesma frequência, as deixavam exatamente onde caíam de suas mãos. Claro, quando viviam em sua antiga casa, todos estavam acostumados a um estilo muito mais bagunçado e, na opinião de Georgiana, muito mais feliz. Agora, foram transferidos para Londres e, como Maria havia dito, as coisas eram diferentes ali. Tudo e todos deveriam permanecer em seus lugares e se comportar de acordo com um conjunto estrito de regras.

Bem, poderia ser o caso, mas Georgiana não estava prestes a mudar seus valores e padrões apenas para permitir que esse dândi insuportável insultasse sua irmã. Ela era a única pessoa com o direito de fazer isso.

Devagar e com cuidado, ela abaixou o anzol e a linha da vara de pescar de seu irmão entre os detalhes do gradil até entrar em contato com um cacho branco como a neve da peruca do visconde Fairbanks.

Ele não devia ter sentido nada no começo, provavelmente porque sua cabeça era muito dura, ponderou. Somente quando outros convidados começaram a apontar e gritar, o pavão enfim percebeu que havia algo errado. Levando a mão à cabeça, encontrou fios de cabelo ralo e desgrenhado. Então ele olhou para cima, com o rosto rubro de indignação, e viu a peruca pendurada, balançando a alguma distância de seu couro cabeludo. Quando estendeu a mão para pegá-la, praguejando furiosamente, Georgiana começou a recolher sua conquista com mais velocidade, mas a corrente de ar violenta do leque de sua irmã tirou a malfadada peruca de seu controle. E o item encontrou um fim rápido e bastante espetacular quando, em sua ascensão, resvalou na borda da chama de uma vela.

A conflagração foi imediata e espetacular. Felizmente, graças ao pensamento rápido de Harry Thrasher, o *Desfalecido*, que jogou seu café nas chamas, ela não causou mais danos.

Queimada até se tornar uma nuvem triste e enegrecida, a peruca encharcada de café começou a perder seus cachos. As mechas úmidas e malcheirosas caíram do gancho em um lento tamborilar, pousando no assoalho e nas fivelas brilhantes dos sapatos do visconde.

Quando a música parou e todos ficaram em silêncio, aparentemente sem saber como reagir, uma voz rebelde repentinamente ressoou sobre suas cabeças com uma gargalhada estrondosa.

Georgiana se virou para ver quem era, e assim seu olhar primeiro se conectou com o olhar caloroso e curioso do Desfalecido Harry. A luz das velas refletiu nos olhos dele por um breve momento, e ela sentiu a camaradagem entre eles, mesmo através daquela distância considerável. Havia uma mancha no ombro da sobrecasaca dele, que parecia muito justa e antiquada. E se seus olhos não a enganavam, ele usava botas de dois pares diferentes: um com uma faixa superior de couro marrom, a outra totalmente preta.

A jovem pensou que talvez fosse esperado que o único convidado ao seu lado fosse um cadáver, mas ele certamente não parecia um. Longe disso. Apesar de desalinhado, o homem estava muito vivo. Sua presença era vibrante; seus olhos, escuros e misteriosos, eram tão suntuosos quanto um veludo muito elegante. Sua aparência e trajes sugeriam uma pressa descuidada, como se ele tivesse acabado de sair de uma briga e pegara emprestado algumas das roupas de seu azarado oponente. Ou talvez tivesse passado a tarde lutando com damas de disposição muito alegre, um o esporte ao qual os solteiros ocasionalmente se dedicavam, pelo que ela entendia das conversas que ouvia entre seus irmãos mais velhos.

Agora, *ele* era muito mais emocionante de se olhar.

Mas, levando em conta a sua alcunha, Georgiana naturalmente ficou desapontada com a falta de larvas.

O dia seguinte amanheceu com a chegada de uma carta do visconde Fairbanks, exigindo uma compensação de seu pai pelo custo da peruca e de sua dignidade. A carta, como o homem que a escreveu, era exagerada e pretensiosamente decorada, cada frase usava palavras de quatro sílabas.

Mas algo estava claramente declarado: sua senhoria esperava que o assunto fosse prontamente resolvido. O “assunto” sendo a srta. Georgiana Hathaway.

Por fim, ela teve a atenção do pai, uma mercadoria muito rara, de fato, quando ele tinha tantos outros filhos de quem cuidar.

Bem no meio de sua prole de sete, Georgiana era a criança cujo nome o pai mais esquecia. Ele improvisava novos epítetos para ela, conforme necessário: Jemima, Jezebel, Gertrude... até mesmo Esmeralda ocasionalmente, o favorito da jovem. E quando o sr. Hathaway voltou a se casar após a morte da primeira esposa, sua exigente noiva logo eliminou todas as chances de a filha do meio ser

notada pelo pai.

Mas, ao contrário do suposto dono da casa, a segunda sra. Hathaway estava muito ciente de Georgiana... e de seu nome, do olhar “rancoroso e rabugento” e de suas travessuras. A menina havia sido uma pedra no sapato da madrastra desde o dia do casamento e agora, enfim, aquela senhora via uma chance de remover a inconveniência.

Depois do café da manhã, Georgiana atravessou a porta da biblioteca do pai, bem a tempo de ouvir o pronunciamento estridente da madrastra.

— Ela deveria ser enviada para um internato.

— Mas não é isso que os cavalheiros fazem por seus filhos, não por suas filhas? — o sr. Hathaway questionou.

— Não em todos os casos, meu querido. Às vezes, as meninas são enviadas para serem polidas. — Em seguida, ela acrescentou: — Você deve perceber, meu doce, que digo isso apenas para o bem dela. Georgiana nunca encontrará marido se certo esforço não for feito para conter sua natureza difícil agora, antes que seja tarde demais. Ela não é nada além de uma perturbação na disciplina e no funcionamento diário da minha casa. — Ela fez uma pausa. — Ouvi dizer que é bastante comum hoje em dia, entre a sociedade elegante, enviar as filhas para escolas de aperfeiçoamento. Todas as pessoas de estirpe estão falando disso. — Outra pausa. — Mas você deve fazer o que achar melhor, meu querido Freddikins. Ela é *sua* filha. Tenho certeza de que vamos conseguir de alguma forma administrar e lidar com o constrangimento de seu comportamento.

Assim, convencido por sua jovem esposa astuta de que a filha rebelde poderia se beneficiar de um internato para damas, o pai de Georgiana a enviou para a escola. Tendo feito o melhor que podia para melhorar as perspectivas da moça e assegurar sua própria existência pacífica, ele foi prontamente capaz de esquecê-la de novo.

Quando a terrível malfeitores foi oficialmente informada de seu destino, ela declarou, desafiante, que estava feliz em ir, e proclamou:

— Indubitavelmente, a única coisa de que sentirei falta é do maldito gato.

Dois

Trecho de As calças de sua senhoria (censurado)
Impresso no The Gentleman's Weekly, maio de 1817

Traje da noite de ontem: calção de seda marfim. Ao retornar, bastante marcado com vinho e cera de vela, três botões soltos.

Traje dessa manhã: (enfim) calça fuseau de casimira com cadarços frouxamente amarrados. Enchimento acolchoado necessário.

Hoje, sua senhoria acordou mais cedo que o habitual, antes mesmo do sol do meio-dia ter alcançado o zênite. Como visitante regular desta coluna, o leitor ficará surpreso com a hora em que meu mestre se levantou, mas talvez não com o curioso estado em que ele se encontrava. Vamos chegar a isso em breve.

O cavalheiro declarou que sua cabeça estava vibrando *e* girando, enquanto erguia a massa bulbosa de seu travesseiro incrustado de baba. Havia pouco a ser feito para aliviar sua agonia até que um elixir de ovo cru, vinagre e alho picado, preparado com minha receita especial, foi despejado em uma caneca de cerveja e rapidamente engolido por sua senhoria.

Fiz o possível para remontar as peças de sua anatomia esparramada, limpá-las com um pano úmido, raspar as partes mais crescidas e menos atraentes e, em seguida, colocá-lo em outro par novinho de pantufas. Ao longo dessa empreitada, ele me honrou com um relato de sua noite passada na companhia de uma certa dama, a quem chamaremos de *Ligas Soltas*, pelo fato de ela ter deixado as suas nos pulsos e nas traves da cama de sua senhoria. A dama, ao que parece, tem preferência por amarrar meu mestre como um ganso recheado, e de fato ele começará a se assemelhar com um se continuar a se entregar à sua predileção por torta de melaço e marzipã. Não se pode manter o conjunto bem-aprumado e atlético de uma bela carruagem, a menos que a mantenha em forma com exercícios, como estou sempre lembrando a sua senhoria.

Infelizmente, seus ouvidos estão abertos com muito menos frequência do que sua boca.

— A dama gosta de infligir tanto dor quanto prazer — ele me informou entre bocejos que, se eu fosse de menor estatura, certamente teria me arrastado para o abismo úmido além de sua epiglote. — Ela

faz maravilhas para as avelãs de um homem e aprecia um par bem-dotado — o cavalheiro acrescentou, parabenizando-se por possuir os objetos dantes mencionados.

Caro leitor, durante o curso da noite anterior, fui ocasionalmente despertado de meu próprio sono leve por um som alto de aplausos, muito parecido com o de um lúcio recém-pescado sendo agitado com força selvagem em uma panela de ferro redonda e vazia. Essa manhã, a causa ficou clara para mim, ao observar as marcas escarlates de uma palmatória e, possivelmente, de um batedor de manteiga, generosamente espalhada no traseiro de sua senhoria.

Ele confessou a mim que era o desejo de Lady Ligas Soltas administrar uma surra severa, entre outras punições, enquanto o tinha amarrado de bruços em sua própria cama.

— Ah — falei eu — isso explicaria o prendedor de roupas em seu nariz, senhor, e a cera de vela seca em seus mamilos. Sobre os quais não ousei perguntar.

Aparentemente, ele havia se esquecido desses resquícios da paixão da dama. Talvez devido ao entorpecimento dessas protuberâncias. Suas nádegas não estavam tão destituídas de sensibilidade e, temo que todas as calças de sua senhoria precisarão de um enchimento acolchoado, caso esse affaire continue por muito tempo.

Conforme observei ao cavalheiro, espero que sua amante mais recente, em seu entusiasmo por medidas punitivas, nunca adquira um par de quebra-nozes para aqueles orgulhosos avelãs em sua posse.

Mas havia pouco tempo para mais advertências. Sua senhoria logo enfrentou a chegada de outra dama batendo à sua porta com uma ânsia completamente incompreensível por sua companhia.

A necessária remoção apressada de cera do peito de sua senhoria não apenas eliminou grande parte dos pelos que cresciam ali, mas também provocou em meu mestre um ruído curioso, não muito diferente do chamado de acasalamento do mergulhão-de-crista...

Harry Thrasher estava prestes a rir alto quando notou a forma sombria se mover em sua visão periférica. Endireitou os lábios, mexeu no jornal e balançou a cabeça. O estalar de língua que ele deu e as respirações concisas atraíram a atenção da governanta, que pairava perto da mesa para ter certeza de que ele comia seu café da manhã.

— Não está lendo aquela ficção escandalosa de novo, está? — ela questionou.

— Não é ficção, Parkes. É o diário verdadeiro e completo do mordomo de um cavalheiro. Um comentário chocante sobre nosso

tempo, os modos pecaminosos e decadentes da sociedade e dos idiotas que abundam nela.

— Deve saber que é tudo inventado, cada palavra, para excitar as massas.

Ele semicerrou os olhos por cima da borda superior do jornal enquanto o papel murchava em direção ao seu queixo.

— Não publicariam se não fosse verdade.

Com as mãos empertigadamente entrelaçadas, ela o fulminou com o olhar.

— Como pode, um Mestre e Comandante Naval, agraciado com o título de Cavaleiro por serviços prestados na guerra, ser enganado por uma bobagem bem escrita? Quem escreve essa tolice perversa deve ter uma imaginação fértil, deveras. — Ela suspirou. — Mas se as aventuras desse lorde imaginário o mantêm entretido e divertido, *elas* merecem uma medalha.

— Parkes, não leio isso para me divertir.

— Eu o ouvi rir disso na semana passada. Tanto que parecia prestes a estourar um pulmão. Achei que devia estar lendo os obituários de novo.

Harry fechou o jornal e o jogou na bandeja do café da manhã.

— Leio essa coluna para me manter informado.

— Sobre qual estilo de calça é o favorito dos dândis deste ano? — ela zombou. — Isso não lhe fará grande bem, já que nunca sai para lugar nenhum, se puder ser evitado. O senhor não tem interesse nem em moda nem em estilo.

— Não se pode fechar os olhos para os horrores do mundo, Parkes. Isso — ele apontou um dedo para o jornal —, as desventuras desse vadio servem para destacar a total tolice que prevalece na sociedade atual. Seu comportamento é exposto para ser censurado, não para entretenimento.

— E aqui estava eu pensando que o senhor, tendo se isolado neste lugar esquecido, estava apenas vivendo indiretamente por meio dessas histórias maliciosas.

— Aqui é *Surrey*, Parkes. Repito... *Surrey*. Não é o fim do mundo.

— Poderia muito bem ser Tombuctu. O senhor desencoraja visitantes e nunca sai desta propriedade, a menos que sua tia o obrigue a dar uma volta durante o dia. E, mesmo assim, não é uma visão bonita, posso lhe garantir.

— Tenho tudo de que preciso *aqui*. — Ele bateu com o punho na mesa. — Qual é a necessidade de eu deixar esta propriedade, mulher? Logo me tirarão daqui em um caixão. E sem olmo, latão e veludo preto, por favor. Madeira lisa, com buracos de cupim bastará, sem revestimento nem decoração. Não há motivo para desperdiçar dinheiro, já que tudo apodrece no chão de qualquer maneira. Na

verdade, me jogue do coche funerário embrulhado em um lençol e resolva logo o assunto.

— Tem certeza de que nem mesmo um lençol pode ser poupado?

— Estou apenas sendo prático. Não derrame lágrimas por mim, quando eu finalmente partir dessa vida, Parkes. Lembre-se: já enganei a morte muitas vezes. — Ele suspirou. — E então você terá esta casa só para si, sem mim para ocupar o lugar, desarrumando tudo e lhe dando trabalho. Isso deve deixar você e minha tia felizes, já que as duas estão sempre conspirando para me tirar da minha própria casa por qualquer motivo fútil. Quando eu estiver realmente morto, não poderei discutir, poderei? Então serei o homem perfeito aos olhos de vocês duas megeras.

Parkes permaneceu impassível diante dos insultos, e pouco impressionada com o que ela chamava de suas *dramaturgices*. Claro que ele tinha que sair de casa ocasionalmente; ambos sabiam disso. Mas ele gostava de reclamar mesmo assim.

— Quanto a receber hóspedes, já disse antes: estranhos bisbilhotam. Eles têm o hábito de fazer isso. Não gosto que as pessoas saibam da minha vida, por isso prefiro que ela seja bem privada. Não vejo pecado nisso.

— Desde que desistiu de seu comando naval — ela disse com firmeza —, retraiu-se para sua carapaça como um caranguejo ermitão. Se não fosse por aquela boa senhora, sua tia, você nunca veria a luz do dia.

Ah, mas ele não desistiu de nada, não é mesmo? Sua carreira lhe foi tirada, e ele não teve voz no assunto. Mas Harry apertou os lábios em vez de corrigi-la. A ferida ainda estava aberta, mesmo depois de dois anos, e temia o que poderia dizer quando provocado. Parkes, apesar de todos os seus defeitos, não merecia ser alvo de sua diatribe.

No momento, ela chamava sua atenção para a bandeja do café da manhã, empurrando o jornal para o lado e apontando para a forma metálica de uma mão decepada, posicionada ali como uma arte grotesca.

— A propósito, encontrei essa coisa infernal na mesa da cozinha essa manhã. — A coisa estava ao lado da torrada, com os dedos em garra curvados para cima, em um gesto de angústia silenciosa. — Suponho que tenha caído de uma de suas criações profanas.

— Ah! — Ele bocejou, coçando a bochecha com a barba por fazer. — Estava me perguntando onde isso foi parar.

— Gostaria que o senhor os mantivesse confinados ao seu escritório. Não faz bem para o meu coração, nem para o de Brown, entrar na cozinha meio acordado à luz fria da manhã e encontrar membros dececados por toda a parte.

— Você sabe que muitas vezes fico inquieto à noite. — Ele abriu

um sorriso lento, de uma maneira que tinha certeza de que era adequadamente ameaçadora. — Parece que minhas criaturas se parecem comigo. Talvez se reúnam ao luar e planejem um motim. Tome cuidado, Parkes! Você será a primeira a ser lançada ao mar, já que elas sabem que você não gosta delas.

Ela revirou os olhos.

— Tendo ou não dormido ontem à noite ou ficado trabalhando até altas horas naquelas horríveis engenhocas mecânicas, sua tia o espera na festa dela no jardim esta tarde em Mayfair. Preciso lembrá-lo de que é uma viagem de três horas e, a este ritmo, mal chegará antes de acabar. Sem dúvida, esse é o seu plano.

Ele tirou a tampa de prata de um pratinho de vidro que estava sobre a bandeja e, ignorando a delicada colherzinha fornecida, pegou um pouco da geleia doce e pegajosa com a ponta do dedo.

— Você exagera os fatos até que entrem no reino da pura ficção, Parkes. A viagem leva no máximo uma hora e meia. — Ele levou a geleia diretamente à língua usando o dedo, para o evidente desgosto dela.

— A uma velocidade imprudente, talvez. Se não se importar com os outros na estrada! Ou no que a pobre lady Bramley dirá quando levarem seu corpo quebrado e sem vida até a porta dela.

— Sei exatamente o que ela dirá. *Como é terrivelmente inoportuno esse sujeito morrer pela terceira vez, bem no início da temporada de calor. Agora tenho que usar luto de novo, o que não combina nada com a minha tez e é um grande desconforto no verão.* — Ele fez uma pausa, passando os dedos impacientes pelo cabelo. — Por favor, tenha em mente minha declaração anterior em relação ao descarte de meu cadáver e assegure à dama de que ela não precisa se preocupar.

— Disparates. Sabe muito bem como ela se preocupa com você. É por isso que estou aqui, para mantê-lo com o mínimo de civilidade.

— Se deseja manter essa pretensão, por favor, faça-o, mas nós dois sabemos que minha tia a enviou aqui para me espionar, Parkes.

— Alguém tem que mantê-lo na linha quando ela não pode. Agora, tome seu desjejum. Dois copos de conhaque e meia costeletinha de cordeiro fria é tudo que o vi consumir desde quarta-feira.

— Alguma outra ordem, Parkes?

— Sim. Pelo amor de Deus, penteie apropriadamente o cabelo, não apenas com os dedos... ou com um garfo, como já testemunhei mais de uma vez! Ouso dizer que agora o há geleia nele! E vista-se com roupas decentes.

Ele olhou com carinho para seu roupão desgastado, mas infinitamente confortável, e se perguntou se poderia inventar uma doença repentina e enviar suas escusas. Mas, não, o horror de comparecer a um dos terríveis eventos sociais de sua tia pairava sem

possibilidade de escapar. Lady Bramley podia encontrar partes vulneráveis nas desculpas de um homem com a mesma eficiência com que as pontas de uma donzela de ferro podiam encontrar seu corpo. Harry pensava com frequência que ela teria se sentindo muito à vontade liderando a Inquisição espanhola.

— Haverá jovens damas presentes do internato que ela apoia, e ela quer que o senhor se comporte da melhor maneira possível. E que não esteja em um de seus humores difíceis para envergonhá-la.

Harry estremeceu.

— Jovens damas? De que atos vis elas foram acusadas para que tenham que suportar uma tarde dessas?

— Sua tia diz que é uma oportunidade para elas praticarem seu comportamento em meio à sociedade educada antes de serem oficialmente apresentadas. Não faça essa cara! Será uma boa oportunidade para o senhor praticar boas maneiras também. Não se espera que faça qualquer coisa com um grupo de moças bem-educadas, apenas sorria e acene sem assustá-las muito. Mantenha as palavras de baixo calão ao mínimo e tente não se referir a nada que possa fazer uma dama corar. Pode fazer isso, não pode?

— Não dou garantias. Lady Bramley decerto conhece os riscos de me levar a público. Qualquer dia desses, ela perceberá a futilidade e vai parar. — Mas ele sabia por que sua tia continuamente o levava a essas situações desconfortáveis. A mulher era uma otimista ensandecida que pensava que Harry iria, em algum momento, encontrar uma mulher desesperada o suficiente para se casar com ele. Teve uma noiva uma vez, mas ela seguiu rapidamente com a própria vida quando pensou que ele estava perdido no mar para sempre. Quando retornou à civilização, Harry não sentiu nenhuma inclinação para se submeter a outro cortejo. Em sua opinião, tudo aquilo era uma encenação um tanto quanto grotesca, e ele sempre pensou como seria mais fácil se alguém pudesse simplesmente encontrar uma mulher de quem gostasse, colocá-la sobre o ombro e pronto. Como comprar um rolo de tapete em um mercado árabe. Mas, aparentemente, esse tipo de coisa era malvista. As pessoas tinham que complicar tudo com bailes tolos e “códigos de conduta”. Segure apenas a mão dela, às vezes nem segure a mão dela, nunca diga palavras de baixo calão, não olhe para o decote da dama, não pise em seus pés, não se coce, nunca mencione dinheiro, flatulência ou valsar na horizontal. Nada mais que um monte de disparates.

E sempre use lisonjas, mesmo que seja uma mentira descarada. Isso, talvez, tenha sido o mais difícil para Harry administrar. Por exemplo, supunha-se que uma dama gostaria de ser informada se seu hálito estivesse fétido, mas a experiência lhe ensinara o contrário.

No momento, é claro, era melhor que não tivesse esposa. Sua

mente era muito imprevisível e às vezes ele não sabia quem era, onde estava ou o que deveria estar fazendo.

A governanta parecia soturna.

— Estou surpresa por sua tia ainda se esforçar, já que o *senhor* não o faz. Nem mesmo vai ao alfaiate que ela recomendou. Não me lembro da última vez que mandou fazer um paletó novo. Mas sua tia não desiste. Gosta de sofrer, essa querida senhora.

— Não estamos todos remando contra a maré, Parkes? O Bom Senhor nos envia desafios diários e, mesmo assim, avançamos bravamente. É preciso olhar pelo lado positivo. Há muitas almas no mundo em situação pior do que a nossa. Por exemplo, governantas intrometidas sendo demitidas por impertinência e reduzidas ao trabalho em um asilo...

Ela resmungou baixinho, se virou e saiu marchando. Assim que as queixas dela se dissiparam a uma distância segura, Harry sorriu, colocou os pés para cima, desdobrou o jornal novamente e abriu-o de volta na fascinante edição desta semana de *As calças de sua senhoria*.

— Srta. Hathaway! Onde estava? Hoje de todos os dias!

Os gritos estridentes que a perseguiam pelo corredor como uma vaca descontente prestes a ser ordenhada poderiam ter detido qualquer pessoa menos determinada, mas Georgiana não tinha intenção de fingir que ouvira. Além disso, só se podia ouvir o próprio nome gritado em desespero um certo número de vezes antes que ele se perdesse no cotidiano monótono da vida.

— A carruagem de sua senhoria nos espera daqui a meia hora, e a inspeção será em dez minutos. *Dez minutos, srta. Hathaway!*

Os mugidos finais foram abafados pelos passos de Georgiana, que subia as escadas em seu habitual barulho pouco gracioso.

— Nunca vi aluna minha que produzisse tanta poeira e soltasse tantos pregos com seus *passos pesados* — a proprietária da escola, a sra. Lightbody, reclamava com frequência. Hoje, entretanto, ela estava muito ocupada e confusa para se preocupar com mais comentários. Em vez disso, voltou para sua sala particular e, muito provavelmente, para a garrafa de gim que mantinha escondida dentro de uma pastora de porcelana.

Georgiana subiu rapidamente o primeiro lance de escadas, o segundo foi em um ritmo um pouco menos acelerado, respirava com dificuldade em sua empolgação e lembrava a si mesma que dificilmente poderia comparecer a uma festa no jardim com manchas de suor em sua melhor musselina estampada. Ainda mais quando o tecido era um tormento para limpar e custava sete xelins o metro, comprado com o dinheiro enviado por seu irmão preferido, Guy.

Mas o momento de preocupação prática e sentimental de Georgiana já havia passado quando ela alcançou a porta no final do patamar do terceiro andar e correu para fazer o grandioso anúncio às suas amigas:

— Tenho em meu poder a última edição de *As calças de sua senhoria*!

Suas duas amigas, que se arrumavam para aquela festa no jardim muito adequada, logo abandonaram suas fitas e escovas de cabelo, e correram para devorar a última edição das desventuras desse libertino travesso e anônimo. Desde que a história foi banida das dependências da escola, a popularidade de suas aventuras só aumentou.

Para presentear as amigas com esse entretenimento proibido, Georgiana precisava contrabandear o jornal *The Gentleman's Weekly* para dentro da escola, em um lugar onde não pudesse ser descoberto pela atenta sra. Lightbody.

No momento, enquanto as amigas a olhavam com profundo respeito por sua audácia, remexeu debaixo da saia, puxou a publicação dobrada do firme controle de sua melhor liga e ergueu-a, triunfante.

Como gaivotas encontrando uma casca quebrada de caranguejo, elas se lançaram sobre o jornal, acomodando-se juntas na cama mais próxima.

Ao contrário das outras duas jovens, Georgiana já sabia o conteúdo da coluna, mas era obrigada a fingir ignorância, lendo junto com elas como se estivesse descobrindo cada palavra pela primeira vez. Ocasionalmente, o orgulho e a vaidade a tentavam a revelar o segredo da autoria para suas amigas, mas, com muito sofrimento interno, reprimia esses demônios. Havia alguns segredos que uma dama tinha que guardar para si mesma. Mesmo seu pai ainda não sabia que sua filha menos importante era a misteriosa autora da coluna mais popular de seu jornal.

Mas, na verdade, a culpada pensou consigo mesma, *era apenas uma brincadeira*. Uma moça, se tivesse um pouco de intelecto, precisava de alguma diversão travessa ou então seu mundo seria um lugar muito monótono.

Além disso, que tipo de encrenca *As calças de sua senhoria* poderiam lhe causar?

Continue a leitura [clikando aqui!](#)